

“Esqueça ... E o vento levou. Uma história que vai prender o leitor e exigir ser devorada.”

– MINNEAPOLIS STAR TRIBUNE

Kathleen Grissom
**ESCRAVAS DE
CORAGEM**

*A história de uma escrava branca e o amor
inabalável por sua família negra*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**ESCRAVAS
DE CORAGEM**

The Kitchen House

Kathleen Grissom

Belle já tinha problemas suficientes preparando a comida da casa-grande e cuidando para se manter longe dos olhos de D. Martha e de seu filho, Marshall. Eles não sabem que, na verdade, ela é filha ilegítima do capitão James Pyke, por isso imaginam o pior em relação à preferência do capitão pela escrava mestiça. Ser responsável por uma menina meio doente que acaba de chegar à fazenda é um tormento do qual Belle não precisava. A garota parece incapaz de reter comida no estômago, mal fala, não se lembra de nada e, às vezes, é até meio assustadora, com sua cara de avoada. Além de tudo é branca e tem cabelos cor de fogo. Mas Belle sabe que, entre as pessoas que a acolheram, a cor da pele não significa nada e por isso acaba recebendo Lavinia de braços abertos. Esse é apenas o início da saga de uma família formada por laços que vão muito além do sangue. Uma história de coragem, esperança, força e amor à vida.

PRÓLOGO

1810

Lavinia

HAVIA UM CHEIRO FORTE de fumaça e um novo medo me impulsionou. Já na trilha conhecida, avancei em disparada, desatenta à minha filha que vinha correndo atrás de mim, tentando me acompanhar. Minhas pernas estavam dormentes, desacostumadas àquela velocidade, e meus pulmões pareciam ressecados. Proibi-me de pensar que era tarde demais e concentrei todas as minhas forças em seguir para casa.

Cometi um erro tolo de cálculo e, na intenção de pegar um atalho para o rio, me desviei da trilha e desapareci pelo arvoredado. Para meu horror, vi-me presa numa armadilha.

Puxei minha saia azul comprida, para soltá-la dos espinhos das amoreiras que me enredavam. Enquanto eu avançava aos trancos, Elly me alcançou. Agarrou-se ao meu braço, soluçando e tentando me deter. Embora uma menina de 7 anos não seja páreo para uma mulher adulta, ela lutou furiosamente, com forças fomentadas por seu próprio pavor. No meu frenesi, derrubei-a no chão e ela me lançou um olhar incrédulo.

— Fique aqui — implorei, e voltei a disparar trilha abaixo até chegar ao rio.

Pretendia atravessá-lo pisando nas pedras da parte rasa, mas não tirei os sapatos, o que foi um erro. No meio do caminho, escorreguei e caí, espirrando água por todos os lados. A temperatura fria me deixou em choque e, por um instante, fiquei sentada, aturdida, vendo a água borbulhar, até que ergui os olhos e reconheci nosso defumadouro do outro lado do rio. A construção cinzenta lembrou-me de que eu estava perto de casa. Levantei-me, com as saias encharcadas e pesadas, e segui pela água, trôpega, segurando-me nas pedras que se projetavam pelo caminho.

Na base do morro, curvei-me para a frente, arfante, tentando tomar ar. De algum modo, Elly me alcançara de novo e, dessa vez, agarrou-se a minhas saias molhadas feito um gatinho. Senti pavor do que ela poderia ver, mas já era tarde, por isso segurei-a pela mão e subimos juntas até o alto do morro. Ao chegar lá, parei. Elly também viu e soltou um gemido. Sua mão escorregou da minha e ela se sentou no chão. Avancei devagar, como se caminhasse num sonho.

Nosso enorme carvalho erguia-se no cume do morro, as folhas viçosas da copa fazendo sombra no galho grosso que suportava o peso do corpo pendurado. Recusei-me a olhar de novo para cima depois de ter visto o lenço verde e os sapatos feitos à mão que apontavam para baixo.

CAPÍTULO 1

1791

Lavinia

NAQUELA PRIMAVERA DE 1791, eu não entendia que o trauma da perda afetara minha memória. Só sabia que, depois de acordar, espremida entre caixotes e sacos, fiquei aterrorizada ao descobrir que não sabia onde me encontrava e não conseguia lembrar meu nome. Estava fragilizada, após meses de árdua viagem, e, quando o homem me levantou da carroça, agarrei-me a seus ombros largos. Ele pareceu não gostar e, sem esforço, soltou meus braços para me pôr no chão. Comecei a chorar e tornei a estender os braços para ele, mas o homem me empurrou para o negro idoso que vinha correndo em nossa direção.

— Leve-a, Jacob — disse o homem. — Entregue-a a Belle. É dela, para a cozinha.

— Sim, senhor, capitão. — O velho manteve os olhos baixos.

— James! James, você chegou!

Um grito de mulher! Esperançosa, ergui os olhos para a casa enorme diante de mim. Era revestida de ripas de madeira pintadas de branco. Uma varanda ampla emoldurava toda a fachada. Em ambos os lados dos largos degraus da entrada havia uma coluna muito alta, na qual se enroscavam glicínias violeta e verdes, cuja fragrância inundava o ar nessa manhã de início de abril.

— James, por que você não mandou avisar? — cantarolou a mulher na névoa matutina.

Com as mãos nas cadeiras, o homem inclinou-se para trás, para ter uma visão melhor dela.

— Estou avisando, mulher. Vim para casa por sua causa. É melhor você vir aqui antes que eu suba aí.

Lá no alto, numa janela que parecia abrir-se até o piso, a mulher riu, uma figura que parecia espuma branca, encimada por ondas de

cabelos castanho-avermelhados.

— Ah, não, James. Trate de ficar longe de mim até tomar um banho.

— Sra. Pyke, prepare-se! — gritou ele, e cruzou a soleira num salto. Lá dentro, continuou sua algazarra. — Onde estão todos? — ouvi-o chamar. — Cheguei!

Comecei a correr atrás dele, mas o velho escuro segurou meu braço e me deteve. Como resisti, ele me pegou no colo e gritei de pavor. Ele me levou depressa para os fundos da casa. Estávamos no alto de um morro e, ao longe, colinas menores nos cercavam. Uma corneta soou, o que me assustou ainda mais, e comecei a bater no meu captor, que me deu uma boa sacudida.

— Vancê para já com isso! — disse. Olhei para ele, com a sua estranha pele castanho-escura, que tanto contrastava com o cabelo branco, e aquele seu dialeto muito estranho, que eu mal conseguia entender. — Pra que suncê tá brigano comigo? — perguntou.

Exausta daquilo tudo, recostei a cabeça no ombro magro do homem, que continuou andando para a casa da cozinha.

— Belle? — chamou o velho. — Belle?

— Tio Jacob? Entre — respondeu uma voz feminina.

A porta de madeira rangeu quando ele a abriu com o pé.

O tio Jacob deixou-me escorregar de seu colo e me pôs de pé, enquanto uma moça descia a escada devagar e se aproximava, amarrando depressa uma faixa de chita verde em volta de uma trança grossa de cabelo preto e brilhante. Seus grandes olhos verdes se arregalaram de incredulidade ao me fitar. Consolou-me ver que ela não parecia tão estranha quanto o homem que me levara até lá, porque, embora sua pele castanho-clara também fosse diferente da minha, seus traços faciais eram mais parecidos com os meus.

— O capitão mandô essa menina pr' ocê — disse o tio Jacob. — Diz que é pra casa da cozinha.

— O que é que aquele homem tem na cabeça? Não vê que ela é branca? — A mulher abaixou-se diante de mim e me fez girar. — Você andou doente? — perguntou, franzindo o nariz. — Tenho que queimar essa roupa. Você está que é só osso. Quer comer alguma coisa?

Ela tirou meu dedo da boca e me perguntou se eu sabia falar. Não consegui encontrar minha voz e olhei em volta, tentando me situar.

Belle foi até a enorme lareira que se estendia por toda a largura do cômodo. Verteu leite pelando numa caneca de madeira. Quando a encostou na minha boca, engasguei com o leite e meu corpo teve um tremor involuntário. Vomitei e desmaiei.

Acordei num catre em um quarto do andar de cima, amedrontada demais para me mexer, depois de perceber que continuava sem memória. Minha cabeça doía, mas, quando a esfreguei, tirei as mãos num susto. Meu cabelo comprido havia sido cortado.

Tinham me lavado e esfregado até me deixar com a pele cor-de-rosa e sensível sob a camisola marrom de tecido rústico. Senti o estômago embrulhar com o aroma de comida que subia pela escada, vindo da cozinha. Meu polegar me serviu de consolo e me acalmei observando o quarto. Havia roupas penduradas em ganchos na parede e, de um lado, uma cama com armação e estrado de madeira, junto à qual ficava um roupeiro pequeno e simples. O sol entrava por uma janela aberta e sem cortinas, e lá de fora veio uma súbita risada de criança. Aquilo me soou familiar e, esquecendo-me de todo o resto, corri para a janela. A luminosidade era tão forte que precisei das duas mãos para proteger os olhos. A primeira coisa que avistei foi o verde que se estendia em ondas, mas sob a janela vi uma trilha. Ela cortava uma grande horta cercada e levava a uma casa de toras de madeira, em cujos degraus de entrada sentavam-se duas garotinhas de pele castanho-escuro. Estavam observando uma cena lá para os lados da casa-grande. Debrucei mais na janela e vi um carvalho imponente. Sentada no balanço pendurado num galho baixo e grosso, uma garotinha cantava para um menino atrás dela.

Quando ele empurrava o balanço, a menina, loura e toda vestida de azul, dava gritinhos agudos. O menino alto ria. Ali estava outra vez: uma

risada que eu reconhecia! Movida pela esperança, desci correndo a escada de madeira, saí pela porta aberta da cozinha e subi a encosta em direção a eles. O menino puxou o balanço para fazê-lo parar e os dois me olharam, boquiabertos. Ambos tinham olhos azuis bastante vivos e emanavam um ar vibrante e saudável.

— Quem é você? De onde você veio? — perguntou o menino, cujo cabelo louro cintilava sob a luz forte.

Só consegui ficar olhando, muda de decepção. Eu não o conhecia.

— Eu sou o Marshall — o menino tentou de novo — , e esta é a minha irmã, Sally.

— Eu tenho 4 anos — disse Sally. — Quantos anos você tem? — Bateu os sapatinhos azuis no ar e me olhou por baixo da aba mole de uma touca branca.

Não consegui achar a voz para responder e por isso senti uma onda de gratidão quando Marshall desviou a atenção de mim, sacudindo o balanço: — Quantos anos eu tenho? — perguntou à irmã.

— Você tem 2 — respondeu Sally, tentando cutucá-lo com o pé.

— Não tenho, não! — Marshall riu. — Tenho 11.

— Não, você tem 2 — provocou Sally, divertindo-se com a brincadeira deles.

De repente, fui arrebatada pelos braços de Belle.

— Volte pra dentro — disse ela, em tom ríspido. — Você fica comigo.

Dentro da casa da cozinha, Belle me sentou num catre de canto, diante de uma mulher castanho-escura que amamentava um bebê. Fiquei olhando, sedenta daquela intimidade. A mãe me olhou e, embora seu rosto fosse jovem, tinha olheiras profundas.

— Como ocê se chama? — ela me perguntou. Como não respondi, prosseguiu: — Este aqui é meu bebê, Henry, e eu sou a mãe dele, Dory.

De repente, o bebê largou o seio e soltou um grito alto e agudo. Enfiei o dedo na boca e recuei, me encolhendo.

Sem saber o que esperavam de mim, fiquei quieta num catre da cozinha. Naqueles primeiros dias, estudei todos os movimentos de Belle. Eu não tinha apetite e, quando ela insistia em me fazer comer, meu estômago se esvaziava com violência. Toda vez que eu vomitava, tinha que limpar tudo de novo. À medida que a frustração da Belle comigo aumentava, crescia também meu medo de aborrecê-la. Eu dormia num enxergão num canto do quarto dela, no andar de cima. Na segunda noite, sem conseguir dormir, fiquei parada junto à sua cama, tranquilizada pelo som suave de sua respiração.

Devo tê-la assustado, porque, quando acordou, gritou para eu voltar para a minha cama. Voltei esbaforida, mais apavorada do que nunca.

A escuridão me assombrava e a cada noite eu mergulhava mais na minha perda. A cabeça latejava, na luta para tentar me lembrar de alguma coisa sobre meu passado. Felizmente, o alívio da minha tristeza vinha pouco antes do nascer do sol, quando os galos e a corneta chamavam todo mundo para se levantar. Então, outra mulher, a Mama Mae, juntava-se a Belle na cozinha. As duas trabalhavam com desembaraço, mas logo intuí que, embora Belle mandasse na cozinha, a Mama Mae mandava em Belle. Era uma mulher corpulenta, embora nada nela fosse flácido. Era uma pessoa séria, que se movia feito uma correnteza, e sua rapidez deixava claro que ela não gostava de preguiça. Segurava um cachimbo de espiga de milho entre os dentes manchados de fumo. Raras vezes o acendia, embora mastigasse a ponteira e, com o tempo, concluí que o cachimbo tinha para ela a mesma função do polegar para mim. Eu poderia ter sentido mais medo, não fosse ela ter me dado desde cedo a bênção do seu sorriso. Nessa hora, seu rosto castanho-escuro, suas feições achatadas e seus olhos negros franziam-se numa expressão de bondade.

Nos dias que se seguiram, não tentei mais comer e dormi quase o tempo todo. De manhã, Mama Mae me examinava, sob o olhar da Belle, do outro lado do quarto.

— É só teimosia dela. Quando consigo que coma, ela devolve tudo, então, agora só vou lhe dar água. Logo, logo, ela fica com fome — disse

Belle, um dia.

A Mama segurou meu rosto com sua mão forte.

— Belle! — exclamou, em tom ríspido. — Essa criança não tá de briga c' ocê. Tá é muito doente. Ocê percisa fazer a menina comer, senão perde ela.

— Não sei por que o capitão me deu essa menina. Já tenho trabalho demais.

— Belle, ocê já pensou que quando eu sube que iam lhe passar pra casa da cozinha, foi isso que eu pensei de ocê?

— Bem, mas com certeza eu não tava fazendo uma sujeirada, vomitando tudo na senhora.

— Não, mas ocê tinha mais ou menos a mesma idade, uns 6, 7 anos, naquela época. E era nascida e criada aqui, mas, assim mesmo, era malcomportada — repreendeu-a a Mama Mae.

Belle calou-se, mas, depois disso, foi menos brusca comigo.

Mais tarde, no mesmo dia, Mama Mae matou uma galinha. Fez um caldo para mim e, pela primeira vez, meu estômago tolerou alguma coisa além de água. Após alguns dias desse caldo curativo, comecei a comer e a reter alimentos sólidos. Quando voltei a ficar mais alerta, a Belle passou a me fazer perguntas. Por fim, reunindo toda a minha coragem, consegui transmitir a ideia de que eu não tinha memória. Não sei se por meu sotaque estrangeiro ou se pela surpresa da Belle com minha informação, ela me olhou fixo, sem acreditar. Para meu enorme alívio, não me fez mais perguntas. E, então, mal as coisas haviam começado a se acomodar, nós duas fomos chamadas à casa-grande.

Belle ficou nervosa. Atrapalhou-se com um pente, tentando me arrumar, até que, frustrada, acabou enrolando um lenço na minha cabeça, para cobrir a bagunça que era o meu cabelo picotado. Vesti um camisão marrom limpo, que descia abaixo do meu joelho e por cima do qual a Belle amarrou um avental branco, costurado às pressas com um pedaço de pano de cozinha.

— Não chupe o dedo — ordenou, tirando o polegar inchado da minha boca. Abaixou-se até a minha altura e me forçou a encará-la. —

Quando ela perguntar alguma coisa, você diz “ sim, nhá dona” . É só isso que você diz: “ Sim, nhá dona.” Está entendendo?

Não entendi muito do que se esperava de mim, mas assenti, aflita para aplacar a ansiedade da Belle.

Fui atrás dela, bem de perto, pela trilha de tijolos que levava à varanda dos fundos. O tio Jacob fez um aceno solene com a cabeça, enquanto segurava a porta.

— Limpa os pé — disse.

Parei para sacudir a poeira fina e a areia dos meus pés descalços, e então senti a madeira lisa, muito encerada, ao atravessar a soleira. Lá adiante, a porta da frente estava aberta e uma brisa leve soprava pelo corredor comprido, passando por mim e saindo pela porta dos fundos. Nessa primeira manhã, não notei a cômoda alta de mogno postada como uma sentinela no corredor, nem vi o grande tullipier azul e branco, orgulhosamente exibido como a mais recente aquisição do outro lado do oceano. Lembro-me com muita clareza, porém, do pavor que senti ao ser levada à sala de jantar.

— Ora, ora, aí estão elas! — ressoou a voz do capitão.

Ao me ver, a pequena Sally gritou:

— Olha, Marshall! É a menina da cozinha. Posso brincar com ela, mamãe? — Fique longe dela — respondeu a mulher. — A menina parece doente. James! O que é...

— Fique tranquila, Martha. Não tive escolha. Os pais morreram e me deviam pela travessia. Ou ela vinha comigo, ou eu teria que vendê-la como aprendiz. A menina estava doente. Não me dariam nada por ela.

— Ela estava sozinha?

— Não. Tinha um irmão, mas ele foi bem fácil de recolocar.

— Por que o senhor a mandou para a casa da cozinha? — perguntou Marshall.

— O que mais eu podia fazer? — retrucou o pai. — Ela tem que ser treinada para ter alguma serventia.

— Mas, por que com ela? — insistiu Marshall, com um sinal da cabeça para Belle.

— Já chega, filho — disse o capitão, acenando com a mão para que eu me aproximasse. — Venha cá, venha cá.

Embora ele estivesse barbeado e vestido como um cavalheiro, reconheci-o como o homem que me tirara da carroça. Não era alto, mas seu porte e seu vozeirão tornavam sua presença marcante. O cabelo grisalho estava amarrado para trás, e os olhos de um azul vivo espiavam por cima dos óculos. O capitão olhou para além de mim e perguntou:

— Como vai você, Belle?

— Bem, capitão — respondeu ela, em voz baixa.

— Você está muito bem — disse ele, e seus olhos lhe sorriram.

— É claro que ela está bem, James, por que não estaria? Olhe para ela. Uma moça muito bonita. Não lhe falta nada, chefiando uma cozinha com tão pouca idade e praticamente dona de sua bela casa. Você pode escolher entre muitos pretendentes, não é, Belle? — A mulher foi falando depressa, com a voz esganiçada, apoiando o cotovelo na mesa e puxando repetidamente uma mecha fugidia do cabelo ruivo. — Não é, Belle? Eles não vivem indo e vindo? — perguntou, com insistência.

— Sim, nhá dona — respondeu Belle, com voz tensa.

— Venha, venha — interrompeu o capitão, e voltou a fazer sinal para eu me aproximar. Mais perto dele, concentrei-me nas rugas profundas que marcavam seu rosto curtido quando ele sorria. — Você tem ajudado na cozinha?

— Sim, nhá dona — resmunguei, com a voz rouca, aflita para seguir as instruções da Belle.

A sala explodiu numa gargalhada, embora eu notasse que o menino, Marshall, não tinha rido.

— Ela disse “sim, nhá dona” para o senhor, papai — riu Sally.

O capitão deu um risinho.

— Eu lhe pareço uma “nhá dona”?

Insegura da minha resposta, pois não compreendia essa forma de tratamento pouco conhecida, fiz que sim, ansiosa. E ouviu-se nova gargalhada.

De repente, o capitão virou-se e sua voz ribombou:

— Fanny! Beattie! Devagar, senão vocês vão nos abanar para fora da sala!

Foi nessa hora que notei as duas garotinhas de pele escura e me lembrei delas naquele primeiro dia, quando estavam sentadas nos degraus de entrada da cabana de toras. Pelas conversas na cozinha, eu ficara sabendo que elas eram as gêmeas de 6 anos da Mama Mae. Nesse momento, estavam do outro lado da mesa, cada uma puxando uma corda. As cordas prendiam-se a um grande abano pendurado no teto, que, quando puxado, batia as asas sobre a mesa de jantar, como se fosse uma borboleta gigante, e com isso criava uma corrente de ar. Com a agitação das risadas, o entusiasmo delas começou a ventilar demais a sala; após o grito do capitão, porém, seus olhos pretos assumiram um ar solene e os puxões nas cordas ficaram mais lentos.

O capitão tornou a se virar para nós.

— Belle, você se saiu bem. Consegui mantê-la viva — disse. Deu uma olhada nuns papéis à sua frente e falou diretamente comigo, depois de ler por alto uma página. — Vejamos. Você logo fará 7 anos. Está certo?

Eu não sabia.

No silêncio, Sally cantarolou:

— Eu tenho 4 anos.

— Já chega, Sally — disse D. Martha, com um suspiro, e o capitão deu uma piscadela para sua mulher. Quando tirou os óculos para me examinar melhor, senti-me zozza sob o seu escrutínio. — Você não sabe quantos anos tem? O seu pai era professor; ele não lhe ensinou os números?

Meu pai, pensei. Eu tenho pai?

— Quando você se sentir mais forte, quero que trabalhe na cozinha — continuou. — Pode fazer isso?

Eu estava com dor no peito e era difícil respirar, mas confirmei com um aceno da cabeça.

— Ótimo. Nesse caso, vamos mantê-la aqui até você crescer. — Fez uma pausa. — Quer perguntar alguma coisa?

Minha necessidade de saber ultrapassou o meu pavor. Cheguei mais perto dele:

— Meu nome — consegui murmurar.

— Como? O que você quer dizer com seu nome? — perguntou o capitão. Belle apressou-se a falar:

— Ela não sabe como se chama.

O capitão olhou para Belle como quem esperasse uma explicação. Sem receber nenhuma, tornou a olhar para os papéis à sua frente. Tossiu antes de responder:

— Diz aqui que o seu nome é Lavinia. Lavinia McCarten.

Agarrei-me a essa informação como a um bote salva-vidas. Não me lembro de ter saído daquela sala, mas voltei à tona num catre na cozinha, entreouvindo o tio Jacob e a Belle conversarem sobre o capitão. Ele ia partir de novo na manhã seguinte, disse Belle, que esperava receber uma visita dele nessa noite.

— Você vai pedir aqueles papéis? — indagou tio Jacob.

Belle não respondeu.

— Você diz pra ele que tá precisando deles já. Siá Martha tá de olho noê. O capitão sabe que ela toma aquelas gota preta, mas num sabe que ela bebe junto o licor de pêssego. Você tá ficando mais bonita a cada dia que passa, e depois daquela bebida toda, quando Siá Martha pega naquele espelho, ela vê que tá parecendo mais veia que os 30 ano que tem. Ela tá atrás de você e, passando o tempo, só vai piorar.

A voz de Belle, em geral decidida, soou acanhada:

— Mas, tio, eu não quero ir embora. Aqui é a minha casa. Vocês todos são minha família.

— Belle, ocê sabe que tem que ir.

A conversa acabou quando o tio Jacob me viu de olhos abertos.

— Ora, ora, ora. A menina Abinia acordou — disse ele.

Belle se aproximou de mim.

— Lavinia — disse, afastando meu cabelo da testa. — Esse nome é parecido com você.

Olhei-a, depois desviei o rosto. Eu estava mais perdida que nunca, porque não sentia a menor ligação com esse nome.

Na tarde seguinte, fui mandada para a casa da Mama Mae junto com ela. Não queria sair da casa da cozinha, mas a Belle insistiu. A Mama disse que suas gêmeas, Fanny e Beattie, as duas meninas que eu vira acionando o abanador, estariam lá comigo. No caminho, ela segurou minha mão e me mostrou que a casa da cozinha ficava a uma distância muito pequena da sua cabana miúda.

Lá chegando, a Fanny e a Beattie vieram nos receber. Fiquei mais para trás, querendo continuar perto da Mama Mae, mas as meninas estavam ansiosas por uma nova amiga para brincar. Puxaram-me para um canto da cabana miúda, para uma prateleira que fora escavada numa das toras de madeira e onde elas guardavam os seus tesouros.

A mais alta, Fanny, era quem liderava, tendo os olhos ágeis e a fala direta da mãe; seus braços e pernas pareciam os de uma potrinha. Beattie era baixa e rechonchuda, já bonita, com um sorriso largo, enfatizado por duas covinhas fundas.

— Olha — instruiu Fanny, enquanto ia tirando brinquedos da prateleira.

Entregou-me uma mesa e duas cadeirinhas próprias para uma boneca, feitas de pequenos gravetos atados com pedacinhos de tendão de animais. Beattie me mostrou sua boneca e a ofereceu para que eu a segurasse. Agarrei-a com tanta avidez que a menina hesitou, mas seu espírito generoso saiu ganhando e ela soltou o brinquedo.

— Foi a mamãe que fez — disse com orgulho, dando uma olhadela para a Mama Mae.

Segurei a preciosidade de Beattie com o coração doído de saudade. A boneca era de um tecido marrom áspero, com olhos de pontos de linha preta e uma lã preta espichada formando as tranças. Alisei o camisão da boneca, de corte igual ao que eu e as gêmeas usávamos. Ela tinha um avental vermelho, que reconheci ser do mesmo tecido do lenço da cabeça da Mama Mae.

Quando começou a escurecer, a Dory e o bebê Henry vieram ficar conosco. Os dois visitavam com frequência a casa da cozinha, onde eu ficara sabendo que ela era a filha mais velha da Mama Mae. Eu gostava da Dory, porque ela me deixava sossegada, mas não gostava do neném, com seu choro estridente.

Apesar de me distrair com as meninas e suas brincadeiras, continuei de olho na presença tranquilizadora da Mama Mae. Quando a porta se abriu de repente, um homem escuro e enorme, parecendo um urso, foi emoldurado pelo céu noturno, que era ainda mais preto. Voei para o lado da Mama. Fanny e Beattie levantaram-se, atabalhoadas, e correram para o homem, que pegou as duas no colo. “ Papai! ” , gritaram. Depois que ele as soltou, voltaram para suas brincadeiras e, incentivada pela Mama Mae, fui brincar com elas.

— Noite, Dory — disse a voz do homem, muito grave; e, ao parar junto à mãe do neném Henry, sua manzorra cobriu o alto da cabeça da filha. — Como vai o seu fiote?

— Tá muito bom não, papai — respondeu Dory, sem levantar os olhos do banco em que amamentava o filho. O menino se agitou quando ela puxou com delicadeza as suas mãozinhas inchadas, para mostrá-las ao pai. — Quando fica com as mão grande assim, ele chora o tempo todo.

O pai dela se curvou e, com o nó de um dos dedos, bateu de leve na bochecha do bebê. Quando endireitou o corpo, deu um suspiro e alguns passos gigantescos, indo para junto da Mama Mae. As meninas deram risinhos e tamparam os olhos quando o pai estendeu as mãos para a Mama, puxando-a para si e fungando seu pescoço, de brincadeira.

— George! — exclamou ela, rindo, e depois o enxotou.

Ao dar um passo atrás, ele cruzou o olhar com o meu e fez um aceno com a cabeça. Virei depressa para o outro lado.

A Belle estava esperando visita, disse a Mama ao homem, como que para explicar a minha presença, e o casal se entreolhou, antes de a Mama Mae virar-se de novo para a lareira. Serviu o guisado de um caldeirão preto, pendurado acima do lume vivo, e o Papa George pôs as tigelas de madeira cheias na mesa estreita. Depois, tirou os pedaços de carvão que estavam sobre a tampa de outra panela preta de ferro, aninhada nas cinzas quentes, e dela retirou um bolo de milho redondo e fumegante, de bordas douradas e crocantes.

Os três adultos puxaram os banquinhos para a mesa, e Fanny e Beattie me puseram entre elas ao começarem a comer. Mas tudo parecia estranho, e eu queria a familiaridade da casa da cozinha. Sem apetite, fiquei olhando a comida e, quando a Mama me instruiu a comer, desatei a chorar.

— Vem cá, Abinia — disse ela. Quando cheguei perto, colocou-me no colo. — Criança, ocê tem de cumê. Percisa de um pouco de carne nesses osso. Olha, eu boto isso no molho pr' ocê, e ocê come pra ficar forte que nem a Mama.

As gêmeas riram:

— Nhora tá tratando ela igualzinho a um bebê, mamãe — disse Fanny.

— Bom, vai ver que ela é o meu novo bebê, e eu tenho que lhe dar de cumê. Então, abre a boca, nenenzinha.

Eu queria tanto aquele tratamento maternal que comi a broa de milho que ela foi mergulhando no molho grosso de presunto. Ela continuou a me dar de comer, enquanto falava da partida do capitão e de como os nervos de sinhá Martha estavam de novo fora de controle.

A Dory disse que tinha de voltar para a casa-grande nessa noite, porque era impossível saber o que a D. Martha ia fazer quando o capitão fosse embora de manhã. A Mama Mae falou do quanto gostaria de poder ficar com ela, para que a Dory pudesse ficar com seu bebê.

Dory respondeu com um suspiro profundo:

— Nhora sabe que sou eu que ela quer. — E a Mama concordou.

Quase havíamos terminado a refeição quando ouvimos vozes abafadas do lado de fora. O Papa George começou a se levantar e eu senti um frio na barriga quando a Mama me empurrou depressa para o lado.

— Não, George! — disse ela, ficando de pé. — Eu vou mais a Dory. Não vai ser bom pra ninguém botar outro homem nesse caldeirão.

Ouvi passos que se aproximavam correndo e, quando a porta se escancarou, Belle entrou, esbaforida. Estava sem o lenço verde da cabeça e com a costumeira trança noturna desfeita. Mama Mae a puxou para dentro, antes de correr para o lado de fora com a Dory. Belle encostou-se na parede, arfando, depois endireitou o corpo e andou até a mesa, sentando-se em frente ao Papa George.

— Dessa vez, ela desceu atrás dele — disse. — Nunca fez isso antes. E o Marshall veio junto. Quando viu o pente novo e o livro que ele me deu, ela pegou os dois e jogou em cima de mim. Aí o Marshall danou a me empurrar e me bater. O capitão agarrou ele e o jogou porta fora, mas aí a D. Martha começou a chorar e a bater nele. Ele disse: “ Martha, Martha, controle-se” , mas ela tava tão agitada que ele me mandou buscar a Mama.

Belle pôs os cotovelos na mesa e apoiou a cabeça entre as mãos.

O Papa George meneou a cabeça:

— Ocê pediu os papel da alforria? — perguntou.

— Ele falou que me dá no próximo verão.

O ar estalou com a raiva do Papa George, que, ao se levantar, empurrou a mesa com tanta força que duas tigelas de madeira voaram para o chão.

— Ano que vem! Ano que vem! É sempre da próxima vez! Vai acontecer alguma coisa aqui, se ele num te der esses papel!

Quando a porta fechou atrás dele, sem aviso algum vomitei meu jantar, e isso me deixou mais surpresa do que a qualquer um. Mas

também senti certo alívio, porque meu ato involuntário pareceu devolver à Belle a capacidade de se concentrar e se acalmar, enquanto me limpava.

As gêmeas ficaram olhando da sua enxerga, com o bebê Henry dormindo junto delas. Depois que terminou de me limpar, Belle me pôs sentada com elas e arrumou a sala. Quando ficou tudo em ordem, ela se aproximou de nós, pegou delicadamente no colo o bebê adormecido e fez sinal para que eu a acompanhasse. Todas nos assustamos ao ouvir um som de batidas fortes do lado de fora, mas, com a repetição, Fanny identificou sua origem.

— É o pai cortando lenha de novo — cochichou.

Ao sairmos para a casa da Belle, a luz branca do luar só deixava sombras do outro lado da cabana, onde o Papa George estava trabalhando. — Papa? — chamou Belle, baixinho. — Papa?

As batidas pararam.

— Não se preocupe, Papa. Eu arranjo os papéis — disse ela para o silêncio.

CAPÍTULO 2

Belle

A MAMA DISSE: “ MAIS UMA VEZ, o capitão só ficou em casa tempo bastante pra deixar tudo de pernas pro ar.”

E ela tem razão, como sempre. Que ideia foi essa de me dar essa menina doente? De dia ela não consegue reter a comida e de noite me assusta, sentada lá no escuro, parecendo avoada.

É claro, o capitão é conhecido por isto, essa história de ir e vir sem dizer nada a ninguém. A Mama diz que ele sempre foi assim. E tem razão, porque eu sei o que ela sabe. Quando eu era pequena e morava na casa-grande, ficava esperando a carruagem dele na porta da frente e lá vinha ele pelos fundos, montado num cavalo. Na vez seguinte, quando eu esperava o cavalo, ele chegava puxando uma carroça carregada.

Eu nunca sabia quando ele vinha nem como. Mas com certeza, de um jeito ou de outro, ele sempre voltava.

Naquela época, a minha avó branca, a Sra. Pyke, era quem cuidava disto aqui. O pai do capitão tinha morrido cedo. Caiu de um cavalo, a vovó contava. O capitão era só um garotinho de 9 anos e ficou muito triste, e por isso, no ano seguinte, a Sra. Pyke o mandou estudar em Londres, na esperança de que ele virasse advogado. Mas, quando voltou para casa, aos 19 anos, ele só queria saber de ir de novo para a água.

“ Por que ele não fica?” , eu perguntava sempre que ele partia, e vovó dizia que ele tinha seu negócio do navio e que estava fazendo a parte dele pra manter este lugar funcionando. Quando ele vinha em casa, vovó sempre dizia que aqui estava tudo bem. Não falava nada sobre ele ficar pra ajudar na fazenda.

A Sra. Pyke me criou na casa-grande e me ensinou tudo, igualzinho a uma menina branca. Até a ler e escrever. Dizia que não havia razão pra eu agir como se não soubesse das coisas, só por ser metade negra. Sentávamos à mesa, ela e eu, e a Mama Mae trazia a comida. A Sra. Pyke me ensinou a usar guardanapo e a sentar direito. E me levava pra

cavalgar com ela, pra ter certeza de que os campos estavam sendo cultivados. E aí, num dia igual a qualquer outro, fui acordá-la. E lá estava ela, morta, sem nem dizer adeus. Gritei e chorei até não poder mais. Durante sete anos, aquela mulher tinha sido o meu mundo inteiro.

Depois que ela partiu, o capitão, já velho e sem nunca ter se casado, resolveu trazer pra casa uma esposa jovem, vinte anos mais nova que os seus 40. Eles me tiraram da casa-grande, porque o capitão não queria que a D. Martha soubesse de mim.

Lá na casa da cozinha, a Mama Mae não se importa que o capitão seja meu pai. Ela me diz que não vai me fazer bem nenhum e que as coisas podem até ficar mais difíceis se eu sair por aí anunciando isso. “Ocê aprende a cozinhar, que desse jeito eles não se livra de ocê”, dizia ela. O tempo passou e eu faço o que a Mama manda, mas isso não quer dizer que eu ache que o capitão está agindo direito comigo.

Desta vez, a Dory e a Mama dizem que vai levar muito tempo pra D. Martha se acalmar. Mas pra ela é sempre difícil quando o capitão vai embora. É claro, quase toda vez que ele volta pra casa, ela fica de barriga. O problema é que esses bebês não vivem muito. Ela já enterrou dois. Toda vez que vem e morre mais um, ela toma mais daquelas gotas. Quando o capitão vai embora, a D. Martha só fica dentro daquela casa, vagando de um cômodo pra outro. E, além disso, assim que o pai vai embora, o Marshall volta a me atormentar, me atirando pedras quando trabalho na horta. Ele é sonso. Só faz isso quando não tem ninguém olhando. Sei que ele acha que eu é que sou o problema da mãe dele. Às vezes me pergunto o que aconteceria se eu o mandasse sentar e dissesse: “Ei, garoto, sabia que você está jogando pedras na sua irmã mais velha?” Mas acho que isso é assunto do capitão.

Contrariando tudo que é certo, tenho que cozinhar pra D. Martha e pros meus irmãos lá na casa-grande, e às vezes, especialmente quando o capitão está em casa, fico pensando em como isso está errado. E aí, cuidado! Sai panela voando pra todo canto.

Agora tenho 18 anos e sou grande o bastante pra saber o que eu quero.

Esta casa da cozinha é o meu lar e, haja o que houver, não saio daqui por causa de ninguém. Não me interessa o que os outros dizem. Não quero nenhum papel de alforria. Isso é só um jeito de o capitão me tirar daqui.

CAPÍTULO 3

Lavinia

QUANDO A BELLE ACHOU a boneca roubada da Beattie embaixo do meu catre, lá no quarto de cima, ficou furiosa e insistiu em que eu a levasse no mesmo instante para a cozinha.

— Por que ocê pegou isso? — perguntou a Mama Mae, quando lhe entreguei a boneca.

Eu me encolhi, com o dedo na boca.

— Eu disse, ela é sonsa... — começou Belle.

— Belle! — a Mama a interrompeu. — Esta é a melhor coisa da Beattie — disse-me em tom severo.

Sem conseguir suportar a zanga dela, corri para os fundos da casa da cozinha e passei o restante da manhã escondida atrás da pilha de lenha. Mais tarde, voltei pé ante pé, subi a escada e peguei no sono, esperando a Mama Mae ir embora.

Só apareci na manhã seguinte, quando ela me chamou com uma voz que não admitia recusa. Devagar, desci a escada e fui até onde estavam as gêmeas, ao lado da mãe. A Beattie deu um passo à frente e me entregou um pacote embrulhado num pano de cozinha. Dentro havia uma boneca de tranças vermelhas e corpo de pano branco; ela usava um vestido marrom e um avental do mesmo calicô verde do pano da cabeça da Belle.

— A mamãe fez ela pr' ocê — disse a Fanny.

Segurei a boneca, com medo de acreditar na menina, e olhei para a Mama Mae. Ela meneou a cabeça e disse:

— Agora ocê tem uma coisa sua.

Em julho daquele primeiro ano, minha saúde foi melhorando, mas minha memória, não. Eu era calada, mas me incentivavam a falar, porque todos achavam divertido o meu sotaque irlandês. Minha aparência era um tema frequente de discussão. A Fanny torcia para que

as sardas do meu nariz se espalhassem e dessem mais cor à minha pele alva. A Beattie vivia tentando afofar o meu cabelo ruivo por cima das minhas orelhas pontudas, e até a Belle comentou o tom estranho dos meus olhos cor de âmbar. Quando entreouvia essas críticas, a Mama Mae me dizia para eu não me preocupar e garantia que um dia eu desabrocharia. Já então eu adorava a Mama e vivia para que ela me notasse. Mantinha distância da Belle, dividindo os cômodos com ela, mas vigiando-a de perto; ela cuidava de mim, mas ficava tão pouco à vontade comigo quanto eu com ela.

Durante o dia, a Mama Mae me estimulava a sair com as meninas. Era comum descermos até os celeiros onde o Papa George trabalhava. Foi lá que conheci o irmão mais velho delas, o Ben. Ele era da idade da Belle, 18 anos, e ainda mais alto que o pai. Por causa do seu tamanho, seria fácil eu me assustar com ele, mas fiquei encantada.

O Ben era um homem simpático, de riso grave e caloroso, e eu observava com inveja enquanto ele implicava gentilmente com as irmãzinhas. Ele deve ter sentido pena de mim, porque logo me incluiu, e passou a me chamar de passarinho. Como é que eu podia voar de dedo na boca?, perguntou. Depois desse comentário, decidida a agradá-lo, tratei de manter minha mão longe do rosto sempre que estava na presença dele. Depois dessa primeira apresentação, meu único pedido às gêmeas, todas as manhãs, era para ver o Ben. As meninas implicavam comigo e, um dia, quando entreouviu a conversa, a Belle me perguntou:

— Você gosta do Ben?

Apesar de sem graça, fiz que sim com a cabeça. Ela me sorriu, pela primeira vez na vida.

— Pelo menos você tem juízo — comentou.

Passei a separar um pouquinho da minha refeição noturna e, de manhã, mal podia esperar para levar minha oferenda ao Ben. Ele nunca deixava de manifestar surpresa e sempre comia com grandes demonstrações de prazer. Um dia, como retribuição, me deu de presente um ninho de passarinho que havia encontrado. Nem toda a riqueza do mundo seria capaz de comprá-lo de mim, e ele veio a ser o primeiro da minha coleção de ninhos abandonados. Com cuidado,

coloquei-o no chão junto ao meu catre, ao lado da minha preciosa boneca.

As gêmeas e eu estávamos brincando no rio na tarde em que o Jimmy, um rapaz do alojamento, roubou a tábua. Não sabíamos nadar, por isso chapinhávamos com água pelo joelho, perto da margem musgosa, jogando a água clara para o alto e rodopiando nela, até ficarmos exaustas. Estávamos descansando na margem quando, de repente, a Fanny levou o dedo à boca, pedindo que ficássemos caladas. Fomos atrás quando ela rastejou para uma moita densa e afastou as folhas, deixando-nos ver um rapaz negro a uma pequena distância, rio abaixo, agachado à sombra do depósito da nascente. Eu sabia que essa construção guardava manteiga, queijos resfriados e, muitas vezes, alguns doces, e meu primeiro pensamento, quando vi o peito nu e magro do rapaz, foi que ele parecia faminto.

Ele olhou para os lados e, não vendo ninguém, correu para a construção seguinte, o defumadouro, que guardava o estoque anual de carne. Um odor penetrante de fumaça de nogueira vazava da construção, na qual ficavam os cortes salgados de carne de porco e de boi, pendurados em traves. Fanny e Beattie prenderam a respiração quando o homem abriu o trinco e entrou. Beattie cochichou que a porta deveria estar trancada e que o Papa George tinha a chave.

Ficamos olhando até vê-lo de novo. Ele saiu, mas não levava carne. Em vez disso, carregava uma tábua embaixo do braço: parecia uma tábua de piso de cerca de um metro de comprimento. O rapaz voltou correndo para a proteção do depósito da nascente e, depois de uma pequena pausa, virou-se e disparou pelo arvoredo, descendo a encosta em direção ao alojamento.

Corri atrás das meninas quando elas saíram à procura do Papa George. Fomos encontrá-lo com a Mama Mae no galinheiro, ajudando-a a pegar uma galinha. Quando estávamos dobrando a quina, ele pegou uma ave cacarejante e a segurou pelos pés.

— Papai! — chamou Fanny, ao corrermos para ele. — Papai! O Jimmy, lá do alojamento, pegou outra tábua do defumadouro.

A Mama Mae tirou a galinha da mão do marido e foi para os fundos do galinheiro. Nós três os seguimos, e o Papa George e ela começaram a brigar.

— Isso tem que acabar — sibilou a Mama Mae.

— Eles precisa do sal — disse o Papa George e saiu em seguida.

Furiosa, a Mama Mae bateu com a galinha no cepo.

Virou-se e olhou para nós três.

— Ocês não viu nada — disse, antes de levantar uma machadinha e, de um só golpe, decepar a cabeça da galinha.

Jogou no chão o corpo da ave, de cujo pescoço o sangue jorrava. A cabeça ficou caída, enquanto o corpo permaneceu de pé, apavorando-me com sua mórbida dança da morte. Virei-me e corri para a casa da cozinha, passando pelo Papa George, que ia para o defumadouro com uma tábua para substituir a outra. Belle estava no quintal da cozinha, vigiando um caldeirão de água que fervia sobre uma fogueira montada do lado de fora. Surpreendi a nós duas ao correr e me agarrar à segurança das saias dela.

Quando a Mama Mae veio atrás, foi um alívio eu ver que a galinha, que ela segurava pelas pernas, agora estava imóvel. Fiquei junto da Belle e vi a Mama mergulhar a ave na água escaldante. Quando a tirou, não esperou que esfriasse para depená-la. Achei que estivesse zangada, mas, depois de eviscerar a galinha, ela me chamou para eu ver como as entranhas guardavam um ovo perfeitamente formado.

— Viu? Não tem motivo pra ficar com tanto medo. A Mama só tava matando uma galinha — disse. Em seguida, deu-me o ovo para eu comer na janta. Ainda estava morno.

Semanas depois, fui com as meninas ver as crianças do alojamento. As gêmeas eram proibidas de ir lá sem a Mama, mas a Fanny, já rebelde, convenceu a Beattie e eu a irmos.

O alojamento dos escravos ficava quase na base do morro, margeando o rio. Ao sairmos da floresta, nós nos aproximamos das cabanas pelos fundos, onde telhados de meia-água protegiam pilhas de lenha. As cabanas eram de toras de madeira sem acabamento, com as

brechas vedadas por barro. Cada uma tinha duas portas e uma parede no meio, que criava duas casas separadas. Quando espiamos o interior de uma delas, o cômodo pareceu pequeno. Havia enxergas empilhadas num canto e um caldeirão preto de ferro junto à lareira. Colheres de pau pendiam de ganchos na parede e havia uns trapos pendurados num pedaço de corda, preso de um lado ao outro do cômodo. Sob uma janelinha aberta voejavam moscas, na busca infrutífera de migalhas sobre a mesa improvisada e as tigelas de madeira nela empilhadas.

A Fanny disse que era lá que moravam o Jimmy e seus muitos irmãos. Contando nos dedos, foi dizendo o nome de cada um.

— A mãe deles é a Ida, e ela teve um montão assim de menino. — E sorriu, levantando seis dedos.

Ouvimos crianças e seguimos o som. Passamos por algumas cabanas duplas e várias pequenas hortas. Ao contornarmos a última cabana, vimo-nos num grande terreiro. A uma pequena distância ficava uma casa revestida de ripas de madeira, e a Beattie sussurrou que era lá que morava o capataz, longe dos outros.

— Ele é branco — cochichou no meu ouvido.

Do centro do terreiro, uma mulher idosa nos cumprimentou:

— Eita, se num é a Fanny mais a Beattie! — Endireitou as costas magras e recurvadas o melhor que pôde e continuou a mexer o conteúdo de uma panela preta que fervia sobre um lume aberto. — Ocês tá aqui pra cumê? — perguntou.

Atrás dela, um grupo de crianças observava com atenção.

— Não, tia. A gente tem que voltar agora mesmo — disse a Fanny.

— E essa aí é quem? — Os olhos negros da velha me examinaram.

— Essa é a Abinia, tia. A Belle é a nova mãe dela — respondeu Fanny, para quem dei uma olhadela, intrigada com o título que dera à Belle.

— Hu-hum — murmurou a velha, me olhando de cima a baixo antes de voltar ao seu trabalho.

Chamou dois meninos para ajudá-la a tirar a panela do fogo e pô-la de lado para esfriar.

Quando ela pegou uma grande pá de madeira para tornar a mexer o angu, captei um sopro agradável do aroma de carne de porco salgada, mas me surpreendi ao vê-la mexer no fundo um pedaço de madeira. Ela olhou em volta com cuidado antes de retirá-lo, depois o jogou depressa no fogo. Não tenho certeza de como eu soube, mas reconheci que aquele era um pedaço da tábua que o Jimmy havia furtado do defumadouro.

Com a ajuda dos meninos, ela verteu o angu quente numa gamela não muito diferente da que o Papa George usava para alimentar seus porcos.

Uma garota alta despejou o leiteiro de um baldinho de madeira por cima do fubá que endurecia, e a velha usou sua pá de cozinha para misturar os dois. Quando fez sinal para as crianças, elas correram ansiosas para sua refeição. Alguns dos pequeninos agarraram-se aos irmãos mais velhos e foram acomodados num ou noutro colo, ou instalados junto à gamela, da qual todos começaram a comer. Algumas crianças seguravam pedaços finos de madeira para ajudar a pegar o alimento, porém a maioria não usava nada além das mãos sujas, e a mistura amarela não tardou a escurecer. Ao ver a fome delas, senti uma profunda familiaridade e virei para o outro lado, com a cabeça ansiosa por manter afastadas umas lembranças que eu ainda não estava preparada para resgatar.

Voltamos à casa da cozinha a tempo de fazer a nossa própria refeição vespertina. Nesse dia, nossas tigelas de madeira continham uma batata-doce assada, uma generosa fatia de presunto cozido e uma espiga de milho-doce. Senti culpa quando comecei a comer, lembrando-me das crianças que acabáramos de deixar, mas a causa da minha culpa mudou depressa, quando ouvi a Fanny mentir para a Mama Mae sobre onde havíamos passado a tarde.

Com a aproximação do tempo frio, nossas responsabilidades aumentaram. As meninas foram levadas para a casa-grande para aprender coisas com a Mama Mae, enquanto eu ficava com a Belle.

Quando a Fanny torceu o nariz para o trabalho doméstico, a Mama a fez sentar na casa da cozinha e, ao alcance dos nossos ouvidos, meus e da Beattie, passou um sermão na filha:

— Ocê tá pensando o quê, Fanny? Tá esquecendo que é escrava? Será que ocê já não sabe que, na hora que o capitão quiser, ele pode te vender? Na hora que a D. Martha disser que quer ocê fora daqui, ocê vai pra fora daqui.

— É só eu dizer que não, que eu vou ficar — rebateu Fanny, insolente. A voz da Mama tremeu:

— Ocê escuta bem, minina. Vou lhe dizer o que acontece com quem diz não pra um branco. Eu vi o meu pai levar um tiro quando ele selou e montou uma mula pra ir buscar ajuda pra minha mãe doente. Ela tava tendo neném, gritando por socorro. Eu tava parada bem ali, quando aquele sinhô mandou o meu pai descer da mula. Quando meu pai disse “ Não, eu vou catar ajuda” , o patrão velho atirou nas costa dele. Naquela noite, só consegui afastar as mosca enquanto via minha mãe morrer. Quando aquele sinhô velho me vendeu, disse que eu não prestava pra nada além dos campo. E foi lá que eu cresci, dando um duro danado, junto com a Ida, até o dia que a velha Siá Pyke me chamou lá na casa-grande pra dar de mamar à Belle. Não demorei pra ver o que eu tinha de fazer pra ficar lá. Trabalhei pra Siá Pyke como quem não sabe o que é cansaço. Não tinha nada que eu não fazia. “ Sim, Siá Pyke, nhá dona tem razão, Siá Pyke” , era só o que eu dizia. Ocês olha bem pra mim. Eu finjo que não tenho cabeça pra pensar, só pra deixar todo mundo da casa-grande feliz. É porque eu quero continuar aqui, e tô fazendo tudo que eu posso pra ocês ficar comigo. Não tem nem um dia que eu não digo: “ Brigada, Sinhô, por me mandar pra casa-grande e por me dar o capitão pra ser meu amo.” Sei que não tem nada de certo em ser escrava, mas, pra quem é que eu vou dizer isso? Agora, Fanny, se ocê inda tá querendo ser vendida, ocê vai perguntar pro pai como foi que ele chegou aqui. E aí ocê se prepara, porque ele vai chorar quando contar e, quando ele tiver acabado, ocê vai tá chorando também.

De olhos arregalados, nós três não tínhamos nada a dizer quando a Mama Mae terminou.

No fim daquele mês, as gêmeas me falaram de um recém-chegado, um outro adulto que tinha ido se juntar à família. Vinha da Inglaterra e era preceptor, elas disseram, mandado pelo capitão para dar aulas aos seus filhos. Quando a Fanny declarou não gostar dele, não me lembro de ter lhe perguntado por quê.

É claro que eu ficava curiosa com a casa-grande e as crianças de lá, mas as meninas me contaram que não viam os moradores com frequência. Quando isso acontecia, eram instruídas a não puxar conversa, mas a cumprimentar com um aceno da cabeça e continuar seu trabalho. Quando a Beattie confirmou o que a Fanny tinha falado, dizendo que o trabalho delas, de varrer e limpar os pisos, era cansativo e sem graça, parei de me incomodar por ser mantida na cozinha.

A Belle foi amolecendo comigo e, quando isso aconteceu, fiquei ainda mais ansiosa por agradá-la. Já era minha responsabilidade dar milho e farelo às galinhas e, por isso, fiquei duplamente orgulhosa no dia em que ela me incumbiu de ir ao galinheiro recolher os ovos. Quando o Papa George me viu saindo de lá, veio andando na minha direção. Ansiosa por brilhar na minha nova responsabilidade, depusitei trabalhosamente o cesto cheio de ovos no chão e fechei o portão com todo cuidado.

— Ocê cuida bem das galinha, Abinia — disse-me. — Ocê é uma boa menina.

Seu sorriso irradiou-se pelo meu coração solitário e o abriu de repente para uma nova possibilidade.

— Papa George — perguntei — , a Dory é sua filha?

— É, sim.

— E a Beattie e a Fanny são suas filhas?

— Mas ora se são — disse ele.

— Papa — acrescentei — , a Belle é sua filha?

— Por que ocê tá perguntando isso tudo, minina?

— Eu estava pensando, Papa... — comecei, mas parei e me concentrei no dedão do pé, desenhando um risco no chão.

— Fala, minina. Você tava pensando o quê? — ele me incentivou.

— Eu também posso ser sua filha? — perguntei depressa.

O homem alto e espadaúdo desviou os olhos antes de responder.

— Ora, ora — disse, como se considerasse profundamente o assunto. — Olha que eu acho que ia gostar muito disso.

— Mas eu não sou parecida com as suas outras filhas — retruquei, com medo de ele não ter notado.

— Quer dizer, porque você é branca?

Assenti.

— Abinia — disse ele, apontado para as galinhas — , olha praquelas ave.

Umaz é marrom, umas é branca e preta. Você acha que, quando elas têm pintinho, aquelas mães e papais se incomoda com isso?

Sorri para ele, que apoiou sua manzorra na minha cabeça.

— Acho que acabei de arranjar mais uma fiota — disse, bagunçando o meu cabelo — e essa eu vou chamar de Abinia. Mas quem diria! Eu digo

“ Brigado, Senhô” ! Ora se não sou um sujeito sortudo!

Fui saltitando por todo o caminho de volta para casa. A Belle me deu uma bronca quando achou um ovo quebrado, e jurei que seria mais cuidadosa da próxima vez, mas o meu coração alegre não pedia desculpa nenhuma.

Caía uma neve fina na noite do início de dezembro em que a Mama Mae trouxe para a cozinha aquecida o bebê Henry, que estava aos gritos. As gêmeas a seguiram e nós três nos sentamos juntas, vendo a Belle e a Mama Mae aplicarem compressas quentes nos pés e nas mãos inchados do bebê. Mas os gritos agoniados não cessavam.

— Fanny, vai lá buscar a Dory. Siá Martha passou o dia inteiro tomando as gotas preta, e agora com certeza tá dormindo. O tio Jacob fica de olho nela até a Dory voltar.

Fanny virou-se para sair correndo e Mama Mae a chamou:

— Diz pra Dory trazer as gotas preta.

Quando chegou, Dory tentou consolar seu bebê, dando-lhe de mamar. Cheio de dor, ele recusou até esse alívio, jogando a cabeça para a frente e para trás. Dory começou a chorar.

— Mamãe, o que eu posso fazer?

— Ele num tá bom, benzinho — disse a Mama Mae à filha mais velha. — Já vi isso lá no alojamento. A gente dá as gota pra aliviar a dor dele.

A Mama Mae segurou o vidrinho marrom que a Dory tinha trazido da casa-grande e misturou um pouco do líquido escuro com água morna. Dory segurou o bebê, enquanto Belle lhe abria a boca e a Mama pingava cuidadosamente a mistura dentro dela. O neném tossiu ao engolir, mas, para nosso grande alívio, logo caiu num sono profundo. Mais tarde, houve uma batida leve e o tio Jacob entrou.

— Siá Martha tá chamando, Dory — anunciou. — Ela quer ocê já.

A Mama Mae pegou o bebê Henry do colo da Dory.

— Pode ir — disse — , agora ele vai dormir.

Depois que a Dory saiu, a Mama Mae mostrou os pés e mãos inchados do bebê ao tio Jacob. Ele balançou a cabeça e disse:

— Ele num vai ficar muito tempo por aqui.

— Vai ser difícil pra Dory — disse a Mama Mae.

— Difícil pro Jimmy também — acrescentou a Belle. — Não esqueçam que ele é o pai. Todo dia, tudo que ele quer é ver a Dory e o seu minininho, mas tem de ficar longe. O capataz avisou que, se achar o Jimmy de novo perto da Dory, vende ele. Diz que o Jimmy é lavrador, então tem que ter uma mulher do campo, e não tem nada que andar atrás de uma garota da casa-grande.

— Ninguém perguntou pro capitão se a Dory pode pular a vassoura com o Jimmy? — indagou tio Jacob.

— O Rankin diz que o capataz é ele. Quer dizer que é ele que manda, e é ele que diz quem casa com quem — respondeu a Mama Mae. — Aquele Rankin só quer fazer mardade.

Quando a Mama Mae reparou na presença de nós três, as gêmeas foram mandadas para casa e eu para a cama, lá em cima. Depois que o tio Jacob se foi, ela ficou com o neném e se sentou junto ao fogo, para conversar com a Belle. Peguei no sono, reconfortada pelas vozes baixas e suaves das duas.

O bebê Henry morreu naquela noite. De manhã cedo, o Papa George chegou com uma tábua pequena, em cima da qual a Mama Mae e a Belle improvisaram uma enxerga miúda. A Dory ficou perto da porta, segurando o neném que já não fazia mais barulho. A Mama foi até ela:

— Me dá o minino — disse, baixinho, estendendo as mãos para o bebê Henry.

— Não, mamãe. — E Dory virou-lhe as costas, segurando sua trouxinha.

O Papa George aproximou-se e pôs os braços sobre os ombros magros da filha mais velha:

— Dory, agora ele tá bem, tá lá com o Senhô. Dá ele pra Mama.

Com gestos lentos, Dory estendeu o bebê Henry.

— Inhora arruma ele, mamãe? Inhora foi sempre muito boa com ele, mãe — pediu.

Belle pegou a Dory pelo braço e a conduziu para o lado de fora. Da porta, fiquei vendo as duas passarem pelos celeiros e entrarem na floresta. Caía a neve, estendendo um lençol limpo, de um branco imaculado. A Mama Mae esperou que elas se afastassem e voltou para o Papa George.

Deitou o bebê Henry na enxerga e, juntos, usando um pano marrom comprido, ataram o corpinho à tábua de madeira. Quando terminaram de enfaixá-lo, a Mama olhou para o Papa George, as lágrimas escorrendo por seu rosto redondo.

— É melhor pra esse menino ir embora, eu sei disso — falou — , mas tenho medo que ele leve junto o coração da Dory.

— A nossa menina vai ficar bem — disse o Papa, e enxugou o rosto da Mama com os dedos.

As gêmeas estavam lá, e também choravam. Eu não. Eu me sentia vazia e, quando todos saíram para o enterro, deixei-me ficar, até que, apavorada com o isolamento, corri atrás deles para o cemitério próximo do alojamento.

Fiquei abrigada pela copa das árvores para observar. O Ben estava parado junto a uma covinha de nada, que tinha cavado ao lado de outras pequenas sepulturas, marcadas por pedras pontiagudas. Quando baixaram à terra o corpo do bebê Henry, a Dory soltou uma série de uivos de dor, longos e dilacerantes. Apanhada pela onda da tristeza dela, minha mente voou para longe. Foi como se um véu se rasgasse e eu deixasse aquele lugar de tristeza para entrar num outro, mais profundo, um lugar em que estava a outra eu, a que ficara perdida até esse dia. Eu me revii a bordo do navio, sem conseguir suportar seu balanço violento nem a náusea desesperada do meu vômito.

O corpo amortalhado tornou-se o da minha mãe. Revi o momento em que o baixaram nas profundezas das águas revoltas, deixando-o ir para longe. Dias antes, meu pai tinha aberto o caminho; também fora para as águas. Olhei em volta, buscando na neve o meu irmão, Cardigan. Certa de tê-lo ouvido chamar, saí à sua procura.

Jimmy, o pai do bebê Henry, me achou e me levou para a casa da cozinha. Eu tinha ficado sumida o dia inteiro. À noite, depois de escurecer, indo sozinho chorar a perda do filho, Jimmy havia topado comigo na floresta.

Dizem que passei quase dois dias balançando o corpo, em silêncio. Por fim, a Mama Mae se aproximou. Sentou-se perto de mim no meu catre e mandou a Belle e as gêmeas saírem.

— Abinia — disse, em tom firme — , por que ocê tá balançando desse jeito?

Continuei a oscilar feito louca, me agarrando à lembrança da dor, à lembrança da minha mãe. Não podia soltá-la, senão a perderia outra vez.

— Abinia — ela repetiu, tentando me manter parada — , ocê diz pra Mama Mae por que tá balançando desse jeito. — Segurou meu rosto e forçou meus olhos a encontrarem os seus. — Ocê fala com a Mama. Ocê tem que falar, Abinia. Num vai assim pra longe. Ocê fala com a Mama. Ocê diz pra ela qual é o problema.

Tentei me afastar, precisando da força do movimento para acalmar a náusea, mas a Mama pegou o meu corpo balançante e o pôs no colo. Apertando-me contra seu peito forte, diminuiu meu ritmo, para igualá-lo ao seu.

— A Mama vai tirar essa dor de ocê — disse.

Ao balançarmos para trás, ela respirava fundo e me puxava para si, e ao balançarmos para a frente, exalava em fundos gemidos guturais a dor que eu estava retendo.

Para a frente e para trás ela oscilou, trazendo à tona o veneno purulento do pesadelo que eu escondia. Tentei respirar com ela, mas minha respiração vinha em arfadas curtas, e eu tinha a sensação de estar me afogando.

— Agora, ocê conta pra Mama.

Murmurei o meu horror:

— O bebê Henry está na água.

— O bebê Henry num tá na água. Aquele neném tá com Deus. Tá num lugar bom. Tá rindo e brincando com os outros filho do Senhô. Ele não sente mais dor! Está num lugar bom.

— A minha mãe está na água — tornei a murmurar.

— Abinia, a sua mamãe tá com Deus, que nem o bebê Henry. Aliás, agora mesmo, ela tá segurando o bebê Henry e os dois tão brincando junto. Escuta só, quase dá pra ouvir a risada deles. Este mundo aqui não é a única casa. Este mundo é pra gente praticar, pra fazer as coisa direito. Às vez, o Senhô diz: “ Não, aquela mamãe, aquele bebê Henry, eles é meigo demais pra continuar longe de mim. Agora eu trago eles pra casa.” Eu sei que é assim, Abinia — garantiu, ancorando-me com seus braços sólidos e suas palavras de convicção. — A Mama tá dizendo que tem hora que a gente tem de confiar no Senhô.

De algum modo, escutei a verdade da Mama Mae e meu coração acreditou nela. Tendo reencontrado meu passado, agarrei-me a essa mãe que agora me dava meu futuro.

— Mamãe! — gritei meu lamento. — Mamãe! — Meus gritos enfim libertaram as lágrimas que eu havia guardado desde a minha chegada. — Mamãe tá aqui — ela me tranquilizou. — Mamãe tá aqui.

CAPÍTULO 4

Belle

PRA FALAR A VERDADE, quando o bebê Henry fez a passagem, estava sofrendo tanto que foi melhor ele ir. A pobre da Dory queria salvá-lo, mas a Mama disse que já tinha visto aquilo no alojamento e que sempre acabava mal. Agora, os olhos da Dory parecem os de Siá Martha depois que ela perdeu os bebês.

Quando a Lavinia viu o bebê Henry baixar à terra, perdeu a cabeça. Na hora que o Jimmy a trouxe de volta, eu não sabia o que fazer com ela, mas a Mama sabia. Depois, a Lavinia se lembrou de quando estava no navio e viu a mãe e o pai morrerem e serem jogados na água. Onde é que aqueles homens estavam com a cabeça, pra deixar uma garotinha ver isso?

Agora ela sabe de onde veio, da Irlanda, mas disse que a mãe e o pai não tinham nada lá e vieram pra cá procurar trabalho. Contou que tem um irmão, Cardigan.

Nome engraçado, Cardigan. Não faço mais perguntas porque percebo que ela ainda tem dificuldade de falar dele.

Desde o dia em que ela se lembrou das coisas, é difícil acreditar na mudança que teve essa menina, embora continue a parecer um camundongo, arisca e com medo do mundo. Dá uma importância enorme a cumprir suas tarefas e, quando termina, sempre vem me pedir para olhar. Quando eu digo “ muito bem” , o rostinho dela tem um sorriso que ilumina a casa da cozinha.

Tenho que admitir, quando as gêmeas me contaram que ela anda levando comida para o Ben, aquela menininha aqueceu meu coração. Ela não sabe por que eu lhe dou comida extra pra levar, mas só posso rir quando penso que nós duas estamos de olho no mesmo homem.

CAPÍTULO 5

Lavinia

DEPOIS QUE ME LEMBREI da morte dos meus pais, outras recordações começaram a vir à tona. É claro que, naquela tenra idade, eu tinha poucos anos em que me basear, mas, quando um som ou um aroma traziam outra imagem, muitas vezes isso bastava para me deixar arrasada. Acabrunhada por minhas perdas, eu só conseguia sofrer. Tive pais bondosos, embora os dois estivessem tensos quando embarcamos no navio. Minha mãe não queria sair de Castlebar, a cidade irlandesa em que seus pais ainda moravam. Mas meu pai, que não tinha nenhum parente de quem eu me lembrasse, estava decidido a proporcionar uma vida melhor à família. Tive lembranças de quando os dois brigavam, mas não consegui esquecer a tristeza terrível da mamãe quando ele morreu. E então, eu a perdi. Durante o resto da viagem, agarrei-me desesperadamente ao meu irmão. Minha última lembrança do Cardigan foi seu desamparo, quando ele não pôde atender aos meus gritos suplicantes, na hora em que o capitão me tirou dele.

Amenizei a dor dessas lembranças fazendo uma promessa a mim mesma: um dia, eu encontraria meu irmão.

Minha saúde foi voltando e, embora agora eu tivesse uma profunda afeição pela Mama, também comecei a buscar consolo com a Belle. A atitude dela para comigo havia mudado desde a morte do bebê Henry — tanto que, uma noite, ao me ouvir chorar, ela me levou para a sua cama. Lá, aninhou-me nos braços e afagou minhas costas até eu dormir. Desde então, muitas vezes tive permissão de deitar na cama dela à noite.

Quando o capitão chegou, a tempo para o Natal, nós da cozinha fomos informados de que D. Martha tinha voltado à vida mais uma vez. Nos meses anteriores, enquanto o capitão estivera fora, a dona da casa mandara servir as refeições na sala de estar do andar de cima, contígua ao seu quarto. Os filhos jantavam lá com ela, mas, nas outras refeições, comiam com o preceptor na sala de estudos. Desde a chegada do

capitão e com a aproximação das festas de fim de ano, as refeições ganharam um ar festivo e voltaram a ser servidas na sala de jantar.

Com a necessidade de ajuda extra no preparo da comida, para minha alegria a Beattie foi trazida para a casa da cozinha, enquanto a Fanny permaneceu na casa-grande para trabalhar com a Dory. Todas nos atarefamos, assando doces e salgados no forno para as festas, e até o Ben veio dos celeiros ajudar. Cortava a lenha que mantinha pelando os fornos e fogos da cozinha, além de fornecer combustível para as lareiras da casa-grande. Beattie e eu ficamos encantadas quando nos incumbiram de ajudar o Ben a carregar lenha. Corremos a recebê-lo do lado de fora, ansiosas por agradar.

— Ocês são muito pequena pra trabalhar — disse ele, mexendo conosco. — Não somos, não — garantimos.

Ele deu um gravetinho a cada uma.

— Mais, mais — pedimos até ele nos encher os braços.

Sáimos aos tropeços da pilha de lenha, decididas a exibir nossa força, mas, quando chegamos à cozinha, a Mama Mae o chamou:

— Ben! Ben! Ocê venha cá!

Ben era tão alto que tinha de curvar o corpo ao passar pela porta da cozinha. Endireitou-se e sorriu.

— Chamou, mãe?

Belle virou-se para olhar e Ben a cumprimentou com um aceno de cabeça. Ela, cujo rosto ganhara um brilho rosado, retribuiu o aceno, depois se virou depressa e continuou a pesar meio quilo de açúcar. A Belle era magra, mas notei que, quando se dobrou para a frente para quebrar um pedaço do bloco de açúcar, sua cintura curvou-se e mostrou um busto generoso, que lhe dava uma forma graciosa. Com uma olhadela para o Ben, vi que ele também havia notado.

— Ben — disse a Mama Mae — , o que ocê tá fazendo com essas minina, botando elas pra carregar tanta lenha?

Ele nos deu uma piscadela.

— Mama, elas são as minha ajudante grande e fortuna.

Corremos para o lado dele, orgulhosas, prontas para outra leva.

— A gente tá ajudando ele, mãe — dissemos.

— Ben — retrucou ela, rindo — , ocê tem mesmo jeito pra lidar com a mulherada.

Ele deu uma risadinha e olhou diretamente para Belle.

— Acha mesmo, mãe?

Belle virou-lhe as costas, mas o vigor com que bateu o pilão no almofariz, moendo o açúcar, deu mostras de uma resposta.

— E então, Abinia? A Belle cuida de ocê que nem uma boa mãe? — Ben me perguntou.

Olhei para a Belle e, quando seus olhos encontraram os meus, ela sorriu. Virei-me para o Ben e fiz que sim com a cabeça.

— Essa Belle arranjou uma filhinha bonita que nem ela. Ocê tá percisando de um papai? — ele me perguntou.

— Não — respondi, bastante segura. — Eu tenho o Papa George.

Os adultos riram.

— Ele também é meu pai — brincou Ben.

— Eu sei — retruquei, orgulhosa. — E da Dory, e da Fanny, e da Beattie e da Belle.

— Bom — disse ele — , a Belle é a sua mãe, o Papa é o seu pai. Então, quem é a Mama Mae?

— Ela é a mamãe grande — respondi, surpresa por ele não saber disso.

Senti-me envolvida pela gargalhada que se seguiu e, embora não tivesse certeza da minha posição exata na estrutura familiar, comecei a sentir que existia um lugar para mim.

— Ben — disse Mama Mae — , ocê tome cuidado com o trabalho que dá pra essas minina, que elas inda são uns neném.

— Pois então, venham, nenenzinhas — disse ele, pegando nossas mãos. —

A gente tem muita lenha pra carregar.

Belle virou-se para nós.

— Ben, cuide direito do meu neném.

Senti um arrepio me perpassar ante a referência dela, e o Ben, sem saber o que dizer, carregou-nos ambas no colo para o lado de fora e nos balançou alternadamente, até gritarmos de alegria.

Na manhã de Natal, a Fanny foi da casa-grande à casa da cozinha, com os olhos brilhando:

— O Marshall ganhou dois livros de história novo — contou. — Ele e a irmã ganharam potes de tinta colorida e pincel pra pintar. O Marshall ganhou soldados, e a Sally, ela ganhou uma boneca igualzinha a ela, e louça e uma porção de outras coisa. A nhá dona ganhou um fio comprido de umas conta brilhante que eles chama de pérola! — Fanny abriu os braços e levantou a voz para o céu: — Acho que eu tô morrendo! — exclamou, em tom dramático.

— Ocê vai morrer é se não entrar já aqui pra ajudar — disse a Mama Mae, mas com um sorriso no rosto.

O movimento aumentou quando chegaram hóspedes nesse dia, na hora do almoço. Eu não via uma comoção tão alegre desde a minha chegada. De um canto externo da casa-grande, Fanny, Beattie e eu vimos os cavalos subirem a ladeira da entrada. O capitão permaneceu na porta, mas D.

Martha saiu do lado dele e desabalou escada abaixo. Correu para a carruagem, e o cocheiro teve que puxar as rédeas com força para segurar os cavalos. A porta da carruagem se abriu e, com um grito, uma mulher se atirou para fora, caindo nos braços de D. Martha. As duas ficaram abraçadas por muito tempo.

— Elas são irmã — cochichou a Fanny.

O capitão desceu os degraus para cumprimentar o homem baixo e calvo que saiu da carruagem. Com ele veio uma menina mais ou menos da minha idade, que vestia um casaco vermelho-vivo e usava um chapéu debruado de branco. Marshall observou as boas-vindas da porta, enquanto a Sally corria ao encontro da prima Meg.

Os hóspedes foram conduzidos para dentro de casa e levados a seus quartos para descansar um pouco. Ficamos observando enquanto o Ben, o Papa George e o tio Jacob ajudavam o cocheiro a descarregar todos os baús. Por fim, depois que a carruagem enlameada e os cavalos brilhando de suor foram levados para a cocheira, nós, meninas, voltamos para a cozinha. A Belle e a Mama Mae haviam passado dias trabalhando nos preparativos para o banquete que seria servido e precisavam da nossa ajuda.

No meio da tarde, começamos a levar a comida da cozinha para a casa-grande. Chegávamos à sala de jantar por uma porta lateral, evitando o salão onde o capitão e D. Martha recepcionavam as visitas. As grandes portas corrediças de lambris que ligavam o corredor à sala de jantar estavam fechadas, de modo que também tínhamos privacidade em relação aos ocupantes do casarão.

Era apenas a segunda vez que eu via a sala de jantar, e fiquei deslumbrada com ela. A Dory, o tio Jacob e a Fanny a haviam decorado com plantas ornamentais e visco. Pequenos ramos de azevinho adornavam as vidraças, e suas drupas combinavam perfeitamente com as suntuosas cortinas vermelhas. No centro de cada parapeito largo, havia um vaso baixo de porcelana com as ervas aromáticas adocicadas que eu tinha ajudado a Belle a preparar no outono, combinando pétalas secas de rosas, alfazema, alecrim e fatias de maçã, tudo salpicado com canela e noz-moscada moídas. O perfume das ervas misturava-se ao aroma agradável dos galhos de pinheiro recém-cortados que enfeitavam o console da lareira.

A mesa fora posta sobre duas toalhas brancas adameadas que eu tinha visto a Mama Mae passar, alguns dias antes. A de cima parecia rica e espessa como creme de leite grosso. Os talheres de prata e os cristais reluziam junto ao aparelho de jantar, pintado com aves de cores vivas. A Belle me disse que eram pavões e que o capitão tivera um deles na fazenda.

— Que ave danada de barulhenta! — resmungou tio Jacob.

— Sim, tio, ele era — retrucou Belle — , mas não era bonito e orgulhoso?

— Até o dia que aquela raposa veia pegou ele — disse o tio, rindo e pondo mais uma tora no fogo crepitante. E então começou a acender as inúmeras velas.

Cada uma de nós foi levando para o casarão os pratos preparados na casa da cozinha, enquanto a Mama Mae e a Belle os dispunham estrategicamente na mesa, para dar equilíbrio ao banquete. Um grande pernil de porco defumado, envolto num guardanapo e decorado com ameixas em conserva e pêssegos ao conhaque, serviu de âncora numa das extremidades. Belle cercou a travessa com folhas verde-escuras de magnólia e, ao lado do açucareiro de prata, arrumou um pote de cristal para temperos, cheio de molho picante de mel e mostarda.

A Mama Mae e a Belle tiveram de carregar juntas a grande travessa com um corte suculento de carne de boi. Ela ficara assando num espeto em fogo brando durante horas, enquanto, abaixo do espeto, uma frigideira de batatas chiava com as gotas de gordura colhidas. Quatro travessas de legumes, todas decoradas com o desenho do pavão, ocupavam os cantos da mesa. As ervilhas frescas tinham sido preparadas num molho grosso de creme de leite; as beterrabas pequeninas reluziam com o molho de manteiga; as batatas-doces gotejavam mel e os nabos tinham um ar festivo, salpicados com folhinhas frescas de salsa. Em frente ao lugar da dona da casa, a Mama Mae colocou uma terrina fumegante de sopa de ostras, temperada e decorada com raminhos verdes de tomilho.

A sobremesa, um saboroso pudim de ameixas, mantinha-se aquecida na cozinha, mas sobre o aparador, aguardando sua vez de ser servida. Havia também uma travessa de gelatinas e cremes. Ao lado dessas iguarias estavam quatro carrocinhas de prata em miniatura, puxadas por minúsculas cabras de prata. A Belle me dera o privilégio de enchê-las de docinhos e de passas.

Dory veio até a porta quando recuamos para admirar nosso trabalho. Estivera com o capitão e a dona da casa, servindo xerez no salão, e, embora eu a invejasse pelo que tinha visto, ela me pareceu cansada e sem interesse. De repente, a Sally entrou, passando pela Dory com um empurrão.

— Fanny! Fanny! — exclamou a menina, toda contente, e correu para nós com sua nova boneca de porcelana. — Vem cá, Meg! — chamou, acenando para a prima, que esperava junto à porta.

Enquanto as gêmeas examinavam a boneca da Sally, a menina Meg aproximou-se devagar. Andava mancando de leve, porém o que mais me chamou a atenção foram os pequenos óculos que usava. Seu cabelo castanho estava puxado para trás e preso com uma fita púrpura, mas os cachos encaracolados se recusavam a ser contidos e se encrespavam em volta do rosto, suavizando seus traços severos. Apesar do seu ar solene, senti uma simpatia imediata por ela.

— Você tem boneca? — perguntou Fanny à Meg.

— Não gosto de bonecas! — respondeu Meg.

— Mas você gosta de passarinho, não é, Meggy? — perguntou Sally.

— Gosto de aves — admitiu Meg.

— Ela tem uma que fala — explicou Sally — , mas teve que deixá-la em casa.

— Um pássaro que fala? — perguntou Fanny.

Meg assentiu com a cabeça, ficando sem jeito com a nossa atenção.

— Eu gosto de aves — intervim, para ajudá-la.

Meg me olhou pelas lentes dos óculos.

— De que tipo? — perguntou.

— Galinhas — respondi.

— Você tem alguma?

Assenti.

— Uma porção. Elas moram lá no celeiro. Eu dou comida a elas todo dia. E apanho os ovos. Quando fizer calor, o Papa George disse que elas vão ter pintinhos.

— Ahhh... — exclamou Meg, com um ar de anseio.

Dory nos interrompeu:

— Sinhá Sally, leve a sua boneca daqui antes de entrar pra comer.

Quando as meninas se retiraram, Dory disse à Mama Mae, num cochicho alto:

— D. Martha vem aí com a D. Sarah.

Quando as duas entraram, fiquei olhando, muda de surpresa. A diferença entre elas tornava difícil acreditar que fossem irmãs. D. Martha, esbelta e alta, usava um vestido simples de brocado azul, mas de corte lindo, enquanto D. Sarah, baixa e rechonchuda, fazia um nítido contraste com ela, vestida numa seda vermelha volumosa e vibrante, cheia de babados da cintura até o chão. Os portes das duas também eram opostos um ao outro. D. Martha, calada e discreta, trazia em si um ar de elegância, enquanto D. Sarah, entusiástica e comunicativa, dava a impressão de ser alvoroçada e se agitar facilmente.

D. Sarah logo começou a exclamar sobre a decoração natalina, mas então me avistou, parada ao lado da Mama Mae e das gêmeas, e arregalou os olhos. Não gostando do seu escrutínio, escondi-me atrás da Mama.

— Ora, Martha, minha querida! Quem... o quê...?

— Eu sei, eu sei. Não tive tempo para... Ela estava a bordo do navio.

O

James a trouxe para cá na primavera passada.

— Mas, minha querida! Ela precisa ter uma chance! Colocá-la com...

— Sarah! Podemos falar disso depois?

— Sim, sim, é claro. Mas você entende a minha surpresa.

D. Martha encerrou a conversa, voltando-se para a Mama e lhe agradecendo por todo o trabalho. Depois nos mandou sair, exceto a Belle, que tinha recebido a ordem de permanecer lá. Ficamos escutando atrás da porta, enquanto ela a interpelava, em tom ríspido, sobre a razão de não estar com a cabeça coberta. Quando Belle tentou explicar que havia tirado o lenço por causa do calor da cozinha, foi silenciada.

— Será que você tem sempre que tentar chamar a atenção? — disse D. Martha, brusca, e dispensou a Belle depressa, quando o capitão e os outros começaram a entrar.

Demorou um pouco para a Belle se juntar à família, na casa da Mama Mae e do Papa George, para o almoço de Natal. Ela ficou murcha até que o Ben, em cujo colo eu estava sentada, pôs-se a provocá-la, deixando-a de bom humor.

Depois da refeição, cada um de nós ganhou algumas passas e uma maçã fresca do barril de armazenamento. Papa George quebrou umas nozes e o Ben tirou as frutas da casca, usando os pregos de ferradura que sempre carregava no bolso.

O tio Jacob tornou a sair para trabalhar na casa-grande e nesse momento surgiu uma garrafa de conhaque de pêssego, presente do capitão. A Mama Mae serviu uma dose para cada adulto, inclusive Ben, Dory e Belle. A conversa ficou mais animada depois da segunda rodada de bebida, e logo entrei na diversão, ao saber que iríamos a um baile lá no acampamento nessa noite. O Papa George e o Ben saíram logo depois, aflitos para terminar suas tarefas do dia.

Lavada a louça no casarão, a Belle voltou com as gêmeas e comigo para a casa da cozinha. Subiu ao quarto e, quando desceu, quase não a reconheci. Por baixo do xale de inverno ela usava uma blusa branca que eu nunca tinha visto. Na borda do decote havia um pequeno acabamento franzido que combinava com o da anágua branca cuja bainha aparecia debaixo da saia rodada. O cabelo comprido estava solto e encaracolado em volta do rosto. As gêmeas e eu ficamos olhando fixo para ela, todas esperando a vez de tocar nos cachos macios do seu cabelo. Belle sorriu e nos mandou parar de fazer bagunça com ela, mas seus olhos verdes brilharam.

Ela entregou à Fanny e a mim o seu pente de prata, o seu espelho de mão, também de prata, e umas fitas azuis, para levarmos para a casa da Mama. Ela e a Beattie saíram carregando um bolo grande de gengibre cada uma, ambos assados mais cedo. Antes de sairmos de casa, disseram para eu não comer nenhum doce na festa.

— Por quê? — perguntei.

— Porque já comemos os nossos doces — respondeu a Belle.

Quando voltamos, a Mama Mae estava tentando convencer a Dory a ir conosco ao baile.

— Vem, filhinha, ocê tem que continuar a viver — dizia. — E depois, eu sei de um homem que hoje vai procurar ocê.

Dory desviou o rosto.

— Não posso mesmo, mamãe.

— Então, tá bem — retrucou a Mama Mae, tirando o avental e se sentando à mesa. — Eu fico aqui com ocê.

— Não, mamãe — protestou a Dory — , não quero que nhora fique sem diversão.

— Então, ocê vai com a gente. Você vai e se senta comigo, e nós fica assistindo à dança.

Belle puxou a Dory e a fez sentar num banquinho.

— Pronto, me deixe arrumar o seu cabelo — disse.

Tirou o lenço de cabeça da Dory e entremeou uma fita azul nas tranças dela. Ao terminar, levantou o espelho. Dory deu uma olhada em seu reflexo, franziu o rosto e começou a chorar. Belle se inclinou para abraçá-la.

— O bebê Henry tá feliz lá onde está, e sei que ele quer que você seja feliz — falou.

A Mama estava olhando e, quando a vimos usar o avental para enxugar as próprias lágrimas, nós três, as meninas, também desatamos a chorar. E foi assim que o Ben e o Papa George nos encontraram, ao abrir a porta.

— Ora, ora, ora — disse o Papa George — , parece que a mulherada tá prontinha pra festa, num é, Ben?

— É, sim, papai — respondeu Ben. — Elas tão cantando bonito mesmo, com certeza.

— Com qual ocê vai dançar, Ben? — perguntou Papa George.

— Eu escolho a minha mãe, que é a que tá chorando mió. Dá pra escutar ela lá embaixo, no celeiro.

A Mama riu, enxugando as lágrimas.

— Ocês dois para com isso — disse.

— Bom, acho que eu vou tirar a Dory — emendou Papa George, continuando a brincar. Foi até ela, pôs o braço em seus ombros, olhou-a no rosto e disse: — Os oio dela tá tão inchado que vai todo mundo pensar que eu tô com uma muié nova.

Todos rimos, e até a Dory sorriu. Saímos todos juntos para a festa. Lá fora estava escuro e a noite era fria. Não víamos neve desde o dia em que havíamos sepultado o bebê Henry, mas o solo estava congelado e nossos pés faziam as folhas secas estalarem. Era doloroso andar com os sapatos pesados que ralavam meus tornozelos, mas não foi preciso reclamar, porque a Fanny protestou o suficiente por nós duas.

A Mama Mae a repreendeu:

— Aquele povo lá do alojamento daria quarqué coisa pra ter esses sapato — ralhou, e fiquei contente por ter permanecido calada.

Do alto do morro já pudemos ver o laranja das chamas da fogueira. Ao chegarmos mais perto, reconheci o som de uma rabeca e ouvi pessoas rindo e cantando. Protegida entre a Belle e o Ben, segurei firme a mão de cada um deles, como um elo da sua felicidade, caminhando pela floresta escura em direção à música alegre.

Nosso grupinho foi saudado por gritos de reconhecimento. Os bolos da Belle foram recebidos com gratidão e as mulheres logo trouxeram um banco, no qual convidaram a Mama Mae, a Belle e a Dory a se sentarem com elas. Uma grande área em volta da fogueira tinha sido varrida e já havia pessoas dançando. Do lado oposto, alguns homens tocavam uma música animada com instrumentos feitos em casa: dois tocavam rabecas de cabaça; outros dois, flautas de bambu; e outro batia em panelas e tampas com paus e ossos.

Fiquei junto da Belle até a Beattie e a Fanny virem me chamar.

Chegamos perto de um grupo de crianças, mas elas recuaram, ressabiadas conosco. Umas eram meninas da nossa idade, mas não

falavam. Nossa roupa era diferente, com certeza mais substancial que a delas, e as garotas olharam para nossos pés como se nunca tivessem visto sapatos.

Nós três logo voltamos para a Mama, a Belle e a Dory. Belle nos deixou provar um golinho do conhaque de pêssego que as mulheres estavam tomando — um raro prazer, enviado pela casa-grande para essa comemoração natalina. Havia mesas rústicas, emendadas umas nas outras, e, meio de lado, alguns homens compartilhavam avidamente dois garrafões de uísque de milho, outro presente da casa-grande.

Todos ficaram atentos quando as mulheres se reuniram e concordaram que os frangos, que assavam num espeto sobre uma camada de carvão em brasa, estavam prontos. Num instante, um homem tirou da água fervente dois presuntos grandes e os colocou sobre cepos, um de cada lado de um grande caldeirão preto e fumegante de feijão-fradinho. As mulheres trouxeram panelas quentes de verduras do fim da estação e desenformaram na mesa broas de milho quentes e crocantes. Outras usaram espetos pontiagudos para tirar das cinzas as batatas-doces assadas. Por fim, anunciou-se que a ceia estava servida.

As mulheres serviram primeiro os homens, depois as crianças. Insistiram em que nós, da casa-grande, comêssemos com elas, e fiquei surpresa ao ver minha família concordar. Todos aceitaram porções pequenas, mas vi os sorrisos das mulheres quando a Belle, a Mama Mae e a Dory lhe disseram que a comida estava muito gostosa. Quando baixei minha tigela, não tinha terminado um pedacinho do presunto.

Belle inclinou-se para mim.

— Coma tudo — disse, baixinho, e percebi por seu tom que não devia protestar.

Depois que as mulheres comeram, as crianças foram chamadas de novo e receberam o restinho de comida que tinha sobrado. Ao ver sua empolgação, percebi como aquilo era raro e senti vergonha ao pensar que a Belle tivera de me mandar terminar de comer a carne.

A rabeça deu início a uma melodia animada e os outros instrumentos logo a acompanharam. Com gritos animados, alguns casais jovens se levantaram para dançar. Os membros mais velhos da plateia começaram a bater palmas e, em pouco tempo, o círculo em volta da fogueira encheu-se de dançarinos alegres. Após algumas rodadas, o rabequista chamou:

— Quem vai mostrá pra nós como se dita os passo da roda?

— Vamo lá, George, Mae, ocês mostra. Ocês mostra pra nós! — gritaram os mais velhos, começando a bater palmas ritmadas.

O Papa George aproximou-se da Mama Mae.

— Mae — disse, curvando-se numa reverência — , vamo mostrar pra garotada que nós inda sabe dançar.

Fazendo ar de quem hesitava, ela se levantou e, quando o marido a levou para o terreiro, todos deram vivas. O Papa George se curvou para a frente e a Mama Mae lhe fez uma mesura, enquanto começava a melodia animada. Ele foi repetindo cada passo que a Mama fazia, e vi que se divertia na tentativa de adivinhar qual seria o movimento seguinte.

Outros casais dançaram depois deles, mas nenhum gerou a mesma empolgação, até chegar a vez da Belle com o Ben. Ela pareceu tímida ao fazer uma grande mesura, mas, quando levantou os olhos para o Ben, ele deu uma piscadela. Ao que ela respondeu com uma batida forte no chão, que deu o ritmo de uma dança impetuosa.

Entreouvi umas mulheres conversando atrás de mim.

— Ela é fia dele, isso ela é — disse uma. — De cor clara mesmo.

Dory, sentada ao lado da Mama Mae, também ouviu. Virou-se para trás e as encarou:

— A Belle é boa moça. Não tem culpa de quem é o pai dela.

— Nós sabe que a Belle é boa moça — retrucou a que tinha falado. — Nós só tava dizendo que ela podia passar por branca.

— Passar pra quê? — perguntou Dory, com voz áspera. — Esta é a família dela. Ela ia pra onde? Aqui é a casa dela. Ela nasceu e cresceu

aqui.

Ao ouvir o tom da Dory, a Mama Mae já ia entrar na conversa, quando uma figura escura e magra, encolhida nas sombras, chamou sua atenção. Era o Jimmy, o pai do bebê Henry. Fez sinal para a Dory, que, quando o viu, quase caiu por cima da Beattie, na pressa de ir para o arvoredado escuro atrás dele.

— Ocê toma cuidado — cochichou a Mama Mae, quando a Dory se afastou. Depois que os dois saíram de mansinho, uma mulher excepcionalmente preta e magra feito um caniço aproximou-se da Mama. As mãos nervosas esfregavam a barriga redonda e protuberante. Fanny a identificou para mim como a mãe do Jimmy, Ida.

— Que é que nós vai fazer, Mae? — perguntou Ida, com uma olhadela para trás. — O Rankin diz que vai matar o meu Jimmy, se ele chegar perto da Dory de novo.

— Eu falo com o capitão — disse a Mama Mae. — Percuro ele antes de ele viajar. Vou pedir pra eles pular a vassoura.

— Ocê sabe que eles num quer os home do acampamento se metendo com as muié da casa-grande. Ocê sabe disso, Mae — disse Ida.

— Aqueles dois não fica longe um do outro, isso é que eu sei — retrucou a Mama. — Vou dizer pro capitão que o Jimmy é um bom homem pra Dory. O capitão sempre gostou da Dory.

— Se o capitão falar que sim, o Rankin num vai gostar — disse Ida.

— Aquele capataz não gosta nem dele mesmo, como é que vai gostar de outra coisa? — comentou a Mama.

A conversa parou de repente quando, como se tivesse ouvido a deixa, o capitão apareceu à luz da fogueira, acompanhado pelo cunhado corpulento. Marshall e outro homem vinham atrás. A música parou.

— Não parem! — gritou o capitão, levantando mais dois garrafões de uísque de milho acima da cabeça. — Algum de vocês quer mais um pouco disto?

Ouviram-se vivas e a música recomeçou.

— Aquele é o Seu Waters, o preceptor — cochichou Fanny no meu ouvido, apontando o homem parado atrás do Marshall.

O homem de aparência esquisita captou minha atenção. Apoiava firmemente a mão no ombro do Marshall e olhava com arrogância para o pessoal do acampamento e os arredores. De vez em quando, inclinava-se para dizer alguma coisa ao Marshall, e fiquei impressionada com o ar aflito do menino, embora ele não fizesse nenhum movimento para se afastar. Hoje percebo que, ainda pequena, adivinhei a natureza perversa daquele homem e, mesmo sem compreender, intuí a cilada em que o Marshall estava preso.

— Vai chamar a Dory e o Jimmy — disse a Mama Mae ao Ben, que correu para a mata escura.

O capitão correu os olhos pelo círculo externo até pousá-los na Belle.

Não fez nenhuma pausa, aproximando-se dela na mesma hora.

— Belle — cumprimentou-a — , você está linda.

— Obrigada — disse ela em voz baixa, olhando para o chão.

O capitão virou-se para a Mama Mae, que estivera sentada ao lado da

Belle, mas que, nesse momento, pôs-se de pé.

— Mae — disse ele — , foi esplêndido o banquete que você e a sua família nos proporcionaram hoje.

— Sim, sinhô, capitão — veio a resposta.

— A sua família tem tudo de que precisa para uma boa comemoração? — perguntou ele.

— Nós tem bastante, capitão, com certeza — respondeu a Mama Mae.

— Ótimo, ótimo — falou ele e, como se não soubesse mais o que dizer, virou-se para contemplar os dançarinos.

— Capitão? — Ouvi a voz da Mama Mae.

Ele se virou.

— Pois não, Mae?

— Capitão, eu preciso falar com o sinhô. É sobre a Dory.

— Mae, eu já soube do bebê. Senti muito pela notícia.

— Num é esse o problema, capitão. A Dory tá querendo casar com o

Jimmy, daqui do alojamento. Ele é o pai do neném.

— Bem, Mae, quanto a isso, não sei. O Rankin andou me falando sobre casar o Jimmy com outra moça. Ele parece achar que a Dory é uma complicação para o Jimmy, não é?

— Eu acho que nisso ele tá errado — disse a Mama Mae.

— Você acha, Mae? — perguntou o capitão.

— Acho que é bom pra eles pular a vassoura — respondeu ela. — O George também acha.

— Bem, Mae, você e o George são como a minha família, e a Dory significa tudo para D. Martha. Acho que podemos fazer uma concessão nisto. Mas o Jimmy teria de continuar no campo, e a Dory teria de morar na casa-grande.

— Tá muito bem — disse a Mama Mae.

— E quando eles querem fazer isso? — indagou o capitão.

— Assim que o sinhô mandar — respondeu a Mama.

Ele riu.

— Vamos fazer o seguinte, Mae. Se você acha que isto é uma boa ideia, eles podem se casar aqui hoje. Assim fica bom para você?

— Fica muito bom pra todo mundo — disse a Mama — , mas pode ser que não fica bom pro seu Rankin, não é?

— Ele vai voltar dentro de uns dois dias. Então conversarei com ele. Não se preocupe, Mae, eu cuido disso. Agora — continuou, olhando em volta — , onde está o jovem casal?

Por sorte, Ben os havia encontrado e os dois estavam juntos ao lado do Papa George. A Mama Mae fez sinal para se aproximarem e eles

vieram, com o Papa George à frente.

— Dory, a sua mãe me disse que você quer se casar com esse rapaz aqui — disse o capitão.

Dory estivera chorando outra vez. Tinha os olhos quase fechados de tanto inchaço, mas assentiu com a cabeça.

— E você, Jimmy, quer pular a vassoura com a Dory? — perguntou o capitão.

— Sim, sinhô, capitão, quero muito — disse Jimmy.

— Alguém traga uma vassoura — gritou o capitão — , porque vamos ter um casamento.

A música parou e as pessoas se juntaram em roda. Houve um murmúrio de vozes baixas e alguém apareceu com uma vassoura.

— Agora, deem a mão, vocês dois — o capitão instruiu Dory e Jimmy — para que eu realize a cerimônia.

A vassoura foi colocada diante do casal; o capitão perguntou se eles seriam bons um para o outro, se não se entregariam a outras pessoas e se teriam uma porção de filhos. Os dois responderam que sim e ele mandou que pulassem a vassoura. Os noivos deram as mãos e pularam juntos, mas, quando Jimmy tropeçou, todos riram, inclusive o capitão.

— Bem, Jimmy — disse ele — , você sabe quem vai dar as ordens nessa família.

E assim foi. A Belle me disse que eles estavam casados.

— Agora, vamos comemorar! — exclamou o capitão, que mandou o Ben procurar o tio Jacob na casa-grande e buscar mais bebida. A música recomeçou e fiquei surpresa ao ver o capitão se aproximar da Belle, estendendo-lhe a mão: — Belle, aceita dançar comigo?

Belle se levantou. Quando os dois se aproximaram da área da dança, os outros casais recuaram e, à medida que foram saindo, restaram apenas o capitão e a Belle. Fez-se silêncio enquanto os dois se moviam juntos, os pés deslizando ao som pungente de uma rabeca solitária. Quando Belle ergueu os olhos para ele, tinha o belo rosto

enrubescido pelo conhaque. O capitão a fitou com orgulho e, ao guiá-la pelo círculo da fogueira, deixou claro o amor que sentia por ela.

Procurei o Ben, mas não consegui achá-lo. E então vi o Marshall. O preceptor tinha ido embora e o menino estava sozinho, observando o casal que dançava. Senti um calafrio ao ver sua expressão de ódio.

CAPÍTULO 6

Belle

SE A D. MARTHA CONTINUAR me perturbando, uma hora dessas eu conto a verdade pra ela. O problema é que, se eu fizer isso, o capitão com certeza me manda embora.

O Natal é sempre a pior época pra mim. É do que eu mais me lembro de quando morava lá na casa-grande. E agora o Marshall dorme no meu antigo quarto.

O tio Jacob sabe a história da minha mãe de verdade. Disse que o capitão, com 34 anos e ainda solteiro, estava lá em Richmond, andando pelo pátio onde havia uma venda de negros. Ele viu uns homens futucando uma mulher, que estava trepada no caixote com ar altivo, olhando pra longe, como se ela fosse a árvore e eles, a terra. Quando o capitão disse “ Vou levá-la” , todo mundo riu, dizendo: “ É melhor tomar cuidado. Essa é do tipo que mata o sujeito enquanto ele está dormindo.”

Quando o capitão trouxe a mulher pra cá, a mãe dele, Sra. Pyke, estava muito doente. Minha mãe preta sabia como usar as plantas e fez a Sra. Pyke ficar boa. O capitão passou aquele período aqui e, imagine só, foi aí que eu cheguei. Mas, quando eu nasci, a minha mãe teve uma febre e morreu. Dizem que o capitão ficou transtornado, como se ela fosse branca.

O Ben nasceu no mesmo ano que eu, 1773, e assim, quando a Sra. Pyke viu que a Mama Mae estava amamentando, trouxe-a do acampamento pra ela me dar de mamar também. A Mama era muito trabalhadora e num instante estava ajudando o tio Jacob na casa-grande, depois cozinhando na casa da cozinha. Acontece que o Papa George já trabalhava nos celeiros.

O tio disse que eu fui que nem a luz do dia para a Sra. Pyke. Minha avó me mostrou que há sempre alguma coisa pra aprender, que todo mundo tem alguma coisa pra ensinar. Fez o tio Jacob nos mostrar como escrever em árabe, e escutávamos o que ele nos contava sobre a sua tribo fula e o seu Alá.

Depois que a Sra. Pyke morreu, tudo mudou. Quando ela era viva, a casa-grande era a minha casa.

A Dory sempre fala de como a D. Martha muda quando o capitão está em casa, mas contou que o que a deixou mais surpresa ainda foi ver como a D. Martha parece outra mulher com a irmã dela em casa. Disse que nunca a viu tão feliz.

A Dory ainda tem saudade do bebê Henry, mas pular a vassoura com o Jimmy fez bem a ela. A Mama disse:

— Graças a Deus. Eu vivia com medo de alguém pegar aqueles dois junto. Pra minha surpresa, a Mama Mae me perguntou sobre o Ben:

— Vi ocês dois dançando, e aquilo me disse umas coisa.

— E a senhora e o Papa George? Os dois na casa dos 40, e ainda dançando daquele jeito. Isso também me diz alguma coisa.

A Mama não riu.

— Isso não responde o que eu tô perguntando, Belle.

Levantei para começar a cozinhar.

— Pode ser que o Ben seja o meu escolhido.

— Belle, é melhor ocê tomar cuidado. Ocê sabe que o capitão vai te dar os papel da alforria e quer levar ocê embora daqui.

Não lhe contei que o Ben e eu já nos beijamos. Quando a gente era pequeno, o Ben era meu melhor amigo, mas este ano ele tá mais calado e me olha de um jeito todo diferente. Isso me faz sorrir, porque aí eu me lembro. Um dia, lá no galinheiro, ele me pegou e me puxou pra me dar um beijo. Eu disse: “ Não, Ben.” Ele pareceu magoado, como se eu não quisesse ele. Aí, peguei o seu rosto meigo entre as mãos e lasquei um beijo tão gostoso que ele me empurrou.

— Ocê não sabe o que tá fazendo comigo? — perguntou.

— Você não gosta do meu jeito de beijar? — perguntei, fazendo troça. — Belle, ocê sabe que eu te quero — disse ele.

E começou a falar em pular a vassoura, mas aí voltei correndo para a casa da cozinha. Nós dois sabemos que, desde que eu era pequena, o

capitão sempre disse que um dia vai me levar pra Filadélfia.

E agora, toda vez que vem em casa, o capitão fala em fazer planos. Mas eu sempre choro e digo: “ Espere, não me faça deixar minha casa, por favor.” Ele não sabe o que dizer quando eu choro, e aí vai embora e eu vou ficando. Mas ele sempre me faz prometer não me envolver com nenhum homem, e tenho cumprido essa promessa. Até agora.

CAPÍTULO 7

Lavinia

EMBORA OS HÓSPEDES TENHAM passado mais duas semanas na casa-grande, Belle e eu ficamos ocupadas na cozinha e não tivemos mais contato com eles. Uma noite, antes de eles partirem, entreouvi uma conversa entre o tio Jacob e a Belle. Estavam falando da D. Martha.

— Num sei o que ela vai fazer quando acabá essas festa — disse o tio Jacob. — A irmã dela vai embora e o capitão vai viajar de novo. D. Martha vai cair de cama, ah, se num vai. Num sei o que aquele homem tem na cabeça, pra torná a deixar essa muié sozinha.

De acordo com tio Jacob, o capitão vem fazendo isso desde que a trouxe para cá, recém-casada, achando que ela assumiria a direção da fazenda, do mesmo jeito que a mãe dele a assumira.

— Ele tem seus negócios na Filadélfia e em Williamsburg — Belle defendeu o capitão.

— Eu sei, Belle. Mas já tá mais que na hora de ele ficá aqui. A D. Martha não entende nada de cuidar deste lugar. A Dory me disse que toda vez que ele viaja, ela toma cada vez mais daquelas gota. E a D. Martha não desgruda da garotinha, a Sally. A única pessoa a quem ela confia aquela criança é a Dory.

— Ela tem muito medo de perder mais um. A Mama disse que a D. Martha não tem funcionado direito desde que perdeu aquele último bebê — retrucou Belle.

— Só sei é que tá na hora do capitão ficá por aqui e prestá atenção no que tá acontecendo. Aquele tal de Rankin num presta lá no acampamento, e esse tal de tutor não vale nada, com certeza.

— Algum problema com o preceptor? — perguntou Belle.

— Tem alguma coisa esquisita com aquele home — respondeu o tio.

— O que o senhor quer dizer?

— Pra que o home percisa trancar a porta quando ensina os livro ao sinhozinho? Não sei o que tá acontecendo, mas já ouvi o menino chorar mais de uma vez, quando eu passava pela porta. Falei com o capitão, mas ele me disse que o sinhozinho percisa de disciplina, que tá na hora de ele estudar os livro, pra poder cuidá deste lugar quando crescer.

Belle deu um suspiro.

— Também tá na hora do capitão fazer alguma coisa por ocê — disse tio Jacob.

— Bem, eu estou chegando à conclusão de que não quero ir embora — disse Belle. — Ele simplesmente vai ter que falar com a D. Martha. Não sei por que está querendo me tirar daqui agora!

— Belle, ocê tá ficando muito veia pra continuar aqui. A D. Martha sempre achou que ocê era filha da Mae. E agora, quando o capitão vai lá na casa da cozinha, cheio dos pente e das fita pra te dar, ela fica imaginando coisa. Tá na hora de ele te dar os papel da alforria. Ele tá certo, Belle. Tá na hora de tirar ocê daqui.

— Todo mundo vive dizendo que eu tenho que ir embora. Mas vocês todos se esquecem de que aqui é a minha casa! Vou dizer ao capitão que eu vou ficar, talvez até me case com o Ben.

— O Ben! Ocê toma cuidado! — disse o tio Jacob com voz áspera. — Desde que ocê era pequena, sabe que o capitão tem outras ideia pr' ocê.

— É melhor eu terminar o expediente por hoje — retrucou Belle, encerrando a conversa.

Quando ela se deitou, enrosquei-me na cama ao seu lado. Ela não se virou para mim, mas percebi que estava chorando, por isso fui dando tapinhas nas suas costas, como ela sempre fazia comigo. Mas não sei direito se acertei, porque parece que os meus esforços para consolá-la só a fizeram chorar ainda mais.

Quando os hóspedes se foram, a dona da casa surpreendeu a todos com seu contínuo bom humor. O capitão permaneceu em casa até meados de fevereiro, mas, dessa vez, para espanto de todos, D. Martha

continuou bem-humorada depois que ele partiu. Antes da viagem, o capitão autorizou o Papa George a trazer o Jimmy para trabalhar com ele nos celeiros, e a Dory voltou a sorrir. Aos poucos, D. Martha foi aceitando a Fanny como babá alternativa da menina Sally, deixando a Dory livre para ficar mais tempo com a patroa.

Soubemos que a primavera tinha chegado quando as galinhas puseram ovos e nasceram pintinhos. Eu não poderia estar mais empolgada. A Fanny, obrigada a permanecer dentro de casa com sua pupila, ficou impaciente.

— Aquela Sally é só uma garotinha mimada — disse-nos, mas não soou muito convincente, porque sabíamos quanto gostava da menina de cabelos dourados.

Para nosso espanto, numa cálida manhã de primavera, Fanny apareceu na porta da cozinha, trazendo a Sally pela mão.

— A D. Martha deixou a gente ver os pintinhos — informou.

Belle e a Mama Mae se entreolharam.

— Cadê o sinhozinho Marshall? — perguntou a Mama.

— Está estudando — respondeu a menininha.

— Estudando o quê, dona Sally? — Mama Mae quis saber.

— Livros — respondeu a menina. — Ele tem um preceptor, o Sr. Waters, mas o Marshall e eu não gostamos dele. — Virou-se para Fanny e indagou: — Você gosta do Sr. Waters, Fanny?

Fanny olhou para a mãe, assustada.

— Por que não vamos ver os pintinhos? — disse a Mama Mae.

Em sua empolgação, a menininha disparou à frente. Sua touca branca, tão grande que apenas uns cachinhos louros escapavam pelas costas, foi batendo em seu rosto, e ela levantou os bracinhos gorduchos para segurá-la no lugar enquanto corria. Ao fazer isso, as anáguas brancas apareceram por baixo do vestido cor-de-rosa, e as fivelas douradas dos sapatos também rosados cintilaram, como se o sol as acendesse.

Logo a alcançamos e, chegando ao galinheiro, a Fanny levou a menininha para um trecho relvado e a sentou com cuidado na grama. Em seguida, entrou no galinheiro e pegou um dos pintos, arriscando-se a levar uma bicada de uma mamãe galinha. Sally esperou pacientemente até a Fanny colocar a ave amarela em suas mãos estendidas.

— Não aperta com força — avisou Fanny — , senão é fácil você matar ele. A garotinha pareceu parar de respirar.

— Ah, é tão macio, Fanny! — murmurou.

— É porque ele é pequenininho — explicou Fanny à pupila.

— Igual a mim — disse Sally. — A mamãe diz que eu ainda sou a neném dela. E que vou continuar sendo, mesmo quando o novo neném chegar. — A sua mamãe vai ter outro bebê? — perguntou a Beattie.

— Vai — a menininha meneou a cabeça — , um neném de verdade. E a mamãe disse que eu posso pegá-lo no colo. Você também pode, Fanny — ofereceu ela, generosamente.

Nós nos demoramos mais um pouco, porém Mama Mae ficou por perto observando, inquieta, até que a Fanny acompanhasse Sally em segurança de volta à casa-grande.

— Eu vou voltar! — gritou a menina, virando-se para nós que acenávamos do terreiro da cozinha.

Ela cumpriu sua palavra. A partir desse dia, quando o tempo deixava, Fanny trazia sua nova pupila para nós. O balanço era a grande alegria da sinhazinha Sally, e todas nos revezávamos para empurrá-la. Marshall não aparecia com frequência. As poucas vezes que o víamos era quando a irmãzinha conseguia convencê-lo a empurrá-la no balanço. A menina o adorava, e era visível que o irmão também era apaixonado por ela.

Durante a primavera, e o verão que veio em seguida, todos nos apaixonamos pela sinhazinha Sally, que era uma criança generosa e gostava de se divertir, desprovida de qualquer pretensão. Insistia em trazer suas bonecas e sua louça de porcelana da casa-grande e sempre

adorava compartilhá-las. Somente a Belle mantinha distância da menina.

— Você não gosta de mim? — Sally lhe perguntou, um dia.

Belle a fitou e a menina enfrentou seu olhar com olhos inquisitivos e bem abertos. Por um minuto, pensei que a Belle fosse chorar. Depois, ela respondeu:

— Ora, é claro que gosto, Srta. Sally.

— Ah, que bom — disse a garotinha — , porque às vezes você parece não gostar.

— Deve ser quando estou com dor de cabeça — disse a Belle.

— Você também tem dor de cabeça? A mamãe tem dor de cabeça o tempo todo. Dói muito. Quando eu crescer, eu torço pra nunca ter dor de cabeça.

— Não terá, com certeza — disse Belle.

Em seguida, ofereceu à menina um punhadinho de passas, e ficou observando enquanto ela chegava a cada uma de nós com a mão aberta, dividindo generosamente. Então vi que a Belle também tinha sido conquistada.

Naquele verão, as gêmeas e eu não tivemos muitas horas de folga, mas uma dessas ocasiões foi uma tarde no fim de agosto. À sombra das copas das árvores, na floresta, nós três nos deitamos num leito de folhas de pinheiro, conversando sobre a notícia empolgante de que tanto a Dory quanto D. Martha iam ter bebês.

— Como foi que isso aconteceu? — admirei-me, em voz alta.

Fanny sentiu-se à vontade para compartilhar uma teoria que me chocou. Depois que a Beattie confirmou esse conhecimento, nós três refletimos sobre ele em silêncio. De repente, a Fanny sentou-se e virou a cabeça, aguçando os ouvidos. Então, a Beattie e eu também ouvimos. Todas reconhecemos a voz suplicante do Marshall. À medida que ela ficou mais alta, escutamos um adulto mandando-o ficar quieto.

— Quer que eu pegue a sua irmãzinha no seu lugar, da próxima vez?

— Não, não, deixe-a em paz. Eu vou me comportar, eu vou me comportar — disse Marshall.

Não sei quem levou um susto maior, quando o Marshall foi empurrado para a nossa clareira. Ele pareceu ao mesmo tempo aliviado e apavorado por nos ver. A surpresa furiosa do preceptor, ao deparar conosco, cintilou em seus olhos espremidos.

— Ora, ora — disse, enxugando os cantos da boca úmida — , parece que temos companhia.

— Saíam daqui — sibilou Marshall.

As meninas correram, mas alguma coisa na aflição do Marshall me fez ficar.

— Venha com a gente — pedi, puxando-o pelo braço, mas ele parecia enraizado no chão.

O Sr. Waters se aproximou, risonho.

— E o que temos aqui? — perguntou.

Estendeu a mão e segurou meu braço, mas o Marshall, num ímpeto de raiva, puxou o preceptor e gritou para eu ir embora. Fiquei tão apavorada que saí correndo.

As meninas já tinham encontrado o Papa George no celeiro grande. Quando explicaram por que tinham ido chamá-lo, ele não esperou que terminassem, apenas pegou um forcado e partiu para a mata. Antes que atravessasse o rio, porém, o tutor e Marshall apareceram. Marshall lançou um olhar de súplica ao Papa, ao vê-lo seguindo na sua direção. Eu não sei o que o Papa George disse, mas foi algo que fez o rosto do preceptor ganhar um tom vermelho-vivo.

— Este menino é responsabilidade minha! — gritou ele. — Você não passa de um negro do celeiro. Se não tomar cuidado, eu o ponho para trabalhar no campo.

— Papai, tá precisando de ajuda? — ouvimos a voz do Ben, que veio depressa dos celeiros.

Estivera trabalhando na forja, um trabalho quente num dia escaldante. Um avental de couro preto lhe cobria a frente do corpo, para

protegê-lo das centelhas quando ele batia o ferro incandescente. Riscas negras de carvão marcavam seu rosto escuro e suado, e ele segurava o martelo da forja que usava para moldar o metal. Com os ombros largos e o porte ereto, caminhava com ar de guerreiro.

O Papa George virou-se.

— Tá tudo certo, Ben. Eu tava só dizendo a esse homem que nós cuidamo do sinhozinho Marshall.

O Sr. Waters viu Ben se aproximar e puxou Marshall consigo, virando-se depressa em direção à casa-grande. Ben fez um movimento para segui-lo, mas o Papa George segurou o braço do filho e murmurou, em tom urgente:

— Ben! Espera!

Fiquei ali, incapaz de tirar os olhos do Ben, enquanto ele observava o preceptor que desapareceu na casa-grande. A fúria havia transformado o homem gentil que eu conhecia. Seu pescoço estava inchado. Ele falou por entre os dentes cerrados, e não reconheci sua voz:

— Me deixa ir, pai! Tenho que acertar isso.

— Não, Ben. Isso é o que ele tá esperando. Num instante ele chama o Rankin aqui. O Rankin mata ou vende ocê, e depois inventa uma história pro capitão. D. Martha vai ter neném a quarquê hora, e o capitão disse que vinha pra isso. Inté lá, a gente espera e vigia o mió que puder.

Quando o Papa George fez o Ben voltar para os celeiros, corri para a segurança da cozinha, onde encontrei a Belle. Atirei-me na cintura dela e fiquei agarrada. Nessa noite, mais uma vez, tudo me apavorou. Fiquei deitada no escuro ao lado da Belle, tentando entender o que havia acontecido. Não tinha palavras para descrever o meu medo e experimentei uma sensação terrível de mau presságio.

Eu estava alegremente distraída quando, no fim de setembro, a Dory teve uma menina. Nas semanas seguintes, desfrutou do luxo de passar suas horas de trabalho na cozinha, e tive permissão para ajudar a cuidar da neném.

Ela recebeu o nome de Sukey e era completamente diferente do bebê Henry, que vivia gritando. Essa criança preta, de rosto redondo, era como uma boneca para mim, e eu me deleitava com ela. A Mama Mae assumiu as funções da Dory na casa-grande e, dia após dia, contava como era lidar com a frustração de D. Martha, confinada ao leito.

— Em mais umas duas semanas o bebê chega — Belle lembrou à Mama. — E, graças a Deus, o capitão prometeu pra D. Martha que vem pra casa antes desse dia — retrucou a Mama.

A Fanny já tinha a responsabilidade quase exclusiva pela Srta. Sally. Quase todas as tardes ela a levava para a área da cozinha, onde eu e as gêmeas a entretínhamos com brincadeiras. A garotinha estava apaixonada pela filhinha da Dory e ficou encantada quando a deixaram segurá-la. Uma manhã, ela nos surpreendeu a todos, aparecendo no terreiro da cozinha acompanhada pelo Marshall. Fanny vinha atrás deles, sem jeito.

O Ben, que tinha vindo dos estábulos, estava atrás da casa da cozinha, cortando lenha para a fogueira ao ar livre da Belle. Beattie e eu voltáramos a ser suas dedicadas ajudantes, carregando a lenha para a Belle usar, enquanto ela mexia e cozinhava a primeira manteiga de maçã da estação.

— O Marshall pode ver a neném? — perguntou Sally à Belle.

— Pode sim — Belle a orientou. — A Dory está na casa da cozinha.

Marshall parecia constrangido, mas demonstrou interesse quando a Dory levou a neném à porta da casa da cozinha para que ele a visse.

— É bonita — disse o menino, parecendo sincero.

— Obrigada, sinhozinho Marshall — retrucou Dory.

— O nosso bebê vai ser igual a esse? — perguntou Sally ao Marshall.

Após um silêncio, ele meneou a cabeça e disse:

— Não.

— Por quê? — perguntou Sally, surpresa.

— Porque não vai — resmungou ele, e ficou vermelho.

— Mas eu quero um bebê igual a esse.

— Bem, você não pode ter um desses — disse Marshall, já irritado com a irmã.

Sally começou a choramingar:

— Eu quero um bebê igual a esse.

Belle pôs de lado a pá com que mexia as maçãs e veio agachar-se ao lado da Sally.

— Onde você arranhou essa coisa bonita que está no seu braço? — perguntou, no esforço de distrair a menina. Funcionou.

— Foi papai que me deu no Natal. Olhe, é um retrato dele — disse Sally — , virando a miniatura pintada para que Belle pudesse ver melhor. O pingente tinha a borda de ouro e ficava amarrado ao pulso por uma fita de veludo cor-de-rosa.

— É muito bonito — disse Belle, baixinho.

— Anda, Sally, vamos embora — chamou Marshall, impaciente, puxando-a pelo braço.

A garotinha lembrou-se da neném e empurrou o irmão.

— Belle, eu posso ter um bebê igual a esse? — perguntou.

Belle a tranquilizou:

— A sua mamãe vai ter um bebê lindo, tão bom quanto este.

— Ela vai, Belle? — perguntou Sally.

Belle confirmou com a cabeça.

— Sim, vai, sim.

— Viu? — disse Sally ao irmão. — Viu? A Belle disse que ele vai ser igualzinho a esse.

Marshall lançou um olhar furioso para Belle e se afastou. A irmãzinha, atenta à insatisfação do irmão, correu atrás dele. Fanny os seguiu, mas a Beattie e eu ficamos junto à pilha de lenha com o Ben, vendo os três caminharem em direção à casa-grande. Sally chegou ao carvalho e, com esforço, sentou-se em seu balanço.

— Marshall! Me balança! — gritou, batendo com os pés. Marshall a ignorou e continuou andando em direção à casa.

Fanny foi até ela, mas a menina insistiu em querer o irmão.

— Vem, Marshall! Me empurra no balanço! — pediu.

Ele fingiu não ouvir os apelos. Então, a garotinha avistou o preceptor, parado à porta dos fundos da casa-grande, e mudou de tática:

— Sr. Waters, Sr. Waters! — chamou. — Diga ao Marshall para me empurrar no balanço.

Marshall parou e ergueu os olhos. Viu o preceptor dar alguns passos e voltou depressa para junto da irmã. Quando chegou ao balanço, segurou o assento e o empurrou com fúria, quase derrubando Sally.

— Marshall! — gritou a menininha. — Não tão forte!

Ele tornou a empurrá-la, com mais força ainda. Assustada, Sally o chutou e lhe pediu que parasse, mas ele deu outro empurrão, como que instigado pela reclamação da irmã. Quando a menina soltou um grito agudo, Belle subiu a encosta correndo. O Ben também foi, disparando atrás dela. A Belle gritou “ Pare, pare!” para o Marshall, e a Fanny correu para ele, usando a força do corpo para derrubá-lo no chão, mas não antes de ele conseguir dar um último empurrão violento. O balanço voou, atingiu uma altura crítica e sacudiu antes de descer.

Ninguém soube ao certo se a criança caiu ou pulou. Quando bateu no chão, houve um estalo audível. Ela ficou imóvel, com a cabeça jogada para trás do tronco e os bracinhos abertos, como que a dar boas-vindas ao céu.

Até os pássaros pararam de cantar.

CAPÍTULO 8

Belle

NA PRIMEIRA VEZ QUE VI aquela garotinha, a Sally, não gostei dela, só por ser quem era. Embora fosse minha irmã, eu não podia lhe dizer isso. E, só por ser toda branca, ela nunca seria transferida para a casa da cozinha, como eu. Mas neste verão, depois que conheci a menina, vi que tinha o mesmo jeito da Beattie, risonha e contente na hora de dar o que era seu. Depois de algum tempo, passei a gostar dela e pensei: talvez, quando ela for mais velha, eu mesma lhe conte que somos irmãs. E então, assim, de repente, a menina se foi. Depois que a Sally morreu, a Mama Mae me mandou lavá-la e vesti-la com seu melhor vestido.

— Não, Mama, por favor, deixe a Dory fazer isso — pedi.

Mas ela disse:

— Belle, ocê sabe como a Dory ama aquela menina. E depois, ela tá amamentando, e pode ser que isso faça o leite secar. — Depois, a Mama olhou bem pra mim e falou: — Mas ocê inda tá querendo que a Dory cuide disso. Eu vou chamar ela aqui.

— Não, Mama, a senhora tem razão. É só que eu não gosto de tocar numa coisa que não tem vida.

— Ninguém gosta — retrucou ela.

Quando lavei essa criança, ela era macia que nem filhote de passarinho. Não parece certo ir pra baixo da terra. Quando limpei seu bracinho, tirei a pulseira com o retrato do capitão e a botei no meu bolso, achando que agora era minha; mas comecei a chorar e a peguei de novo, pois sei que aquilo nunca foi meu, assim como sei que nunca poderei morar na casa-grande. Quando o tio Jacob chegou, eu chorava tanto que dei um pulo ao sentir seu toque no meu ombro.

— Vamo, Belle, todo mundo morre, uma hora ou outra — disse ele. Mas seus próprios olhos tavam molhados quando terminamos. — Ela é uma boa menina — ele ficou repetindo.

Ao acabarmos, dei-lhe a pulseira. Ele a olhou, depois olhou pra mim. Balançou a cabeça, cheio de tristeza, como se soubesse tudo que eu estava pensando, e pôs a pulseira no bolso.

CAPÍTULO 9

Lavinia

DISSERAM QUE OS GRITOS de D. Martha pela filha foram ouvidos pelos trabalhadores até nas lavras do campo. Assim que a Mama Mae lhe deu a notícia terrível, ela entrou em trabalho de parto.

A Fanny, certa de ter sido a causa da morte da Sally, não conseguia parar de tremer e não soltava a Beattie. A Mama Mae fez a Dory levá-las para a cozinha, dar uma dose de conhaque à Fanny e ficar com ela. O Papa George carregou a menina Sally para a casa-grande, enquanto o preceptor levava Marshall, aturdido, para o quarto. Tio Jacob e Belle ficaram com o corpo da menina enquanto Ben saiu para buscar o médico. Fui a única que restou para ajudar a Mama Mae quando o bebê Campbell nasceu.

Parei no vão da porta, tremendo, sem saber direito se os gritos agoniados de D. Martha eram pela Sally ou por causa das contrações. A Mama Mae me chamou para o seu lado, mas, quando D. Martha deu outro grito ensurdecedor, fiquei paralisada e minhas mãos voaram para minhas orelhas. A Mama se aproximou, segurou meu braço e cochichou no meu ouvido:

— D. Martha acabou de perder uma fia, ocê quer que ela perde esse neném? Ocê tá aqui pra ajudar, e num ajuda ninguém desse jeito.

A raiva da Mama Mae me afetou mais que o pavor dos gritos de D. Martha, por isso aceitei a toalha úmida que ela me entregou.

— Vai enxugar a cabeça dela, Abinia. Calma, D. Martha. Devagar agora pra fazer força, vamo fazer força com calma, isso!

Pelo que aprendi desde então, foi um parto rápido, mas, naquela tarde, a agonia de D. Martha pareceu durar uma eternidade. Por fim, o bebê nasceu.

— Abinia, me dá o cordão, agora pega a tesoura, corta aqui, não tenha medo, ocê não tá machucando ele. Tudo bem, me dá o cobertor.

Minhas mãos tremiam, mas consegui fazer tudo até o fim.

O bebê tossiu e se engasgou enquanto Mama Mae o limpava, depois começou a chorar. Lágrimas de alívio e deslumbramento rolaram pelo meu rosto e, sem conseguir contê-las, enxuguei-as com as costas da mão. A Mama Mae embrulhou o neném numa manta e o levou para a mãe dele.

— É um menino, D. Martha — disse — , um menino grande e forte.

— Não! — disse D. Martha, empurrando a Mama Mae e o bebê que chorava.

Virou o rosto para o outro lado e fechou os olhos.

— Toma, Abinia, ocê segura ele — disse a Mama, fazendo sinal com a cabeça para eu me sentar numa cadeira. Eu fungava alto e ela sussurrou, em tom urgente: — Abinia, não é hora de chorar. Ocê tem que segurar bem esse bebê. Vem cá. Tô percisando de ocê aqui.

Mais uma vez, me recuperei. Decidida a ganhar a aprovação da Mama Mae, estendi as mãos para o neném:

— Eu posso segurar ele, Mama.

Instintivamente, comecei a embalá-lo, até ele se acalmar. Enquanto a Mama Mae cuidava da D. Martha, olhei para o neném que me fora confiado. Quando suas mãos se mexeram no ar, notei as unhas minúsculas e vi seu tom arroxeadado tornar-se cor-de-rosa. Mal pude acreditar naquelas feições em miniatura e, quando os olhinhos se abriram, concentraram-se em mim. A boquinha se mexeu como se tentasse falar e, vindo do fundo do meu coração, o amor me fisgou.

A Mama Mae insistiu nas tentativas de fazer a D. Martha segurar o filho; toda vez que ela o rejeitava, eu mal podia esperar para pegá-lo no colo de novo. O alívio da Mama foi evidente quando chegou a carruagem do médico. Primeiro ele parou no quarto das crianças, para ver sinhazinha Sally, depois, com o rosto lívido, foi ver D. Martha. Examinou-a, embora ela não respondesse a nenhuma de suas perguntas. Em seguida, o médico chamou a Mama Mae num canto. Tirou da maleta um frasco marrom de um líquido escuro e deu algumas instruções:

— Você sabe como usar essas gotas, Mae. Dê o suficiente para ela dormir até... — Fez sinal com a cabeça para o quarto das crianças.

O neném começou a se agitar e o médico se aproximou de onde eu estava sentada com ele.

— Você terá de trazer alguém do acampamento para amamentá-lo. Tem alguém? — perguntou, dirigindo-se à Mama Mae.

— A minha filha Dory tá de neném novo — a Mama apressou-se em dizer. — Ela dá de mamar a este também.

O médico examinou o recém-nascido; afagou o cabelo fino e louro do menino, e eu me perguntei se a Sally ia achá-lo tão bonito quanto a neném da Dory. Com um susto, lembrei-me de que ela estava morta.

— O sinhozinho Marshall tá carecendo de cuidado — disse a Mama Mae ao médico.

Levou-o pelo corredor e bateu à porta até o preceptor abrir. O Sr. Waters convidou o médico a entrar, mas fechou a porta, deixando a Mama Mae do lado de fora. Ela voltou com uma expressão sombria. Pouco depois, ouvimos o médico e o preceptor conversando, enquanto desciam a escada. Quando se trancaram na biblioteca, a Mama Mae cruzou o corredor para ver como estava o Marshall, mas voltou dizendo que ele tinha adormecido. Tirou o bebê de mim e me mandou buscar a Dory.

Não sei por que, mas em vez de usar a porta dos fundos, saí pela da frente. Talvez porque ela estivesse aberta; com certeza, eu estava desorientada por causa do trauma daquele dia. Parei por um instante na varanda da frente, surpresa com a normalidade de um pôr do sol dourado. Desci os degraus da entrada, passei pela lateral da casa e afrouxei o passo, com medo de contornar para os fundos. Sabia que o carvalho com o balanço estava lá, e não queria vê-lo. Parei sob a janela aberta da biblioteca. Os buxeiros estavam altos e, embora lá de dentro ninguém pudesse me ver, pude distinguir com clareza a voz do Sr. Waters:

— Foi aquele tal de Ben, lá dos celeiros. Ele não tem nada que se meter com as crianças, mas parece não haver ninguém capaz de

controlá-lo. Ele manda em tudo e, não raro, fica dormindo sentado atrás daquela pilha de lenha. Não sei por que se meteu a pôr aquela garotinha no balanço e empurrá-la daquele jeito. Não creio que pretendesse matá-la, mas, do jeito que empurrava o balanço, não sei o que estava tentando fazer.

Corri para a cozinha, querendo contar à Dory a conversa do preceptor com o médico, mas, quando cheguei, ela ainda estava tão chocada com a morte da Sally que me mandou calar a boca. Lembrei-me do meu propósito original.

— Dory, a Mama está chamando você — avisei, com urgência.

Ela estava tentando preparar o jantar, enquanto sua própria neném, a Sukey, se agitava, querendo mamar.

— O que é? — perguntou Dory. — O que ela quer? Ela sabe que eu tô cheia de coisa pra fazer, tentando cuidar de tudo aqui!

Insisti em que Mama Mae precisava dela na casa-grande para amamentar o bebezinho. Dory me fuzilou com os olhos, pousou a tigela que segurava com uma pancada, pegou a neném no colo e partiu para a casa-grande, eu atrás, seguindo-a de perto.

O choro do bebê de D. Martha nos recebeu. A Mama Mae o segurava no colo ao se encontrar conosco na sala azul, bem junto ao quarto da patroa. Ali, seguindo com relutância as instruções da mãe, a Dory deu o peito ao bebê da D. Martha. Cheguei perto, aflita para vê-lo mamar. Enquanto ele sugava com avidez, a Sukey começou a se agitar no colo da Mama Mae.

— Mamãe, como é que pode? — perguntou Dory. — O meu Henry vai embora, a menina Sally vai embora, e agora vem este. — Olhou para sua própria filha, que chorava no colo da Mama Mae. Com raiva, fitou o bebê que mamava. — Ele tá mamando como se tivesse esse direito — disse, começando a soluçar. — Não quero fazer isso, mãe.

A Mama Mae aproximou sua cadeira. Falou baixo, mas em tom firme:

— Vamo, minha menina. Não esquece que tudo isso é bom pr' ocê. Faz eles continuar percisando de ocê nesta casa. Agora, para com essa

choradeira. Ele tem direito de viver, que nem ocê e eu. E neném não gosta de ninguém chorando na hora de lhe dá de mamar. Ocê não vai querer que digam que o seu leite não presta. Num instante eles traz outra pessoa pra cá. Ocê canta pra ele, que isso faz o leite cair bem. — Ela balançou a Sukey até a neta se acalmar e continuou, abraçando a neném da Dory: — Primeiro ocê dá o peito pra esse bebê novo, que ele percisa do leite. Depois dá de mamar à sua doçura de menina. Ocê tem mais que suficiente pra dar pros dois. Só percisa comer mais.

Dory deu uma grande fungada.

— Vou tentar, mamãe.

Eu mal podia esperar que ela acabasse, para poder voltar a segurar o bebê da D. Martha.

A Mama Mae me elogiou pela ajuda e disse que eu me portara muito bem para a minha idade. Lembrei-lhe de que eu já tinha 8 anos. Ela assentiu com a cabeça e se perguntou em voz alta como podia ter se esquecido disso. Falou que eu me comportara tão bem com o novo bebê que ela estava achando que talvez eu pudesse ficar com ele no dia seguinte. Entusiasmada, garanti-lhe que podia, sim, e segurei o bebê no colo com enorme cuidado, enquanto ela preparava um berçário na sala azul.

O capataz escreveu um salvo-conduto para o Ben, que partiu a cavalo para levar a notícia da morte da Sally ao capitão. Logo cedo, na manhã seguinte, chegou um pastor, e também vieram alguns vizinhos em carruagens e carroças. Trouxeram comida, e a Mama Mae ficou atarefada, correndo de um lado para outro entre a casa-grande e a cozinha, e tornando a subir para ver como estava a D. Martha. Por fim, perguntou se eu achava que saberia dar o remédio à dona da casa, quando ela acordasse. Apesar de apreensiva com esse novo pedido, eu ansiava por continuar a receber elogios da Mama, por isso concordei. Ela mediu a dose e a deixou lá, com instruções criteriosas, e garantiu que eu não passaria muito tempo sozinha, porque a Dory logo iria dar de mamar ao neném.

Ele estava dormindo no berço e fui dar uma olhada no quarto. Ao ver a D. Martha se mexer e abrir os olhos, não hesitei e lhe levei o

remédio. Ela pareceu saber o que eu estava oferecendo e bebeu com avidez.

Em seguida, descansou a cabeça nos travesseiros e, com um suspiro, arriou os braços dos dois lados do corpo magro. Seus pulsos ficaram à mostra, as veias azuis pulsando sob a pele branca. Naquele momento, ela me pareceu tão frágil quanto o recém-nascido. Não estava de touca, e seu cabelo ruivo e farto emoldurava o rosto delicado. Os olhos, verdes como a relva, pousaram em mim.

— Isabelle? — disse ela. Pegou minha mão e eu a deixei segurá-la. Quando seus olhos se fecharam e fiz um movimento para me afastar, ela me chamou de novo: — Isabelle.

— Eu sou a Lavinia.

— Não vá embora.

Reconhecendo seu desamparo, perdi o medo e fiquei ali, segurando sua mão quente e seca. Ela não voltou a se dirigir a mim; ficou fitando o vazio até os olhos se fecharem e ela mergulhar num sono profundo.

Não participei das cerimônias fúnebres realizadas para a menina Sally e não assisti ao sepultamento, embora, um pouco mais tarde, a Belle tenha me levado ao pequeno cemitério, situado a curta distância da casa, do outro lado do pomar. Atravessamos um portão negro de ferro, preso a um muro de pedra, e nos sentamos num banco de madeira dentro da área fechada. Fiquei surpresa com a serenidade do lugar.

— Por que não puserem o neném Henry aqui? — indaguei, encontrando consolo na ideia de os dois inocentes descansarem juntos.

— Este lugar é só para as pessoas da casa-grande — explicou Belle. — Minha avó está aqui — acrescentou, aproximando-se de uma lápide enorme, cuja lateral alisou.

— Onde está a sua mãe? — perguntei.

— Lá no mesmo lugar que o bebê Henry.

— Você vem pra cá quando morrer? — indaguei.

— Não. Eu já lhe disse: aqui é só para as pessoas da casa-grande — ela retrucou, ríspida. E acrescentou, como que para abrandar suas palavras: — Não sei o que vão fazer comigo, Lavinia. Pode ser que me enterrem embaixo da casa da cozinha, simplesmente.

Inclinou-se para ver a lápide da menina Sally.

— O que está escrito? — perguntei, confusa e ansiosa por mudar de assunto.

— Sally Pyke — disse a Belle. As lágrimas rolaram pelo seu rosto à medida que ela foi desenhando as letras com os dedos. — Sally Pyke, Filha Amada de James e Martha Pyke.

Nos dias que se seguiram, o médico tornou a visitar a D. Martha e deu instruções para que o ópio continuasse a ser ministrado até a volta do capitão.

— Deixe-a dormir — o médico recomendou à Mama Mae.

— Essa beberagem confunde a cabeça dela — disse-lhe a Mama.

— Isso se resolve — tranquilizou-a o médico. — Continue a lhe dar o remédio.

Depois que a D. Martha tomava a mistura, em geral, demorava um pouco para voltar a dormir. Quando acordada, a pobre regredia à infância e, para ela, eu assumia a identidade da sua irmã mais nova, Isabelle. À medida que o remédio surtia efeito, não era incomum ela me fazer sentar a seu lado na beirada da cama. Desfazia minhas tranças e desembaraçava nervosamente o meu cabelo, alisando-o até se acalmar e dormir.

Dory alimentava o neném e o mantinha limpo, mas era eu que o amava. Segurava-o em todas as oportunidades que tinha e, sozinha com ele, eu o abraçava e afundava o nariz no seu pescoço macio, para aspirar seu cheiro doce.

No dia seguinte ao enterro, eu estava sentada sozinha na sala azul, com ele no colo. O bebê estava acordado e me olhando, quando, numa lembrança repentina e clara, recordei um irmãozinho meu, nascido na Irlanda. Um que havia morrido.

— Vou chamar você de Campbell — cochichei, enquanto as lembranças me invadiam. — Campbell — repeti. Ele segurou meu dedo e ficou agarrado a ele. — Você é o meu menino lindo.

Dei um pulo quando uma voz nos interrompeu.

— Preciso falar com minha mãe. — Era o Marshall, parado à porta aberta.

— Ela está dormindo — informei. Eu não o via desde o dia em que a Sally tinha caído do balanço. Seu rosto pálido mostrava seu sofrimento profundo, e senti pena dele. — Vem ver o neném — convidei. Para minha surpresa, ele se aproximou. — Está vendo como ele é gordinho? — perguntei, afastando as cobertas para mostrar os braços e as pernas saudáveis.

Apesar de sua relutância, Marshall ajoelhou-se junto à cadeira.

— Como ele se chama? — perguntou.

— Campbell — respondi, para experimentar. Levantei um dos pés do neném. — Olhe os dedinhos dele.

Marshall pegou delicadamente o pé do bebê.

— Pode beijar — sugeri.

— Não!

Como se tivesse sido tocado por um atizador em brasa, ele retirou a mão. Baixou a cabeça e pensei que fosse chorar.

— Marshall, você não queria machucar a Sally — falei, no desejo de consolá-lo.

Ele arriou os ombros e me fitou com ar desamparado. Já ia falando quando sua mãe chamou de dentro do quarto:

— Isabelle. Isabelle!

Marshall levantou-se de um salto.

— Quem ela está chamando? — perguntou.

— A mim.

— É esse o seu nome?

— Não. Eu sou a Lavinia, mas sua mãe acha que sou a Isabelle. A Mama Mae acha que é uma irmã dela.

Embora eu não imaginasse que isso fosse possível, o rosto de Marshall empalideceu ainda mais.

— É — ele confirmou, mas acrescentou, com repugnância: — Ela está morta! — E saiu, batendo a porta.

O capitão chegou na tarde seguinte. Dory estava na sala azul, amamentando o neném, e eu, sentada na beirada da cama, ao lado da D. Martha. Ela estava quase dormindo e eu segurava sua mão no meu colo.

— Martha — disse o capitão, parado no vão da porta.

Sua presença imponente me assustou e eu só queria sair depressa dali, mas a D. Martha segurou minha mão.

— Martha — ele repetiu, com a voz se embargando, e me afastei quando caminhou em direção a nós.

Ele exalava um cheiro forte de sujeira e de cavalos, mas, quando se sentou e a puxou para si, ela afundou o rosto no pescoço do marido.

— James — murmurou, e a angústia pareceu renovar-se quando ela começou a gritar o nome da filha.

Com um nó na garganta, à beira das lágrimas, saí enquanto ele tentava acalmá-la.

Ao anoitecer, Marshall juntou-se aos pais no quarto para uma ceia leve. Dona Martha continuou na cama, porém escorada nos travesseiros para comer. A Mama Mae serviu a refeição, enquanto a Dory e eu cuidávamos do bebê na sala ao lado. O tio Jacob estava preparando o fogo na lareira quando a Belle irrompeu pela sala azul.

— Mama — chamou — , Mama, eles estão com o Ben! Vá buscar o capitão!

A Mama Mae veio correndo com o capitão, com o Marshall atrás.

— Belle, silêncio! — pediu o capitão. — Por favor. A Martha está...

— Eles pegaram o Ben! — disse ela.

— O quê?! — exclamou o capitão, lançando um olhar protetor para trás, para o quarto de sua mulher.

— Levaram o Ben! — gritou Belle. — O Rankin e os guardas estão com ele. Estão todos bebendo. Estão dizendo que o Ben matou a Sally.

Atordoada, a Mama Mae sentou-se na poltrona de seda azul.

— Eles o amarraram para levá-lo — disse a Belle. — O senhor tem que buscar o Ben! Vão matar ele!

— Acalme-se, Belle — disse o capitão. — Do que você está falando? Por que eles achariam que o Ben...

Marshall deu um passo atrás quando o preceptor apareceu na porta.

Belle virou-se para o Sr. Waters:

— O senhor! — acusou. — Estão dizendo que o senhor disse a eles que o

Ben matou a Sally.

O preceptor franziu o cenho, com ar de incredulidade.

— O que está havendo aqui? Alguém me diga que história é essa! — gritou o capitão.

O preceptor se dirigiu à Belle:

— Eu não falei com ninguém sobre o seu amante. Nem fui testemunha do acidente. Só posso repetir o que o jovem Marshall me disse e ele me contou que o Ben empurrou a menina Sally até ela cair do balanço.

Todos olhamos para o Marshall. Iam machucar o Ben! Eu sabia que o preceptor estava mentindo. Por que o Marshall não dizia nada?

— Marshall? — trovejou o pai dele.

O olhar do menino, em pânico, passou do pai para o preceptor.

— É só dizer a verdade, Marshall — instruiu o inglês.

Os olhos do Marshall continuaram cravados nele.

— Vão matar o Ben! — gritou Belle, desesperada. — Por favor, Marshall.

Conte ao capitão! Diga-lhe que você empurrou a Sally.

Senti o mesmo pavor de Belle.

— Quem estava empurrando o balanço?! — berrou o capitão.

— Era o Marshall — soltei. — Todos nós vimos. Mas ele não queria machucar a Sally.

Corri para a Mama Mae.

— Belle? — perguntou-lhe o capitão. — Belle?

— Foi o Marshall! — disse ela. — Vá, por favor! Vão matá-lo!

As palavras dela impeliram o capitão à ação. Nós o vimos sair da sala e descer correndo à biblioteca, onde destrancou o armário das armas. Depois de ele entregar um dos rifles ao Papa George, os dois partiram a galope, na noite azulada por mais uma lua cheia.

O dia estava quase raiando quando o capitão voltou para sua mulher adormecida. Acordou-me ao passar pela sala azul, onde eu dormia ao lado do berço do Campbell. Tive vontade de segui-lo e perguntar pelo Ben, mas não me atrevi. Em vez disso, vi-o se aproximar da cabeceira da cama de dossel alto, cujas cortinas em azul e branco estavam abertas. Inclinou-se para beijar a D. Martha e lhe balançar de leve o braço, mas ela dormia um sono de ópio. Como ela não respondeu, ele se empertigou. Fitou-a por um longo tempo antes de ir até a penteadeira. Ali, levantou o vidro de remédio, sacudiu-o, deu um suspiro profundo e se sentou na cadeirinha ao lado do móvel. Depôs o vidro, mas, quando o ouvi inspirar com força, adivinhei o que viria a seguir. No dia do enterro da Sally, enquanto a patroa dormia, o tio Jacob pusera ali, com cuidado, a joia que o capitão segurava agora. Era a miniatura de porcelana com o retrato do pai, que alguém havia desamarrado do pulso da garotinha.

O capitão apertou a pulseira contra o peito. Como se a fita cor-de-rosa lhe rasgasse o coração, soltou um gemido e dobrou o corpo. Quando voltou a se endireitar, levou a joia aos lábios.

Campbell mexeu-se e começou a chorar. Peguei-o no colo e fiquei andando com ele, até o menino se acalmar. Quando ergui os olhos, o capitão estava parado à porta.

— O Ben está bom? — indaguei, não conseguindo mais conter a pergunta. O capitão me olhou como se estivesse surpreso com meu interesse.

— Ele vai se recuperar — disse. Aproximou-se e, sem muito jeito, tirou o bebê de mim. — Quem o está amamentando? — perguntou.

— A Dory — respondi. — Ela já vem já.

— Ótimo. Como é o nome dele?

— Campbell.

— Campbell. Campbell? — ele repetiu.

Antes que eu pudesse explicar, antes que pudesse dizer-lhe que eu é que dera esse nome ao bebê, a Dory apareceu.

— Como está o Ben? — indagou o capitão. — Já fizeram o sangramento parar?

— Sim — respondeu Dory — , mas ele tá gritando, de tanto que dói. — Suas mãos tremiam quando ela pegou o bebê do capitão.

Ele foi ao quarto da mulher e voltou com o vidro de ópio.

— Leve isto para a Mae — instruiu, dirigindo-se a mim. — Diga para ela dar um pouco ao Ben.

Peguei o vidro e corri, ansiosa por ver eu mesma como estava o Ben. O dia começava a raiar e o tio Jacob vinha voltando da casa da Mama Mae. Saudou-me com um aceno da cabeça, ao me encontrar na escada da varanda. O alvorecer brilhante, num céu sem nuvens, derramava ouro sobre o nosso mundinho. A fumaça subia em caracóis serenos da chaminé da cozinha da Belle, e dei um suspiro de alívio ao ver que havia começado a rotina de um novo dia.

— O Ben está bom, tio? — perguntei.

O olhar do tio Jacob perdeu-se na distância.

— Isso é com o Ben — respondeu. — Agora ele tá cheio de medo. Se botar esse medo pra dentro, num vai ter nada que faz ele ficar feliz. Se botar o medo de novo no mundo, tudo vira razão pra lutar. — Deu um suspiro profundo e levantou os braços: — Ocê e eu, nós entrega isso a Alá. Nós diz: “ Alá, tira esse medo do Ben.” — Curvou a cabeça e tornou a levantá-la. — A gente vê o sol, vê as árvore, vê o novo dia. E diz: “ Obrigado, Alá. Obrigado por ajudar nosso menino.”

As lágrimas rolaram pelo seu rosto e ele tornou a se curvar. Depois, baixou os braços e enxugou os olhos.

Querendo ser agradável, também me curvei para o sol e disse:

— Obrigada, Alá, e trate de escutar o tio Jacob.

— Ocê é uma bênção, Abinia — disse ele, brindando-me com um sorriso, antes de eu correr para a casa da Mama Mae.

Quando cheguei à cabana dela, ouvi o Ben gritando de dor. Fiquei tão assustada que mal consegui bater na porta, e me senti aliviada quando a Mama atendeu e não me deixou entrar. Entreguei-lhe as gotas e corri para a segurança da casa da cozinha. Os olhos da Belle estavam inchados de tanto chorar, mas ela me deu leite e broa de milho, depois refez minhas tranças do cabelo e mandou que eu me lavasse. Enquanto isso, fui perguntando pelo Ben, mas ela descartou minhas perguntas, dizendo que ele logo ficaria bom. Certa de que ele estava em segurança, manifestei meu alívio efusivamente. Continuei a tagarelar, contando-lhe a minha conversa com o tio Jacob, o que me levou a lhe perguntar quem era Alá. Ela me disse que Alá era o deus do tio Jacob, assim como o Senhor era o da Mama Mae.

— Quem é o seu?

— Os dois — ela respondeu, e me olhou, intrigada. — Você não fala tanto assim desde que veio pra cá.

Sorri, mas não tive resposta. Não sabia explicar-lhe a minha felicidade. Só sabia que o Ben tinha voltado e que, lá na casa-grande, eu tinha um neném para amar. Um neném que precisava de mim.

CAPÍTULO 10

Belle

SÓ ACONTECE UMA COISA ruim atrás da outra. Primeiro a menina Sally, depois pegaram o Ben.

Ontem à noite, sem mais nem menos, vieram atrás do Ben. Quem chefiava o bando era o capataz, aquele asqueroso do Rankin. Quatro homens pularam em cima do Ben quando ele saiu do celeiro dos porcos. Eles o amarraram e partiram com ele antes que o Papa George ou o Jimmy chegassem para detê-los. Não esperei. Fui correndo chamar o capitão. Ele levou o Papa e os dois saíram a galope. Chegaram ao Ben depois que os homens o tinham reduzido a nada, tirado toda a roupa dele, só de maldade.

— Confessa, tição, senão a gente te mata — diziam, mas o Ben falou que sabia que eles iam matá-lo, não importava o que ele dissesse.

— O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz? — perguntava.

— Você matou aquela garotinha branca — acusaram.

— Não sei do que ocês tão falando — disse o Ben, mas eles o derrubaram aos pontapés, mandando-o falar que tinha feito aquilo.

— Tome — disse um deles — , tome, use isto — e tirou um dos pregos de ferradura que o Ben carregava no bolso. — Tire a orelha dele. Isso vai fazer ele falar.

Lá no tribunal, todos sabem que, quando um negro age mal, eles pregam sua orelha na árvore e a cortam. E foi o que fizeram com o Ben. Tiraram uma orelha dele e se preparavam para arrancar a outra, mas o capitão chegou e atirou na copa da árvore.

— Soltem esse homem! — gritou. — Ele é propriedade minha.

Estavam todos bebendo e não queriam parar, mas o Papa George apontou a espingarda e se preparou para o disparo. O capitão disse:

— Calma, George, apenas mantenha a arma firme para que eles a vejam. Deixe-me tentar resolver isto.

O capitão desceu do cavalo e se aproximou dos homens, os quais conhecia bem o bastante para chamá-los pelo nome.

Rankin se adiantou.

— Capitão, só estou fazendo o meu trabalho, prendendo esse negrinho.

— Rankin, senhores — cumprimentou o capitão. — Receio que tenha havido um mal-entendido. O meu homem aqui não fez nada de errado.

Eles não queriam desistir do Ben, mas sabiam que ele era propriedade do capitão. O Rankin é esperto o bastante para saber que era melhor ficar do lado do patrão e disse aos homens para irem embora. Falou que ia ajudar o capitão a resolver o assunto em casa.

O sangue jorrava do lugar de onde a orelha do Ben fora cortada, e o Papa George rasgou a camisa para fazer uma atadura apertada na ferida.

— O Ben tava fora de si — disse o Papa. — Ficava andando em roda, dizendo: “ Papai, cadê minha roupa, cadê minha roupa?”

No meio daquela confusão toda, o Ben se recusou a montar no cavalo antes de pôr de volta a roupa. O capitão pegou o cavalo do Rankin para o Ben e mandou o capataz voltar a pé. Todo mundo sabe que, depois, o Rankin vai descontar isso em alguém.

O meu Ben não queria que eu o visse, mas eu fui lá, assim mesmo. Ele se recusou a me olhar e manteve os olhos fechados. Ajudei a Mama Mae a estancar o sangramento, mas, quando voltei para minha casa da cozinha, só fiz chorar, por causa da aparência dele. Ele ainda é o meu Benny, mas já não é o homem bonito que era. Por que fizeram isso com ele?

No dia seguinte, quando eu estava preparando o jantar, o capitão veio aqui e abriu a porta com um soco, perguntando:

— O que o Waters quis dizer quando falou que você tinha um amante?

— Não sei — respondi, assustada. Nunca tinha visto o capitão tão zangado comigo.

— Era do filho da Mãe que ele estava falando? Era do Ben?

Balancei a cabeça.

— Não sei do que aquele preceptor estava falando.

— Eu vendo o rapaz se achar que ele encostou um dedo em você!

— O Ben não fez nada comigo.

— Belle, isto vem sendo adiado há tempo demais. Vou pôr os seus documentos em ordem. No verão, você irá para o norte. Vou lhe arranjar o marido certo. Não quero você estragando sua vida aqui.

— Mas eu quero ficar! Essa é a minha casa! Aqui eu tenho a Mãe e o

Papa. A Dory e as meninas são como irmãs para mim.

— Eles são meus escravos!

Fiquei com raiva.

— O senhor está se esquecendo da minha mãe? Ela também era sua escrava. O senhor traz escravos no seu navio! O senhor vende escravos!

— Não! No meu navio, nunca! Eu nunca os trouxe para cá.

— Mas os comprou! Eles são seus. Com exceção do Rankin, todos lá no acampamento são escravos.

— Meu pai comprou todos eles — disse o capitão. — Preciso deles para começar esta fazenda. E você sabe que agora preciso deles para mantê-la funcionando.

Respirei fundo algumas vezes, tentando me conter.

— Primeiro o senhor diz que não posso ficar na casa-grande. Agora, diz que não posso ficar na minha casa da cozinha. Por que tem sempre que me fazer mudar de lugar?

— Belle — disse ele, abrandando a voz — , quero que você tenha uma vida boa. Você é minha filha.

Ah! Ele me chama de filha, e o tempo todo me bota aqui trabalhando na cozinha da casa-grande!

— Então, se eu morrer, será que vou ser enterrada do lado da menina Sally, ou o senhor vai me botar no cemitério lá perto do alojamento?

— Você está indo longe demais! No próximo verão, vou tirá-la daqui. Enquanto isso, fique longe daquele homem.

— O Ben é um bom homem, capitão — tentei de novo.

— Escute, Belle. Dei instruções ao Rankin para vigiá-lo. Ele tomará providências, se necessário. Estou avisando, Belle, as consequências serão muito sérias.

— Por favor — pedi.

— Já chega, Belle! Acabei de perder... Tenho que partir de manhã, e preciso saber se este assunto ficou resolvido.

Pela primeira vez na vida, percebi que ele parecia mais velho que os seus 50 e poucos anos.

— O senhor vai embora de novo? Tão depressa?

— Não tenho alternativa, Belle. Mas sei que está na hora de eu voltar para cá e administrar isto aqui. A Martha não pode continuar como está, e o Marshall...

— Aquele preceptor não tem agido direito com o menino.

O capitão levantou a mão.

— Não quero ouvir mais nada sobre o Marshall. Ele precisa de disciplina.

— Mas...

— Belle. — Ele me deteve. — Chega! Agora, me dê a sua palavra de que não deixará aquele homem chegar perto de você.

E foi o que fiz.

CAPÍTULO 11

Lavinia

NA TARDE SEGUINTE À volta do Ben, tornei a ser mandada à casa-grande para ficar com o Campbell. A casa estava em silêncio e eu cochilava junto ao bebê, quando fui despertada pela voz do capitão no andar de cima:

— Aonde você vai?

— Nas circunstâncias atuais, achei que seria melhor eu procurar emprego em outro lugar. — Reconheci a voz do tutor.

— Escute, Waters — disse o capitão —, este é um momento difícil. Não posso lidar com novas perturbações na minha casa. Tenho de viajar novamente amanhã; preciso acertar as coisas com a tripulação, desembarcar uma carga, providenciar consertos. Voltarei em menos de dois meses. Com certeza estarei aqui no Natal. Ficaria grato se você considerasse permanecer, pelo menos até lá. Está claro que o meu filho precisa de alguém de pulso firme. A Martha não pode lidar com ele neste momento. Além disso, creio que a complacência dela seja grande parte do problema.

— Eu realmente me sinto responsável, da minha parte, pela descrição enganosa que ele fez da morte da... — começou o preceptor.

— Isto compete ao meu filho — interrompeu o capitão. — Ele precisa aprender a assumir responsabilidades.

— Sim — concordou Waters. — Creio que é minha obrigação dizer-lhe que, desde a minha chegada, percebi que o jovem Marshall precisava de uma orientação firme. Os seus criados domésticos e aqueles dos celeiros mimam o menino, e reluto em dizer que tentaram interferir, vez por outra.

— Vou falar com eles. Como vai o Marshall nos estudos? — indagou o capitão.

— Mal, receio — respondeu o preceptor. — Não está habituado à disciplina e sua atenção se dispersa com facilidade.

— Se você quiser ficar, eu lhe darei plena autoridade para usar todas as medidas que julgar necessárias para guiá-lo.

Houve uma pausa antes que o preceptor respondesse.

— Neste caso, capitão, sinto-me no dever de permanecer aqui com os meus serviços. Farei o melhor possível para ajudar o jovem Marshall.

— Ótimo, ótimo — disse o capitão. — Está na hora de alguém controlar aquele menino.

Em seguida, o capitão chamou o tio Jacob e, quando ele chegou, mandou-o levar a bagagem do preceptor de volta ao quarto e desfazer as malas.

— Sim, sinhô, capitão. — Ouvi a resposta do tio Jacob, em voz baixa.

Na manhã da partida, o capitão foi falar com a Dory e a Mama Mae na sala azul.

— Não quero mais que a D. Martha tome o láudano — disse. — Ela nunca ficará boa se continuar a dormir dessa maneira.

— O médico disse que ela precisa daquelas gota — disse a Mama Mae.

— Não me interessa o que o médico disse. Estou falando que ela não deve mais tomá-las!

— Sim, senhor, capitão — retrucou a Mama Mae.

— Mae, estou contando com você — alertou ele. — O Sr. Waters se responsabilizará pelo Marshall. Deixo por sua conta cuidar da D. Martha e do Campbell — declarou, fazendo sinal com a cabeça para o berço.

— Capitão — disse a Mama Mae, olhando na direção da porta — , tenho que falar com o senhor sobre o Marshall e o Sr. Wa...

— O Waters concordou em ficar — o capitão a interrompeu. — Ele está encarregado do Marshall. Preciso que você e os outros o deixem fazer o seu trabalho.

— Mas, capitão... — a Mama Mae tentou, porém ele a interrompeu outra vez.

— Agora não, Mae! Ele me disse que tem havido interferências e não vou admitir isso! Fica tudo como está, até eu voltar para casa no Natal.

Dirigiu-se depressa à porta do quarto e olhou para a mulher adormecida antes de partir.

Depois que ele saiu, a Mama perguntou à Dory:

— Como foi que o capitão chamou esse bebê?

Dory deu de ombros.

— Campbell — falei.

A Mama Mae franziu o rosto. — Onde ele arranjou esse nome? Dory respondeu com uma careta. Fiquei calada.

Logo se estabeleceu uma rotina. De manhã cedo, mandavam-me ajudar a Dory a cuidar dos bebês na sala azul. Quando a D. Martha acordava e se sentava numa cadeira para o desjejum, a Mama Mae trocava a roupa de cama e eu recebia a incumbência de ajudar a D. Martha em sua toailete matinal. Embora me orgulhasse das minhas novas responsabilidades, muitas vezes ficava insegura do que fazer e recorria a Mama Mae com frequência para pedir orientação. Nas primeiras semanas, a D. Martha ficou numa tristeza pavorosa. Vivia pedindo mais gotas, porém, embora a Mama Mae continuasse a fingir que lhe dava uma dose grande, não tive dúvida de que vinha mantendo a firmeza no cumprimento das ordens do capitão. Aos poucos, à medida que os remédios foram perdendo força, começou a emergir uma nova a D. Martha, mais estável. Quando ela andava pelo quarto, era comum parar e olhar pela janela. Na primeira vez que a vi parada ali, intuí seus soluços, mais do que os ouvi. Achando que ela estava com saudade da Sally, postei-me em silêncio ao seu lado, sem ser chamada. Ela baixou os olhos para mim e me afagou a cabeça.

— Querida Isabelle.

Minha compaixão por ela aumentava dia a dia, mas, com isso, eu me sentia desleal à Belle. Não compreendia inteiramente as razões da Belle para sentir raiva da D. Martha e, um dia, questionei-a sobre isso.

— Você vai entender tudo quando tiver idade suficiente — instruiu Belle. — Quando estiver na casa-grande, é só fazer o que a Mama Mae mandar.

Essas palavras me ajudaram muito, pois, no fim das contas, a mulher que eu mais queria agradar era a Mama Mae.

A D. Martha continuou a demonstrar pouco interesse pelo Campbell, apesar de ele ser levado à sua presença pelo menos duas vezes por dia. Quando pressionada, ela o segurava, mas, no instante em que o menino se agitava, ela o devolvia e pedia que o tirassem do quarto.

Não fez menção alguma ao Marshall, até uma manhã de novembro, quando o filho apareceu à porta do quarto. Eu estava tirando os grampos do cabelo da D. Martha, enquanto Mama Mae fazia a cama.

— Olá, Marshall — a mãe o cumprimentou, parecendo sinceramente feliz por vê-lo. — Santo Deus! — acrescentou, em tom mais sóbrio — Como você... está alto!

Aos 13 anos, ele era magricela e tinha braços muito mais compridos do que suas mangas. Porém, havia olheiras fundas sombreando seus olhos de um azul intenso, e o cabelo tinha um corte desigual, rente à cabeça, como se ele mesmo o houvesse cortado, sem o auxílio de um espelho. Marshall fechou a porta depressa.

— Mamãe — disse, aproximando-se com rapidez. — Eu quero parar.

— Parar o quê, meu bem? — perguntou ela.

— Meus estudos — respondeu ele, com uma olhadela para a porta às suas costas.

— Ah, Marshall — disse a D. Martha — , você sabe que precisa estudar. O seu pai contratou o... humm... Sr... humm...

— Waters! — veio o cochicho furioso do Marshall. — O nome dele é Waters!

— É claro — disse a D. Martha.

— Por favor, mãe — o menino começou a implorar — , mande-me para a escola.

— Por que você quer fazer isso, Marshall? Onde está o Sr. Waters? — perguntou-lhe a mãe. — Quer que eu fale com ele? Ele é exigente demais?

— Não — disse Marshall, tornando a olhar para a porta. — Não conte a ele que eu a procurei.

— Onde ele está agora? — perguntou a Mama Mae, sacudindo a colcha branca.

— Ele saiu — disse Marshall.

— Saiu com o Rankin? — perguntou a Mama Mae, mas seus olhos estavam pousados na D. Martha.

— Não é da sua conta! — gritou Marshall, subitamente furioso.

— Marshall! — exclamou sua mãe, em tom severo. — Peça desculpas.

— Por quê? O que ela pode fazer, afinal? É só uma negra!

O rosto dele ganhou um tom rosa vivo e, sem aviso prévio, ele pegou o copo da mãe e o atirou na Mama Mae. Ela se desviou e o copo passou voando, indo bater na parede. A Dona Martha levantou-se depressa e segurou o braço do filho. Enfurecido, ele a empurrou, jogando-a contra a penteadeira. Ela tentou segurar-se e sua mão foi escorregando por toda a extensão do tampo, derrubando um espelho de prata e fazendo espatifarem-se no chão todos os seus tesouros de cristal e de porcelana. De algum modo, ela conseguiu se agarrar e se manter de pé. No silêncio que se seguiu, Marshall ficou quieto. Quando a mãe, incrédula, pronunciou o seu nome, ele correu os olhos em volta, parecendo perdido. Em seguida, com ar derrotado, retirou-se do quarto.

Nessa noite, depois que a dona da casa se acomodou, a Mama Mae e eu fomos à cozinha buscar o guisado que a Belle tinha preparado para o jantar.

— Vem jantar com a gente hoje — a Mama Mae a convidou.

— Obrigada, Mama, mas acho que hoje vou ficar por aqui — respondeu a Belle.

— Você tá se sentindo bem?

— A-hã — disse Belle, esfregando uma mancha no avental. — O tio Jacob vem aqui mais tarde.

A Mama Mae a examinou.

— Tudo bem se a Abinia vier jantar com nós?

— É claro que está bem, Mama.

— Eu mando ela de volta com o Ben, depois que nós comer.

— Ela já é bem crescida para voltar sozinha — disse Belle, sem enfrentar o olhar questionador da Mama Mae.

— Então, tá certo, Belle — a Mama acabou dizendo, e fez sinal para que eu a acompanhasse.

As gêmeas estavam esperando na escada da cabana quando a Mama e eu nos aproximamos. Essa família parecia estar a um mundo de distância das pessoas da casa-grande e, ao me juntar a ela, deixei para trás as preocupações daquele dia. O Papa George vinha voltando dos celeiros e as gêmeas e eu corremos ao seu encontro. Ele se curvou para que a Beattie montasse em suas costas, depois estendeu os dois braços, para que a Fanny e eu o puxássemos morro acima. Ao chegarmos no alto, desvencilhou-se de nós e se endireitou.

— Você mesmo não passa é de um criança — ralhou a Mama Mae. — Agora, vai se lavar.

— Primeiro eu ganho um beijo da minha muié — disse ele, tentando pegá-la.

Ela o afastou, mas riu conosco quando ele a estreitou num abraço.

Dentro de casa, alegrei-me ajudando as meninas a tirarem seus brinquedos da prateleira. O Papa sentou-se à mesa e conversou com a Mama, enquanto ela preparava a broa de milho para a nossa refeição.

— O Marshall disse que hoje aquele tal de Waters tava de novo com o tal do Rankin — comentou ela.

— Eles tão tirando a comida que era pr' aqueles coitado daqueles negro comer e tão vendendo — disse o Papa George.

— Como é que ocê sabe?

— Falei com os home. Eles num tão recebendo o que o capitão disse que era pra receber. Aqueles dois deram até pra ir atrás das muié de lá...

A Mama Mae olhou para nós e meneou a cabeça para o marido, justo na hora em que o Ben abriu a porta. Eu não o via desde o dia em que ele fora agredido, e não estava preparada para o choque da sua mutilação.

Um ferimento escuro e feio tinha substituído sua orelha, mas, pior ainda, esse lado do rosto e do pescoço estava tão inchado que mal o reconheci. Fiquei olhando fixamente, horrorizada.

— Abinia! — exclamou ele, feliz com a surpresa, até ver minha aflição.

Foi até o banco junto à mesa, sentou-se e me chamou. Pus o dedo na boca e balancei a cabeça, rejeitando-o.

— Vem cá, passarinho — disse ele, pedindo minha mão.

Com relutância, cheguei mais perto. Ele me puxou com delicadeza para eu dar a volta e virou o lado machucado da cabeça para longe de mim. — Viu? Ainda sou o Ben.

Nessa hora eu o reconheci. Quando desatei em prantos, ele me pôs no colo e escondei o rosto em seu peito largo. Ele cobriu minha cabeça com a mão enorme e me confortou, enquanto eu chorava pelo que lhe haviam feito.

— Eu vou miorá de aparência com o tempo. — Ben me acalmou, e já me deixara tranquila quando a Mama Mae serviu nossa refeição.

Todos comemos em silêncio, até o Ben perguntar pela Belle.

— Ela ficou em casa — respondeu a Mama. — Diz que o Jacob vai passar lá. — Quando eu terminar, eu levo a Abinia — disse Ben, olhando para a Mama Mae.

— Sei não, Ben — disse ela — , tem alguma coisa que num tá boa com a Belle, desde que o capitão viajou.

Não havia lua e era uma noite escura, mas eu me senti protegida quando o

Ben segurou minha mão e atravessou o terreiro comigo, depois do jantar.

— A sua cabeça dói, Ben? — perguntei.

— Dói, sim, mas tá miorando.

— Quer que eu pegue mais gotas pra você?

Ele riu.

— E como é que ocê vai fazer isso?

— Eu peço pra D. Martha.

— Puxa, eu agradeço muito, passarinho, por ocê cuidar de mim, mas acho que vou ficar bom — disse ele, e apertou minha mão.

Ao chegarmos à porta da cozinha, a Belle se aproximou e, evitando o

Ben, puxou-me abruptamente para dentro.

— O que foi? Agora eu tô feio demais pr' ocê? — perguntou ele e em seguida deu meia-volta e se foi, antes que ela pudesse responder.

Abalada, Belle o chamou, mas ele nem virou para trás. Ela me mandou para a cama. Mais tarde, porém, quando a ouvi chorar, desci de mansinho.

— O que foi, Belle? — perguntei.

— Volte lá para cima — ela gritou. — Vá dormir.

Hesitei, mas então disse algo que sabia que lhe despertaria a atenção.

— Hoje o Marshall empurrou a D. Martha e ela caiu.

Funcionou. Belle parou de chorar.

— O quê? — perguntou.

Eu repeti. Belle assoou o nariz e deu um tapinha no banco a seu lado.

— Venha cá. Que história é essa que você está contando?

Senti alívio ao contar tudo. A Belle ficou calada, pegou minha mão e entrelaçou meus dedos nos seus.

— É bom você me contar isso — disse, enquanto me examinava. — Você está se tornando uma grande ajuda.

— Já tenho 8 anos — recordei-lhe.

— Está grande demais pra sentar no meu colo? — perguntou ela. Fiz que não com a cabeça, satisfeita. — Vem — disse a Belle.

Eu tinha crescido desde a minha chegada, mas continuava magra feito um graveto, e ela me levantou sem dificuldade. Apoiei a cabeça no seu ombro e, durante muito tempo, ficamos aninhadas assim, diante do borralho.

A Dory e eu estávamos sentadas juntas na sala azul e, enquanto ela dava de mamar ao Campbell, segurei a Sukey. Era uma das primeiras semanas de dezembro, primeiro dia do abate de porcos. Perguntei à Dory por que havia tanto alvoroço em torno desse acontecimento.

Ela explicou que era uma folga no trabalho para os escravos do alojamento, e eles ficavam na expectativa de um banquete quando terminassem. Além disso, durante essa semana, recebiam uma porção extra de carne com suas rações de fubá de milho.

— Fora disso, eles só comem fubá? — indaguei.

— Não, eles também recebem uma porção semanal de carne salgada de porco — disse a Dory.

Quase todos no alojamento tinham pequenas hortas, onde plantavam verduras, batata-doce, ervilha-do-campo e feijão, e alguns tinham até umas galinhas.

— Por que eles não recebem comida da casa-grande? — perguntei.

Eu tinha ido muitas vezes com a Belle aos depósitos do porão da casa-grande, e sabia da abundância de mantimentos guardados lá.

— Num recebem e pronto — disse ela, dando um suspiro — A Belle tá certa. Ocê anda mesmo fazendo um montão de pergunta nos últimos tempo.

Isso encerrou nossa conversa. Eu estava começando a perceber que as perguntas sobre o alojamento não eram bem-vindas e, quando conseguia uma resposta de um adulto, ficava claro que o assunto o constrangia.

Quando os bebês se acomodaram para seu cochilo, a Dory sugeriu que eu descesse para ajudar a Mama Mae e a Belle na casa da cozinha, onde o trabalho já havia começado. Eu estava aflita para ir, mas primeiro tinha a tarefa de esvaziar o urinol que ficava embaixo da cama da D. Martha. Carregando o pote de porcelana com tampa, desci pela escada dos fundos e saí em direção à casinha mais próxima. Havia dois banheiros externos. O dos criados da casa-grande ficava nos fundos da casa da Mama Mae. O outro, ao qual eu me dirigi, usado pelas pessoas da família, ficava situado numa área mais reservada, nos fundos do pomar.

O ar da manhãzinha tinha um perfume limpo e revigorante, e fiquei contente por estar ao ar livre. Fui andando devagar, farfalhando pelas folhas caídas. Quando avistei a casinha, o urinol tinha ficado pesado e eu o pousei no chão para descansar. Sob uma árvore próxima, notei uma maçã vermelha que havia escapado à atenção num ninho de folhas marrons. Fiquei com água na boca, mas resolvi apanhá-la na volta e dividi-la com as gêmeas. Na mesma hora, ouvi sons desconhecidos vindo da casinha.

Pensei reconhecer a voz do Marshall, mas os sons eram estranhamente perturbadores. Por instinto, corri para trás da proteção oferecida pela cerca do pomar. Agachei-me e espiei pela abertura entre as tábuas. Quando a porta da casinha se abriu, o preceptor apareceu na soleira. Depois, virou-se e chutou alguma coisa no chão, mandando que se levantasse. Por algum motivo, eu soube que era o Marshall. Encolhi-me quando o homem vasculhou a área e não me atrevi a olhar de novo até ele chegar à casa-grande. Esperei que entrasse e, com cuidado, corri até a casinha. Ao espiar o interior, deparei com o Marshall seminu,

sentado num canto do chão. Tinha uma expressão aturdida e, quando o chamei pelo nome, não pareceu me ouvir. Por alguma razão, corri para buscar a maçã e a ofereci a ele.

— Tome, Marshall, pode ficar pra você — falei. Ele não pareceu notar. Peguei sua mão e tentei pôr a maçã nela, mas seus dedos se recusaram a se fechar. — Toma, Marshall, você come isto, que eu vou chamar o Papa.

Como ele continuou sem responder, tirei uma pequena dentada e pus o pedaço em sua boca.

— Mastigue — ordenei. Ao ver que ele começara a mastigar lentamente, tornei a pôr a maçã em sua mão. Dessa vez, os dedos se fecharam em volta dela. — Eu volto já com o Papa George — disse, e deixei-o lá.

Corri pelo pomar, passei pela horta e pelos fundos da casa da cozinha. Quando contornei o celeiro de milho, parei. Horrorizada, não consegui avançar. Meus olhos se cravaram num capão já morto, pendurado por uma perna sobre uma tina fumegante de água quente. Mais adiante, havia outro pendurado numa estaca, com a barriga arreganhada. Quando vi um terceiro, com o sangue pingando do pescoço numa tina colocada abaixo, eu mesma comecei a balançar.

— Abinia, o que ocê tá fazendo aqui? — A voz zangada do Ben me trouxe de volta. Ele me sacudiu pelos ombros até eu me concentrar nele. — Volta lá pra casa, aqui não é lugar pr' ocê.

— O Papa? — perguntei.

— O que foi, Abinia?

— O Papa. Cadê o Papa?

— Ele tá com o Rankin — disse Ben. Puxou-me para trás do celeiro de milho e se abaixou todo para me olhar nos olhos. — O que tá havendo, Abinia? O que ocê quer com o Papa George?

— É o Marshall — respondi. — Ele está passando mal. Está na casinha e não consegue se levantar. Não quer falar.

— O quê? — disse Ben.

— O preceptor. Ele estava chutando o Marshall na casinha.

A expressão do Ben me assustou e eu me lembrei do dia em que ele tinha saído dos celeiros com seu malho da forja. Ele correu os olhos em volta.

— Não procura o Papa, ele tá com o Rankin. Eu cuido do Marshall. Ocê vai chamar a Mama, ela tá na cozinha. Manda ela pra mim.

Quando o Ben disparou, voltei em direção à casa da cozinha. Ao chegar ao terreiro, vi mais uma parte do abate dos porcos. Mas essa visão foi menos perturbadora. Ali, as mulheres do alojamento estavam trabalhando numas tábuas grossas que serviam de bancada, cortando pedaços de carne fresca para prepará-los para o defumadouro. Vi a Mama Mae numa das mesas, trabalhando e rindo com as outras. Ela se virou com impaciência quando a puxei pelo braço, mas, ao ver meu rosto, inclinou-se.

— O Ben precisa da senhora.

— O Ben? — repetiu ela. Fez um ar intrigado, depois, alarmado.

— Ele está com o Marshall na casinha — expliquei. — O preceptor machucou ele.

A Mama Mae largou o serrote pequeno com que estivera trabalhando, foi até a Belle, cochichou alguma coisa no ouvido dela e saiu às pressas.

Metade da manhã já tinha passado quando a Mama Mae voltou e, ao chegar, ela havia perdido todo o bom humor de antes. Chamou Belle num canto, antes de voltar depressa para o trabalho do lado de fora, com as outras mulheres, mas, depois disso, a Belle também ficou séria.

— O Marshall está bom? — perguntei.

— O Ben está lá com ele.

Foi um alívio saber que o Marshall estava em segurança com o Ben, mas senti que ainda havia alguma coisa muito errada. Logo depois, no entanto, a Fanny me distraiu. Tinha voltado ao seu jeito dos velhos tempos, fazendo a Beattie e eu rirmos das suas trapalhadas. Primeiro, tirou uma língua de porco de um balde e apareceu pé ante pé atrás de

nós, e adorou os nossos guinchos de nojo. Depois, achou lá fora duas orelhas de porco e as prendeu entre suas tranças. Levamos um minuto para percebê-la parada à porta, com as orelhas de porco caindo por cima das dela.

— Fanny, ocê é impossível — disse a Beattie, meneando a cabeça, mas rindo, mesmo a contragosto.

— Ora, ora, se não é bom ver todo mundo se divertindo — disse Rankin, o capataz, que nos observava da porta, mas cujos olhos duros brilhavam com algo diferente de diversão.

Suas mechas de cabelo grisalho grudavam-se e caíam sobre os ombros, e sua roupa marrom estava ensanguentada do abate. Ele enganchou os dedos no cós das calças e notei a sujeira entranhada sob suas unhas compridas. Examinou a Belle da cabeça aos pés, antes de entrar na cozinha, fazendo questão de olhar com cuidado em todos os cantos.

— Estou procurando aquele negrinho, o Ben. É bom ver que ele não está escondido nesta cozinha.

— Sr. Rankin, posso lhe oferecer alguma coisa? — perguntou a Belle.

— Onde é que uma negrinha como você aprendeu a falar tão bonito? Você fala quase igual a uma branca. Raios, você quase parece branca. Dá para ver por que o capitão quer guardá-la só para ele.

Belle o fitou como se olhasse para um inseto. Quando passou por ele, em direção à porta, Rankin segurou-a pelo braço:

— Ora, não tive nenhuma intenção de assustar você — declarou.

Belle olhou fixo para a mão dele em seu braço, até ele a soltar.

— Há muito trabalho a fazer — disse ela.

— Eu estava com esperança de você tomar um trago comigo logo mais. Quem sabe depois do baile? — perguntou, com uma piscadela.

Belle se retirou.

— Ora, vejam só, isso é que é crioula metida a besta. Tô achando que pode ser que eu tenha de baixar um pouquinho a crista dela. Vocês

não acham? — perguntou. Deu um soco na mesa e tornou a gritar: — Não acham? — Pulamos de susto, e ele riu. — Bom, é assim que eu gosto das minhas mulheres. Elas precisam saber quem é o patrão.

Quando a Mama Mae entrou, fez um ar de surpresa ao vê-lo, embora eu tivesse visto a sombra dela o tempo todo, do lado de fora da porta.

— Ora, seu Rankin, que bom ver o sinhô aqui na cozinha — disse ela.

— Estou procurando aquele seu negrinho. Cadê o Ben? Faz algum tempo que não vejo o menor sinal dele.

— Inhô Rankin, num é mesmo de admirá que o sinhô num ache as pessoa que tá percurando. Sinhô anda tão ocupado que eu nem sei como é que faz tudo que faz. Hoje é um dia muito pesado pro sinhô.

— É um dia atarefado, com certeza — admitiu ele.

— O sinhô é um capataz bom pra diabo — continuou a Mama Mae. — O capitão acertô na mosca quando truxe o sinhô pra cá. O George veve dizendo: “ Capitão, aquele seu Rankin é que sabe botá a turma pra trabaiá.”

— Ora, bem, fico contente por saber disso, Mae.

A Mama Mae foi até os garrafões de conhaque que o tio Jacob trouxera mais cedo, para a festança noturna. Tirou a rolha de um deles, serviu um bocado do líquido âmbar num copo e o entregou ao Rankin:

— Inhô tá trabaiando tanto, que eu tô achando que podia querê começá com um cadinho disto aqui — ofereceu.

Ele sorriu ao aceitar a bebida, virou-a de um trago e estendeu o copo, pedindo mais.

— Já você, Mae, você é que sabe fazer um homem feliz — disse ele. Depois de terminar o segundo copo, empertigou-se e deu um suspiro. — Bem, tenho que voltar pra lá. Você sabe como são esses negros. É só deixá-los sozinhos um minuto que eles não fazem nada, só ficam sentados.

— Seu Rankin, nisso aí o sinhô tá coberto de razão — disse a Mama Mae. Esperou até ter certeza de que ele se fora, pôs a Fanny na porta, encontrou um banco e se sentou, com ar decidido. — Num tenho tempo pra isso — disse, sem se dirigir a ninguém em particular —, mas vou ficar sentada aqui por todo mundo que tá lá fora. Tomara que o bom Deus não queira fazer comigo o que eu queria fazer com aquele diabo perverso.

No fim da tarde, a Belle nos trouxe uma iguaria. Era uma tigelinha de pedaços crocantes de torresmo, que ela havia apanhado na tina de derretimento da gordura de porco. Nós os comemos com vontade. Haveria mais na refeição noturna, disse a Belle, quando ela faria pão de torresmo para todas as pessoas do alojamento.

— Pão de torresmo? — repeti. Gostei do som.

— Não tem nada melhor — disse a Beattie.

— Ela mistura o torresmo na broa de milho — concluiu a Fanny, falando pela irmã.

— Hummm — fizeram as duas, ao mesmo tempo.

Ao anoitecer, quando foi escurecendo e o trabalho do lado de fora estava quase terminado, Beattie e eu fomos mandadas à casa-grande para ajudar a Dory. A carne fresca de porco passara boa parte da tarde assando num espeto sobre um braseiro escavado no chão. A batata-doce ia assando nas brasas e, com a ajuda da Ida, a Belle estava fazendo uma quantidade enorme do pão de torresmo na grande lareira da cozinha.

A Mama Mae veio falar conosco antes de sairmos:

— O tio Jacob tá com o sinhozinho Marshall. Quando eu terminar aqui, vou ficar com os bebês e a D. Martha, e ocês voltam com a Dory pro jantar e pro baile.

E assim, Beattie e eu saímos de mãos dadas, contentes por saber que logo voltaríamos.

A casa-grande estava envolta em sombras à luz esmaecente e, ao entrarmos, pairava um silêncio sinistro no térreo. O tio Jacob tinha

acendido um dos lampiões do corredor comprido, mas ele bruxuleava e lançava sombras escuras; hesitamos, uma apertando a mão da outra.

— Vamos correr — sussurrei.

— A mamãe diz que é pra não correr na casa-grande — cochichou Beattie de volta.

Assim, começamos a andar juntas, embora ganhássemos velocidade depressa, ao passar pelos cômodos escuros e cavernosos que davam para a escadaria. Estávamos no primeiro patamar quando ouvimos a voz firme do tio Jacob:

— Tô dizendo que eu fico aqui com o minino.

Continuamos a subir, porém mais devagar.

— Ele é responsabilidade minha e você vai deixá-lo comigo!

Era o Sr. Waters. Ao som da sua fúria, eu preferiria dar meia-volta, por medo, mas a Beattie me puxou para adiante. Chegamos ao patamar superior no exato instante em que o preceptor tentava empurrar o tio Jacob e entrar, mas, nesse momento, o Ben saiu do quarto do Marshall e se plantou no vão da porta:

— Como disse o Jacob, nós fica aqui com o sinhozinho Marshall até o capitão vortá pra casa.

— Negros dirigindo a casa? Vocês ficaram todos loucos? — disse o preceptor, recuando.

Ben não respondeu, mas, mesmo na penumbra, pude ver seus olhos faiscarem.

— Você não aprende a sua lição, não é? — esbravejou o Sr. Waters.
— Eu me pergunto o que o Sr. Rankin terá a dizer sobre isto.

Deu meia-volta e, tão logo ele desceu a escada correndo, Ben nos instruiu:

— Vão buscar a Dory! Digam pra ela chamar a Mama!

Quando abrimos a porta da sala azul, foi como se entrássemos em outro mundo. A sala estava tranquila, mas não em silêncio, como o restante da casa. Embora ali também houvesse lamparinas acesas, sua

luz era estável e suave. Os tons azul e marfim tremeluziam ao brilho da lareira e a sala recendia a bebês e alfazema. Os dois nenéns dormiam, Campbell em seu berço e Sukey numa enxerga no chão. Uma vaga melodia das comemorações do lado de fora se infiltrava no aposento e, pela grande janela fechada, vi uma fogueira refulgindo como um farol no terreiro da cozinha.

— Até que enfim ela dormiu — sussurrou Dory para nós, saindo do quarto de D. Martha. — Foi um dia ruim pra ela. Ficou ouvindo aqueles porco guinchar o dia inteiro, e...

— Dory, Dory — chamou Beattie, correndo para ela.

— Psssiu! Ocê vai acordar ela. O que ocê quer?

Antes que a Beattie terminasse a explicação, a Dory estava na porta: — Eu volto já — disse. — Ocês pega os bebês, se eles chorar.

Saiu de mansinho, no instante em que o Campbell começava a se remexer. Beattie e eu corremos para o berço e, quando apalpei seu bumbum úmido, percebi que ele precisava ser trocado. Cheia de confiança, desamarrei sua camisola e exibi com orgulho minhas habilidades recém-adquiridas, tirando a primeira camada de tecido de lã e, em seguida, desatando e retirando o cueiro por baixo. Levantei o bumbum do Campbell, segurando-o pelos tornozelos com uma das mãos e enfiando o cueiro limpo embaixo dele com a outra. Embora a sala estivesse fria, ele pareceu gostar da liberdade e agitou as perninhas no ar. Beattie e eu rimos, observando e estudando a diferença óbvia entre meninos e meninas.

— Eu não ia querer esse negócio — declarou a Beattie, com ar solene. — Nem eu — falei, com uma careta.

— É engraçado mesmo — disse ela, e concordei.

Espiamos mais de perto.

Como se esperasse esse momento, a diferença masculina espichou-se e disparou no ar um jato que parecia uma fonte, borrifando o nosso rosto. Levamos um susto e pulamos para trás. Quando nos entreolhamos, começamos a bufar e tentamos desesperadamente conter as gargalhadas que se seguiram. Toda vez que conseguíamos

recuperar o controle, uma de nós gesticulava uma reencenação que dava início a outro acesso de risos incontrolável. Recobramos o bom senso ao ouvir o grito assustado da D. Martha.

— Vai lá você — disse a Beattie. — Eu boto o cueiro no Campbell.

— Isabelle! — D. Martha me cumprimentou, soerguendo-se na cama. — Escute — disse, pondo a mão em concha na direção da janela. — Há alguém chamando.

Reproduzi as palavras habituais da Mama Mae:

— Está tudo bem, é que hoje tem festa no terreiro da cozinha.

— Ah — fez ela, e então me instruiu a servir uma taça alta de xerez da garrafa que estava em sua penteadeira. Bebeu tudo, até esvaziar a taça, e começou a bebericar outra. — Escute! — tornou a dizer. — Não está ouvindo? Há alguém chamando.

Meu coração palpitou quando também ouvi um grito de aflição. No mesmo instante, adivinhei que era a Dory. Não dei explicações ao sair correndo do quarto, passar pela Beattie, que segurava o Campbell, disparar pelo corredor e bater forte na porta do Marshall.

— Ben! Ben! — chamei, e a porta se escancarou no mesmo instante. — A Dory está lá fora, chamando você.

Ben não hesitou, mas pegou um malho pequeno antes de correr para a escada.

— Volta pros bebês — ordenou — e fica naquela sala.

Quanto voltei ao quarto da D. Martha, ela estava chamando pela Mama Mae.

— Aonde ela foi? — perguntou, irritada.

Torcendo fervorosamente para que fosse verdade, garanti-lhe que a Mama estava a caminho. A Dona Martha depôs a taça vazia de xerez, afastou as cobertas e anunciou que precisava aliviar-se. Puxei o urinol de baixo da cama, ajudei-a a se levantar e virei de costas, enquanto ela o usava. Depois que ela acabou, tampei o urinol e o empurrei de volta para baixo da cama, pensando em quem o teria trazido do pomar, onde eu o tinha deixado de manhã. A Dona Martha estava sem firmeza nas

pernas e eu a ajudei a se deitar. Ela se reacomodou nos travesseiros e correu os olhos pelo quarto.

— Pode pedir ao Jacob para pôr outra tora na lareira?

— Eu mesma faço isso — apressei-me em dizer, e fui para a lareira.

— Obrigada, Isabelle. Venha sentar ao meu lado — convidou, com um tapinha no colchão junto dela. — As crianças estão bem? — perguntou, começando a parecer cansada.

— Sim.

— O James já chegou?

— Ainda não.

— Não me deixe — murmurou, com os olhos se fechando.

Fiquei lá até ter certeza de que ela havia adormecido, e então voltei para a sala azul. Surpreendi a Beattie, que saltitava de leve no assento da poltrona de seda azul. Olhou para mim com ar de culpa.

— É muito macia — disse, alisando-a com a mão.

Não tive chance de responder antes que a Dory irrompesse sala adentro. Estava com o olhar desvairado, esbaforida. O sangue pingava do seu nariz, manchando a frente da blusa rasgada, que ela segurava junto ao peito.

— Vão buscar a Mama — disse, num sussurro agudo e urgente. — Vão buscar o Papa. Vão! Vão!

Descemos a escada correndo e disparamos pela casa. No escuro, quase caímos por cima do Ben, sentado nos degraus da varanda dos fundos. Ao vê-lo, achei por um momento que estava tudo bem, mas, por seu jeito quieto de nos apressar a chamar o Papa George, eu soube que havia encrenca.

As pessoas ainda estavam comendo, mas os músicos haviam começado a tocar e algumas crianças, inclusive a Fanny, já dançavam. O Papa George estava na ponta de uma mesa comprida de comida, servindo tragos dos garrafões de conhaque. Fomos na sua direção, até ver o Rankin sentado num banco ao seu lado. Mudamos de rumo e

corremos para a cozinha, onde achamos a Mama Mae, Belle e Ida preparando-se para levar os bolos de gengibre e canela para fora.

A Beattie tropeçou nas palavras, mas a Mama Mae entendeu o bastante para agir de imediato.

— Ocês duas fica aqui — ordenou, e foi para o canto embaixo da escada onde estavam todas as ferramentas usadas no abate naquele dia.

Quando pegou uma faca pontiaguda e a enfiou embaixo do avental, Ida se manifestou:

— Mae, é mió ocê mandar o George!

A Mama Mae fez que não com a cabeça.

— O Rankin tá lá com ele — disse.

E saiu, caminhando com passos displicentes pelo terreiro da cozinha. Belle nos instruiu a permanecer na casa da cozinha e, em seguida, ela e Ida levaram rapidamente os bolos para fora.

Belle achava-se de novo na cozinha com a Beattie e comigo quando a Mama Mae voltou. Sua respiração estava arfante, mas ela agiu ligeiro. Primeiro, mandou a Beattie para a porta e lhe disse para começar a cantar alto se aparecesse alguém. Em seguida, fez sinal para Belle e, num canto, cochichou no seu ouvido. Belle soltou uma exclamação abafada e se afastou para olhá-la no rosto, mas a Mama não perdeu tempo com explicações. Em vez disso, tirou de baixo do avental uma garrafa do uísque da casa do capitão e a pôs na mesinha lateral; em seguida, enfiou a mão no bolso fundo da saia e pegou o vidrinho marrom da D. Martha.

Os olhos da Belle se arregalaram quando a Mama Mae tirou a rolha da garrafa e derramou na bebida uma dose generosa do láudano. Repôs a rolha, sacudiu a garrafa e a entregou à Belle, dizendo:

— Ocê tem de botar isto dentro dele. O bastante pra ele dormir a noite toda. Assim que ele desabar, manda o Papa pra casa-grande.

Tornou a ir até a pilha de ferramentas. Separando-as depressa, pegou uma serra pequena de carne e a meteu embaixo das saias.

De repente, a Beattie começou a cantar. Bateu palmas e calcou os pés no chão, cantando a plenos pulmões uma música sobre um rio. A Mama Mae se encaminhou para a porta e a Belle atarefou-se junto à lareira.

— Pare com essa gritaria — disse o Rankin à Beattie, ao passar por ela na porta. Ao ver a Mama Mae, olhou-a com ar de reprovação. — Mae, achei que você ia ajudar com a comida.

— Sinhô Rankin, desculpa muito eu num poder ficá, mas tenho de ir lá pra casa-grande. D. Martha num tá passando muito bem — disse ela, de novo se dirigindo à porta.

Rankin a deteve:

— Diga uma coisa, onde está o seu filho? Quase não o vi o dia inteiro.

— Inhô perdeu ele de novo por pouco — disse a Mama Mae, com um timbre estranho na voz. — Ele tá lá nos celeiro, cuidando dos serviço.

Quando Rankin lançou-lhe um olhar duro, a Belle veio da lareira. Tinha o rosto afogueado pelo calor e nunca havia parecido mais linda.

— Mama, tenho certeza de que vai ficar tudo certo com o Sr. Rankin se você for andando. Ele sabe que a D. Martha está à sua espera. Sr. Rankin, o senhor já comeu um pedaço do meu bolo de gengibre e canela? — perguntou, chegando mais perto.

— Ora, comi, sim — respondeu o homem, olhando-a com surpresa — , e apreciei muito, com certeza. No momento, tenho uns assuntos pra resolver com o Sr. Waters, mas depois, fiquei pensando se você me daria uma dança. Ouvi dizer que você dança muito bem.

A Mama Mae escapuliu pela porta.

— Será um prazer, Sr. Rankin — retrucou Belle, que foi à mesa de canto e apanhou a garrafa de uísque. — Antes de ir, quem sabe o senhor não gostaria de tomar um pouco disto aqui. O capitão o traz especialmente pra mim do navio.

— Ora, obrigado — disse ele, levantando um caneco — , mas estou com uma bebida bem aqui. — Deu uma boa olhada na garrafa de uísque. — Mas depois eu tomo um trago desse aí, se a oferta ainda estiver de pé.

Belle deu um risinho meigo.

— Um homem como o senhor com certeza pode acabar com esse pouquinho que sobrou no copo, pra eu poder lhe servir outra bebida, não é?

Rankin envaideceu-se.

— Está me parecendo que um dia de trabalho pesado lhe fez bem — comentou.

— O dia e um pouquinho disto — disse ela, apertando a garrafa no peito, risonha.

Rankin esvaziou o caneco, limpou a boca com o dorso da mão e estendeu o caneco para Belle.

— Acho que talvez eu experimente um golinho — admitiu, observando-a com atenção, enquanto ela inclinava a garrafa e lhe servia uma dose generosa.

— Não quer se sentar? — perguntou Belle. — Meninas — disse, dirigindo-se à Beattie e a mim — , está na hora de vocês irem dançar.

Hesitei, mas a Beattie me lançou um olhar que não admitia desobediência. Fomos ao encontro da Fanny, mas mantive um olho na casa da cozinha, na esperança de avistar a Belle. Quando vi o Rankin fechar a porta, encerrando-a lá dentro com ele, mal pude me impedir de voltar correndo.

Fiquei de vigia e me pareceu ter se passado uma eternidade até a porta se abrir de novo. Quando isso aconteceu, a Belle saiu, segurando uma das mãos imundas do Rankin e o conduzindo.

— Volte pra dentro de casa — ele choramingou, oscilando, enquanto Belle o instigava a dançar.

— Só uma dança, depois nós voltamos pra dentro — prometeu ela.

Rankin protestou, mas Belle levantou um pouco as saias e começou a gingar. Os outros dançarinos recuaram quando o capataz, trôpego, tentou segurá-la. Belle rodopiou para longe. A baba gotejava da boca de Rankin, que foi atrás, cambaleando, mas ela fugia repetidamente do seu alcance. Ele tomou um último trago antes de derrubar a caneca e tombar para a frente. O Papa George partiu no mesmo instante para a casa-grande.

A música havia parado, mas Belle parecia não conseguir parar de rodopiar. Girou e girou, até que a Ida se aproximou e a tomou nos braços. Ida era uma mulher alta, e a Belle pareceu uma criança ao afundar o rosto no peito magro dela. Suas costas arfaram, enquanto Ida lhe sussurrava ao ouvido:

— Ele arriô, meu bem. Arriô. Num vai pegar ocê.

CAPÍTULO 12

Belle

NUMA NOITE, VI PROBLEMAS como nunca tinha visto. Mal me soltei das garras do Rankin, a Mama precisou de mim na casa-grande. O que aconteceu foi o seguinte: o Waters foi atrás da Dory e agora é um homem morto. O Ben cuidou disso. E agora, na casinha que fica atrás da casa da Mama, há uma coisa de que ninguém vai falar. Trabalhamos depressa, a Mama, o tio Jacob e eu, para esvaziar o quarto do preceptor. Não sei quem ficou com mais medo. Se alguém descobrir o que aconteceu aqui, estamos todos mortos. Trabalhamos a noite toda, e aí, pouco antes de amanhecer, antes de eu voltar para a casa da cozinha, a Mama disse para eu escrever uma carta ao capitão. Eu tinha de fazer parecer que era do Waters, dizendo que ele tinha de ir embora. Usei meu dicionário e, ao terminar, assinei o nome dele, igualzinho ao que estava no papel que encontramos no seu quarto.

Aí eu disse que tínhamos de pôr um lacre, como faz o capitão. Mostrei à Mama como pôr a vela acesa embaixo da cera que eu segurava sobre o papel, mas ela estava tão cansada e assustada, e tremia tanto, que pegou o meu dedo.

— Ai! — reclamei. — A senhora está chegando muito perto com esse fogo. — Ocê se mexeu — disse a Mama.

— Não me mexi, a senhora é que está se mexendo.

— Fica parada — disse ela, mas, quando a vi aproximar a vela de novo, com a mão ainda tremendo, percebi que ia me queimar outra vez e desatei a rir.

— Não começa a rir agora — disse a Mama, só que aí nós duas começamos.

A Mama pousou a vela, de tanto que ria, e eu fiz igualzinho.

Foi nessa hora que o tio Jacob entrou no quarto.

— O Jimmy vortô — disse. — Contou que aquele cavalo é doido que nem o Waters. Diz que nem precisou de chicote pra botar ele pra

correr. Diz que vai demorar muito pra eles achar o cavalo do tutor.

— A Dory escolheu um bom homem — disse a Mama, tentando não rir, porque o tio nos olhava esquisito. A Mama se levantou e deu a vela ao tio Jacob. — É melhor ocê ajudar a Belle a terminar aqui. Eu vou olhar aquele quarto pela última vez, pra ver se tá tudo limpo. Depois, vou mandar o Papa e o Ben limpar aquela fogueira. O Papa falou que, se sobrar alguma coisa, ele empurra pra baixo na casinha.

— E como é que ele vai fazer tudo ficar lá embaixo? — perguntei, e aí bufei que nem um cavalo, e a Mama teve de sentar de novo, de tanto que ria. Quanto mais o tio olhava pra nós, mais a gente ria.

— Essas muié — disse ele, meneando a cabeça.

CAPÍTULO 13

Lavinia

A BELLE ESTAVA TÃO TENSA e distraída, na manhã seguinte ao abate dos porcos, que, se eu não a tivesse lembrado, ela se esqueceria de me dar alguma coisa para comer antes de me mandar para a casa-grande. A Dory também teve um sobressalto quando abriu a porta da sala azul. Eu, por minha vez, perdi o fôlego ao vê-la. Seu olho direito estava que parecia um ovo e com um círculo roxo, e o lábio superior, inchado e ferido. Ela desviou o rosto da minha inspeção e me mandou em tom áspero para o quarto da D. Martha.

No minuto em que entrei, a Mama pediu licença, dizendo que voltaria dentro de uma hora. A D. Martha estava sentada na cama, escorada pelos travesseiros e já com a higiene matinal concluída. Sozinha com ela, senti-me acanhada. Permaneci a certa distância da cama, enquanto ela me estudava.

— Olá, Isabelle — disse-me. De forma inesperada, acrescentou: — Você pode buscar a Sally para mim?

Olhei para trás, à procura da Mama Mae, mesmo sabendo que ela já havia saído. Senti as pernas bambas de apreensão, mas, sem alternativa, cheguei mais perto da cama. Enfrentei o olhar da D. Martha, respirei fundo e disse:

— Não, não posso. Ela caiu do balanço.

A mulher pálida respirou fundo e cobriu o rosto com as mãos. Eu já ia correr para buscar a Mama quando a D. Martha voltou a olhar para mim, com os olhos verdes escurecidos pelo sofrimento.

— Fico o tempo todo torcendo para que seja um sonho — disse. — Um sonho pavoroso.

— Eu não me chamo Isabelle — contrapus, na esperança de distraí-la. Quando ela desviou os olhos, temi ter dito a coisa errada, mas, quando tornou a virar para mim, ela sorriu.

— Eu sei, meu bem, mas faça a minha vontade, por favor. Você me lembra a minha irmã e para mim é um enorme consolo usar o nome dela.

É claro que eu compreendia, já que fora exatamente por isso que eu tinha escolhido o nome do Campbell.

— Não faz mal a senhora me chamar de Isabelle.

Ela pegou minha mão.

— Sei que preciso voltar a ficar forte, sair deste quarto, mas tudo parece sem sentido — disse. Fitou-me, perscrutando meus olhos. — Não sei o que fazer.

Lembrei-me da sabedoria do tio Jacob.

— A senhora pode entregar a Alá — sugeri.

— Alá? — perguntou ela. — Quem é Alá?

— É um outro nome do Senhor. A Mama diz que a sinhazinha Sally está brincando com a minha mãe e que o bom Deus está cuidando das duas.

A Dona Martha me olhou com ar curioso, depois deu um tapinha na cama.

— Venha sentar-se ao meu lado — convidou, e obedeci. — Como foi que você ficou tão esperta?

Dei de ombros.

Ela alisou minhas tranças por um minuto.

— Como vai o neném? — perguntou.

— Quer que eu vá buscá-lo? — perguntei, cheia de esperança.

Ela negou com a cabeça.

— Agora não. — Intuindo minha decepção, acrescentou: — Mais tarde, talvez.

Fiz que sim e ficamos sentadas em silêncio.

— Você pode ler para mim? — ela acabou perguntando.

— Não sei ler — respondi.

Ela pareceu levar um susto.

— Neste caso, terei que lhe ensinar.

Ela mal havia aberto um livro quando ouvimos a voz elevada da
Mama

Mae na sala azul:

— Primeiro eu falo com ela! Ela é uma dama e não vai querer
home nenhum no quarto, a não ser que ela mande!

— Trate de informá-la que estou aqui para tratar de negócios com
ela.

Senti um arrepio na nuca ao som da voz do Rankin.

A Mama Mae entrou no quarto e fechou a porta. Aproximou-se de
D.

Martha, inclinou-se para ela e cochichou que o capataz estava lá.

— Do jeito que veio entrando na casa, ele deve de tá pensando que
é o sinhô. Diz que a senhora é só uma coitada de uma doente e que, até
o capitão vortá, é ele que manda aqui.

Dona Martha arqueou as sobrancelhas e suas faces coraram.

— Andando pela minha casa? Ele me chamou de coitada? Como se
atreve?!

— Aquele homem ali fora tá achando que manda na sua casa. A
sinhá vai falar com ele?

— Sim, com certeza!

A Mama ia saindo em direção à sala azul, mas D. Martha a chamou
de volta:

— Mae. Não estamos com pressa. Pode me dar o meu espelho de
mão?

A Mama voltou para fazer o que ela pediu.

D. Martha tirou a touca de dormir e a entregou a ela.

— Agora, me dê minha escova — falou, e me fez segurar o espelho,
enquanto arrumava os cachos ruivos em volta dos ombros.

Beliscou as bochechas, deu umas piscadelas exageradas e levantou os olhos, topando comigo a encará-la, admirada com a transformação.

Enrubesci quando ela me sorriu.

A Mama Mae deu uma olhadela nervosa para a porta.

— Mae — disse D. Martha — , sente-se naquela poltrona. Isabelle, quer fazer a gentileza de abrir a porta para o Sr. Rankin?

Fui até a porta, mas, quando ia abri-la, a Mama me disse para esperar.

Foi até o urinol e o empurrou para debaixo da cama, depois tirou uma peça íntima de outra cadeira e a guardou depressa. Enquanto isso, pela porta entreaberta, observei o Rankin parado perto da Dory na sala azul:

— Quem bateu no seu rosto? — perguntou.

— Ninguém. Eu caí — disse ela, depressa.

— Caiu? — repetiu ele, examinando-a com atenção. — Tem certeza?

Como a Dory, claramente petrificada, não respondeu, ele continuou:

— Você é muito bonitinha. — Riu. — Está me parecendo que tem bastante leite para esses dois bebês. — Fez uma pausa e perguntou: — Como é mesmo que eles a chamam?

— Dona Dory — respondeu ela, com petulância.

— Dona Dory! Ora, mas não me diga! Com certeza temos um pessoal bem metido a besta nesta casa-grande, não é?

A um aceno da Mama, abri a porta e fiz sinal com a cabeça para o Rankin entrar. Ele se inclinou para o ouvido da Dory antes de deixá-la:

— Você sabe que o Sr. Rankin está sempre atento às moças bonitas.

Entrou no quarto a passos confiantes. Não houvera melhora alguma em sua aparência e um odor de sujeira o seguia. Ele segurava um documento.

— Sr. Rankin?

O tom da voz da patroa o impediu de chegar mais perto. Ele pareceu surpreso ao ver a Mama Mae sentada numa poltrona.

— Sim, senhora, D. Martha — dirigiu-se a ela, após ligeira hesitação — , é muito bom vê-la com aparência tão boa.

— Sim — retrucou ela. — Como o senhor pode ver, estou passando muito bem.

As mãos sujas do capataz remexeram no papel que ele segurava.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou a D. Martha.

— Aqui diz que o Waters foi embora — respondeu ele, aproximando-se e lhe entregando o documento.

Ela o pegou e examinou o lacre partido.

— Isto foi endereçado ao capitão — disse.

— Sim, bem... com as coisas... com a senhora estando...

Ela levantou a mão para silenciá-lo enquanto lia.

— Pois então, o Sr. Waters se foi? — perguntou, tornando a dobrar o papel.

— Sim. Sim. Os pertences dele se foram e ele parece ter levado o cavalo, mas não tenho certeza...

— Não tem certeza de quê, Sr. Rankin? — interrompeu a D. Martha.

— Bem, veja, ele não me disse que ia embora — respondeu Rankin.

— E por que deveria lhe dizer? — perguntou ela.

O capataz pareceu ficar sem palavras.

— Pelo que vejo, Sr. Rankin, este é um assunto para o meu marido. Ele deverá estar de volta a qualquer momento. Deixarei a questão em suspenso até seu retorno. Agradeço muito a sua preocupação, mas, como o senhor está vendo, sou perfeitamente capaz de administrar esta casa e os assuntos dela.

— Bem, eu só estou tentando fazer o meu trabalho — disse Rankin. — Quando o capitão viajou, ele me pediu para tomar conta do lugar. Não me disse que eu responderia à esposa dele, mas suponho...

O tom de D. Martha tornou-se gélido:

— Sr. Rankin, não permita que eu o atrase no cumprimento das suas outras obrigações.

O homem se curvou feito um idiota e se encaminhou para a porta. Ao entrar na sala azul, parou ao lado da Dory, que acabara de amamentar o Campbell e estava dando de mamar à Sukey. À aproximação do capataz, ela cobriu depressa o seio. Rankin parou a seu lado por um momento, depois se inclinou e beliscou o rosto da neném. Sukey deu um grito e, quando a Dory afastou a mão dele, o sujeito agarrou-lhe o pulso e o apertou feito um torno, a encarando. Por fim, com uma risada rouca, soltou-a e foi embora, deixando à Dory a tarefa de acalmar a si própria e à filha.

Atrás de mim, ouvi a D. Martha dizer à Mama Mae que, desse dia em diante, começaria a fazer mais exercícios.

Mais tarde, depois do almoço, a D. Martha descansou, e fiquei sentada com o Campbell enquanto a Dory ia almoçar. O bebê estava acordado, e por isso o peguei no colo e o aninhei, o tempo todo cantarolando uma das canções da Mama. O Marshall enfiou a cabeça no vão da porta. Tinha as pálpebras pesadas e parecia meio adormecido, por causa do ópio que a Mama lhe dera na noite anterior.

— Por que o quarto do Waters está vazio? Sabe aonde ele foi? — perguntou-me num cochicho.

— Ele foi embora — respondi.

— O Waters? Embora para onde?

— Não sei. O Sr. Rankin veio aqui hoje e disse à sua mãe que o Sr. Waters foi embora.

— Não acredito — retrucou Marshall, com raiva, tornando a olhar para o corredor.

— É verdade. A Mama disse que ele foi conversar com o demonho.

— Foi aonde?

— Conversar com o demonho — repeti.

— O demônio? — ele me corrigiu.

— Acho que sim.

— Não comece a falar desse jeito. Você não é um deles.

— O que você quer dizer?

— Eles não são como nós. São burros.

— Quem é burro?

— A negrada!

— A Belle não é — rebati, pronta a lhe informar sobre as habilidades de leitura dela.

— A Belle! — disse ele, como se cuspiasse o nome. — Ela não passa de uma prostituta mulata.

Fiquei calada, sem saber o que aquilo significava.

— Não confie em nenhum deles — disse Marshall. — Eles se voltam contra você no minuto em que você lhes dá as costas.

— Você se refere ao Ben e também ao Papa George? — perguntei.

— Esses são o pior tipo, os que são mais próximos da pessoa. Matam você enquanto dorme.

— Quem disse isso?

— O Waters e o Rankin. Isso vive acontecendo. Eles me falaram de uma porção de escravos que mataram os seus senhores. É preciso aprender a controlá-los antes que eles matem todos nós.

Olhei fixamente para ele. Marshall falou com tanta convicção que, mesmo sem querer, eu me perguntei se haveria algo a temer.

— Mas não se preocupe — ele acrescentou. — Eu cuido de você.

Campbell começou a se agitar e afrouxei suas cobertas. Quando tornei a levantar os olhos, o Marshall tinha saído. Fiquei perturbada com suas palavras e, à noite, mais tarde, perguntei à Belle o que ele

tinha querido dizer. Ela me respondeu que era bobagem e que o Marshall parecia andar passando tempo demais com o Rankin.

O estado físico e mental de D. Martha fortaleceu-se à medida que diminuíram as doses de láudano. No fim das manhãs, ela passou a me manter a seu lado. Mandara buscar lousas e começou a me ensinar a ler e a escrever. Eu era uma aluna entusiasmada e adorava a sua atenção, embora estranhasse o fato de ela não se importar mais com os próprios filhos. Nunca perguntava pelo Marshall e, quando voltou a frequentar os cômodos de baixo, contentava-se em ver o Campbell sob cuidados da Dory, mas nunca pedia para segurá-lo. Também notei, quando andávamos pelo corredor de cima, passando pelo quarto da Sally, que ela mantinha os olhos afastados.

No térreo, havia quatro cômodos muito grandes para visitarmos. O corredor, pintado de um azul vibrante, atravessava o centro da casa e era amplo o bastante para acomodar seus próprios móveis, mas a larga escadaria era seu ponto principal. À esquerda e ao fundo, a sala de jantar tinha paredes cobertas de murais, com cenas panorâmicas de mar azul e navios e de colinas verdes com cavalos. À frente desse cômodo esplêndido ficava uma sala de visitas formal.

Do outro lado do corredor, o lado direito da casa, havia uma ampla sala de estar e, atrás dela, a biblioteca, também conhecida como sala de estudos. A sala de estar era o menos formal desses aposentos, e era lá que a D. Martha parecia se reencontrar um pouco.

Como todos os cômodos do térreo, a sala de estar tinha um pé-direito de 3,70m. Seus três janelões tinham venezianas de madeira que se dobravam, embutidas em nichos na parede, quando se desejava a luz do sol. As paredes eram pintadas de um verde vivo e o piso de tábuas de pinho era coberto por tapetes de tamanhos diferentes, cada qual com desenhos intrincados e cores variadas. Retratos com molduras douradas decoravam as paredes e, embora eu tivesse a intenção de questionar sua origem, essa oportunidade nunca se apresentou naqueles anos.

Num canto oposto à lareira de mármore, onde o tio Jacob se incumbia de sempre manter um fogo ardendo, havia um cravo; no canto

inverso ficava um relógio alto, cuja caixa era de suntuosa nogueira preta. Entre os dois, uma bela mesa de biblioteca exibia dois livros grandes, ao lado dos quais ficavam óculos que presumi pertencerem ao capitão. No centro da sala havia uma mesinha e, ao redor dela, um canapé e três poltronas confortáveis. Quando eu me sentava lá com D. Martha, ela me contava abertamente histórias sobre ela e sua infância, sem dúvida feliz por recordar uma época em que se sentira segura e amada.

Ela tivera duas irmãs. A mais velha, Sarah, era a visitante vinda de Williamsburg. A mais nova, Isabelle, “ morreu quando tinha 12 anos; foi uma grande perda” , disse a D. Martha, e começou depressa a falar de sua mãe. Ela era da Inglaterra, severa, exigente e decidida a criar filhas inglesas respeitáveis. O pai era o inverso. Viera da Irlanda na juventude. Com senso de oportunidade e dedicação ao trabalho árduo, tornara-se um comerciante rico. Espalhafatoso e barulhento, vivia constringendo a esposa, mas ela tolerava isso, já que o marido era um nome de peso na sociedade da Filadélfia. E, o que era mais importante para D. Martha, o pai amava as filhas com um orgulho que não conhecia limites.

— Ele nos mimava — contou ela. — Se pedíamos um vestido, ganhávamos dois; se pedíamos uma touca, ele nos dava três.

— Alguma vez eles vieram visitá-la? — perguntei.

— Só uma — disse a D. Martha. — A viagem era muito longa e, naquela época, minha mãe já andava com a saúde fraca. Às vezes me pergunto se a viagem para cá terá apressado... o falecimento dela.

Numa dessas ocasiões em que me contava histórias, a D. Martha levou-me à sala de estudos. Foi até uma grande escrivaninha e parou para deslizar a mão pela borda polida.

— Esta era a escrivaninha do meu pai — disse. Abriu a gaveta e tirou um maço de cartas atado com uma fita de gorgorão. — São da minha mãe.

— É uma fita bonita — comentei.

Ela me convidou a sentar numa cadeira a seu lado.

— É — concordou, desatando o laço. — O azul sempre foi minha cor favorita. Qual é a sua?

— Verde — respondi, pensando no lenço que a Belle usava na cabeça e na roupa da minha boneca.

— Ah — disse ela, dando-me um sorriso — , o verde da Irlanda.

Leu em voz alta trechos de pelo menos uma dúzia de cartas. Quase pude ver sua mãe — uma mulher imponente, imaginei — escrevendo em sua escrivaninha na Filadélfia. Ela escrevera sobre eventos sociais e para contar que as amigas de infância da D. Martha tinham se casado e agora participavam de glamorosas atividades sociais. Externara sua preocupação maternal com a filha e a aconselhara a cuidar bem da saúde. Solidarizara-se com a D. Martha por sua solidão, mas lembrara à filha que ela é que havia optado por partir.

— Por que a senhora quis vir para cá? — perguntei.

Ela riu um pouco, como se relembresse uma piada particular. Pegou um livro pequeno no interior da escrivaninha. De dentro dele tirou um recorte amarelado de jornal. Leu-o em voz alta, tanto para si mesma quanto para mim. A matéria falava do casamento de uma bela jovem, a Srta. Martha Blake, com o capitão James Pyke, de 40 anos, um comerciante bem-sucedido e proprietário de um navio. O casal iria residir na fazenda Carvalhos Altos, uma propriedade que cultivava tabaco no sul da Virgínia. O jornal também dizia que a Srta. Martha, ela própria de natureza vibrante, com certeza seria a parceira perfeita para esse homem ilustre e aventureiro.

— Isso era sobre a senhora? — perguntei.

Era difícil acreditar que aquela reportagem repleta de elogios, referindo-se a uma mulher vibrante, dissesse respeito à D. Martha.

— Sim. Eu era jovem e tola — disse ela. — Ainda não completara 20 anos. Achei que isto seria uma aventura. Não fazia ideia do que me esperava aqui. Tinha imagens de mim como uma fidalga do interior, que teria um sem-número de criados para me ajudar quando eu oferecesse meus bailes campestres. Imaginei que me manteria atarefada planejando esses eventos, à espera de que meu marido retornasse de

suas viagens. Achei que, se me sentisse solitária, bastaria voltar à Filadélfia ou fazer uma viagem empolgante a Williamsburg, para visitar minha irmã. Mas não era para ser assim — ela concluiu, e tornou a se calar.

— O que aconteceu? — não consegui evitar a pergunta.

— Quando cheguei e vi esta casa e como estávamos isolados, tudo que eu queria era voltar para a Filadélfia. Achei que tinha feito a escolha errada, talvez houvesse até casado com o homem errado. Mas o James foi muito sedutor, apaziguador, e me prometeu que logo venderia o navio e liquidaria os seus negócios para ficar aqui comigo. Mas os anos se passaram... — ela se deteve.

— A senhora não tem amigos aqui? — indaguei, querendo introduzir alguma esperança.

— O vizinho mais próximo é um solteirão idoso, que vive da maneira mais imprópria com... uma de suas criadas. — Ela meneou a cabeça, como se quisesse afastar essa ideia. — Não posso viajar sem um acompanhante homem, tampouco posso viajar com um que... — hesitou e olhou para mim — que não seja da nossa cor. Isso simplesmente não é permitido a uma mulher. Resta-me a alternativa de viajar com o Sr. Rankin, e tenho certeza de que você tem idade suficiente para compreender por que isso fala por si.

— A senhora tem a Mama Mae, a Belle e a Dory — retruquei. — Elas são suas amigas.

A Dona Martha verificou a porta e tornou a olhar para mim. Falou em voz baixa:

— Elas não são minhas amigas. São minhas criadas. Cuidam de si. A Mae sabe que sua filha mais velha se relaciona com meu marido, embora negue. Você é pequena, mas com certeza entende. Quase desde o início, desconfiei dos segredos delas.

Embora não entendesse com clareza o que ela queria dizer, comecei a lhe oferecer garantias da lealdade da Belle para com ela, mas a D. Martha me interrompeu rapidamente:

— Não me fale dela! — ordenou. No mesmo instante, viu o efeito de suas palavras ríspidas e deu um tapinha na minha mão. — Um dia você entenderá, querida. Sei que é uma tolice falar destes assuntos com uma criança, mas me sinto tão só que há dias em que acho que vou morrer por isso.

— A senhora não pode visitar a sua irmã?

Ela balançou a cabeça e deu um suspiro.

— Não tenho estado com saúde suficiente. O Marshall nasceu um ano depois de nos casarmos. Nos anos seguintes, tive outros filhos que... não sobreviveram. Eu parecia incapaz de recuperar a saúde, embora estivesse ficando muito mais forte, pouco antes da Sally...

Empalideceu, ao ser atingida pela lembrança, e fechou os olhos, como que para repelir a tristeza.

— Quer que eu busque a Mama? — perguntei.

Ela fez que não com a cabeça e abriu os olhos.

— O que a senhora fazia quando era pequena? — perguntei depressa, incorporando outra técnica da Mama para desviar a conversa de um assunto incômodo.

A D. Martha continuou calada, enquanto dobrava cuidadosamente o artigo de jornal e o reintroduzia no livro, antes de devolvê-lo à gaveta da escrivaninha. Dobrou as cartas e começou a atá-las, e fiquei pensando se teria ouvido a minha pergunta.

— Pode pôr o seu dedo aqui? — perguntou ela, indicando a dobra da fita. Firmei cuidadosamente o meu polegar e ela deu um lindo laço. Ficou com o maço no colo, alisando a fita de leve, enquanto falava:

— Quando eu era pequena, na Filadélfia, um dos meus maiores prazeres era ir com minhas irmãs ao mercado da cidade. Sarah, Isabelle e eu saíamos com frequência. Nossas criadas nos acompanhavam, é claro, mas que aventuras tínhamos! A vida na cidade era maravilhosa, Isabelle. Havia restaurantes! — exclamou, e me fitou com os olhos brilhando. — Todo domingo à tarde, depois do ofício religioso, papai levava a família a um restaurante. Que rebuliço faziam por nossa causa,

embora nós, as irmãs, já soubéssemos que éramos muito bonitas. — Ela parou para lembrar. — Que saudade eu sinto daqueles domingos!

— Por quê? — perguntei, com medo de que sua história acabasse.

— Havia uma igreja, Isabelle, cuja torre tinha uma agulha tão alta que acredito que fosse a principal característica da Filadélfia naquela época. Nas manhãs de domingo, vestíamos nossos melhores trajes e andávamos até essa Igreja Anglicana de Cristo. Sempre caminhávamos juntos em família. Como eu gostaria de voltar a assistir a um ofício religioso!

— Aqui não há nenhuma igreja? — perguntei, certa de ter ouvido a Mama Mae falar de uma delas.

— É presbiteriana — disse a D. Martha, como se isso fosse uma resposta que prescindisse de maiores explicações.

Vi que ela estava cansada e não lhe pedi que aliviasse minha confusão.

Numa tarde cinzenta, após dois dias de chuva, a D. Martha sentou-se diante do que chamou de cravo e começou a tocar. Quando terminou, virou-se para mim com um sorriso de quem pedia desculpas.

— Acho que não toco muito bem.

Eu ficara encantada e lhe garanti que a música era linda.

Ela assumiu um ar sério ao dizer as palavras seguintes:

— Não toco com frequência porque a música faz com que eu me sinta solitária demais.

Era compreensível, porque, quando ela iniciou outra melodia, senti a solidão de cada nota pulsar e ecoar por aquela sala lindamente mobiliada, porém vazia.

CAPÍTULO 14

Belle

ESTAMOS TODOS PREPARANDO UMA história para o capitão. Repassamos várias vezes o que aconteceu, depois repassamos várias vezes o que vamos dizer que aconteceu. O Papa quer contar a verdade ao capitão, mas a Mama diz que ele está esquecendo que o Waters era branco e que, se contarmos a verdade, com certeza vão enforcar o Ben. É a primeira vez na vida que vejo a Mama Mae e o Papa George não concordarem numa coisa.

Todo mundo anda com medo do Rankin. Desde que ele foi à casa-grande e a D. Martha falou duro com ele, a Ida disse que ele tem batido neles como nunca. O Rankin sabe que houve alguma coisa com o Waters, mas ninguém diz nada, e isso o deixa com raiva. Além disso, ele deu pra me perseguir, desde aquela noite em que lhe dei o uísque e ele não me pegou. Agora, toda manhã ele vem aqui na casa da cozinha.

Quando eu disse que achava que o capitão não ia querer que ele me incomodasse, foi como se saísse fogo dos olhos dele. Ele disse que tá cuidando da fazenda pro capitão e que tá de olho no Ben e em mim, como o capitão mandou. Depois, ficou lá rindo, só me olhando. O tempo todo eu fico pensando em quanto espaço terá sobrado naquela casinha.

E o Ben, em vez de ficar com medo por ter acabado com o Waters, agora parece achar que é capaz de fazer qualquer coisa. Anda se arriscando demais. Ontem à noite, ele me achou quando eu trabalhava no depósito do porão da casa-grande. Estava umedecendo com conhaque os bolos para o Natal, quando ele entrou de fininho e fechou a porta.

— Benny, é melhor você sair daqui! — falei.

— O Rankin tá dormindo, por causa da bebida — respondeu ele e perguntou, bem baixinho: — Belle, ocê não gosta mais de mim?

Por vontade própria, meus pés queriam correr pra ele, mas fiquei firme. — Eu ainda gosto de você, Benny, mas no verão o capitão vai me

levar para a Filadélfia.

O Ben chegou perto de mim. Seus olhos me fitaram e vi que, se ele me tocasse, eu não conseguiria me segurar.

— Belle — disse ele, e já ia me beijar, mas o tio Jacob chegou à porta bem na hora.

O tio fechou a carranca para mim, mas eu expliquei:

— O Benny só veio aqui pra ter certeza de que está tudo bem.

Depois que o Benny foi embora, o tio Jacob perguntou:

— Ocê tá querendo matar esse garoto?

— Não! — protestei.

— Tudo depende de ocê, Belle. Se acontecer alguma coisa com o Ben, a Mae e o George vão pôr a culpa n' ocê.

Sei que tenho que manter o Ben longe de mim, mas preferia cortar uma das mãos.

CAPÍTULO 15

Lavinia

NAS ÚLTIMAS SEMANAS ANTES do Natal, a D. Martha foi à janela várias vezes e olhou lá para fora, na expectativa de avistar a carroça do capitão. A Mama Mae a tranquilizava, todos os dias:

— Ele vai chegar logo. A senhora bota aquele vestido especial hoje, pra ficar igual à moça bonita com quem ele casou.

Certa manhã, quando a Dory estava no andar de cima com os bebês e a Beattie e eu estávamos embaixo, ajudando a D. Martha a pôr ramos de azevinho e cedro sobre a moldura da lareira, a Mama irrompeu porta adentro.

— Os guardas tão aqui, e tão levando o Jimmy! — disse, esbaforida.

— Mae, pelo amor de Deus! — exclamou a D. Martha. — Você me deu um susto.

— Os guardas! — repetiu a Mama. — Eles tão aqui, lá nos celeiros, e agora tão dizendo que vão à casa da cozinha. Dizem que tão procurando o tal de Waters. Tão batendo no Jimmy! Dizem que ele sabe alguma coisa e vão levar ele. — A Mama estava desvairada. — O Rankin diz que depois vão levar o Ben!

A Dona Martha largou os raminhos e chamou o tio Jacob, enquanto ia ao armário das armas na biblioteca.

— Tome, pegue isto — disse, entregando uma pistola ao tio Jacob e tirando outra do armário.

Suas mãos tremiam quando ela a carregou, mas ficou evidente que estava familiarizada com o mecanismo de uma arma. Saiu pela porta dos fundos para o dia frio e claro com a Mama e o tio Jacob, um de cada lado. Ninguém notou que Beattie e eu fomos atrás. Os cavalos estavam selados e amarrados ao lado da casa da cozinha, para onde o nosso grupo se dirigiu. O Papa estava nos fundos da casa da cozinha, soltando um machado de um toco de madeira.

— Você não vai precisar disso, George. Venha, pegue isto e fique comigo — disse a D. Martha, entregando-lhe a pistola que o tio Jacob carregava.

Contornaram juntos a casa. As mãos do Jimmy estavam amarradas na sela de um cavalo baio, a cabeça encostada no flanco do animal; desviei os olhos as ver suas costas sangrando.

O Papa falou baixo ao passarmos por ele:

— Aguenta firme, filho.

Do interior da cozinha vinham gritos e risadas, e não demorou para vermos por quê. Quatro homens, um deles o Rankin, formavam um círculo. Jogavam a Belle de um lado para outro, fazendo-a rodopiar. Num canto da cozinha, o Ben se debatia de bruços, as mãos e os pés amarrados e a boca amordaçada. Chorando e tremendo, a Fanny estava agachada ao lado dele.

— Quem vai falar primeiro? — perguntou um dos guardas.

Rankin deu uma risada grosseira, pegando a Belle e puxando-a para si: — O que é que nos vamos ter que fazer com essa garotinha, pra forçar aquele negrinho ali no chão a falar?

Marshall observava tudo, com o olhar excitado. Outro homem, parado no cômodo no lado oposto a Ben, não participava do círculo. Mais jovem que os outros, parecia inquieto com aquele jogo.

O estouro da pistola da D. Martha parou tudo.

— Senhores — disse ela, sem se dirigir a ninguém em particular. — Agora que tenho a sua atenção, quero lhes assegurar que sei usar a pistola com mais precisão do que acabo de fazer. — Fez uma pausa e olhou para o teto lascado. — Ora, vejam, fiz um buraco na minha própria cozinha! — Virando-se para o Papa George, disse: — George, receio ter aumentado o seu trabalho. — Fitou a plateia perplexa e indagou: — Alguém quer ter a bondade de me dizer o que significa isto?

Rankin cambaleou em direção a ela.

— Bem, sabe, D. Martha, esses cidadãos cumpridores da lei vieram nos informar que o cavalo que o Sr. Waters montava foi achado lá no

condado de Buckingham. Como o Sr. Waters ainda não foi encontrado, eles pensaram que alguém aqui poderia ter informações que não achou conveniente revelar.

D. Martha encarou Rankin com um olhar frio, depois virou-se para os outros homens na cozinha:

— Receio que os senhores tenham sido mal informados. O assunto da partida do Sr. Waters está aguardando resolução até o regresso do meu marido. O Sr. Rankin não tem nada que fazer aqui. Ele foi contratado para manter a ordem no campo, onde talvez esse tipo de tratamento — baixou os olhos para o Ben e tornou a erguê-los — seja necessário. Mas não é preciso usá-lo com meus criados domésticos. — Olhou para Belle: — Os senhores estão cientes de estarem brincando com uma das posses mais valiosas do capitão, não é? — Suas palavras eram frias como gelo.

— Ela é só uma vagabunda, mãe! — gritou Marshall.

Se a D. Martha ficou surpresa com essa explosão, não o demonstrou, apenas disse:

— Sim, Marshall, é mesmo, mas é a vagabunda do seu pai, e Deus proteja o homem que se esquecer disso.

Os homens a fitaram com olhos assustados, que me fizeram lembrar os pavões do aparelho de jantar.

— Senhores — ela se dirigiu a eles — , aprecio o fato de todos serem cidadãos tão cumpridores da lei. Entretanto, neste momento eu lhes peço que se retirem da minha propriedade. Espero que desamarrem o negro que está lá fora e o deixem comigo.

O rapaz que estava num canto deu um passo à frente, tirou o chapéu e passou a mão pelo cabelo castanho-escuro e liso.

— Pedimos muitas desculpas por perturbar o seu dia, Sra. Pyke — falou. — Parece que recebemos informações equivocadas.

Os outros o fuzilaram com os olhos.

— Isso é assunto para a lei — resmungou um deles.

— E como é o seu nome, senhor? — perguntou a D. Martha, dirigindo-se ao rapaz que lhe pedira desculpas.

— É... ah... Stephens — gaguejou ele. — Will Stephens.

— Stephens? — repetiu ela. — É um nome familiar. O capitão conhece o seu pai?

— Sim, senhora — respondeu ele, apalpando o chapéu. — Nós arrendamos a propriedade do capitão lá no lado leste.

— Não me diga que você é aquele garotinho que nos ajudou aqui nos celeiros, no ano em que o Marshall nasceu, é? — perguntou ela, com um leve cantarolar na voz.

O rosto dele enrubesceu.

— Sim, senhora. Eu mesmo.

— Santo Deus! Como está crescido! Sinto-me muito melhor sabendo que conto com o senhor para zelar por nós na colina. E transmita minhas palavras a seu pai, sim?

Ele lhe assegurou que o faria.

Quando o Rankin se retirou, os outros o seguiram rapidamente. O Papa permaneceu ao lado da D. Martha ao vê-la ir atrás deles. Enquanto os outros partiam cavalgando, Rankin tomou a direção do alojamento.

A voz da D. Martha o deteve:

— Sr. Rankin.

Ele se virou.

— Não quero que o senhor se preocupe com coisa alguma por aqui. Meus criados de casa estarão armados — disse, indicando o Papa George a seu lado, com a pistola. — Imagino que eles fiquem nervosos com toda esta agitação. Espero muito que meu sono não seja interrompido pelo som de tiros, mas eles estão autorizados a usar as armas, caso desconfiem que há um intruso nas terras da casa-grande.

O rosto do Rankin se fechou, mas ele nada disse e se virou novamente na direção do alojamento. Para minha surpresa, o Marshall correu atrás dele, mas a mãe o chamou. Por um momento, ele pareceu

prestes a desobedecer, mas, quando a D. Martha tornou a chamá-lo, o garoto chutou a terra e voltou correndo para a casa-grande.

— Preciso me sentar — disse ela, de repente perdendo toda a cor.

A Mama Mae estendeu-lhe os braços e lhe serviu de apoio para ela entrar na cozinha, onde o tio Jacob estava ajudando o Ben a se levantar. Uma vez livre, ele correu porta afora. A Belle, debruçada sobre a mesa, bateu no tampo repetidas vezes com a palma da mão. Do lado de fora, o Papa chamou a Mama para ajudá-lo com o Jimmy. O tio Jacob fez a D. Martha sentar-se e se aproximou da Belle.

— Belle — disse, pondo a mão em seu braço e falando com firmeza: — O Jimmy tá lá fora, percisando de ajuda. Vamos.

— É uma sorte ninguém ter se machucado — comentou a D. Martha.

Belle girou na direção dela, com um olhar fulminante. O tio Jacob colocou-se entre as duas.

— Dona Martha, é melhor nós levar a sinhá de vorta lá pra casa-grande. A Mae e o George cuida de tudo aqui. Se o capitão chegar, vai querer a senhora lá, esperando ele. Vamo, eu levo a sinhá de vorta.

Estendeu-lhe o cotovelo e a D. Martha se levantou para aceitar seu braço. O tio fez sinal com os olhos para que eu também fosse. Eu não queria ir. Estava com medo e queria ficar com a Belle. Queria saber onde estava o Ben e se ia ficar tudo certo com ele. Eu não conseguia apagar da lembrança o olhar que vira em seu rosto quando ele estava amarrado, sem poder ajudar a Belle.

Apesar da minha relutância, obedeci, mas, quando o nosso grupinho tinha quase chegado à casa-grande, ouvimos uma barulheira abafada lá atrás. Foi como se alguém estivesse atirando panelas na parede da casa da cozinha.

CAPÍTULO 16

Belle

TÁ TODO MUNDO COM os nervos à flor da pele. Agora, todos os dias, ficamos esperando o capitão chegar em casa. Desde que o Rankin e os homens apareceram aqui na cozinha da casa-grande, o Ben não veio mais me procurar. É melhor assim, mas acho que ele fica longe porque passou vergonha. No dia que o Rankin ficou me jogando pra lá e pra cá, o Ben correu daqui, fedendo que nem privada. A culpa não é dele. Depois que lhe arrancaram a orelha, sei que ele só pode é ficar apavorado. Naquele dia, aqui na casa da cozinha, não tinha nada que o Ben pudesse fazer, eu entendo. Mas ele é homem, e pode ser que não veja as coisas desse jeito.

Todo mundo anda olhando onde pisa, com muito cuidado. O Rankin tá só procurando um pretexto em que se agarrar.

CAPÍTULO 17

Lavinia

UMA CARROÇA CHEGOU NA véspera do Natal, e a patroa correu toda alegre para a porta da entrada. Vieram pilhas de presentes e uma carta, mas o capitão não veio. A D. Martha empalideceu ao saber que ele não viera e o tio Jacob a levou depressa para um sofá na sala de estar, onde ela se sentou, incrédula, segurando a carta fechada.

— Ele não vem — disse a si mesma. — Santo Deus, ele não vem.

A Mama Mae entrou às pressas.

— Ele não vem, Mae — disse a D. Martha, olhando-a como se ela pudesse dizer algo diferente.

A Mama pareceu tão perturbada quanto a D. Martha, mas acabou dizendo:

— É melhor a sinhá ler essa carta.

— Sim. — Dona Martha baixou os olhos para a carta em suas mãos.
— A carta.

Parecia ter se esquecido de que a estava segurando.

Marshall apareceu na porta.

— Onde está meu pai? — Correu os olhos pela sala, cheio de expectativa.

— Dê-me um minuto, Marshall — respondeu sua mãe. — Estou lendo a carta dele — informou. Seus olhos leram por alto o parágrafo inicial. — Ele vendeu o navio! — exclamou. — Mas ainda não conseguiu concluir os negócios. Pede que o perdoemos, mas só poderá vir para casa na primavera.

Baixou a carta no colo.

A Mama Mae sentou-se na cadeira mais próxima.

Marshall tirou a carta do colo da mãe. Houve um silêncio vazio enquanto examinava o papel.

— Ele vai levar a senhora para a Filadélfia. E eu irei para Williamsburg. A Dona Martha ergueu os olhos para o rosto do filho.

— Como? O que você disse?

— Leia o resto — disse o filho, devolvendo a carta e apontando para a informação.

À medida que a D. Martha foi lendo, seu rosto começou a exibir alguma cor.

— Marshall! — exclamou, animada. — Você tem razão! Ele arranhou um colégio para você, em Williamsburg! E tomou providências para eu visitar meu pai na Filadélfia. Vou rever o papai! Passaremos o verão inteiro lá!

As lágrimas começaram a correr pelo rosto dela e eu as vi pingarem no corpete do vestido de brocado azul.

Marshall retirou-se abruptamente da sala, mas a tensão no rosto da Mama persistiu.

O Natal chegou e se foi com poucas comemorações, embora tenha havido uma festa no alojamento. Ben foi o único a comparecer e, quando voltou, bêbado, nos acordou, batendo na porta da cozinha da Belle e chamando o nome dela. Fez tanto barulho que o Papa foi buscá-lo. Falou em tom urgente com o filho, e julguei ter ouvido o Ben chorar quando os dois se afastaram. A Belle também estava chorando, por isso fui para a sua cama e tentei consolá-la como a Mama faria, mas peguei no sono antes que ela parasse de chorar.

A patroa esperou dois longos dias até decidir que estava disposta a abrir seus presentes de Natal.

— Será que a Beattie e a Fanny podem ver comigo? — perguntei.

— Acho que não tem problema — concordou ela, relutante. Quando corri para buscá-las, ela me chamou: — Veja se o Marshall também quer vir.

As meninas e eu fomos procurar o Marshall, mas o Papa, que estava limpando uma baia no estábulo, disse que ele tinha saído para cavalgar com o Rankin. As gêmeas e eu voltamos correndo para a casa-

grande, muito animadas com a perspectiva de ver D. Martha abrir os presentes. Eu lhe falei do paradeiro do Marshall e ela franziu o cenho.

— O que ele está fazendo com aquele homem? — perguntou. Eu não tinha resposta, mas suponho que ela não esperasse alguma. — Ah, bem, ele logo estará longe daqui — respondeu a si mesma. — Pois então, vamos em frente. Ele já abriu os presentes dele.

Beattie, Fanny e eu ficamos observando, cheias de assombro, enquanto a D. Martha alinhava seus pacotes, depois que um bilhete a instruiu a abri-los em sequência. Do primeiro embrulho ela retirou duas bonecas. Leu em voz alta:

— “Garantiram-me que essas bonequinhas estão usando a última moda em Londres. Encomendei os dois modelos para você a uma excelente costureira aqui de Williamsburg, e vou levar-lhe o produto acabado na primavera. Desejo de coração vê-la usá-los na Filadélfia. É minha esperança que você aprove a seleção do tecido e das cores. Eternamente seu, James.”

Nós, meninas, nunca tínhamos visto nada tão bonito. Os manequins eram bonecas de madeira com o rosto pintado, e seu cabelo humano era penteado em cachos rebuscados. Os vestidos eram de um tecido diáfano: um era um estilo império azul, com o corpete e a cauda debruados com elegantes bordados de seda; o outro, de estilo semelhante, era de um tom creme pálido, debruado de bordados brancos e fitas marfim.

Cada um dos dois embrulhos seguintes continha um par de sapatos. Um deles eram delicadas sapatilhas, de cetim azul com bordados prateados, e os saltos baixos eram revestidos de cetim cor de marfim. O outro par era de seda marfim, enfeitado com rosetas de fita cor-de-rosa e com os saltos revestidos de cetim também rosa. Eu simplesmente não conseguia imaginar que uma coisa tão linda devesse ser usada nos pés, e disse isso a

D. Martha. Ela riu, tirou o sapato de couro marrom que estava usando e enfiou o pé delgado na sapatilha de cetim azul, levantando-o para que a víssemos. Girou o tornozelo, descrevendo um círculo,

apontou os dedos para baixo e tornou a rir quando todas soltamos exclamações admiradas pelo encaixe perfeito.

Os outros embrulhos incluíam luvas de seda até os cotovelos e dois pares de meias bordadas. D. Martha explicou que esses acessórios deveriam complementar os vestidos.

Por fim, do fundo da última caixa, a D. Martha tirou um envelope pardo e o examinou. Minha leitura tinha avançado o bastante para eu reconhecer o nome da Belle, escrito no alto em letras grossas. A D. Martha franziu o cenho, girou o envelope nas mãos algumas vezes e se levantou. Ordenando que ficássemos sentadas, levou-o para a sala de estudos. Julguei ter ouvido a gaveta se abrir e, quando ela voltou sem trazer o pacote, presumi que o teria guardado com suas cartas, as que ficavam atadas com a fita azul.

— Aquilo era para a Belle? — perguntei.

Por um momento, ela pareceu assustada.

— Não — respondeu. — É para eu abrir mais tarde.

Por seu tom, percebi que o assunto estava encerrado, e achei que devia ter me enganado na leitura do nome. Pouco depois, a Dory me chamou, precisando de mim para cuidar do Campbell, e esqueci todo o resto, menos a beleza dos presentes que vira serem desembulhados naquele dia.

CAPÍTULO 18

Belle

EU NUNCA TINHA VISTO a Mama Mae tão agitada assim. O Rankin anda bisbilhotando, falando que vai descobrir o que aconteceu com o Waters antes que o capitão volte. E também tem se gabado, em tudo quanto é canto, de que tem ordens do capitão pra vender o Ben se o pegar mexendo comigo. A Mama Mae me repete sem parar que é pra eu ter certeza de não ter nada com o Ben, e diz que, se ele me procurar, tenho que mandá-lo embora. E fala pra gente continuar rezando para o capitão voltar depressa. E aí, veja só, o capitão manda uma carta dizendo que só volta no verão, quando vai levar a D. Martha à Filadélfia. Na noite em que a Mama veio me dar essa notícia, perguntei a ela o que vai acontecer comigo quando o capitão voltar. Ele vai me levar junto para a Filadélfia? Será que acha que pode botar a D. Martha e eu na mesma carruagem, durante todo o caminho até lá?

A Mama disse que não sabe quando o capitão vai me levar, mas que era melhor eu sair daqui o mais depressa possível. Quando ela disse isso, dei um pulo, gritando:

— Ora essa! É fácil ver que a senhora não se importa comigo e que é só do Ben que está cuidando!

A Mama me olhou como se eu tivesse dado uma bofetada no seu rosto. Ficou de pé:

— É isso que ocê acha, Belle? Pensa que não quero ocê aqui? — A boca se mexia como se ela fosse chorar. — Acha que eu não quero que ocê fica? Não sabe que, quando ocê for embora, vai ser que nem eu perder minha própria filha?

E aí, a Mama começou a chorar.

Fui até lá, abracei-a e a fiz sentar do meu lado.

— Desculpa, Mama. Sei que a senhora gosta de mim como da sua própria família. Por favor, Mama, pare de chorar.

Ela puxou um trapo, assoou o nariz e me olhou, com os olhos pretos cheios de medo.

— Belle, ocê tem que sair daqui. Aquele Rankin tá ficando mais agitado a cada dia que passa. Não suporta não descobrir o que aconteceu com o tal tutor. Meus nervo mal consegue aguentar quando eu vejo ele bisbilhotando por aí. Ele não vai parar enquanto não pegar o Ben. Eu sei disso.

— Mama — retruquei, e dessa vez entendi que tinha que cumprir a promessa — , não se preocupe com o Ben e comigo. Não tenho mais nada com ele.

Depois que a Mama foi embora, demorei algum tempo para me acalmar. Foi a primeira vez que vi como isso tudo a está afetando. Percebi que até para a Mama existem limites do que ela consegue aguentar.

Mais uma coisa. O Papa anda dizendo que o Marshall passa o tempo todo com o Rankin. Ele tá deixando o garoto tomar bebida alcoólica e, apesar de tão jovem, disse o Papa, o Marshall já pegou gosto pela coisa. O Papa disse que o Rankin tem rancor da D. Martha e tem feito tudo que pode pra levar o garoto a se voltar contra ela.

Só vejo problemas surgindo, pra todo canto que olho.

CAPÍTULO 19

Lavinia

A PRIMAVERA DE 1793 chegou cedo. Uma tarde, no início de maio, as gêmeas e eu, comemorando o nosso nono aniversário, sentamos do lado de fora da casa da cozinha, fazendo grinaldas de madressilva. O aroma intenso dos botões brancos e amarelos permeava o ar, enquanto nossos dedos ágeis trabalhavam depressa, para ver quem acabaria primeiro.

— A mamãe diz que um dia ocê vai morar numa casa-grande, pode ser até que mande os empregado da casa trabaiá pr' ocê — disse a Fanny, pondo sua grinalda pronta na cabeça.

— Não — retruquei, muito satisfeita com as coisas como eram. — Quero ficar com a Belle.

— Não — disse a Fanny, meneando a cabeça. — A Mama disse que a D. Martha está te ensinando a ser moça branca.

— Não quero ser moça branca — retruquei, sentindo o medo crescer dentro de mim. — Quero morar com a Belle, e depois vou casar com o Ben!

A Fanny, que estivera apoiada nos cotovelos, ergueu o tronco e se sentou para me olhar.

— É melhor ocê esquecer essa ideia já. Ocê nunca vai ser de cor que nem nós e isso quer dizer que é uma garota branca e vai morar numa casa-grande. E, de qualquer jeito, ocê não pode casar com o Ben. Ele é de cor.

— Nisso a Fanny tem razão — concordou a Beattie.

Comecei a chorar.

— Eu posso casar com o Ben se eu quiser. Você não pode me obrigar a ser branca — protestei, jogando minha grinalda de lado. — E não pode me fazer morar na casa-grande.

A Mama Mae veio até a porta.

— Abinia, é ocê que tá chorando? Ocê tem 9 ano e ainda chora que nem bebê?

— Ela quer casar com o Ben — explicou a Fanny. — Não quer morar na casa-grande e não quer ser branca.

Enquanto a Fanny contava a verdade, comecei a urrar.

— Ora, onde já se viu?! — disse a Mama. — É a primeira vez que escuto uma coisa dessas. Vem cá, criança.

Eu me aproximei dela, entre soluços e lágrimas. Ela se sentou num banco, tirou o cachimbo da boca e bateu de leve com ele no meu peito.

— Quer dizer que ocê acha que quer ser preta?

Assenti.

— E por quê?

— Não quero morar na casa-grande. Quero ficar aqui com a senhora e a Belle e o Papa.

A voz da Mama tornou-se mais terna:

— Criança, tem umas coisa neste mundo que ocê inda não sabe. Nós semo a tua família, isso não vai mudar nunca. Mesmo quando ocê achar um moço branco e se casar, nós vamo continuá sendo a tua família. A Mama sempre vai ser a sua mamãe, a Belle sempre vai ser a sua Belle.

Parei de chorar.

— E o Papa e o Ben? — perguntei, cheia de esperança.

— Eles vão olhar por ocê que nem agora. Abinia — a Mama me olhou nos olhos — , ocê tá do lado que sai ganhando. Um dia, pode até ser que ocê cuida de nós.

As palavras dela me acalmaram, mas, nesse dia, despertei para uma nova realidade e tomei consciência de uma linha traçada em preto e branco, embora a profundidade dela ainda fizesse pouco sentido para mim.

Durante toda essa primavera, o Marshall passou a maior parte do tempo com o Rankin. A dona da casa tinha perdido o controle do filho,

que era tão distante dela quanto ela do Campbell.

A D. Martha continuou a me incluir em muitas de suas atividades rotineiras. Lia a Bíblia diariamente e, de vez em quando, parava para me dar sua interpretação de certas passagens. Continuou a me ensinar a ler e escrever e, para minha grande alegria, a tocar cravo. Em alguns dias, a meu pedido, deixava a Beattie e a Fanny observarem, mas sempre hesitava em incluí-las. Uma tarde, depois de ver nós três rindo juntas, a patroa me chamou de lado:

— Você não deve ser amistosa demais com elas — disse. — Elas não são iguais a nós.

— Como? Não são iguais em quê?

— Você aprenderá — ela respondeu, com um suspiro profundo. — Quando eu voltar da Filadélfia, vou lhe ensinar o seu lugar apropriado.

Campbell era o meu amor. De manhã, depois de lhe dar de mamar, a Dory o vestia e o mandava comigo para a D. Martha. Comparado à Sukey, o Campbell continuava a ser um menininho sério, mas eu sabia fazê-lo sorrir. A mãe observava a resposta alegre dele às minhas brincadeiras, mas raramente participava.

— Por que ela não quer o filho? — perguntei à Dory um dia, ao trazê-lo de volta.

Dory achava que a patroa tinha medo de gostar de outro bebê como tinha gostado da pequena Sally.

— Ela não gosta mais do Marshall? — perguntei.

— Acho que ela culpa o Marshall por ter empurrado a Sally do balanço. — Mas o Marshall não queria machucar a Sally. — Eu tinha certeza disso. — Eu sei, mas parece que a mãe dele não sabe. E agora, o Marshall tá ficando rebelde, fazendo marcriação pra ela e passando o tempo com o

Rankin.

— Onde eles vão?

— Fazer maldade.

— Que maldade?

— Ocê logo vai saber — disse ela, encerrando a conversa.

Na segunda semana de maio, eu estava esperando na porta da frente com a D. Martha, quando o capitão finalmente chegou. O casal reunido passou muito tempo abraçado, antes de entrar na sala de estar e fechar a porta. A casa palpitou de vida, enquanto todos corríamos para a sala de jantar, para pôr a mesa para um almoço no fim da tarde.

Quando o capitão e sua mulher apareceram, o rosto de D. Martha tinha um brilho rosado que destacava seus olhos verdes cintilantes. A boca estava vermelha e cheia, e o cabelo, antes preso, caía desalinhado sobre os ombros.

— Mae — disse o capitão — , você me devolveu a minha garota.

— Ela vortô a ser ela mesma, com certeza — retrucou a Mama, sorrindo. O capitão olhou para a mulher.

— Voltou, sim — concordou. D. Martha enrubesceu e encostou o rosto no braço do marido. — A minha mulher ainda é tímida — brincou o capitão, que correu os olhos em volta. — E onde estão meus filhos? Onde está o Marshall? E o Campbell?

Eu era tão ligada ao Campbell que, quando a Dory o entregou ao pai, fiquei orgulhosa ao ouvir o capitão comentar a aparência saudável do filho.

— Martha — disse ele, cheio de orgulho — , você me deu outro filho maravilhoso.

— Sim, sim — respondeu a D. Martha, fazendo sinal para a Dory levar o menino embora. — Agora, vamos, precisamos comer enquanto a comida está quente.

Não gostei da D. Martha querer a atenção do capitão toda para ela. Passei muito tempo com o Campbell no colo nessa tarde, tentando compreender como era possível ela se importar tão pouco com essa criança que eu adorava.

Na semana seguinte, o Marshall foi despachado para Williamsburg. O capitão o mandou ficar na casa da irmã da D. Martha e do marido dela enquanto frequentasse a escola. O garoto partiu sozinho na carruagem e não virou para trás para acenar um adeus.

Ao término daquele maio verde e radioso, chegou outra carruagem. Essa era grande e de um preto brilhante — uma surpresa para D. Martha, comprada novinha em folha, justamente para a viagem seguinte. Quando partiu para a Filadélfia, ela foi levando a D. Martha, o capitão, a Dory e o meu querido Campbell. Ao entregar sua filhinha para a Mama Mae, a Dory chorou tanto que tive medo de que seu coração não aguentasse. Belle a abraçou.

— Você vai voltar em poucos meses — disse. — Nós todos vamos cuidar da

Sukey, você sabe disso.

— Abinia — disse Dory, soltando-se da Belle e me segurando pelos ombros — , ocê sabe do que ela gosta, sabe o que ela quer. Ocê cuida dela pra mim.

Assenti, mas o nó na minha garganta doía demais para eu conseguir falar.

— Diz pra Ida que ela gosta de mamar antes de brincar — Dory me instruiu — , e depois, ocê segura ela no colo. Ela te conhece. Ocê brinca com ela.

Tornei a fazer que sim com a cabeça, só querendo me afastar da dor no rosto da Dory. Quando os vimos partir, dessa vez foi a Dory, com o Campbell no colo, quem não virou para trás para acenar. A Belle abraçou meus ombros e escondi a cabeça no corpo dela, começando a chorar minha perda.

A Ida, que estava amamentando mais um filho, vinha do alojamento dar de mamar à neta, Sukey. A neném passou a maior parte do primeiro dia gritando, sem querer mamar. Por fim, para grande alívio de todos, aceitou o leite da Ida à noite. Mamou, parou de chorar e mamou de novo. Mais tarde, a Mama a levou para casa, mas voltou logo depois, com a menina em prantos. Eu devia parecer a pessoa mais familiar para a Sukey, pois, quando me viu, ela estendeu os bracinhos gorduchos e se agarrou a mim.

Ficou decidido que ela dormiria ao meu lado no meu catre, com a Belle zelando por nós. Quando a Sukey acordou durante a noite, a Belle

acendeu um lampião e foi no escuro até o depósito da nascente. Na volta, aqueceu um pouco do leite que trouxera de lá. Molhamos nele a ponta de um pano limpo e, embora a neném se agitasse, acabou engolindo o líquido morno pingado em sua boca.

Levou uma semana inteira para a Sukey se adaptar à nova rotina, aceitando o peito da Ida de manhã e à noitinha. A Belle e eu complementávamos essas mamadas com leite de vaca. Nessa primeira semana, fiquei alternadamente envaidecida com a preferência da neném por mim e oprimida por essa responsabilidade. Sentia saudade de segurar o Campbell no colo e só me restava esperar que a Dory estivesse cuidando dele como eu da Sukey.

Antes de partir, o capitão tomou uma decisão que nos afetou a todos para melhor. Empregou Will Stephens, o rapaz que se mantivera afastado dos guardas na cozinha da Belle. Eu sabia que o Papa George e a Mama Mae tinham conversado com o capitão sobre a contratação dele.

Algumas noites antes de ele viajar, a Belle também teve um encontro com o capitão. Não estive presente, mas essa conversa surtiu um efeito negativo na Belle. Mesmo com a agitação dos preparativos para despachar os viajantes, era fácil perceber que ela estava aborrecida.

Depois que eles se foram, a Belle se retraiu, até que, após uns dias de isolamento, a Mama veio fazer uma visita à noite. Sukey e eu já tínhamos deitado, mas eu estava bem acordada e escutei a conversa.

A Belle desviou as perguntas dela mesma e indagou:

— Por que o capitão contratou o Will Stephens?

— Ele vai trabalhar com o Rankin, mas vai ficar mais aqui, se nós precisarmos dele na casa-grande. Vai escrever pro capitão e contar o que acontece enquanto ele e a D. Martha tão fora. — E a Mama emendou: — Belle, eu queria saber o que o capitão disse sobre oê ir embora.

— Mama, ele arranjou um homem pra eu me casar! — disse Belle, e caiu em prantos.

Achei melhor quando os soluços ficaram abafados, porque nessa hora eu soube que os braços da Mama estavam em volta dela.

— O que ele falou desse homem? — perguntou a Mama.

— Disse que é um negro alforriado que mora na Filadélfia. Tem seu próprio negócio, fazendo sapatos, e o capitão diz que vai comprar uma boa casa pra nós. Ele vem me buscar quando o capitão voltar.

— Nós sabia que esse dia ia chegar, Belle.

Belle assoou o nariz.

— Trate de fazer o Ben ficar longe, Mama. O capitão tornou a dizer que o Rankin tem o direito de vendê-lo.

— O Papa tá garantindo a distância do Ben.

— Eu não quero ir embora, Mama — disse a Belle, chorando.

— Ocê tem que fazer isso, Belle. Ocê vai ser livre.

— O capitão disse que mandou meus papéis da alforria no Natal.

— Mandou? E onde eles tão? — perguntou a Mama.

— Não sei. Ele disse que mandou com os embrulhos da D. Martha.

— Ocê disse a ele que não recebeu nada dela?

— Não, mas eles têm que estar lá na casa-grande.

— Belle, ocê tem que achar esses papéis!

— Eu sei, Mama, só que tem mais uma coisa.

— O quê?

— Pedi pra levar a Fanny ou a Beattie, achando que elas iam receber seus documentos de alforria, mas ele disse que não. Tenho que levar a Lavinia.

— Ele vai deixar ela ser livre? — perguntou a Mama Mae.

— Foi o que ele disse — respondeu Belle.

— Bom, então é isso aí.

Sentei-me no catre, o coração disparado com a notícia. Eu não queria ir embora. Esta era minha casa! Quando a Sukey se agitou, tornei

a me deitar e afaguei as covinhas da sua mão pra me consolar, até enfim pegar no sono. Mas acordei de novo durante a madrugada, nauseada de medo.

Tinha sonhado que me afastava da fazenda numa grande carruagem negra e que estava inteiramente só, como o Marshall.

Na manhã seguinte, perguntei à Belle se eu iria embora com ela.

— Acho que sim — respondeu ela — , mas agora nós estamos aqui, e não há motivo para preocupação.

Quando insisti em obter mais informações, a Belle me respondeu em tom ríspido:

— Olhe, Lavinia, não quero mais falar disto. Vamos ver o que acontece quando o capitão voltar pra casa.

Pelo seu tom, eu sabia que ela não discutiria mais o assunto, por isso lhe falei do embrulho que eu havia esquecido — o que era endereçado a ela, o que eu tinha visto no Natal. Ela e a Mama me fizeram mostrar a gaveta da escrivaninha onde eu achava que a D. Martha tinha posto o pacote, mas ele não estava lá. Juntas, elas vasculharam a casa à procura dos documentos, que não foram encontrados em parte alguma. Por fim, desistiram, sabendo que o assunto seria resolvido quando o capitão voltasse.

Com Will Stephens no comando, a vida para nós foi fácil naquele verão. Não fosse por eu saber que a Belle e eu seríamos mandadas para longe, teria sido a mais feliz de todas as épocas.

A Mama aproveitou a oportunidade para ensinar às gêmeas e a mim como limpar a casa-grande. Mostrou-nos como salpicar areia fina nos assoalhos amarelos de pinho e depois varrê-los bem com água, até deixá-los limpos. Ensinou-nos a polir os móveis com óleo de linhaça ou cera de abelhas, dependendo da madeira. Depois veio o dia em que nos levou para limpar o quarto das crianças. Antes de viajar, o capitão tinha lhe pedido para levar as coisas da Sally para o sótão e preparar o quarto para o Campbell, quando eles voltassem. Quando a Mama abriu a porta desse quarto infantil, as gêmeas e eu entramos, boquiabertas. Havia duas camas, duas cômodas e mais brinquedos do que eu jamais poderia

imaginar. Havia uma mesa infantil forrada com uma toalhinha de linho e arrumada com um aparelho de chá em miniatura, em porcelana rosa e branca. Um cavalinho de balanço branco e cinza estava a postos, com a crina preta jogada para um lado e os olhos escuros nos convidando a montá-lo. Numa das duas cadeirinhas de tamanho infantil, reconheci a boneca de porcelana da Sally. O quarto estava inundado de sua presença.

A Mama assentiu, dando-nos permissão para examinar os brinquedos. Não hesitamos e logo fomos tomadas pela empolgação de tocar em tantos tesouros. Peguei um livro ilustrado e fiquei encantada ao descobrir que conseguia lê-lo. A Fanny experimentou um chapéu de palha de aba larga, que estava numa das camas. Depois, foi se olhar num espelhinho pendurado na parede, acima de uma penteadeira baixa. A Beattie pegou a boneca com reverência e a segurou no colo, afagando seus cachos louros. Compartilhamos nossas descobertas até que a Mama, que estivera o tempo todo com uma expressão inquieta, disse que estava na hora de guardarmos as coisas da Sally. Depois que o tio Jacob levou as caixas, para armazená-las no terceiro andar, o quarto ficou com uma estranha sensação de vazio, e foi uma alegria sairmos de lá.

Nos dias seguintes, a Mama também nos ajudou a limpar e arrumar a sala azul. Eu não estava preparada para a melancolia que senti ao me ver cercada pelas coisas do Campbell. Perguntei-me como suportaria ficar sem ele, se partisse para a Filadélfia.

Levamos o berço e os pertences do menino para o quarto das crianças, mas o cômodo passou a parecer escuro e grande demais para um bebê. Não pude deixar de achar que deveríamos tê-lo deixado como estava, pois, com a retirada das coisas da Sally, foi como se houvéssemos retirado o que restava da luz rosada da menina.

O Ben surpreendeu todo mundo, no início de julho, ao anunciar que havia pulado a vassoura com uma moça lá do alojamento. Ela trabalhava no campo e se chamava Lucy. A Mama pareceu hesitar em falar dessa união com a Belle e, quando o fez, embora a Belle não

dissesse uma palavra, não conseguiu esconder a expressão de traição e mágoa nos olhos.

Os recém-casados passaram as noites seguintes no quarto de dormir do Ben, perto dos celeiros, mas a esposa saía cedo todas as manhãs, ao som do berrante, para se juntar aos outros lavradores do alojamento que partiam para os campos. Rankin havia concordado com o casamento, desde que a Lucy continuasse a trabalhar sob a sua supervisão.

No fim de junho, Will Stephens levou à Belle a primeira carta da Filadélfia. Ele era um homem atraente, de olhos castanhos profundos, queixo firme e sorriso fácil. De estatura mediana, tinha compleição forte e porte altivo. Sempre tirava o chapéu ao entrar num recinto fechado e tinha o hábito de alisar para trás o cabelo castanho e farto antes de falar. A franqueza do Will era seu maior encanto. Ele olhava o interlocutor nos olhos e, quando este retribuía o olhar, sabia que o rapaz era incapaz de prejudicar os outros. Quando trouxe aquela primeira carta, eu o ouvi desculpar-se com a Belle pelo episódio da primavera, quando o Rankin a havia segurado. O Will disse que ficou envergonhado por não ter interferido para ajudá-la e lhe pediu perdão. A Belle ficou acanhada com ele, mas aceitou as desculpas. Em seguida, Will perguntou se devia ler a carta para ela, mas não pareceu surpreender-se quando a Belle declinou e, em vez disso, estendeu-lhe a mão aberta. Depois que o rapaz se foi, ela me mandou chamar a Mama na casa-grande. Ao voltarmos, fiquei segurando a Sukey enquanto ouvíamos a Belle ler a carta em voz alta.

O texto falou da chegada tranquila dos viajantes, mas trouxe também notícias alarmantes. O pai da D. Martha estava doente, mas, pior que isso, temia-se que a Filadélfia estivesse em meio a uma epidemia de febre amarela. O capitão declarou seu desejo de voltar para casa, mas a D. Martha se recusara a deixar o pai doente. Outra carta foi prometida para dali a duas semanas.

Fiel a sua palavra, o capitão nos mandou outra correspondência. Will Stephens apareceu novamente para entregá-la e, dessa vez, Belle o convidou a entrar. Nesse dia, o Ben estava substituindo o suporte de

ferro em que eram penduradas as panelas na lareira da cozinha e, quando entrou e ouviu a Belle conversando animadamente com Will Stephens, tornou a sair depressa. Eu me perguntei por que tinha parecido tão zangado.

Novamente, a Belle esperou para ler a carta depois que o Will Stephens foi embora, e me mandou procurar a Mama. Dessa vez, as notícias foram tristes. O pai da D. Martha havia morrido. Agora, quem estava doente era o capitão e, embora ainda houvesse conseguido ditar a carta, ficara impossibilitado de viajar. A D. Martha, o Campbell e a Dory passavam bem — a Mama Mae deu um suspiro de alívio — , mas era provável que a família não voltasse em agosto, como planejado.

No fim de julho, Will Stephens foi à cozinha da casa-grande, trazendo aberta na mão uma carta que lhe fora endereçada. Ao vê-lo se aproximar com ar solene, a Mama voltou correndo do galinheiro.

— Tenho más notícias — disse ele, olhando primeiro para Belle, depois para a Mama. — Lamento dizer-lhes... que a Dory faleceu da febre amarela. A Mama afundou numa cadeira e a Belle correu para o seu lado.

— Vou chamar o George — disse Will Stephens.

Depois que ele saiu, o silêncio foi tão profundo que preendi a respiração, temendo que o menor som nos projetasse na dor. Senti os braços frouxos e, devagar, pus a Sukey no chão. Acostumada a ganhar atenção, ela puxou minha saia para seus olhos e brincou de esconde-esconde, quebrando o silêncio com seu riso. A Mama soltou um gemido grave e puxou o avental para o rosto, tentando esconder a angústia. A Sukey, achando que isso fazia parte da brincadeira, engatinhou até lá, pôs-se de pé e parou junto ao joelho da avó.

— Buu. Buu — disse, com um sorriso cheio de expectativa.

Quando a Mama pegou a neta, Sukey riu e atirou os braços em volta do pescoço da avó. Quando a Mama Mae desatou em lágrimas, todas choramos junto.

CAPÍTULO 20

Belle

POR UNS DOIS DIAS, depois de sabermos que a Dory tinha morrido, a Mama não foi ela mesma. Andava até a casa-grande e voltava outra vez para a cozinha, esquecida do que tinha ido fazer lá. Dizia: “Vai ver que a Dory tá vindo pra casa... vai ver que eles entendeu mal... pode ser que, quando a carruagem voltar, a Dory vem correndo buscar a Sukey.”

O Papa George disse que a Mama só precisa de um tempo. É difícil pra ela, explicou, não ver por si mesma, não ter a Dory ali pra enterrá-la ao lado do bebê Henry. Sei que a Dory morreu. Sinto isso quando seguro a Sukey. A Dory é como minha irmã. Mas não demonstro meus sentimentos. Tento ficar forte para a Mama.

A Sukey anda agarrada com a Lavinia, que é boa pra ela, mas sei que a Lavinia está esperando pelo Campbell. Não sei por que se importa tanto com aquele bebê. Fico pensando no que vai acontecer quando formos pra Filadélfia e ela tiver que deixá-lo.

O Papa não me olha nos olhos quando me vê. Sei que mandou o Ben pular a vassoura com a Lucy. Quando penso nos lábios do Benny nela, tenho vontade de pisar na cabeça daquela garota. Ela é só uma feiosa lá do alojamento! Uma noite, fui até o quarto do Ben, só pra ter certeza. Ouvi os dois juntos, pareciam dois bichos, mas fiquei escutando, porque não conseguia me mexer, meus pés não me levavam. Meu coração batia tão forte que sentei bem ali, na grama alta, sem nem ligar para as cobras. Fiquei até o Benny roncar, aí voltei pra minha casa. Nem enxergava, de tanto chorar. No dia seguinte, o Ben veio trabalhar aqui na minha cozinha quando o Will Stephens estava aqui para me entregar uma carta. Conversei com o Will, tratando-o como um homem excelente. Os olhos do Ben cuspiam fogo quando ele saiu correndo daqui! Eu me senti bem com isso.

Todos acham que, quando eu for para a Filadélfia e me entender com o sapateiro do capitão, serei feliz. Mas não quero nenhum

sapateiro horroroso. Quero o meu Benny. Se puserem a Lucy de volta no alojamento e me derem o Benny, não digo nada sobre o assunto. Nem durmo à noite, pensando em como acabar com a Lucy.

CAPÍTULO 21

Lavinia

CAÍAM AS ÚLTIMAS FOLHAS, numa tarde de meados de novembro de 1793, quando a carruagem negra subiu a ladeira. O capitão e seu grupo tinham finalmente voltado para casa. Fanny e Beattie estavam na casa-grande com a Mama e o tio Jacob, preparando tudo para a chegada dos viajantes. Enquanto a Sukey cochilava, trabalhei com a Belle na cozinha, onde começávamos a dar os retoques finais nos bolos de frutas. Para fazê-los, tínhamos acrescentado groselha e passas a uma receita de bolo inglês, depois derramamos a massa em formas pequenas. Os bolinhos ainda estavam quentes do forno e, antes de me dar um deles de presente, a Belle salpicou uma cobertura de açúcar branco sobre o topo crocante. Quando ouvi a carruagem se aproximar, engoli o bolinho em duas ou três dentadas gulosas, enquanto corria para a casa-grande. Estava fora de mim, de tanta empolgação. O Campbell tinha voltado para casa!

O tio Jacob e a Mama já estavam na carruagem, com a Fanny e a Beattie do lado, prontas para ajudar. A D. Martha foi a primeira a sair. Foi difícil acreditar no quanto lhe haviam custado os difíceis meses anteriores. Eu já a vira enferma, mas isso era diferente. Agora seu rosto estava contraído e com rugas fundas, e ela estreitou os olhos para a luz, ao descer pesadamente da carruagem. Ainda assim, nada me havia preparado para a aparência do homem emaciado e envelhecido que o tio Jacob ajudou a desembarcar. O capitão havia sobrevivido à febre amarela, mas parecia ter perdido sua identidade. Depois que ele e a mulher foram levados para dentro de casa, aguardei sozinha, com ansiosa expectativa, que o Campbell e sua babá aparecessem. Por fim, não pude mais esperar e me aproximei da carruagem.

— Campbell — chamei, baixinho, certa de que ele reconheceria minha voz. O interior da carruagem era surpreendentemente pequeno e tinha um cheiro horroroso de doença. Depois que meus olhos se

adaptaram à escuridão, vi que estava vazio. Corri pela porta da frente e alcancei o grupo na subida da escada.

— Cadê o Campbell?! — gritei para eles.

A Mama virou-se para trás e meneou a cabeça, para me calar.

— Ele tá com a Dory — disse.

Passei um bom tempo imóvel, tentando compreender o significado daquelas palavras. Depois, tornei a correr para o lado de fora, para examinar mais uma vez a carruagem. Atordoada, desci para a casa da cozinha. A Belle estava com a Sukey no colo quando me achou ao lado da pilha de lenha, vomitando o bolo de frutas.

Seus olhos se encheram de compaixão quando me recuperei o bastante para lhe falar do Campbell. A Sukey me estendeu os bracinhos e, para meu próprio choque, dei-lhe um tapa. Ela levou um susto, porque nunca havia apanhado. Confusa, começou a gritar por mim, querendo que eu a segurasse. Não consegui suportar suas lágrimas e, no meio do meu desespero, estendi as mãos para ela.

— Desculpe, desculpe — gritei, pegando-a no colo. — Desculpe, desculpe! Belle segurou meu queixo e virou meu rosto para ela.

— Não se culpe — disse-me. — Você não teve nada a ver com a morte daquele bebê.

Com os braços da Sukey agarrados no meu pescoço, chorei. Nas semanas seguintes, foi a necessidade que ela tinha de mim que me trouxe de volta.

A Fanny, como se veio a constatar, tornou-se a enfermeira favorita do capitão. Ele gostou do jeito expedito da menina e, quando ela fazia suas observações, aliadas a seu senso de humor, era frequente arrancar dele um sorriso e, vez por outra, até uma discreta risada. O médico aparecia com frequência para fazer sangrias em seu paciente, mas, depois que ia embora, o capitão parecia mais letárgico do que antes. A Mama Mae observou isso durante algumas semanas, até finalmente convencer o capitão a recusar os tratamentos de sangria do médico. Depois que o capitão concordou, ela trabalhou com afinco para lhe estimular o apetite. De manhã, antes do nascer do sol, saía com uma das

gêmeas e, enquanto elas seguravam a lanterna, matava uma galinha. Levava-a para a cozinha, limpava a ave e a cozinhava em fogo brando com um bom punhado de salsinha verde da horta, uns dentes de alho, cebola e uma quantidade generosa de sal. Durante o dia inteiro, a Fanny dava colheradas desse caldo ao capitão. O chá de camomila era outro dos líquidos que a Mama fazia o capitão beber, e à noite ela lhe dava vinho adoçado e diluído em água, para ajudá-lo a repousar. Após alguns dias, ele começou a pedir pedaços de galinha, mas a Mama recusou. Em vez disso, passou a amassar e misturar cenoura cozida no caldo, prometendo que ele logo poderia comer a galinha. Quando esse dia chegou, a Fanny levou de volta a tigela vazia do capitão, orgulhosa como se ela própria a tivesse comido, e a Mama deu um suspiro profundo de alívio.

— Ele tá vortando — declarou.

O tio Jacob não saía do lado do capitão, dormindo no chão num enxergão de palha. Foi graças à intervenção dele que a Belle pôde visitar o pai quando a patroa dormia em seu quarto.

Na primeira visita da Belle, o capitão lhe disse que o rapaz da Filadélfia não viria, afinal. Contou-lhe que, ao chegarem lá, a febre amarela estava apenas começando a se alastrar, e que, mais tarde, quando se concluiu que a doença era contagiosa, milhares de cidadãos apavorados fugiram. No verão, até o presidente George Washington tinha deixado a cidade, e o governo ficara fechado. O capitão falou da luta de D. Martha, de como sua mulher havia cuidado primeiro do pai, depois da Dory e, por fim, dele mesmo. Não mencionou o Campbell e, quando a Belle lhe perguntou pelo filho, hesitou, mas depois pareceu aliviado por confiar em alguém.

— Depois que a Dory morreu — contou — , a Martha foi tomada pelo medo, certa de que eu também morreria. Eu estava doente demais para ajudar, mas sabia que ela andava diferente, não era a mesma de sempre. O bebê passou dias chorando. Uma manhã, quando não ouvi mais o seu choro, insisti em que ela o trouxesse para mim. Mas ele já se fora.

O capitão respirou fundo e prosseguiu:

— Graças a Deus, chegou ajuda. O rapaz destinado a você era membro de uma comunidade de negros alforriados que nos socorreu. No começo, pensou-se que os negros não podiam contrair a febre amarela, mas, depois que a Dory morreu, soubemos que não era bem assim. Os mantimentos andavam escassos e os lavradores não queriam ir às feiras da cidade, mas, quando o seu jovem ia nos visitar, trazia comida e depois levava a... Ele provou repetidas vezes ser o homem que eu pensava que era. Teria sido um bom marido, Belle. Eu me orgulharia de vê-la casada com ele. Mas também morreu da doença... — a voz do capitão ficou embargada. — Estivemos no inferno e agora eu temo pela Martha.

Como temiam todos. O comportamento dela não fazia sentido. Ela vagava de um cômodo para outro, trocando móveis e outras peças domésticas de lugar. A Mama levou-me até ela, achando que eu poderia oferecer o que já lhe havia proporcionado antes, mas a expressão vazia em seus olhos me assustou, e ela não reagiu à minha presença como a Mama havia esperado. Mais uma vez, o médico apareceu e receitou doses de láudano. Para falar a verdade, todos ficamos aliviados ao vê-la tomar a medicação que a ajudava a dormir.

Nos dias que se seguiram, a Belle, acreditando que agora poderia continuar na fazenda, ficou quase zozona de alívio. Confiando nela, também voltei a ter esperança de que meu futuro estivesse seguro ali. Mas pretendia ir à Filadélfia quando crescesse. Meu coração de menina não aceitava a perda do Campbell; convenci-me de que tinha havido um erro. Certa de que ele estava vivo e sendo criado por pessoas amorosas, resolvi encontrá-lo, um dia. Eu nunca esquecera meu irmão e, nesse momento, decidi que, quando crescesse o bastante, eu reencontraria o Cardigan e o Campbell.

As necessidades da Sukey me salvaram, sem dúvida. Ela continuou a dividir o meu catre; seu rosto era o primeiro que eu via de manhã e o último que via antes de dormir. Ela ficou mais dependente de mim do que nunca, e a primeira palavra que disse foi Binny, sua versão do meu nome. À noite, eu dormia com a Sukey agarrada a mim, decidida a não perdê-la jamais.

A Mama Mae mandou a Beattie me chamar na fria manhã do dia do abate dos porcos, em dezembro. Os guinchos dos animais agonizantes haviam afetado a D. Martha de tal maneira que ela começara a chamar pela Isabelle. A Beattie e a Sukey foram comigo e ficaram na sala azul, enquanto eu ia ver a senhora. Quando entrei no quarto dela, a D. Martha parecia mais lúcida que antes, mas, ao me ver, insistiu em que eu lhe levasse o bebê. Fiquei sem saber o que fazer, até ouvir o risinho da Sukey na sala azul. Tive uma ideia repentina e olhei para a Mama. Ela adivinhou minha intenção e assentiu, então saí e voltei com a Sukey. D. Martha estendeu os braços para a menina como se ela fosse exatamente o neném que havia pedido. Sukey, uma criança sociável, não teve medo e foi prontamente para o colo da mulher desorientada. Reclinou-se na cama para examinar o ambiente e, quando a D. Martha lhe fez cócegas na barriga, ela riu e segurou as mãos da outra com suas mãozinhas gorduchas. Quando Sukey avistou a bonequinha-manequim de Williamsburg em cima do roupeiro, ao lado da cama, a D. Martha mandou que eu a buscasse para ela. A menina pegou a boneca e a inspecionou atentamente, alisando com cuidado os trajes finos. Nesse dia, a D. Martha ficou olhando-a brincar com a boneca até as duas pegarem no sono.

Depois dessa visita, ela passou a pedir a neném quase todos os dias. Quando a Sukey chegava, na expectativa de brincar com a bonequinha adorada, a D. Martha abria os braços, e sempre ficava satisfeita quando a menina a atendia de bom grado.

Havia uma discórdia crescente no alojamento. Com o capitão em casa, o Will Stephens tinha voltado para a fazenda do pai. Rankin, inflado de poder, reassumira o controle. Segundo a Ida, o capataz vinha usando o filho dela para descarregar suas frustrações, e o Jimmy, instigado pela perda da Dory, ameaçava revidar. Ida temia pela vida dele e, em desespero, pediu ao Papa George que apelasse para o capitão.

Beattie e eu estávamos polindo os móveis no andar de cima quando o Papa entrou no quarto do capitão. Deixou a porta entreaberta, assim, quando Rankin o seguiu, logo depois, nós o vimos escutar, sem ser notado, do lado de fora. Quando o Papa defendeu o Jimmy, o capitão

rejeitou suas afirmações. O Rankin, lembrou o capitão, estivera na fazenda nos últimos cinco anos e, embora o patrão soubesse que ele era um capataz severo, a fazenda ia bem. O capitão disse que, até sua saúde melhorar, teria de apoiá-lo nas decisões que ele tomasse.

Quando o Papa saiu, levou um susto ao deparar com o Rankin no corredor. O capataz, sem ser visto pelo capitão, esticou o pé na frente da porta e obrigou o Papa a passar por cima. Não entendi por que o Papa não tinha pegado aquele homem menor que ele e o jogado de lado; em vez disso, cumprimentou-o com um aceno da cabeça. Mas notei seu andar rígido e os punhos cerrados quando ele passou.

No Natal, ainda sem forças para ir à comemoração no alojamento, o capitão mandou o Papa e o Ben levarem para lá uma barrica de maçãs, três pernis grandes e quatro garrações de conhaque. Depois, soubemos pela Ida que o Rankin vendeu dois pernis e ficou com dois garrações de conhaque para si. Havia uma insatisfação crescente entre os trabalhadores, já que o Rankin voltara a tirar metade das suas rações cotidianas e a trocar o milho e a gordura de porco por bebida para ele. As pessoas estavam passando fome, disse Ida.

Ben confirmou a triste situação do alojamento. Embora pudesse garantir a comida para a Lucy, ele não conseguia protegê-la do trabalho árduo no campo.

Novas áreas de terra vinham sendo preparadas para o cultivo de tabaco e tanto as mulheres quanto os homens participavam do estafante trabalho braçal. Rankin tornava-se cada vez mais atrevido e perigoso, e ninguém ousava levantar a voz.

O Ben tinha se distanciado da família e principalmente da Belle. À noite, levava sua comida da casa da Mama e jantava sozinho, ou esperava em sua cabana até a Lucy voltar do alojamento.

Sem muito sucesso, a Mama tentou fazer amizade com a mulher do Ben. Já então eu sabia como a nossa vida devia parecer estranha e privilegiada, em contraste com a dela. No dia de Natal, Lucy foi com o marido à casa da Mama, porém postou-se timidamente à porta, recusando-se a sentar. O Ben ficou frustrado e lhe disse palavras ásperas e, com isso, ela voltou correndo para sua cabana. Ben comeu

em silêncio e voltou para casa, levando a ceia de Natal que a Mama mandou para a mulher dele.

A Mama Mae disse que a Lucy sempre fora tímida. Conhecia a história da moça e nos contou que, na tenra idade da Sukey, ela fora tirada da mãe e trazida para a fazenda. Tinha sido dada à velha que cuidava das muitas crianças do alojamento. A velha não era má, explicou a Mama, porém tinha crianças demais para poder cuidar direito delas.

— A Lucy foi tirada da mãe muito cedo — disse a Mama Mae. — Nem bicho é tirado tão cedo.

— Dê tempo ao tempo — disse o Papa George. — Ela muda.

Durante o restante daquele inverno, a saúde do capitão continuou instável. Assim que tinha uma melhora, ele se esforçava até chegar a um tal nível de exaustão que voltava para a cama. Então, apesar dos protestos da Mama, o médico reaparecia para fazer sangrias e dar purgativos ao paciente. Nesses períodos, o capitão ficava irritadiço e exigente, mas a Belle, com suas visitas noturnas, e a Fanny, com seu humor animado e inteligente, eram as duas que o acalmavam.

Na maior parte do tempo, a D. Martha permanecia em seu quarto. Uma vez, porém, o tio Jacob a encontrou andando pela casa, à noite, tentando destrancar o armário das armas. Disse ao tio que ia atirar na vagabunda, mas ele a convenceu a voltar para a cama. A partir de então, a Beattie passou a dormir na sala azul.

A primavera de 1794 foi fria e úmida. Alguns trabalhadores do alojamento adoeceram, com tosse e febre, mas o Rankin insistiu em que estavam bem o bastante para plantar as mudas de tabaco. O Papa George disse que eles adoeceram porque estavam quase morrendo de inanição. Quando nossa família se sentava para a refeição da noitinha, era difícil apreciar a comida simples, mas farta, sabendo da fome tão perto dali.

Havia uma garoa fria e constante na manhã em que a Ida veio correndo do alojamento e esmurrou a porta da cozinha. Ficou do lado de fora, tremendo, sem conseguir falar, até que a Belle a puxou para

dentro, tirando-a da chuva, e pôs um cobertor nos seus ombros trêmulos. Quando Ida finalmente falou, foi difícil entender o que dizia por entre os dentes que batiam.

Durante a tempestade da noite anterior, seu filho mais velho, Jimmy, e o irmão mais novo dele, Eddy, tinham entrado no defumadouro à procura de comida. “ Só um naquinho pros pequeno” , disse ela. Esperaram um relâmpago para enxergar os pregos, e então arrancaram as tábuas, enquanto a trovoada abafava o barulho. Depois de pegarem só um pedacinho de gordura de porco, inverteram o processo e tornaram a usar a ajuda da natureza para repor as tábuas no lugar.

Achavam que o Rankin estava dormindo, mas ele sentiu o cheiro da carne fervendo. Quando invadiu a cabana, puxou o Jimmy para fora e o amarrou numa estaca no terreiro. Bateu nele até o Jimmy admitir que tinha pego a carne. Rankin ficou radiante, certo de que o Ben também estivera envolvido no furto, mas o Jimmy insistiu em que tinha agido sozinho. No esforço de obrigar o Jimmy a denunciar o Ben, o Rankin continuou a espancá-lo.

— Eu fui fazê ele parar — contou Ida — , mas ele disse que ia pegar os pequeninho, se eu num saísse dali. Mesmo eles sendo fio dele, o Rankin diz que é tudo só uns negrinho e não significa nada pra ele. — Em sua terrível impotência, Ida batia nas próprias pernas: — Ele tá dando no meu Jimmy agora!

— Eu vou à casa-grande, Ida. Você fica aqui — instruiu Belle, depressa.

Mas Ida voltou para o alojamento assim que a Belle se afastou. Não sei o que a Belle disse, mas sei que o capitão se vestiu e fez o Ben e o Papa George irem com ele ao alojamento.

Ainda amarrado à estaca, o Jimmy estava morto. Ida sentara-se a seu lado, levantara a cabeça do filho da lama e falava com ele como se ainda estivesse vivo. Vários homens e mulheres do alojamento haviam cercado a mãe, com medo de desamarrar o corpo do rapaz.

O Rankin, bêbado, estava em sua cabana. Enfurecido, o capitão mandou que o tirassem de lá e o jogassem em cima do seu cavalo. Ele

foi informado de que iria para a cadeia se voltasse. Em seguida, o capitão mandou o Ben buscar o Will Stephens.

O capitão fez uma proposta a Will Stephens. Tanto quanto a Fanny pôde entender (foi a única de nós que esteve presente nesse encontro), Will Stephens seria o único a exercer a função de capataz, por um período de cinco anos. A cada ano ganharia cinquenta acres de terra e, no final do período acordado, poderia escolher quatro negros, sendo duas mulheres e dois homens, para iniciar sua própria plantação de tabaco. Will Stephens aceitou a proposta e, por causa disso, vivemos tranquilos durante os dois anos seguintes.

CAPÍTULO 22

Belle

TODA VEZ QUE A GENTE acha que o capitão está melhorando, ele adocece de novo. Faz quase dois anos que está nisso. Quando me contou que o sapateiro tinha morrido de febre amarela, tive vontade de sair pulando e dançando, mas disse, com toda a educação:

— Eu ainda tenho que ir para a Filadélfia?

— Sim. Logo que eu ficar bom — disse o capitão.

Mas, nesse tempo todo, nos dois anos em que está doente, ele não mencionou o assunto, e eu, com certeza, não digo nada.

Ao ver que o Campbell não tinha voltado, a Lavinia se agarrou com a Sukey como se a menina fosse dela. Nunca se vê uma sem a outra. Um dia, a Lavinia me pediu pra perguntar ao capitão pelo irmão dela, o Cardigan, e eu perguntei. O capitão não sabe o que aconteceu com o menino depois que o vendeu, mas acha que talvez tenham levado o Cardigan pro norte.

Ele lembrou que, quando o Cardigan foi embora com o homem, a Lavinia gritou tanto que chegou a doer nos ouvidos dele. Quando lhe contei isso, ela desatou a chorar, e por isso eu lhe disse pra não ficar preocupada, porque sempre vou cuidar dela. Falei que sei como é ficar sozinha.

O meu único problema é a mulher do Ben, a Lucy, que não gosta de mim. Ela é grandona e tímida com todo mundo, mas vive me olhando de cima a baixo. Sabe que o Ben ainda está de olho em mim e que eu também fico de olho nele. A verdade é que ainda o quero como nunca quis mais ninguém, mas ele pulou a vassoura com a Lucy e acabou-se a história. Pelo menos, é o que repito para mim mesma quase todo dia.

O Will Stephens tá administrando muito bem isto aqui, e todo mundo anda feliz com o jeito como estão as coisas. Quando o Will Stephens me olha, eu sei que ele gosta do que vê. Eu também. Ele é um homem bonito.

Não como o Benny, ah, não, mas é muito masculino, igualzinho. A gente conversa, ri, e às vezes senta pra conversar à noite com a Mama e o Papa. Quando estou conversando e rindo com o Will, isso deixa o Ben danado da vida. Um dia, o Ben apareceu quando eu dava de comer às galinhas.

— O que ocê anda fazendo com aquele homem? — perguntou.

— O que ocê anda fazendo com a Lucy? — rebati.

Ele ficou com tanta raiva nos olhos que eu ri, e aí saí andando bem devagar, pra ele ver o que tá perdendo.

Faz dois anos que a gente tá assim. O negócio é que, quanto mais tempo passa, melhor pra mim. Já estou com 23 anos e, daqui a pouco, vou ficar velha demais para o capitão me arranjar marido.

CAPÍTULO 23

1796

Lavinia

EM MAIO DE 1796, as gêmeas e eu comemoramos nosso aniversário de 12 anos. Ganhamos uma tarde livre de tarefas e saímos saltitando, alegres, carregando juntas a cesta de piquenique que a Belle tinha preparado. Conversamos sem parar pelo caminho, até chegarmos à floresta, onde a Fanny determinou que íamos comer. Era a mais alta de nós e estava sempre faminta. Muito inteligente, Fanny era tão sem atrativos quanto era direta na fala, e não raro era preciso lembrar-lhe de cuidar da aparência. Arguta por natureza, ela comentava em voz alta coisas que a maioria não se atrevia a pensar, e havia momentos em que seus palpites espontâneos provocavam um silêncio assustado, logo seguido por sonoras gargalhadas.

Ao contrário de sua gêmea, a Beattie parecia fadada a ser uma beldade. Era gentil e de fala mansa e, quando sorria, as covinhas fundas de seu rosto pareciam pontuar seu temperamento cordato. Beattie era limpa e caprichosa no vestir e adorava coisas bonitas. Costurar e bordar eram suas paixões, e suas roupas sempre tinham adornos. Nada a empolgava mais do que pegar os retalhos que a Mama Mae trazia da casa-grande e usar esses tecidos coloridos para enfeitar sua roupa, sob a forma de golas e bolsos.

Eu ficava entre as duas na altura. Era delicada e magra, mas não tão alta quanto a Fanny. Desconfiava que era muito sem graça, embora ninguém me dissesse isso. Meu cabelo, antes vermelho como fogo, estava ganhando um tom castanho-avermelhado mais escuro, e eu o usava em tranças compridas. Fanny implicava comigo por causa das sardas no meu nariz, até que a Mama acabou com essa história.

Com a tranquilidade dos dois anos anteriores, eu me tornara mais segura e, com certeza, mais extrovertida. No entanto, uma ansiedade subjacente sempre persistia em mim. Como resultado, eu tomava o cuidado de agradar e obedecia depressa.

Nossos dias eram cheios de atividades. A Fanny ajudava o capitão, enquanto a Beattie e eu trabalhávamos com a Belle na cozinha, ou ajudávamos a Mama na casa-grande.

Minhas tarefas do início da manhã incluíam ajudar a Mama nos cuidados pessoais da D. Martha. Desde a volta da Filadélfia, ela não vivia na realidade, as doses de láudano a mantinham controlada e eu já não a temia como no seu regresso. Na verdade, acolhia de bom grado as horas em que me sentava com ela, para ler em voz alta ou cardar lã enquanto ela descansava. No fim da tarde, quando seu estado de humor permitia, eu levava a Sukey para visitá-la, pois a menina provocava uma reação vívida. A D. Martha sempre se iluminava ao vê-la. Quando a Sukey se aninhava junto dela, a pobre lia para a criança um livro infantil ilustrado. Numa estranha voz cantarolada, repetia os versos, vez após outra, até as duas adormecerem.

Uma tarde, a Mama Mae deu uma espiada no quarto e as viu dormindo. — Esse é o único repouso bom dessa mulher — cochichou para mim — , mas nunca deixe as duas sozinhas.

O capitão parecia incapaz de recuperar a saúde. Nos primeiros tempos, tinha conseguido andar ao ar livre, mas essas excursões foram rareando, à medida que ele foi tomado por uma letargia crescente. A Fanny e o tio Jacob continuaram a cuidar dele, mas sua única alegria era a Fanny. O capitão lhe ensinou a jogar cartas e, nos dias em que ela ganhava, era recompensada com moedas, que entregava orgulhosamente à mãe para guardar.

Só me resta imaginar de que modo as visitas noturnas da Belle animavam seu pai. Ela pegava livros na biblioteca da casa-grande e os lia para ele, muitas vezes até altas horas. Numa dessas noites, acordei ao ouvir a voz dela vindo da cozinha. Com cuidado para não perturbar o sono da Sukey, desci pé ante pé e a encontrei à mesa, estudando uns livros abertos à luz fraca do lampião. Ela me explicou que estava examinando a leitura da noite seguinte. Sem familiaridade com algumas palavras, procurava-as num dicionário em dois volumes e experimentava o som delas em voz alta, como lhe ensinara sua avó.

Depois disso, a meu pedido, ela me incluiu, e juntas aprimoramos nossa habilidade na leitura.

Naquele dia de maio, no piquenique do nosso décimo segundo aniversário, a conversa entre Fanny, Beattie e eu voltou-se para o evento eclesiástico do fim de semana seguinte. Planejava-se uma cerimônia sacramental, o que significava um dia inteiro longe de casa, durante o qual se daria atenção não apenas às preces e ao sermão, mas também à comida e ao convívio social. Nós três falamos calorosamente do Will Stephens, a quem tínhamos de agradecer por tudo isso.

Com a introdução de algumas mudanças humanitárias, Will Stephens havia conquistado a boa vontade do pessoal do alojamento. Sob a sua supervisão, a fazenda havia não apenas prosperado, mas superado a produção dos anos anteriores. As rações foram aumentadas e o sal foi acrescentado como gênero de primeira necessidade. As tardes de sábado e os domingos tornaram-se horários de descanso: períodos para os trabalhadores do alojamento cuidarem de suas hortas, caçarem ou pescarem, lavarem sua roupa e fazerem visitas. Também lhes foi oferecida a possibilidade de irem à igreja aos domingos.

Will Stephens fora criado frequentando a igreja e, todo domingo, aprestava uma carroça e chamava a viajarem nela todos os que coubessem, enquanto os outros faziam a pé o percurso, que durava uma hora. Fiquei me roendo de inveja no primeiro domingo em que descobri que a Beattie e a Fanny, acompanhadas por Ben e Lucy, tinham recebido autorização para ir com o grupo do alojamento.

— Mas por quê? — protestei com a Belle. — Por que eu não posso ir? — O seu lugar não é com eles — Belle tentou explicar.

Ainda me assombro com a confusão que devo ter armado, e que fez o Will intervir e falar com a Belle em minha defesa. Mas ele o fez, e mal pude acreditar no que ouvia quando ele disse que, se eu pudesse ir, cuidaria de mim.

— Por que você não vem também? — perguntou à Belle. — Vocês poderiam ir na carroça.

— Obrigada — respondeu ela — , mas tenho que ficar aqui para cozinhar.

E assim, lá fomos nós, as gêmeas e eu, naquela primeira manhã de domingo. Eu estava tão feliz por ir que não perguntei por que fui sentada na frente, ao lado do Will Stephens, enquanto as meninas ficaram na traseira da carroça.

A igreja era rústica, uma grande construção de toras de madeira com bancos sem acabamento. Foi nessa casa de culto que tomei consciência, pela primeira vez, da clara distinção que era feita entre as raças. Os fiéis brancos sentavam-se na frente, ao passo que, nos fundos da construção, reservava-se um espaço para os escravos negros ficarem de pé.

Olhei para as gêmeas, lá atrás, quando o Will pôs minha mão na dobra do seu braço e me conduziu a um banco. A Beattie me viu primeiro e escondeu um sorriso tímido, mas, quando a Fanny me viu, acenou abertamente, o que levou o Ben e abaixar o braço dela. Parei, querendo voltar para onde eles estavam, mas o Ben fez sinal com a cabeça para eu seguir adiante com o Will. Durante todo o ofício religioso, senti essa separação e me perguntei, caso a Belle tivesse ido, se ela teria podido sentar-se comigo e com o Will. Depois do ofício, embora outras famílias ficassem para confraternizar, o nosso grupo se retirou, empolgado para voltar para casa e compartilhar a experiência com os outros que não tinham ido.

Os ofícios religiosos de domingo viraram rotina. Recebi permissão para ir com as gêmeas e o Will, sempre que eles fossem. Parei de querer que a Belle fosse conosco quando comecei a sentir pelo Will Stephens uma afeição que, da minha parte, logo se transformou num amor juvenil. Provavelmente percebendo minha paixão, o Will me provocava e brincava comigo. Dizia que eu era muito solene e parecia encantar-se quando conseguia me fazer sorrir. Com o passar do tempo, nossas idas e voltas da igreja, aos domingos, deram margem a conversas mais íntimas, e ele acabou conquistando minha confiança. Assim, tornei-me mais tagarela e, um dia, perguntei-lhe a sua idade. Sem hesitar, ele me informou que ia fazer 23 anos em outubro.

— Você tem namorada? — perguntei, e seu sorriso foi tão caloroso que tive vontade de segurar seu braço, o que não fiz, é claro.

— Ora, não — respondeu ele. — Você tem alguém em mente?

— Que tal a Belle? — perguntei, ansiosa.

Ele ficou sério.

— Ela nunca poderia ser minha namorada — disse. E, antes que eu pudesse perguntar por quê, acrescentou: — Nunca poderíamos nos casar. Você sabe disso. Seria contra a lei.

Eu não sabia e não compreendi, mas não quis parecer jovem e ignorante, por isso não falei nada.

— Você tem algum admirador? — perguntou ele, depois de algum tempo.

— O Ben era meu admirador, mas ele se casou — respondi.

— Ah — fez Will, curvando os lábios num sorriso. — É fácil entender por que você gostaria do Ben. Ele é um bom homem.

De repente, senti-me corajosa.

— Talvez você queira esperar por mim, até eu crescer. Eu poderia ser sua namorada.

— Ora, ora! — exclamou ele. — Essa é uma boa ideia.

— Eu sou muito esperta — prossegui. — E sei cozinhar e ler, e a Sukey é louca por mim.

— E quem é a Sukey? — ele perguntou.

— Era filha da Dory, mas, quando a Dory morreu, a Sukey quis que eu fosse mãe dela.

Dei um sorriso e cruzei as mãos no colo.

— Você não é meio nova para isso? — perguntou Will.

— Tenho 12 anos — respondi, indignada.

— Nesse caso, está bem, é claro.

— A Belle diz que um dia eu vou ser uma beldade — informei, olhando-o para ver sua reação.

— Acho que você já é — disse ele, e me deu uma piscadela.

Fiquei com o rosto em fogo, mas segui em frente:

— Ah, e sei criar galinhas. Ainda não matei nenhuma, mas a Mama disse que esse dia logo vai chegar. — Estremeci ao pensar nisso.

Will endireitou os ombros para falar:

— Bem, vejamos aqui. Uma beldade que sabe ler e matar galinhas. Acho que devo considerar seriamente essa proposta.

— Você está brincando comigo? — perguntei.

Ele sacudiu as rédeas e me olhou com um belo sorriso.

— Algum dia já brinquei com você?

— O tempo todo! — retruquei, e nós rimos.

Desconfiei que ele me via como uma criança, mas não me importei.

Tinha certeza de que, se dependesse de mim, ele seria meu futuro marido.

— Abinia, Abinia — chamou a Fanny, trazendo-me de volta ao nosso piquenique. — No que você tá pensando?

— Em nada — respondi.

Beattie me deu um sorriso.

— Está pensando no Will?

— Pode ser — respondi, sorrindo também.

— Você sabe que o Marshall vem pra casa esta semana — disse Fanny, propondo outro assunto.

No chão, virei de bruços e me lembrei da imagem desolada do menino perdido, indo embora na carruagem.

— Fico pensando em como ele estará agora.

— Ele só vem por duas semanas. Depois, vai voltar pra estudar. O capitão quer ver como ele tá indo — completou Fanny.

Durante nosso piquenique daquele dia, de fato, o Marshall chegou.

— Ele tá tão crescido que é difícil acreditar que é o mesmo minino — a Mama Mae nos disse.

E como tinha razão! No fim da tarde, mandaram-me à casa-grande para ficar com D. Martha enquanto ela dormia. Lá chegando, levei um susto ao encontrar o Marshall sentado a uma janela no quarto da mãe. Apesar de avisada, mal o reconheci. Ele se levantou ao me ver. Tímida, recuei. Aos 16 anos, ele já era da altura de um homem adulto.

— Olá, Lavinia — cumprimentou-me. Sua monótona voz infantil fora substituída por um barítono confiante.

— Olá — respondi em voz baixa.

— Você cresceu — disse ele, olhando-me de cima a baixo, e, pela primeira vez na vida, tive consciência de minhas roupas caseiras e sem graça.

Marshall, ao contrário, usava calções azul-marinho até os joelhos e um colete de cetim de tom marfim. Nele fora bordada uma cena pitoresca em cores vivas, o que me fez pensar imediatamente na Beattie e em como ela ficaria encantada com os detalhes do bordado.

— Junte-se a mim — convidou ele, pondo uma cadeira a seu lado junto à janela.

Sem saber o que fazer, mas vendo que a mãe dele dormia, fiz o que me pediu. Ele se posicionou com ar seguro e eu me sentei como a D. Martha me ensinara, com os pés unidos e as mãos dobradas no colo.

Marshall tornara-se um rapaz incrivelmente atraente. O cabelo louro e curto caía em cachos soltos no pescoço, e os olhos azuis, que na minha lembrança eram opacos, agora brilhavam quando ele sorria.

— Eu me lembro de você com frequência — disse-me, e esvaziou uma taça de vinho. — Você era a que gostava muito do meu irmãozinho — acrescentou, e olhou pela janela.

Era hora do poente e a luz do sol contornou seu rosto de dourado. Eu mal podia acreditar que Marshall estivesse falando comigo daquela maneira, e não conseguia tirar os olhos dele.

— Pelo que eu soube, você é de grande ajuda para minha mãe.

— Eu leio para ela — retruquei, orgulhosa da minha conquista.

— Você gosta de ler?

— É minha atividade favorita.

— Preciso falar de você com meu pai. Quero saber que planos já foram feitos.

Fui poupada de uma resposta pela entrada abrupta da Mama Mae. Ela nos examinou por um momento e se dirigiu ao Marshall:

— O sinhozinho sabe que o capitão quer vê-lo.

Marshall enrubesceu. Levantou-se e, com uma expressão de desafio, foi à sala azul. Parou junto à mesinha lateral em que havia um decantador e se serviu de outra taça de vinho. Bebeu-a em dois tempos e saiu da sala.

A Mama balançou a cabeça.

— Esse minino anda bebendo por demais — comentou.

Só vi o Marshall de passagem nos dias seguintes, mas, toda vez que me via, ele meneava a cabeça, sorria e me cumprimentava pelo nome. Fiquei lisonjeada com a atenção daquele jovem sofisticado.

— O Marshall tá bebendo o tempo todo — disse a Mama Mae à mesa, na refeição da noite.

— Já falei pra ele não montar quando bebe daquele jeito — concordou o Papa George — , mas ele sai assim mesmo, todo dia.

— Aonde ele vai? — perguntou a Mama.

— O pessoal lá da outra fazenda diz que ele achô o Rankin de novo... Vai ver que foi o Rankin que achô ele, num sei. Que bom que esse garoto já vai embora daqui a uns dia.

— O que vai acontecer quando o capitão morrer? — perguntou a Fanny. — O Marshall vai voltar pra cuidar daqui? Aí ele vai ser o patrão?

Belle apressou-se em responder:

— O capitão vai ficar muito bem, Fanny! Está ficando mais forte a cada dia que passa.

— Belle, ocê sabe que ele tá doente. É melhor falar com ele pra pegar aqueles papel da tua alforria — disse o Papa George.

— Vou falar, Papa. Vou pegar os papéis, mas não quero que ele recomece a falar em me mandar embora daqui.

— Diz pra ele que ocê precisa dos papel — retrucou Papa George em tom firme.

— Vou dizer. Vou dizer — respondeu Belle, com clara irritação.

O domingo da esperada cerimônia sacramental finalmente chegou, e as gêmeas e eu mal podíamos conter a animação. Eu havia trabalhado com a Belle na preparação do banquete que levamos para o piquenique comunitário no terreno da igreja. Arrumamos cestas de biscoito e pão de milho frescos, pepinos em conserva e compotas de pêsego, além do meu favorito: bolo inglês com uma cobertura espessa de geleia de morango.

Louca de empolgação, implorei que a Belle fosse conosco e levasse a Sukey.

— O Ben e a Lucy vão — insisti, para incentivá-la.

— A Mama precisa de mim para cozinhar para a casa-grande, e acho que eu não quero mesmo passar o dia inteiro rezando.

Ela acenou um adeus à luz da manhãzinha. Tinha-se apressado em dar uma ajuda para nos aprontarmos e não tivera tempo de arrumar o cabelo. Sua trança grossa estava caída e, quando ela levantou o braço e acenou para nós, a combinação escorregou de um lado e expôs um canto de seu ombro moreno e liso. Ela a suspendeu depressa e enrubesceu de vergonha. Não me escapou o olhar de admiração que Will Stephens lhe lançou, e por isso fiquei contente por ela não poder ir.

Dei adeusinho, mas tive uma estranha sensação de mau pressentimento ao erguer os olhos para a casa-grande e ver o Marshall na janela do quarto, observando a nossa carroça se afastar.

CAPÍTULO 24

Belle

EU ESTAVA SOZINHA NA cozinha, varrendo, e não ouvi nada até sentir a faca no pescoço e o Rankin no meu ouvido, dizendo que, se eu fizesse algum barulho, aquela faca ia entrar. Aí, o Marshall, bêbado como o Rankin, veio pra cima de mim. Comecei a dar pontapés, mas o Rankin torceu meu braço e me deu um soco na barriga. Desatei a gritar, mas o Rankin tirou minha faixa da cabeça e a enfiou na minha boca. Ficou difícil respirar e eu estava sufocando no sangue, mas, quando vi o que o Marshall ia fazer, fiquei doida. Aí o Rankin me bateu e eu caí. O tempo todo que o Marshall ficou em cima de mim, ele foi falando, mas não ouvi o que dizia. O Rankin também ficou falando, mas eu só pensava uma coisa: eu vou morrer, vou morrer. Quando acabou tudo e o Marshall tava se abotoando, o Rankin passou a faca bem devagar no meu peito, olhando pro meu rosto.

— Quer que eu corte esses peitinhos pra guardar pra mim? — falou. Minha cabeça voava de um lado pro outro, de um lado pro outro. Eu não conseguia parar.

Ele disse que, se eu contasse pra alguém, ele voltava pra cortar meus seios, depois matava qualquer pessoa com quem eu falasse.

— Desse jeitinho aqui — disse, levantando a faca acima de mim e baixando-a depressa até cravá-la no chão.

Fiquei toda me tremendo.

Eles foram embora e eu me encolhi num canto e me mantive imóvel, só tentando respirar. Continuei sufocando. Nem me passou pela cabeça a ideia de tirar o pano da boca. Quando o tio Jacob me achou, disse pra eu aguentar firme que ele ia buscar a Mama.

— Quem fez isso? — perguntou a Mama, mas não falei nada. Ela me lavou e me deu licor de pêssego. Depois, tornou a perguntar: — Belle, quem fez isso?

Eu tinha certeza de que aqueles dois estavam escutando, por isso não falei nada. Sabia que o Rankin ia fazer o que tinha dito.

— O Papa falou que o Rankin e o Marshall anda bebendo e fazendo o que num presta. Eles veio aqui? — perguntou a Mama.

Pus a mão em sua boca, depressa, para ela parar. A Mama recuou e olhou pra mim. Depois, disse que ia lá contar ao capitão, e foi nessa hora que comecei a chorar.

— Não, Mama, não — pedi, agarrando-a como se ela fosse me abandonar. — Não, Mama, não. Não conte a ninguém!

— Calma, criança, eu num faço nada que ocê não quer que eu faça.

Ela me deu outra dose da bebida, para fazer cessar a minha tremedeira. — Não conte isto a ninguém, Mama, por favor, não conte a ninguém! — implorei.

— Está bem. Vou fazer o que ocê tá pedindo, Belle.

Bebi mais um pouco, e a última coisa de que me lembro é da Mama me levando para a cama.

CAPÍTULO 25

Lavinia

TINHA SIDO UM DIA maravilhosamente longo e enriquecedor. Na volta para casa, continuamos a cantar hinos, repetindo as canções entoadas mais cedo no ofício religioso. A Lucy nos surpreendera a todos. Era uma negra alta e grande, pouco dada a falar, mas Deus a havia abençoado com uma voz maravilhosa, que fazia os outros pararem para ouvir. Pedimos com insistência, no trajeto da volta, até a convenceremos a cantar em solo. Seu canto foi um esplendor radiante, que emocionou todo mundo na carroça.

Na nossa primeira parada no alojamento, Ida e as outras mulheres desceram da carroça e o Ben subiu, sentando-se orgulhoso ao lado da Lucy. O Will balançou as rédeas e os cavalos foram adiante, parando em seguida na casa da cozinha, antes da última parada no estábulo. Quando as gêmeas e eu descemos, foi uma surpresa ver o Papa George sentado no banco tosco de pinho, do lado de fora da cozinha. Ele se levantou ao chegarmos e veio ao nosso encontro. Meus olhos estavam acostumados à luz noturna e vi a preocupação em seu rosto.

— Tudo bem — ele tentou nos tranquilizar — , tá tudo bem.

— Papai? — disse Ben, pulando da carroça.

— A Belle teve uns pobrema, mas ela vai ficar boa — disse o Papa.

Will desceu e se juntou aos homens:

— O que aconteceu aqui, George?

O Papa os levou até um ponto a uma pequena distância da carroça e falou com eles em voz baixa. A reação de ambos às informações reveladas em surdina foi idêntica: os dois soltaram um arquejo e desviaram os olhos do rosto do Papa. Ben virou-se para a casa-grande e, pelo perfil do lado sem cicatriz do seu rosto, eu nunca o tinha visto com tanta raiva. Quando ele começou a andar para a porta da cozinha, o pai o deteve:

— Oê leva a Lucy pra casa — ordenou. — Ela não precisa de confusão, com o bebê chegando.

Como se atendesse a um chamado, Lucy veio postar-se ao lado do Ben e tentou pegar a mão dele. O marido a repeliu:

— Volta pr' aquela carroça! — disse, e virou o rosto, com mais raiva ainda.

Lucy não voltou para a carroça; desconfio que achou que, no último mês de gestação, não valia a pena fazer aquele esforço para subir. Saiu andando sozinha no escuro, em direção à sua casa, perto dos celeiros. O Papa lançou um olhar severo ao Ben, até ele sair atrás da mulher. Depois que o Will se foi, com os cavalos e a carroça, o Papa George mandou a Beattie e a Fanny para a casa-grande, onde elas foram informadas de que passariam a noite juntas, na sala azul. A Mama Mae estava lá com a Sukey, à espera delas. As gêmeas saíram juntas, andando de mãos dadas no escuro, e fiquei sozinha com o Papa. Ele baixou os olhos para mim, como se não soubesse bem o que dizer.

— Papa, cadê a Belle? — perguntei, mal conseguindo falar, de tanto medo. — A Mama já vem — respondeu ele.

— Papa — insisti, quase sem me atrever a perguntar — , a Belle morreu?

— Não, criança — disse ele. Levou-me a um banco para eu me sentar e se sentou a meu lado. — A Belle vai ficar boa — disse, desviando os olhos ao falar. — A Belle teve um dia ruim, só isso.

— O que aconteceu, Papa?

— Apareceram uns home. Eles tinha bebido e bateram na Belle.

— Onde estava a Mama? — perguntei, assustada.

O Papa George respirou fundo.

— Ela e a Sukey tava lá com a D. Martha.

— Quem foram os homens?

— A Belle num quer ninguém falando disso — ele respondeu.

— Mas eu quero saber o que aconteceu.

— Ela num quer nem que o capitão fica sabendo.

— Por quê, Papa? — perguntei, com raiva. — Por que ela não quer contar ao capitão?

— A Belle tem medo de ser mandada embora — ele respondeu, em tom neutro.

Quando chegou, a Mama pôs a Sukey e eu para dormir, nos mandando ficar quietas. A Belle já estava dormindo no nosso quarto escuro e, logo depois que a Mama saiu, a Sukey pegou no sono. Passei muito tempo olhando para a noite, com medo demais para chegar perto da Belle, com medo demais para dormir.

O sol já tinha saído quando acordei na manhã seguinte, sentindo os dedos da Sukey afagarem de leve as linhas do meu rosto. Fingi que estava dormindo enquanto ela me apalpou os olhos, depois as sobrancelhas, me fazendo cócegas. Sorri sem querer, depois lhe dei um susto, ao agarrar sua mão. Ela caiu em cima de mim, rindo, e eu a estreitei contra o peito, sentindo seu cheirinho delicioso de neném.

Quando ouvi barulho de panelas e potes na cozinha, lembrei da noite anterior e me soergui depressa, apoiada no cotovelo, para ver a Belle. A cama estava vazia e senti alívio ao saber que ela havia descido para preparar a refeição da manhã. Parei de brincar com a Sukey, levantei e enfiei a saia marrom comprida por cima da camisola, depois mandei a Sukey esperar até que eu voltasse.

— Belle! — chamei, inclinada para baixo, na metade da descida da escada.

Sem que eu soubesse, a Sukey tinha me seguido e, de brincadeira, havia agarrado minha saia. A Belle estava trabalhando junto à lareira e, quando a chamei, assustou-se e se virou para mim. Tornei a gritar seu nome, ao ver seu rosto machucado. Notando o meu horror, ela tentou sorrir, no esforço de atenuar o choque. Deve ter doído, porque ela fez uma careta e levou a mão à boca inchada. Não sei quando notei pela primeira vez suas saias encostando nas brasas, mas, quando vi que estavam queimando, meu susto foi tão grande que não consegui falar. Em vez disso, descii a escada correndo, com a intenção de puxá-la para

longe do fogo. Na corrida, sem querer dei um puxão na Sukey, e ela, soltando um grito, rolou escada abaixo. Quando a Sukey começou a gritar, fiquei paralisada, sem saber qual das duas pessoas queridas ajudar primeiro. Virei para a Sukey por um instante, e então vi a Belle passar correndo por mim, em direção à menina, sem saber que a parte de trás das suas saias começara a pegar fogo.

Em choque, não consegui me mexer. Para nossa sorte, o Will Stephens apareceu. Em instantes, tirou a Sukey do colo da Belle e me jogou a menina que gritava. Derrubou a Belle no chão, pisou nas saias dela e me mandou buscar o balde de água. Deixei a Sukey berrando na cadeira e corri para o balde de água potável. Will o arrancou da minha mão e derramou a água na Belle, para molhar as saias. Ela soltou um arquejo quando a água fria bateu em suas pernas.

— De novo não — gritou — , de novo não!

Balançou a cabeça para a frente e para trás e, embora estivesse com os olhos arregalados, não nos viu.

O Will sentou-se a seu lado no chão de terra e pôs a cabeça dela em seu ombro.

— Está tudo bem, Belle — disse. — Já passou. A sua saia estava pegando fogo e nós o apagamos. Está tudo bem.

A Sukey continuava a berrar, e saí correndo com ela para buscar a Mama.

Quando nasceu o bebê do Ben e da Lucy, o Junior, a Belle, embora parecesse recuperada do seu trauma físico, permaneceu retraída e com o humor instável. Curiosamente, não houve nenhuma explicação. Pelos cochichos dos adultos, a Fanny, a Beattie e eu tentamos juntar as poucas informações de que dispúnhamos, porém no outono, algum tempo depois, quando a barriga da Belle começou a estufar, não associamos a gravidez dela a esse evento.

Quando nos disseram que ela ia ter um bebê, nós três achamos que o Will era o pai, já que ele se tornara uma visita constante na cozinha. Eu olhava enciumada para o interesse que ele demonstrava pela Belle.

Não via nenhum contato físico entre os dois, mas, no meu coração de mocinha, convenci-me de que eles eram amantes.

Um dia, sem conseguir me conter, perguntei à Belle como era o nome do pai do seu filho.

— Você sabe que eu não falo disso — respondeu, em tom frio.

Não reagi, mas, depois da recusa dela, fiquei cada vez mais rebelde. No fim do mês, quando meu corpo atingiu a maturidade feminina, procurei a Mama Mae para ela me ensinar a cuidar de mim nos meus períodos mensais. Depois das instruções, a Mama me fez sentar na sua casa pequenina.

— Por que ocê anda tão zangada com a Belle? — perguntou.

Dei de ombros.

— Eu sube que ocê anda falando com ela de uns jeito que não tá certo — ela continuou.

Baixei a cabeça.

— Às vez as mulher sente um mal-estar e num sabe por quê. Tudo bem se ocê num sabe por que tá com tanta raiva da Belle, mas eu tô achando que tem alguma coisa a ver com ela ter um neném.

Continuei calada.

— A Belle num teve escolha com esse bebê. Agora é hora de nós ajudar. Ela tá percisando de ocê, assim como a Sukey percisa de ocê. — A Mama Mae me puxou para junto de si e afagou minhas costas. — Sei que ocê é uma boa menina, Abinia. O dia que ocê chegou foi um dia muito bom pra nós. Agora, é como se ocê fosse filha da Belle. Isso num muda nunca. Mas ocê tá crescendo, e essa é uma hora em que ela percisa de ocê. — Pôs a mão no meu queixo e levantou meu rosto. — A Belle tá percisando de cada um de nós — disse, me olhando nos olhos. — Nós é a família dela, e nós vamo ajudar. Ocê faz parte desta família?

Com um safanão, dei-lhe as costas.

— Abinia? — chamou ela, decepcionada. — Ocê num é dessa família?

— Não sei! — exclamei, batendo com o pé. — Não sei! Quase sempre eu pareço fazer parte da família, mas, na igreja, tenho que sentar lá na frente com os brancos. Quero me sentar com as gêmeas, e elas não podem ir comigo nem eu posso voltar para elas. A senhora não é minha mãe de verdade, nem a Belle. Para onde eu vou quando crescer? E também não quero morar numa casa-grande!

Comecei a chorar, e a Mama esperou um pouco antes de falar:

— Abininha, se ocê e a Beattie e a Fanny fosse brincar no rio e a água ficasse funda, que nem depois da chuvarada, e ocês todas carecesse de ajuda, num acha que eu tava lá pra ajudar ocê, igualzinho a ajudar as gêmeas?

Pensei naquilo por um momento.

— Mas qual de nós a senhora ia tirar primeiro? — perguntei, virando-me para encará-la.

— A que passasse por mim primeiro — respondeu ela depressa. Olhamos fixo uma para a outra, depois rimos alto da sua resposta franca. — Abinia, uma coisa eu sei. Qual é a cor da pessoa, nem quem é o pai, nem quem é a mãe, nada disso quer dizer nada. Nós é uma família, cuidando um do outro. A família deixa a gente forte nas hora de aperto. A gente fica tudo junto, ajudando um ao outro. É esse o verdadeiro sentido de família. Quando ocê crescer, vai levar esse sentimento de família dentro do peito.

— Mas eu não quero ir embora... — comecei.

A Mama me interrompeu:

— Por que ocê tá pensando em ir embora? Pra isso inda farta muito tempo. Ocê olha pra hoje, menina. E ocê diz: “ Obrigada, Senhô, por tudo que o Senhô me deu hoje.” E ocê se preocupa com o dia seguinte na hora que o dia seguinte chegar.

Dei um suspiro de alívio.

— Então, Abinia, ocê faz parte desta família? — a Mama Mae tornou a perguntar.

Fiz que sim.

Ela me deu um sorriso.

— Ótimo. Então, é melhor nós voltar pro trabalho, porque nós é uma família de trabalhador.

Ela se levantou e eu, sentindo-me uma mulher, segui-a porta afora para a luz do sol.

Ao longo do outono e do inverno, a Belle foi ficando pesada e desajeitada. Recordando as palavras da Mama, procurei ajudá-la, sempre que ela permitia. Ela continuou temperamental, mas voltamos a nos aproximar, embora nenhuma das duas falasse do bebê que ela carregava. A Fanny disse à Beattie e a mim que, quando o capitão finalmente notou o estado da Belle, ficou furioso e exigiu saber quem era o pai. A Belle se recusou a discutir o assunto e disse que não o visitaria mais se ele insistisse na pergunta. Ele se enfureceu e mandou que ela ficasse longe. E foi o que ela fez.

Eu estava na casa da cozinha com a Belle e a Mama, numa noite fria de fevereiro, quando o bebê da Belle nasceu. As gêmeas estavam na casa-grande e o Papa George veio buscar a Sukey quando as dores de parto da Belle começaram para valer. Eu quis ir com ele, mas a Belle agarrou minha mão e me pediu para não sair. Olhei para a Mama, torcendo para ela me mandar embora com a Sukey.

— A Abinia vai ficar — disse ela, acalmando-me com os olhos. — A Abinia quase pode fazer isso sozinha — afirmou, para tranquilizar a Belle. — Ocê tá lembrada de quanto ela me ajudou quando o Campbell nasceu.

Dessa vez, eu era mais velha e estava mais preparada para um parto, mas cheguei a me sentir mal de tanto alívio quando a Belle enfim deu à luz a criança. A Mama me fez cortar o cordão arroxeadado e, depois de limpar e enfaixar o bebê, entregou-o a mim.

— Dá ele pra Belle — instruiu.

Olhei para o neném.

— Anda logo. — A Mama me empurrou para a Belle.

— Belle! — gritei, encantada. — Belle! Ele é igualzinho ao Campbell!

Belle soltou um grito agudo e virou a cabeça para o outro lado. Sua reação me fez lembrar a D. Martha rejeitando o Campbell, e temi pelo bebê. Olhei para a Mama, em busca de orientação, e me surpreendi ao vê-la enxugando as próprias lágrimas. Esperei, insegura, até o neném começar a se agitar.

A Mama Mae se aproximou.

— Belle — disse, tirando o bebê de mim. — Vamos lá. Ele é seu filho. Essa criança veio do Senhor. Tem direito de ter mãe, e a mãe é ocê. Agora ocê segura ele, Belle, e dá o seu leite pra ele. Ele é um bom menino. Vai ser um menino meigo.

Belle continuava deitada, com a cabeça virada para o lado oposto, mas a Mama puxou a camisola dela e expôs um seio carregado de leite. Acomodou o neném junto dela. Quando o menino, faminto, procurou o mamilo e começou a sugar, a Belle soltou um gemido baixo, enquanto seu corpo cedia à necessidade do filho. Seus olhos angustiados buscaram a Mama, porém se abrandaram no instante em que ela olhou para o menino que mamava. Aninhou-o nos braços e fez sons delicados de arrulho, acarinhando o rostinho branco.

Derramei lágrimas de alívio e alegria. Belle pegou minha mão e me puxou para ela e para o neném.

— Lavinia — cochichou — , que nome vamos dar a ele?

CAPÍTULO 26

Belle

NO FIM DE MAIO DE 1797, o capitão me chamou pra eu levar o meu bebê, Jamie Pyke, lá na casa-grande. Primeiro eu disse não, mas a Mama falou:

— Belle, ocê tem que ir. Aquele homem tá ficando mais doente a cada dia. Já quase num consegue andar e tá da cor de um pêssego velho e murcho. Ocê tem que pegar os papel da alforria pra ocê e o Jamie. Se o capitão morrer, o que ocê vai fazer? Ficar aqui com o Marshall no lugar do capitão? É isso que ocê quer?

Pela primeira vez, eu soube que tinha que pegar os documentos. Assim, fui à casa-grande e levei comigo o meu filho de quatro meses.

A Mama estava certa. Quando vi o capitão, percebi que ele não ia resistir. Minhas pernas não queriam se mexer, mas levei o Jamie até lá para mostrá-lo a ele. O capitão apenas olhou. Perguntou mais uma vez quem era o pai, mas minha boca não quis funcionar. O tio Jacob, parecendo não aguentar mais, se aproximou.

— Tá na cara quem é o pai! — disse. — E a Belle num teve nenhuma escolha nessa história. E a verdade é essa!

O capitão pareceu ter dificuldade para respirar. Quando tornou a falar, disse que ia dar os papéis da alforria ao Jamie, mas aí eu teria que ir para a Filadélfia. Respondi que estava bem, eu iria, mas disse que eu também continuava precisando dos meus próprios documentos. Ele achava que estavam comigo, mas falei que não, que nunca os tinha recebido.

— Volte de manhã — disse ele. — Vou chamar o advogado e mandar redigir os papéis.

E aí, ontem à noite, a Mama veio correndo chamar o Ben para ele buscar o médico, mas o capitão faleceu antes de eles voltarem.

Não tenho tempo para chorar, só para me perguntar o que vai acontecer agora. A Mama tem razão. Agora o patrão será o Marshall.

Tenho que sair daqui com o Jamie. Não sei para onde vou, só sei que tenho que sair antes que o Marshall volte.

Quando todos trabalhavam na casa-grande, fazendo os preparativos do enterro do capitão, peguei a melhor faca da minha casa da cozinha, embrulhei-a bem embrulhada e tratei de reunir e amarrar numa trouxa tudo o que podia levar. À noite, ia pegar o Jamie e fugir. Primeiro pensei em levar a Lavinia, mas sabia que ela não iria sem a Sukey.

Esperei até não haver ninguém por perto, aí corri para esconder minha trouxa atrás do depósito da nascente. Não vi o Ben me seguindo. Quando ele dobrou a quina da casa, me deu um susto tão grande que comecei a bater nele. Ele me segurou, mas isso me fez bater ainda mais.

— Não, benzinho, num me bate — disse ele.

— Não vem me chamar de benzinho! — retruquei.

Mas ele disse:

— Belle, ocê é sempre o meu bem, não sabe disso? Eu cuido de ocê como se ocê fosse minha.

Foi aí que eu me enfureci! Minha boca não parava:

— Ocê cuida de mim?! E quando é que faz isso? Naquela vez que o Rankin e os homens dele me jogaram de um lado para outro na cozinha? Ou será que estava cuidando de mim quando o Rankin me segurou no chão e o Marshall me montou? Ou... não... não! Isso mesmo! Você estava cuidando de mim todas as noites, quando montava a sua Lucy!

Ben me soltou. Olhou para mim e seus olhos grandes me disseram que as palavras que eu estava usando o dilaceravam. Deu um passo atrás, com as mãos levantadas para eu parar de falar.

— Tem razão — disse — , ocê tem razão.

Quando começou a chorar, toda a vontade de brigar me deixou.

— Ah, Benny, são só palavras. Elas não dizem a verdade.

Mas ele continuou a balançar a cabeça, falando:

— Não. Não. Você tem razão, Belle. Eu nunca ajudo você. Nunca ajudo de verdade.

Ceguei perto dele, segurei a saia e enxuguei a água que descia dos seus olhos, mas ele não parava de chorar.

— Desculpe, Benny. Desculpe eu ter dito isso tudo. — Toquei sua boca com meu dedo. — Psiu — sussurrei. — Psiu...

Ele gemeu fundo e alto, e me puxou para perto. Quando começamos a nos beijar, ninguém mais fez questão de parar.

À noite, tornei a me encontrar com o Ben. Ele me disse para ficar até vermos o que o Will Stephens terá a dizer. O Ben diz que vai fugir comigo se o Marshall voltar.

CAPÍTULO 27

Lavinia

O CAPITÃO FOI ENTERRADO antes que a irmã e o cunhado da D. Martha chegassem de Williamsburg. Em vista do estado de D. Martha, o médico tomou para si a responsabilidade de optar por uma cerimônia fúnebre rápida e simples. Apenas algumas carruagens vieram de outros lugares, mas todos da fazenda estávamos lá. Todos, bem entendido, menos a D. Martha e o Marshall, pois o filho, por razões que me eram desconhecidas, permaneceu em Williamsburg.

Depois que o Sr. e a Sra. Madden chegaram, seguiu-se uma semana movimentada. Quando a D. Sarah entrava no quarto da irmã, era comum me encontrar cuidando dela. Eu me lembrava dessa senhora, da sua visita no Natal, e minha primeira opinião não mudou muito. Continuei atônita ao ver o quanto ela era diferente da irmã. Embora assumisse um ar solene naquelas circunstâncias, seus olhos eram animados e ágeis. O rosto de D. Sarah era rechonchudo, assim como o corpo, mas eu viria a aprender que sua aparência branda era desmentida por sua determinação.

Ao assumir o comando, ela não deixou dúvida de que era realmente capaz de dirigir uma casa. Nos primeiros dias, pouco falou, enquanto nos observava em nossos cuidados diários com a D. Martha. E então, um dia, dirigiu-se a mim:

— O Marshall me contou como você é boa para a mãe dele. Agora, posso ver por mim mesma que ela confia muito em você.

— D. Martha gosta que eu leia para ela.

— E quem lhe ensinou a ler? — perguntou-me.

Eu soube intuitivamente que não deveria incluir a Belle, e respondi: — Foi a própria D. Martha, antes de ficar muito doente.

— E você gostaria de continuar a estudar? — perguntou ela, em tom bondoso.

— Ah, sim — respondi, na minha inocência.

Mais tarde, nessa semana, ela pediu minha ajuda para selecionar as roupas da irmã. Indiquei os vestidos favoritos da D. Martha e também os sapatos que ela preferia, apontando os que lhe apertavam os dedos. Por algum motivo, não percebi que estávamos fazendo as malas para uma partida próxima.

O Sr. Madden, advogado, era o executor testamentário do cunhado. O Papa George e Will Stephens reuniram-se várias vezes com ele e, por fim, na sexta-feira, todas as pessoas da casa-grande foram chamadas à biblioteca. O Sr. Madden foi o primeiro a falar. O jovem Marshall, disse-nos, herdara a fazenda e tudo o que havia nela. Entretanto, era desejo do capitão que o Sr. Madden mantivesse o controle até o rapaz completar 22 anos. Isso seria dali a cinco anos, informou-nos. Até lá, Marshall deveria prosseguir nos estudos em Williamsburg, onde planejava cursar direito numa honorável universidade, o College of William and Mary. O pessoal da casa-grande e da fazenda cuidaria da propriedade até o retorno do jovem herdeiro. Will Stephens, agora administrador da fazenda, seria o encarregado.

Em seguida, a D. Sarah nos disse que a D. Martha regressaria com eles para Williamsburg. Lá, seria internada num hospital de renome, onde pacientes com distúrbios semelhantes ao dela eram tratados com sucesso. A Sra. Sarah tinha certeza de que eles conseguiriam ajudar sua irmã. Além disso, a D. Martha se beneficiaria da proximidade do filho em Williamsburg.

Fiquei surpresa, depois assustada, quando me pediram para ficar após o encerramento da reunião. Nervosa, olhei para a Mama Mae e a Belle, quando as duas iam saindo. A Belle dava a impressão de estar prestes a chorar, mas a Mama me tranquilizou com um meneio da cabeça.

O Sr. Madden, tão rotundo quanto a mulher, continuou sentado à escrivaninha, examinando através dos óculos os papéis à sua frente. Esvaziada a sala, a D. Sarah tossiu para chamar a atenção do marido. Ele ergueu os olhos.

— Ah — disse, como se ficasse surpreso ao me ver. — Então, você é a Lavinia? Estive examinando os seus documentos. Ao que parece,

você irá conosco.

Devo ter demonstrado o meu choque, pois a D. Sarah me pegou pela mão e me fez sentar numa cadeira. Então liguei as palavras do Sr. Madden à conversa que entreouvira, algumas noites antes. Nessa noite, eu havia acordado ao som da voz da Belle, que vinha lá de baixo. Dei uma olhadela para ver como estava o neném James, que dormia a sono solto no berço resistente que o Papa George lhe fizera. A Sukey dormia a meu lado e me inclinei para beijar seu rosto redondo, ao me levantar. Antes que chegasse ao degrau inferior, vi a porta da cozinha aberta. Por alguma razão, detive-me ao escutar a voz da Mama, que vinha do lado de fora. Era fim de maio e a noite estava quente. Pensei em como devia ser agradável ela e a Belle se sentarem para aproveitar o ar noturno.

— Mas e se ela não quiser ir? — perguntou a Belle.

— É uma boa chance pra ela — disse a Mama Mae.

Foi a voz do Will que ouvi em seguida:

— É uma grande oportunidade, Belle. Eles são boas pessoas e darão instrução a ela.

Numa onda de raiva, ao escutar a voz do Will, voltei correndo escada acima. Continuava a acreditar que ele era o pai do bebê James, e mal conseguia conter meu ciúme. Mas essa era a primeira vez que eu os ouvia juntos à noite, e minha raiva ardeu com tal intensidade que perdi o interesse na conversa.

Agora, na biblioteca com os Madden, compreendi que eles estavam falando de mim.

— Lavinia — disse a D. Sarah, tirando o papel do marido. — Você já tem 13 anos e, à luz do fato de que só lhe restam alguns anos para prestar serviços a esta família, resolvemos levá-la conosco.

Fiz que sim, embora pouco soubesse do meu contrato. Nunca me haviam explicado nada e, verdade seja dita, eu não tinha pensado em pedir esclarecimentos.

— Eu a tenho observado com a D. Martha e vejo que ela gosta de você. Tornei a assentir com a cabeça, entorpecida de medo.

— Queremos que você venha conosco para Williamsburg. Quando a D. Martha voltar a melhorar, você trabalhará para ela. Até lá, ficará morando conosco. Já concordamos — continuou, com uma olhadela em busca da aprovação do marido — em que você poderá estudar com a preceptora que dá aulas a nossa filha.

Calei-me.

— Estamos dispostos a levá-la para nossa casa, a lhe dar todas as vantagens para o seu futuro.

O rugido em meus ouvidos me impedia de ouvir mais, e a D. Sarah acabou me mandando subir para retomar meus afazeres.

A Beattie estava lá me esperando e, por seu jeito de me observar, calculei que já soubesse da minha partida próxima. Tão agudo foi meu sentimento de traição que me recusei a falar com ela ou com qualquer outra pessoa pelo resto do dia. Planejava evitar todo mundo até ter que ir embora.

Fiquei mais zangada ainda no dia seguinte, quando a Mama Mae me fez sentar com a D. Martha durante boa parte da manhã e, depois disso, até o fim da tarde. A Fanny estava cuidando das necessidades do Sr. Madden e da D. Sarah, enquanto a Beattie e a Mama ficaram curiosamente ausentes da casa-grande. O tio Jacob foi me ver quando a D. Martha estava dormindo, mas eu me recusei a falar com ele.

— Que Alá teje com ocê — disse ele, depois que encolhi os ombros para afastar sua mão consoladora.

Quando ele saiu, dei chutes no ar, furiosa com ele e com o seu Alá.

Depois que a D. Martha terminou a ceia, servida mais cedo, a D. Sarah veio me entregar um bauzinho de couro e me instruiu a levá-lo à casa da cozinha, para eu arrumar meus pertences.

Eu sabia que tinha pouca coisa para arrumar e, quando lhe disse que não precisaria de um baú daquele tamanho, ela sorriu e me disse para levá-lo assim mesmo.

A casa da cozinha estava deserta. A Belle não tinha servido meu jantar de praxe, e isso quase superou o que eu podia suportar. Nessa

hora, acreditei que ela já houvesse me esquecido. Desolada, subi para fazer a mala, batendo com o bauzinho atrás de mim.

Lá em cima, para meu assombro, vi dois vestidos de D. Martha estendidos na cama da Belle. Quando me aproximei para examinar melhor, a Fanny e a Beattie subiram aos pulos.

— A gente ajudou a mamãe a aprontar os dois pr' ocê! — gritaram. Correram juntas para mim e começaram a me despir, insistindo em que eu experimentasse os vestidos novos. Enquanto o faziam, contaram que D.

Sarah tinha dado à Mama dois vestidos de uso diurno da D. Martha, com a instrução de que ela os apertasse para mim. A Fanny, que tinha o corpo mais parecido com o meu, tinha servido de manequim, para que eu pudesse ganhar essa surpresa. Depois que pus o vestido de calicô azulclaro, a Fanny abotoou os botões da frente, enquanto a Beattie tirava do bolso uma fita azul dobrada. Desmanchou minhas tranças, escovou meu cabelo comprido, deixou-o solto e puxou umas mechas para trás, atando-as com a fita. As duas pegaram minhas mãos e, entre risinhos, recusaram-se a me dizer por que estavam me levando para o alojamento.

Uma fogueira crepitava alto. Havia comida disposta em mesas improvisadas: tinham preparado um banquete. Houve aplausos quando apareci com as meninas, e foi então que compreendi que a festa era para mim. Belle foi a primeira a vir me abraçar, depois a Mama Mae e o Papa George, seguidos pelo Ben e pela Lucy. Por último, a Ida, com todos os adultos e crianças que tinham sido meus companheiros na igreja, vieram me desejar boa sorte. Olhei em volta, admirada ao pensar que tanta gente se importava comigo. Como eu suportaria deixá-los?

Quando serviram a comida, fiquei com medo de comer e sujar meu vestido novo. Ida reconheceu meu dilema, foi à sua cabana e voltou com um pedaço de pano limpo, que estendeu cuidadosamente no meu colo, antes de me devolver minha tigela. Fiquei de olhos marejados ante sua preocupação e desejei que ela me abraçasse, que dissesse que tinha havido um engano e eu não teria de ir embora. Lutei a noite toda contra as lágrimas. Quando começou a música, o Papa me tirou para ser sua

parceira na primeira dança. Enquanto rodávamos em círculos, fui olhando para os rostos risonhos e nem pude acreditar que deixaria todos pela manhã. Depois veio o Will me tirar para uma dança. Seu cabelo liso e farto caiu para a frente quando ele meneou a cabeça, e ele o ajeitou para trás antes de segurar minha mão. A Beattie deu risinhos e a Fanny me cutucou nas costas quando me levantei para dançar com ele. Enquanto dançávamos, evitei o seu olhar, mas ele começou a implicar comigo e não demorou muito para eu devolver as brincadeiras, entre risos. Terminada a dança, o Will me devolveu à Belle e às gêmeas, dizendo:

— Não se esqueça, Lavinia: você prometeu que vai ser minha namorada. Estarei à sua espera.

Virei-lhe as costas, aborrecida por ele se atrever a fazer aquela brincadeira na frente da Belle. Alegrei-me quando a Mama disse que estava na hora de irmos embora.

Minha família ainda me fez outra surpresa, quando todos se reuniram na casa da cozinha e cada um me ofereceu um presente. O Ben me deu um pequeno descanso de metal, forjado em forma de passarinho. A Mama tinha trançado uma cesta, dentro da qual estava a contribuição da Beattie: três penas de peru selvagem. Tinham sido fervidas e despojadas das membranas, as pontas tinham sido afinadas e elas estavam prontas para escrever. Algumas nozes de nogueira-preta tinham sido incluídas, e a Belle me deu instruções sobre como fervê-las para fazer tinta. A Fanny me deu uma bolsinha com duas moedas.

— Essas a Fanny ganhou do capitão — disse Beattie, orgulhando-se da irmã.

A Belle me deu o seu precioso espelhinho de mão de prata e, quando tentei devolvê-lo, insistiu em que eu o aceitasse e pediu para eu pensar nela toda vez que o usasse. O Papa me entregou um pintinho de madeira que havia entalhado.

— Ocê sabe o que isto quer dizer — declarou, e me engasguei com as lágrimas, lembrando a nossa conversa de anos antes, quando ele me dissera que seria meu pai.

O tio Jacob me deu um apito. Era uma miniatura, feita de um bambu fino, e, quando ele me disse para soprá-lo, produziu uma nota muito aguda.

— Esse é o toque pra mim — disse ele. — Ocê tendo pobrema, ocê pega isso e assopra. Eu escuto esse som de longe.

Não sei se foi o timbre do apito ou se foram as meigas palavras dele, mas não pude conter as lágrimas, me encostei na Belle e desatei a chorar. Ela me abraçou, enquanto o Papa começou a fazer brincadeiras bem-humoradas para me trazer de volta. Todos riram quando ele me disse que era melhor eu usar o apito com cuidado, porque o tio Jacob não sabia montar muito bem. Traçou para nós imagens mentais do tio entrando em Williamsburg, agarrando-se desesperadamente ao cavalo, ao mesmo tempo que gritava que estava chegando para resolver todos os problemas.

Funcionou. Eu ria por entre as lágrimas quando todos disseram boa-noite.

Belle me ajudou a arrumar o baú. Houve espaço para tudo, menos minha coleção de ninhos de pássaros, e por isso a Belle sugeriu que eu levasse apenas dois, e ela guardaria o restante. Com relutância, concordei, mas não tinha muita alternativa, pois meu baú estava cheio quando Ben o levou para a casa-grande, na manhã seguinte, e o amarrou na carruagem.

Todos foram assistir à partida. No último minuto, a D. Martha resolveu que não queria ir embora. Após algumas tentativas inúteis de exercer uma persuasão delicada, o Sr. Madden mandou o Ben pegá-la no colo e colocá-la na carruagem.

Fui a última a entrar. Os cavalos estavam ansiosos para partir e dei graças pela ajuda do Ben, quando ele me auxiliou a subir os degraus. Deu-me um forte aperto de mão, mas não me atrevi a fitar seus olhos. Quando a porta se fechou, vi a Sukey correr morro acima, vindo da casa da cozinha. Eu tinha conversado com ela de manhã e explicado que ia viajar por algum tempo. Ela havia escutado com atenção e pareceu imperturbável, entretida com suas brincadeiras matinais. Devia ter sido

esquecida em meio à agitação e, nesse momento, veio carregando os sapatos pesados de inverno e a bonequinha.

— Espela, Binny, eu vou com ocê! — gritou. — Eu vou com ocê!

Antes que ela pudesse chegar à carruagem, o Papa George levantou-a no colo.

Partimos, mas não pude deixar de olhar para trás pela janela, enquanto a carruagem se afastava. A Sukey ficou enlouquecida e o Papa teve dificuldade para segurá-la, enquanto ela dava socos e pontapés, tentando se soltar.

Na carruagem, os gritos da D. Martha falaram por mim.

CAPÍTULO 28

Belle

SINTO MESMO É FALTA da Lavinia. Depois que ela foi embora, descobri como não gosto de ficar sozinha. As noites são o pior. Embora o Marshall ainda esteja em Williamsburg e o Will Stephens diga que o Rankin se foi há muito tempo, ainda assim eu mandei pôr um trinco na minha porta e durmo com a faca junto de mim. Se um deles aparecer, desta vez é um homem morto.

De dia não tenho tempo pra pensar muito nisso. Apesar de todo mundo da casa-grande haver partido, fico muito ocupada com as hortas, o Jamie e a Sukey.

Fico pensando em como a Lavinia estará se arranjando sem a Sukey. De noite a Sukey andava chorando, deixando o Jamie e eu acordados, até que a Mama acabou por levá-la para ficar com a Beattie. Isso a ajudou um pouco, mas agora ela não quer comer. A Mama disse que é como se a garotinha tivesse perdido duas mães. Primeiro a Dory, agora a Lavinia.

A verdade é que, quando a Mama passou a levar a Sukey de noite, ficou mais fácil o Ben vir me ver. Ele não consegue ficar longe, e não quero que fique. Mas, primeiro, fui procurar a Ida pra arranjar alguma coisa pra não ser apanhada com um filho na barriga. Ela disse que isso só funciona pra algumas, que com ela nunca funcionou, mas até agora tem funcionado bem pra mim. O meu Jamie é tudo para mim, mas não quero nenhum outro filho. Se um dia eu tiver que fugir, já chega um filho pra eu e o Ben carregarmos.

E também tem a Lucy. Da minha parte, não gosto dela. Só de pensar nela morando lá com o Ben já fico com raiva, mas o Ben não quer que ela saiba de nós. Diz que, se ela descobrir que temos ficado juntos, vai se magoar, e diz que ela já teve mágoa suficiente na vida.

E depois, também não queremos que a Mama ou o Papa saibam de nós. Mas conheço a Mama. Logo, logo, ela vai descobrir, e aí, cuidado! Ontem de noite a gente deu risada, quando eu disse ao Ben que tinha

alguma coisa errada se, aos 24 anos, ainda estamos preocupados em esconder coisas da Mama.

CAPÍTULO 29

Lavinia

EM 1797, WILLIAMSBURG JÁ não era a capital, mas se destacava por três instituições remanescentes. Uma, foco da cidade e ponto de encontro, era o Palácio da Justiça. Era uma impressionante construção de alvenaria em centro de terreno, e tinha toda a aparência de ser o esteio da principal via pública, a rua Duque de Gloucester. Homem da lei, o Sr. Madden tinha estreita familiaridade com esse local de trabalho.

A segunda instituição, também central, era o College of William & Mary. Fundado em 1693, ele mantivera uma excelente reputação como escola de ensino superior, particularmente de direito. Era nessa instituição que Marshall deveria ampliar seus estudos.

A terceira, a que acabou ganhando maior significação para mim, era o hospital público. Também ele era um belo prédio de alvenaria. Mas ficava nos limites da cidade e era mais comumente conhecido como Hospital dos Insanos, fundado em 1773. Sua fama vinha crescendo, e foi nesse hospital que a D. Martha foi internada. O manicômio só aceitava pacientes perigosos ou curáveis. Nunca me disseram em qual dessas duas categorias a D. Martha fora incluída.

Os Maddens tinham uma casa acolhedora. A uma pequena distância do Palácio da Justiça, fácil de percorrer a pé, era uma construção de formato irregular, revestida de ripas de madeira e, embora decerto impressionasse pelo tamanho, não era tão ampla quanto a casa-grande que eu havia deixado. Os cômodos eram muito numerosos, mas de pé-direito baixo, e os aposentos eram mais compactos, mais íntimos que os da fazenda Carvalhos Altos. Muitas janelas tinham recessos com bancos acolchoados, enquanto, em outros parapeitos largos, floresciam plantas próprias para interiores, perfumando os cômodos. Apesar de haver uma biblioteca, os livros também se dispunham informalmente em outros aposentos e, com acerto, calculei que a leitura era rotina nessa família. O mobiliário não era tão extravagante quanto o de Carvalhos Altos, mas era substancial o

bastante para se saber que a casa pertencia a uma família de posses. Num primeiro momento, assustei-me com as cores dos cômodos, pintados de tons vivos e vibrantes, mas em pouco tempo me adaptei a esse estilo de decoração.

Para meu grande espanto, ganhei meu próprio quatinho no andar superior. Mais tarde, fiquei sabendo que fora instalada ali porque esse cômodo era adjacente ao quarto maior, que se destinava a ser usado pela D. Martha quando voltasse do hospital. Mesmo assim, fiquei pasma ao ser abrigada na casa principal e ao ver um quarto tão lindamente decorado. O verde vivo das paredes fazia um contraste agradável com a colcha branca da cama de pés altos. Um tapete redondo, trançado, cobria boa parte do assoalho de pinho, havendo numa de suas bordas uma pequena escrivaninha de carvalho, em frente a uma janela de empena.

Olhei para a rua larga e movimentada lá embaixo, ladeada por grandes olmos e acácias-bastardas, e vi por entre suas copas outras casas de aspecto similar. Algumas pareciam necessitar de reparos, mas quase todas eram cercadas por jardins viçosos, repletos de flores, ervas e arbustos.

Meus anfitriões tinham apenas um rebento: uma filha muito querida, de nome Meg. Na minha chegada a Williamsburg, ela me saudou com entusiasmo. Tinha 12 anos, quase equiparando-se aos meus 13, e, embora ambas houvéssemos crescido desde o nosso primeiro encontro, anos antes, agora ela era significativamente mais baixa que eu. Era magra e sua claudicação era mais pronunciada do que eu me lembrava, mas o cabelo castanho e crespo esvoaçava como antes, e devo dizer que, à primeira vista, ela me pareceu uma criatura estranha. Usava óculos redondos, mas, para escutar o que o interlocutor dizia, tirava-os e o fitava diretamente, sem que os grandes olhos castanhos jamais lhe deixassem o rosto, quase como se ela procurasse estudar o que gerava os pensamentos da outra pessoa.

Nas primeiras semanas, fiquei tão abalada com a mudança abrupta da minha situação que não sei direito como teria conseguido atravessar aquele período, não fosse a Meg. Tive especial dificuldade para me

adaptar à vida dentro dos confins de uma cidade. A atividade constante me inquietava, e eu achava enervantes os gritos súbitos das crianças da vizinhança, ou o chocalhar inesperado das carruagens que passavam.

Durante o dia, com tanta gente por perto, a atmosfera da vida urbana parecia coercitiva, e eu ansiava pelos campos abertos e pelas trilhas de floresta que havia deixado para trás.

No quarto da Meg, porém, encontrava consolo. Nele ficava o mundo das aves e da botânica, o mundo natural que eu pensava haver deixado. Encantou-me ver que ela também colecionava ninhos e os mantinha alinhados ao longo dos parapeitos das janelas, em meio a pedras e folhas de todos os tipos. Espécies emolduradas de samambaia cobriam a maior parte de uma parede, enquanto gravuras de aves cobriam outra. Todas, ela me disse, eram nativas da região.

Quando estava estudando as gravuras mais de perto, levei um susto ao ouvir uma voz meio rouca chamar, de um canto distante:

— Olá!

Virei-me.

— Pecapecca — disse Meg, aproximando-se de uma grande gaiola de vime —, você tem de ser bonzinho.

Abriu a porta da gaiola e estendeu a mão. Uma grande ave negra saiu andando, pulou no ombro dela e, arrulhando, cutucou-lhe a orelha com o bico.

— Este é o Pecado — disse Meg, orgulhosa.

— Pecado?

— É. Eu o chamei de Pecado. A mamãe lhe deu esse nome. Não é o favorito dela. É “ negro como o pecado”, ela disse, no dia que o peguei.

— Ele viria comigo?

Meg abriu um sorriso largo.

— É claro.

A ave veio de bom grado e me fez rir, ao esquadrihar meu cabelo com o bico.

— O que ele come? — indaguei.

— Camundongos, rãs, amendoim, frutas...

— Que espécie de ave é essa? — perguntei, afagando sua plumagem negra iridescente.

— Ele é do gênero *Corvus*. Um corvo negro. — Ela falou em tom formal, como faria uma professora. — Eu o achei quando era muito pequeno e ele se apegou a mim. É muito inteligente e eu o ensinei a falar.

Enquanto ela o fazia exhibir suas habilidades, fui examinando o quarto.

Havia uma plantinha, com raízes e tudo, escorada na escrivaninha, e vi num bloco de desenho aberto os primórdios de um esboço. Ao perceber meu interesse, a Meg mostrou outros de seus bens preciosos: uma longa caixa de metal ovalada, pintada de azul-claro. Explicou-me que era usada para colher espécimens de animais e plantas ao ar livre. Ficava presa a uma tira de couro que a Meg pendurou no ombro, para demonstrar como conseguia abrir a tampa da caixa só com uma das mãos. A tampa em si tinha uma delicada pintura feita à mão, mostrando flores silvestres brancas e cor-de-rosa, embora parte da decoração estivesse desgastada pelo uso. Tratava-se de um *vásculo*, disse ela, rolando a palavra na língua como se fosse um doce.

Fiquei pasma quando ela me apontou sua estante de livros. Eram todos presentes do seu pai, disse-me, e serviam para ajudá-la nos estudos. Depois que o Pecado voou para um poleiro acima da escrivaninha, sentei-me numa cadeirinha para me recuperar e olhei em volta, fascinada. Meg emocionou-se com meu interesse pelo seu mundo e, em poucos dias, éramos amigas.

A princípio, estava planejado que eu teria apenas aulas de leitura e redação com a Meg. Foram-me atribuídas algumas tarefas domésticas, e a D. Sarah mandou sua criada negra, a Nancy, me instruir sobre esses afazeres. Numa solidão aflitiva, por falta da família que havia deixado, tentei fazer amizade com a Nancy e sua filha, Bess.

Nancy, o marido e a Bess, moravam na propriedade dos Maddens, numa casinha nos fundos da casa da cozinha. As duas mulheres cozinhavam, lavavam e cuidavam da casa, sob a supervisão da D. Sarah, enquanto o marido da Nancy fazia a manutenção da residência e dos amplos jardins.

Ao cuidar de minhas tarefas, fiz tentativas de me aproximar da Nancy e de sua filha, mas elas, que nada sabiam de mim, mantiveram a distância. Uma tarde, ao me descobrir com tempo de sobra e pensando em conquistar a amizade delas, fui à cozinha e perguntei se poderia ajudá-las a cozinhar. Elas me deram um olhar impassível. Não, disseram, estava tudo bem. Não precisavam da minha ajuda.

Horas depois, nesse dia, a D. Sarah veio falar comigo e pediu que eu não perturbasse as criadas. Elas eram muito reservadas, disse-me, e não gostavam de outras pessoas no seu local de trabalho. Na minha ingenuidade, senti-me confusa com essa rejeição, mas não fiz outras tentativas de ganhar a afeição delas.

De início, achei a D. Sarah autoritária, mas, com o tempo, compreendi que suas intenções eram boas. Ela levava a casa a sério e, embora a família fosse sua prioridade número um, as obrigações sociais também lhe eram de grande interesse. Desde a infância, fora-lhe concedido na sociedade um lugar que implicava luxo e privilégio. Sua mãe havia enfatizado os compromissos da posição social, e a D. Sarah estava decidida a cumprir o seu dever. Era frequente eu ouvi-la dizer o quanto se sentia na obrigação de ajudar os menos afortunados, e não havia dúvida de que o meu bem-estar se incluía nessa afirmação.

Para a D. Sarah, a aparência e o decoro eram de suprema importância, embora ela própria fosse corpulenta e seu gosto em matéria de vestuário não se prestasse à lisonja. Tinha uma queda por doces e, como resultado, seus vestidos de cores vivas frequentemente ficavam mais justos do que a costureira havia pretendido. Tal como a Meg, a D. Sarah tinha uma estranha propensão a encarar o interlocutor enquanto ele falava, mas o que a distinguia da filha era seu hábito de movimentar os lábios, reproduzindo as palavras do falante, como que para digeri-las melhor.

O Sr. Madden passava boa parte do dia fora de casa, mas, quando não estava exercendo a advocacia, ocupava-se com a jardinagem. Fazia as vontades da Meg a todo momento, o que impunha a D. Sarah a tarefa de estabelecer limites mais claros para a filha. Foi num jantar que testemunhei pela primeira vez a proximidade entre pai e filha. Os dois adoravam o mundo da botânica, mas, enquanto o Sr. Madden mantinha o interesse basicamente restrito ao seu jardim, a Meg almejava compreender o que ficava fora do seu quintal domesticado.

Admirei-me ao saber que era o Sr. Madden quem provia grande parte dos alimentos vivos do Pecapecta. Para desolação da D. Sarah, esse era um tema discutido com frequência durante as refeições. Havia dias em que eu me esquecia de comer, tão intrigada ficava com a conversa inusitada no jantar. Com o tempo, o Sr. Madden procurou me incluir, mas eu era tão afetada pela timidez que era quase incapaz de responder. Deve ter passado quase um ano até eu poder fitá-lo nos olhos e responder a suas perguntas.

Devo acrescentar o quanto me surpreendeu, no primeiro dia, ser informada de que faria as refeições com a família; até então, eu nunca me sentara a uma mesa formal como a deles. Adivinhando minhas carências, a D. Sarah logo atirou-se à tarefa de me orientar. Ansiosa por provar o meu valor, pautei-me imediatamente pelo exemplo dela.

Nas semanas seguintes, a Meg insistiu em que a mãe me liberasse dos meus afazeres domésticos, para que eu pudesse participar de todas as suas aulas. Nossa preceptora era uma viúva mais velha, a Sra. Ames, que era bastante inteligente, mas se deixava distrair com frequência e era muito dada a mexericos. Todos os dias, exceto sábados e domingos, tínhamos aulas de leitura e redação pela manhã. Arte e música ficavam reservadas a duas tardes por semana, enquanto as aulas de dança eram dadas em dias alternados. No restante do tempo, tínhamos liberdade para sair a passeio. No começo, eu teria preferido ir às lojas do centro da cidade, para ver por mim o que soubera existir lá. Mas a Meg não estava interessada e, por isso, em nossas horas de folga, eu a auxiliava a colher novos espécimens de plantas para o estudo de botânica, ou a ajudava a inventar novas maneiras de capturar mais uma refeição para o Pecapecta.

A cada mês que passava, eu era apresentada a outras facetas de um mundo novo e agradável. Todavia, embora passasse quase todos os meus dias em atividades alegres, havia sempre a tênue sensação subjacente de um futuro incerto. Em mais de uma ocasião, disseram-me que a educação que eu recebia ali destinava-se a aumentar minhas oportunidades, porém nunca me informaram quais seriam essas oportunidades. Com medo, eu guardava as perguntas para mim. Não deixava de ser grata pela situação afortunada em que me achava, mas, durante todo o tempo que passei em Williamsburg, meu desejo profundo de voltar para casa não diminuiu. Logo no começo, ao escrever uma carta para a Belle, considerei fazer um apelo a que me desse garantias de que um dia eu haveria de regressar. Mas, pensando bem, reconheci a inutilidade de pedir a intercessão dela e decidi não fazê-lo. Esta decisão, no entanto, fez-me sentir mais sozinha do que nunca.

Eu tinha pavor da hora de dormir, pois era então que a saudade me invadia. À noite, meu quarto encantador era vazio e solitário. No escuro, eu sentia a dor da saudade do perfume e da proximidade da Sukey, assim como dos sons noturnos da cozinha ou das vozes familiares da Belle e da Mama Mae. Antes de adormecer, eu não conseguia conter as lembranças. Repassava vez após outra a imagem da corrida da Sukey para a carruagem e, quando a dor era grande demais, eu tirava as cobertas da cama e as arrumava no chão, para que se parecessem com meu velho catre. Dali eu puxava de baixo da cama a cesta feita pela Mama Mae. Tirava cada tesouro e me entregava à tristeza impotente que me tragava. Quando enfim adormecia, era comum sonhar que eu estava num navio. Acordava com o coração disparado, com medo da onda seguinte — a que arrastaria para longe tudo o que me era familiar.

De dia era mais fácil, já que eu tinha distrações constantes. Interessava-me por todas as aulas, mas o ensino da dança era o mais divertido. As aulas eram dadas pelo Sr. Degat, acompanhado por um violinista que era seu amigo de longa data, o Sr. Alessi. Os dois compartilhavam uma casa, mas eram comuns as suas discordâncias e nenhum dos dois fazia a menor cerimônia na hora de corrigir o trabalho do outro. Havia dias em que nossa aula era suspensa porque

um dos dois saía porta afora, pisando duro, e deixava apenas metade da equipe para prosseguir. Considerando-se a sua interdependência, a tentativa feita por um só homem costumava fracassar.

Após um desses episódios, Meg relatou à mesa, no jantar dessa noite, o mais recente drama infausto: os dois homens já se mostravam tensos no início da aula. Ao ocorrer um passo errado entre Meg e o Sr. Degat, o Sr. Alessi parou de tocar e externou a opinião de que, se o Sr. Degat tivesse ido para a esquerda, e não para a direita, tudo teria saído como se pretendia. O Sr. Degat externou a opinião de que, se a execução da música tivesse sido mais precisa, ele não teria ficado tão perturbado. O Sr. Alessi declarou que sua execução das peças ao violino era irretocável, e que talvez conviesse ao Sr. Degat desculpar-se por tamanha afronta. O Sr. Degat assegurou-lhe que não o faria e, diante disso, o Sr. Alessi baixou seu instrumento e se retirou da sala, para “ respirar um pouco de ar puro” .

Furioso, o Sr. Degat aproximou-se do violino em repouso, pegou o arco e o partiu em dois no joelho. Em seguida, recolocou-o cuidadosamente junto ao violino. Passada a raiva, voltou-se para nós, deu uma olhadela nervosa na porta e bateu uma palma, chamando-nos à ordem. A aula prosseguiria, informou-nos. Ele cantarolaria o acompanhamento da nossa dança. E foi o que fez, depois de me posicionar como par da Meg. Mal começáramos a dançar quando o Sr. Alessi entrou. Um grito de indignação seguiu-se à descoberta do arco partido. Ao se retirar, ele anunciou que o Sr. Degat era um homem vil e cruel. Em resposta, o Sr. Degat apenas cantarolou mais alto, fazendo sinal para continuarmos. Fazia menos de meia hora que o Sr. Alessi saía quando o Sr. Degat manifestou uma de suas dores de cabeça debilitantes e teve de interromper a aula.

Ao final da história, o Sr. Madden, que não era de manifestar opiniões sobre esses assuntos, perguntou a D. Sarah se ela não gostaria de considerar a contratação de outro violinista. A D. Sarah reagiu com surpresa. Eles trabalhavam em equipe, disse. E porventura seu marido não se dava conta de que o Sr. Degat era o melhor professor do difícilíssimo minueto? Além disso, acrescentou, os dois sempre haviam resolvido suas divergências. Dei uma olhadela para a Meg e percebi que

ela ficou tão aliviada quanto eu quando o Sr. Madden não verbalizou nenhuma outra discordância. Ambas gostávamos da nossa aula de dança tal como era.

Havia uma aula de latim nas manhãs de sábado, e fiquei surpresa ao saber que era lecionada por ninguém menos que o Marshall. Esse era um dia de folga para ele na escola e, por meio de um arranjo especial feito com seu tio Madden, ele havia concordado em ensinar à Meg a língua que estudava lá. Apesar de ter pouco interesse no assunto, eu sofria com a saudade de casa e fiquei ansiosa por rever o Marshall. No nosso primeiro encontro, ele me cumprimentou com gentileza e não pareceu admirar-se da minha nova posição nessa casa. Eu tivera pouco contato com ele no ano anterior, quando de suas estadas em casa para visitar o pai, mas me lembrava da atenção que ele me havia demonstrado. E agora, pelo simples fato de vê-lo, senti uma alegre ligação com a família que eu havia deixado.

Aos sábados, depois da aula, era rotina o Marshall ficar para o almoço. O

Sr. Madden e a D. Sarah demonstravam sincero interesse e afeição pelo sobrinho e, por causa de minhas próprias carências similares, percebi como ele vicejava sob a atenção e aprovação dos tios.

Marshall era um belo rapaz, diziam todos. O cabelo louro havia escurecido, ganhando um tom de areia, e, se fosse preciso apontar um traço facial como o mais destacado, eu mencionaria a mandíbula firme e o queixo forte, marcado por uma covinha. Ele tinha lábios carnudos, dentes brancos e alinhados e olhos do mais vivo azul. Sempre bem-vestido, tinha 1,85 metro de altura, ombros largos e um físico excelente.

Era bom professor e, embora confessasse não ter grande paixão pela botânica, parecia satisfeito em ajudar a Meg a decifrar a terminologia latina que, para ela, guardava tantos segredos da natureza. Assim, dado o gosto pela botânica que eu compartilhava com a Meg e a atração de Marshall como professor, comecei a ansiar pela aula dos sábados.

Uma noite, após um terrível acesso de saudade, formulei um projeto. Decidi que a D. Martha tinha de se recuperar e que, quando o

fizesse, eu voltaria para casa com ela, para servir de sua acompanhante. Foi então que iniciei meu plano para vê-la.

Nos primeiros meses, quando pedi para visitar a D. Martha, a D. Sarah não deixou dúvida, através de sua recusa categórica, de que o hospital não era lugar para uma pessoa da minha idade. Notei que ela mesma fazia poucas visitas a cada mês e, por último, ao final de uma tarde de quinta-feira, quando ela voltou, entreouvi sua conversa com o Sr. Madden. Sem o menor pudor, postei-me atrás da porta da biblioteca para escutar.

— É simplesmente horrível demais para descrever! Convenci-o a ir comigo, e foi acontecer uma coisa dessas!

— Ele é filho dela — retrucou o Sr. Madden. — Você tinha razão. Estava na hora de ele fazer uma visita.

— Mas você não sabe... — Ela começou a soluçar.

— Pois, então, comece a contar, querida.

— Não sei se consigo falar disto.

— Você precisa. Conte-me sem rodeios.

A D. Sarah contou depressa a história:

— Eu disse: “ Marshall, ela é sua mãe. Você é sua única esperança. Ao vê-lo, com certeza ela reagirá.” Ele não queria ir. Percebi como ficou pálido à nossa simples aproximação do hospital. No saguão, teve de se sentar, mas eu, achando que ele poderia inspirar um avanço importante, praticamente o obriguei a levar adiante a visita. Ela estava dormindo quando destrancaram a cela para nos deixar entrar, e presumo ter sido por isso que o atendente não ficou. Marshall sentou-se num banquinho num canto e, no mesmo instante, do outro lado, outra... outra mulher digna de pena... enfiou o braço por entre as grades e deu um grito, pedindo ajuda a ele. Quando vi como isso o afetou, como ele tremia, fiquei penalizada, e já ia sugerir que saíssemos, mas foi nesse momento que a Martha acordou. Estava calma... até ver o Marshall. Antes que qualquer de nós tivesse chance de imaginar quais seriam os seus atos, ela se levantou do catre e se atirou sobre ele. Quando Marshall tentou livrar-se, ela o segurou pelo rosto e o beijou de

um modo que... certamente achou que era seu marido. Quando começou a... Deus me perdoe... a apalpá-lo, ele ficou em tamanho estupor que não conseguiu se proteger. Precisei chamar os atendentes para que ele pudesse se livrar — concluiu a D. Sarah, engasgando-se com os soluços.

— Ah, minha querida — lamentou o Sr. Madden.

— Mas não é só isso — murmurou ela, e cheguei mais perto para ouvir melhor.

— E o que mais? Diga de uma vez, e nunca mais falaremos disto.

— Antes que conseguíssemos sair, antes que pudéssemos nos retirar, ela levantou as saias e... urinou.

Quando sua mulher recomeçou a soluçar, imaginei o Sr. Madden abraçando-a, enquanto a acalmava. Depois que ela serenou, o marido tornou a lhe perguntar pelo Marshall.

— Ele se recusou a falar comigo na carruagem. Quando peguei sua mão trêmula, puxou-a para longe. Tentei lhe pedir desculpas, mas ele não quis olhar para mim. Como posso ter falhado de maneira tão pavorosa com ele?

— Você não falhou, meu bem. Teve razão em incluí-lo. É claro que presumiu que a presença dele seria benéfica.

— Mas eu poderia ter adivinhado. Você se lembra daquele último jantar de Natal... quando ele bebeu demais... lembra-se de como ele disse que a

Martha o odiava, que o culpava pela morte da Sally? E lembra-se da raiva que demonstrou ao falar do uso extremo que a Martha fizera do láudano durante toda a infância dele?

— Mas o láudano não é um dos tratamentos dados a ela agora? — perguntou o Sr. Madden.

— Não, eles pararam. — Houve um silêncio antes de ela prosseguir. — Do modo como estão as coisas, não vejo como algum dia ela possa ter alta. Já tentaram de tudo. Fazem sangrias toda semana, ministram purgativos, já tentaram a intimidação e também a cadeira de

contenção. Usaram várias vezes os banhos frios, mas nada tem funcionado.

— Minha querida, por que você continua a visitá-la? A que finalidade isso pode servir?

— Não posso abandoná-la — disse a D. Sarah. — É responsabilidade minha. Ela fica sozinha o dia inteiro naquela cela terrível. Dorme num catre, sem ter ao menos a dignidade de uma cama. Não lhe dão talheres. Ela é obrigada a comer com as mãos, feito um animal!

— Ela sabe que é você, quando você vai visitá-la? — perguntou o Sr. Madden.

— Há momentos, depois de ela fazer exercícios no pátio... no pátio dos loucos, como eles o chamam... em que ela parece ter algum nível de reconhecimento. Mas depois, implora pelo neném, ou por nossa irmã Isabelle. Sinto que tenho de ser franca, mas ela fica arrasada quando lhe digo que as duas morreram.

Não aguentei mais e, vítima da minha própria indiscrição, corri para o meu quarto, levando essas notícias que perturbaram ainda mais as minhas noites já insones.

No sábado seguinte à visita à sua mãe, Marshall não apareceu para nos dar nossa aula de latim, nem esteve presente no almoço. Por insistência da D. Sarah, o Sr. Madden saiu para procurá-lo. A busca se encerrou tarde da noite, quando o Marshall foi encontrado, bêbado, numa taberna a alguns quilômetros da cidade. A Meg já fora dormir e eu estava com a D. Sarah na sala da entrada quando o Sr. Madden voltou com o sobrinho. Marshall estava tão embriagado que foi necessária a participação de nós três para colocá-lo num dos quartos.

Ao acomodá-lo na cama, a D. Sarah e eu vimos que sua mão direita estava muito machucada e cheia de cortes. Juntas, nós a limpamos e, embora nossos cuidados devessem estar causando-lhe dor, ele só se comunicou por resmungos incoerentes. Quando começou a ter ânsias de vômito, nós o viramos de lado, mas, pelo estado de sua roupa, ficou claro que seu estômago já tinha devolvido tudo, menos a bile manchada

de sangue que cuspiu nessa hora. Depois que o Marshall pegou no sono, todos nos recolhemos para dormir, mas fomos acordados em pouco tempo pelos gritos que vinham do seu quarto. Quando os Maddens chegaram lá, ele andava atabalhoado e agitado pelo aposento.

A Meg ficou comigo no corredor e consolamos uma à outra, até a D. Sarah aparecer e nos mandar de volta para nossos quartos. A atividade continuou pela noite adentro. Sem conseguir dormir, vesti-me ao amanhecer e saí para perguntar a D. Sarah se poderia ajudá-la. Com os olhos vermelhos de cansaço, ela disse:

— Se você quiser apenas sentar junto dele, eu posso dormir por uma hora. O Sr. Madden está se arrumando para sair. Tem que providenciar... cuidar... das consequências.

Acomodei-me na cadeira ao lado da cama, garantindo a D. Sarah que a chamaria, se precisasse. Depois que ela se foi, olhei timidamente para o

Marshall, adormecido. Durante a madrugada, eu sentira medo do seu estado, mas agora ali estava ele, pálido e vulnerável. Aquilo me fez lembrar seus piores dias de menino — seu rosto atormentado após a morte da Sally, seu aspecto abatido quando eu o encontrara na casinha — e meu coração se abriu para ele. Como era parecido com sua mãe, pensei, e mergulhei numa triste saudade de todos os moradores da fazenda Carvalhos Altos. Não pude evitar as lágrimas e estava enxugando os olhos, quando me dei conta de que o Marshall havia acordado e olhava para mim.

— Não chore — disse-me, estendendo a mão enfaixada para a minha.

Horrorizada, fitei seus dedos roxos e inchados. Ante minha reação, ele notou a própria mão e se apoiou num cotovelo para erguer o corpo e examiná-la melhor. Com o movimento, voltou a ter ânsias de vômito, e por isso segurei a bacia e procurei animá-lo, como faria a Mama Mae. Seu rosto ficou úmido com o esforço e, quando ele voltou a se recostar, pus uma toalha molhada em sua testa. Seus olhos azuis encontraram os meus e, quando o Marshall tentou sorrir, senti por ele uma onda de ternura que só havia experimentado com a Sukey e o Campbell. Tive

vontade de consolá-lo, de embalá-lo nos braços como a uma criança, mas sabia que isso seria impróprio e me contive. Confusa com meus sentimentos, foi uma alegria deixar o quarto, quando a D. Sarah veio me substituir.

Só voltei a ver o Marshall no dia seguinte. Ainda estava enjoado demais para comer e só conseguia reter uns goles de água. A D. Sarah ficou à sua cabeceira, mas acabou descendo para se reunir com a família no desjejum.

— Ele disse que a única coisa que lhe apeteceria seria a sopa da Mama Mae — contou-nos a D. Sarah.

— Não creio que papará-lo possa ter alguma serventia neste assunto — comentou o Sr. Madden, servindo-se de outro waffle. — Talvez uns dias de estômago vazio lhe ensinem alguma coisa.

— Ele precisa comer! — exclamei, num tom tão apaixonado que todos à mesa cravaram os olhos em mim, e senti meu rosto pegar fogo. — Desculpem.

Enquanto o Sr. Madden se concentrava em comer, a D. Sarah manifestou-se:

— É claro que o Marshall será alimentado, querida.

Em silêncio, engoli o restante do desjejum, meio engasgada, depois pedi licença para me retirar. Quando subia a escada, entreouvi o comentário do Sr. Madden:

— Mocinha leal. Não se pode censurá-la por isso.

Esperei que ficasse mais tarde e eu pudesse encontrar a D. Sarah sozinha, e então lhe disse que eu sabia fazer a sopa da Mama Mae. Será que poderia prepará-la para o Marshall?, perguntei, e ela me deu permissão.

Nancy e Bess não me receberam de bom grado em sua cozinha, mas também não impediram meu trabalho. Viram-me pegar, matar e limpar a galinha, depois picar salsinha, cebola e tomilho. Cozinhei a canja em fogo muito brando, exatamente como a Mama Mae tinha-me ensinado, e ela ficou pronta à noitinha. A D. Sarah ia saindo do quarto

do Marshall quando subi com uma xícara pequena do caldo fumegante. A preocupação dela com o sobrinho era visível.

— Não sei — disse-me, olhando para a xícara que eu segurava. — Duvido que ele tolere até mesmo isso.

— Posso tentar? — perguntei.

— Vá em frente. Acha que pode se arranjar, se eu descer para comer alguma coisa do jantar? — perguntou, e eu lhe assegurei que sim.

À luz da lamparina, vi quão pouco o Marshall havia melhorado; deu-me um olhar apático quando me sentei na beirada da cama.

— Fiz uma sopa para você.

Ele me olhou.

— Não consigo comer, Lavinia.

— É um caldo. Eu o fiz do jeitinho que a Mama Mae me ensinou — retruquei, pondo um guardanapo em seu peito.

Quando lhe ofereci uma colherada, ele negou com a cabeça, mas insisti até que abrisse a boca e engolisse o líquido quente.

— Muito bem — comentei, e esperei antes de oferecer mais.

Marshall não tirava os olhos de mim. Com a única preocupação de que ele retivesse o caldo, não me apressei e, entre uma colherada e outra, desconsiderando seu olhar, observei as sombras trêmulas no quarto que escurecia.

— Está gostoso — disse ele.

— Eu sei. Tomei um pouco na cozinha.

Ele deu um risinho.

— Está se sentindo melhor? — perguntei.

— Vou melhorar, se conseguir reter isto — respondeu, depois respirou fundo. — Eu soube que você me defendeu.

— Como assim?

— No desjejum.

— Eu só disse que você precisava comer.

— O titio está zangado comigo?

— Acho que sim.

Esperei um pouco.

Marshall virou a cabeça para a parede.

— Bem, não é a primeira vez.

— O que quer dizer?

— Ele detém a minha guarda até eu fazer 22 anos, e está sempre tentando me controlar. “ Demarcando limites e estabelecendo padrões” , como ele diz.

Não tive resposta para isso e pousei a colher na xícara vazia. Levantei-me para me retirar.

— Você pode ficar? — perguntou ele.

— Quer que eu leia para você? Posso aumentar a luz.

— Não. Apenas sente-se aqui. Converse comigo.

Fiquei pensando em como o entreteria, porém, mal sentei na cadeira, ele fechou os olhos e não tardou a adormecer.

À noite, a D. Sarah deu-lhe outra xícara do caldo, e de manhã ele pediu mais.

Nos dias seguintes da recuperação de Marshall, ajudei a D. Sarah a cuidar dele. A Meg não quis ter nada a ver com a enfermagem, embora tenha aparecido para dar uma olhadela crítica no ferimento quando trocávamos o curativo. Declarou que não havia infecção e instruiu a mãe e a mim a prosseguirmos. A D. Sarah levantou os olhos para o céu e balançou a cabeça quando a Meg se retirou. Ao voltar, mais tarde, ela veio com o Pecapeco empoleirado no ombro e trazendo um baralho. Nessa tarde e nas seguintes, jogamos algumas partidas animadas.

Ao todo, passou-se quase uma semana até que o Marshall se fosse. Durante esse período, o Sr. Madden providenciou para que ele ficasse hospedado na casa de um dos professores do College of William and Mary. O professor e sua esposa eram rigorosos com a disciplina e alguns

limites de horário seriam impostos. Quando Marshall recebeu alta, o Sr. Madden arrancou-lhe a promessa de ficar longe do álcool e de, no futuro, só tomar vinho no jantar.

Depois que eu soube da situação deplorável da D. Martha, e depois de saber que ela havia perguntado por mim, por Isabelle, senti-me obrigada a visitá-la e a fazer com que ela me visse. Convenci-me de que, se me visse, ela ficaria boa. Algumas semanas depois da doença do Marshall, sugeri à Meg que as nossas excursões de botânica nos levassem em direção ao hospital público. O lugar era bastante conhecido. Comumente chamado de manicômio, situava-se sozinho num terreno de quatro acres, numa parte relativamente pouco desenvolvida de Williamsburg. Podia-se chegar lá a pé e, sem a menor cerimônia, usei a mata virgem que havia atrás dele como uma tentação para a Meg descobrir novas espécies de plantas. Embora fosse concedida a nós duas uma liberdade inusitada, eu sabia que esse era um território proibido, pois havia um acordo de que nossas excursões de botânica se limitariam ao parque da cidade e a jardins vizinhos. A Meg, como eu havia esperado, não se deixou deter por essas restrições e viu a excursão como uma aventura.

Creio que a visita inicial foi no fim de outubro, meu primeiro aniversário em Williamsburg, pois me lembro que a Meg e eu comentamos o vermelho e o amarelo das folhas de outono. Ficamos na margem da floresta que protegia o hospital e, enquanto a Meg fazia suas buscas, achei um espaço para espiar por entre as tábuas altas do muro que cercava o pátio dos loucos. Um ou outro grito ou risada estridente vinham desse espaço ao ar livre em que os pacientes faziam seus exercícios e, apesar de temerosa, eu estava ansiosa para ver o que pudesse.

Era um dia fresco, mas o sol batia na área cercada. Meus olhos nervosos pousaram numa figura esguia, sentada num banco do outro lado da minha janela improvisada. Enquanto eu a observava, ela tirou um cobertor pesado dos ombros magros. A princípio, não a reconheci, mas houve algo no modo como inclinou a cabeça, ao afastar o cobertor cinzento, que me ajudou a identificá-la. Não vi nenhum atendente e a chamei:

— D. Martha. — Minha voz ficou embargada, mas tornei a chamar:
— D. Martha.

Ela ouviu e levantou a cabeça, como um pássaro assustado. Tirei o lenço do bolso, acenei por entre as ripas quebradas e tornei a chamar. Ela viu o clarão branco do meu lenço e deixou cair o cobertor ao se levantar. Andou na minha direção como quem dormisse, arrastando os pés, um atrás do outro.

Vi que cuidavam dela, embora sua roupa fosse feia, de corte solto e tecido marrom pesado, feito em algum tear caseiro. Seus belos cachos ruivos, longos e sedosos, tinham sido cortados curtos e, não sendo firmados por grampos nem travessas, espichavam-se da cabeça em tufos. Olheiras de um azul-escuro enfatizavam os olhos fundos e, nos dois lados da testa, círculos de um vermelho vivo marcavam sua pele alva. Posteriormente, fiquei sabendo que esses eram os locais em que se colocavam xícaras secas e quentes nos tratamentos feitos pelo médico, em sua tentativa de afastar a loucura do cérebro da paciente.

Assustada com o que eu havia desencadeado, vi a lenta aproximação dela, mas me recusei a ceder à tentação de fugir. Quando ela olhou para fora, seus olhos encontraram os meus. Eu mal conseguia respirar quando disse:

— D. Martha, sou eu, a Isabelle.

Ela segurou a cerca com uma das mãos, para se firmar, depois fechou os olhos lentamente e tornou a abri-los. Quando estendeu a mão pela abertura, seus dedos roçaram a lateral do meu rosto.

— Isabelle? — sussurrou.

— Sim.

A D. Martha retirou a mão frágil, tornou a estendê-la e descansou de leve a palma na lateral do meu pescoço. Fiquei atordoada, até que me ouvi recitar espontaneamente uma passagem favorita da história usada para ninar a Sukey. Terminei a declamação com “ e declara que irá em sua própria carruagem” . A mão da D. Martha começou a tremer.

— Neném? — perguntou.

— A neném está em casa. Está à sua espera.

A D. Martha me encarou e, em seguida, seus gritos agudos penetraram o ar, desencadeando outros que se juntaram aos dela. Nesse momento, corri, primeiro para buscar a Meg, depois para voltar para casa.

Por mais perturbada que eu houvesse ficado, depois de ver a D. Martha naquele dia, ainda acreditei, na minha ingenuidade, em sua recuperação.

Voltei sozinha ao pátio dos loucos todas as vezes que consegui reunir coragem, mas só revi a D. Martha na primavera seguinte. Tornei a chamá-la, mas dessa vez ela não reagiu.

Aflita, procurei a D. Sarah e, sem lhe dizer a razão, pedi que ela me autorizasse a visitar o hospital. No entanto, meu pedido a perturbou a tal ponto que não insisti. Nos anos seguintes, porém, continuei a observar a D. Martha no pátio, sempre que podia.

CAPÍTULO 30

Belle

NA PRIMEIRA VEZ QUE recebi uma carta da Lavinia, eu soube que estar lá era difícil para ela. Não pelo que ela disse, mas pelo que não disse. Não perguntou pela Sukey, pela Mama nem pelas gêmeas. A carta da Lavinia dizia que ela tem uma professora e está morando na casa-grande. Vejo que as aulas vão indo bem, porque ela já está escrevendo bonito que nem o capitão. Primeiro, pensei em não responder. Fiquei com medo de minha escrita não ser bonita como a dela, mas a Mama disse:

— Ocê escreve pra ela, porque ela num tá nem se importando com isso, só quer saber que tamos tudo com saudade.

Assim, peguei meu dicionário e escrevi pra Lavinia. Contei que o Jamie é o melhor bebê do mundo e tá crescendo que nem as coisas da minha horta. Não disse a ela que ele é igualzinho ao menino branco nem que ando preocupada com o olho dele, que tá ficando turvo.

Eu disse à Lavinia que as gêmeas e a Mama mandaram um abraço, mas não contei que a Mama tá superando uma fase difícil, depois de perder outro bebê, ela mesma. Ela diz que, na sua idade, está velha demais pra ter filho, e acho que tem razão. Pelas minhas contas, ela deve estar beirando os 50.

Contei à Lavinia que a fazenda está funcionando muito bem, que o Will Stephens anda fazendo um belo trabalho. A Ida falou que estão todos felizes lá no alojamento. Mas todos sabemos que não vai continuar assim quando o Marshall voltar.

É claro que não contei à Lavinia que o Ben e eu nos encontramos em toda chance que temos. E com certeza não falei do dia em que a Mama Mae me deu um olhar entendido e disse:

— Acho que ocê sabe que a Lucy tá de barriga, esperando outro bebê, num sabe?

— Não. Tem certeza?

— É só olhar pra ela que ocê também vai ter certeza.

Na primeira vez que vi o Ben depois disso, dei-lhe um empurrão:

— Esse tempo todo que você está comigo, continua se deitando com a

Lucy? — perguntei.

— Belle, ocê sabe que ocê é a única pra mim. Mas a Lucy também tá comigo. Ocê sabe disso.

— Pois mande ela de volta para o alojamento, que é o lugar dela!
— exclamei.

Mas aí o Ben se zangou.

— Aquela garota sabe de ocê, mas num diz nada. Já tem uma luta danada, trabaiando no campo. E é uma boa mãe pro meu fio. Não vou mandar ela embora, que nem se ela fosse uma porcaria. Ela vai ficar, e acabou-se a história.

Deu meia-volta para se afastar.

Eu ainda estava com raiva, por causa do bebê da Lucy, mas sabia que tinha de aceitar o Benny como ele é.

— Vem cá — chamei.

Aí, lasquei-lhe um bom beijo e fiz ele me desejar que nem um homem faminto.

CAPÍTULO 31

Lavinia

À MEDIDA QUE A MEG e eu fomos ficando mais velhas, a D. Sarah usou nosso relacionamento próximo para nos ensinar a desenvoltura social exigida das jovens senhoritas de Williamsburg. Contou com a minha influência, já que a Meg opunha-se com frequência a essas aulas, fazendo objeção ao tempo que elas tiravam do seu adorado estudo das aves e da natureza. Eu, por minha vez, sabia que era do meu interesse agradar a D. Sarah e por isso prestava muita atenção. Tratava-se de dotes refinados, dizia ela, decidida a não permitir que ficássemos aquém da obtenção deles. A princípio, as aulas da D. Sarah voltaram-se para instruções muito corriqueiras, como a maneira de fazer uma medida ou de entrar e sair corretamente de um aposento. Aos poucos, porém, as aulas tornaram-se mais sofisticadas e incluíram tarefas como as de uma anfitriã ao receber para uma refeição.

Embora tomar chá não fosse ainda o ritual em que veio a se transformar anos depois, servi-lo seguia certos padrões e, de acordo com a D. Sarah, era uma importante habilidade, cujo conhecimento era exigido de toda jovem da sociedade. A Meg considerava todo esse assunto uma chateação, mas fiquei sinceramente intrigada e incentivei a participação dela. Como esse artigo era muito caro, a D. Sarah tinha sua própria caixa de chá, um recipiente de pau-rosa em que o precioso jogo ficava trancado a chave. Seu belo aparelho de chá, em porcelana vermelha e branca, importado da China, tinha xícaras sem alça e um bule baixo e roliço, muito diferente do bule alto de café. Para a cerimônia do chá, a D. Sarah nos orientou criteriosamente sobre todo o equipamento necessário. Eu estava muito interessada em aprender essa tarefa e, por isso, a D. Sarah usou meu entusiasmo como exemplo:

— Você deve ser mais cuidadosa, Meg. Observe a Lavinia, veja como ela verte a água.

Aflita com o desinteresse da filha, a D. Sarah tentou outra abordagem. Usando meu aniversário de 15 anos para treinamento, ela

recorreu à afeição da Meg por seu primo e mandou avisar ao Marshall que ela ofereceria um chá em minha homenagem, na tarde do sábado seguinte. Será que ele aceitaria comparecer e se disporia a trazer um amigo?

A Meg mostrou-se irritadiça desde o começo. Mal se haviam passado vinte minutos, o rapaz que acompanhara o Marshall caiu em desgraça, ao anunciar, com arrogante desinibição, seu despreço pelas mulheres que estudavam latim. Meg retrucou de pronto que os homens imaturos e cheios de opiniões formadas eram, a seu ver, muito maçantes. Fez-se um longo silêncio, no qual a D. Sarah olhou fixamente para a Meg. Recordando minhas obrigações, lutei sem sucesso para puxar um assunto conveniente, que entretivesse nossos convidados perplexos. Então (e creio que foi um acidente de verdade), ao passar uma xícara cheia, a Meg respingou um pouco do líquido quente no colo de seu convidado.

A coisa terminou mal quando o rapaz teceu um comentário indelicado e, enquanto ele se retirava abruptamente, a Meg saiu da sala em prantos. A D. Sarah, com o rosto vermelho, não pediu desculpas antes de se retirar da sala para acertar as coisas com a filha. O Sr. Madden, que ainda não tinha voltado do trabalho, não testemunhou as risadas que Marshall e eu demos daquele incidente.

Como única anfitriã, decidi que só restava uma coisa a fazer: servir o restante do chá e oferecer ao Marshall o último pãozinho tostado. Quando a conversa ameaçou extinguir-se, lembrei-me do meu dever e fiz ao meu convidado perguntas sobre ele próprio. Escutei por um bom tempo o Marshall falar, e notei, sorrindo por dentro, como a D. Sarah tivera razão ao dizer que homem algum resistia a falar de si mesmo. Marshall terminou dizendo que, embora gostasse do curso de direito, estava apenas passando o tempo.

— Para quê? — indaguei.

Ele pareceu surpreso com minha pergunta:

— Para ir para casa.

— É claro — concordei.

O anúncio me deixou tão perplexa que perdi a capacidade de pensar em outra pergunta. Baixei os olhos e comecei a alisar o debrum bordado cor-de-rosa da manga do meu novo vestido de aniversário.

— E você? — perguntou ele. — O que quer para o futuro?

Quando levantei a cabeça, seus olhos azuis me observavam tão atentamente, e seu sorriso era tão franco, que logo tornei a olhar para baixo, desta vez para alisar a saia.

— Não tenho certeza — respondi.

Fui salva pelo toque do carrilhão do corredor. Comentei prontamente sobre a hora. Aceitando a deixa, como conviria a um cavalheiro, Marshall levantou-se e anunciou que deveria partir. Quando se preparava para retirar-se, perguntou se a Meg estava planejando outros eventos sociais.

— Não faço ideia — respondi.

— Bem — disse ele, em tom sumamente sério — , você poderia fazer a fineza de mandar me avisar, antes que eu me comprometa a comparecer, se o evento envolverá ou não líquidos quentes?

Tornamos a rir. Antes de sair, Marshall pegou minha mão, fez uma reverência formal e, com olhar alegre, disse o quanto havia apreciado minha companhia.

— E eu a sua — retruquei, fazendo uma mesura.

Passei um longo tempo sentada, depois que ele se foi, ponderando sobre meu estado confuso. Desde o infausto incidente com a bebida, Marshall vinha-se portando esplendidamente. Alguma coisa naquele episódio parecia tê-lo libertado e, mais uma vez, ele fazia todos os esforços para agradar os Maddens. Marshall me intrigava. Era mais velho e, a meu ver, experiente e sofisticado. Embora sempre fosse reservado com os outros, mostrava outra face quando ficava sozinho com a Meg e comigo. Nunca fazia com que eu me sentisse menos do que sua igual. No entanto, embora ninguém falasse disso, eu me perguntava se não continuava a ser considerada uma criada de sua família.

Pus de lado estas reflexões quando o Sr. Madden apareceu. Sentou-se e indagou como havia transcorrido a tarde. Antes que eu pudesse

responder, a Meg, de olhos vermelhos, se juntou a nós e se sentou numa banqueta, quase aos pés do pai. Segurou-lhe a mão e implorou que ele intercedesse por ela junto a D. Sarah. Não teria como suportar uma vida inteira daquilo!, lamuriou-se. Quando a D. Sarah entrou, com as palavras da Meg ainda ressoando no ar, resolvi que era hora de ir para o meu quarto.

A Meg continuou a objetar aos ensinamentos da mãe. Para que serviam eles?, questionava.

Horrorizou-a ainda mais ao anunciar que não planejava se casar nem participar da vida social, porque isso apenas lhe roubaria tempo dos estudos. Eu era sensível tanto à postura da D. Sarah quanto à da Meg, e por isso podia intervir. A Meg tinha senso de humor e, desde que eu abordasse a instrução com leveza, ela fazia uma tentativa sincera de aprender os elementos básicos. Por outro lado, quando a D. Sarah se cansava da oposição frequente da filha, eu chamava atenção para mim. Fazia perguntas e me orgulhava de executar o que havia aprendido. Minha contribuição não escapava a D. Sarah, que me elogiava com frequência por minha boa influência. A concentração dela em mim não causava à Meg o menor incômodo. Ao contrário, a filha me falava de sua gratidão.

É claro que havia dias em que eu também me cansava do escrutínio da D. Sarah, mas logo me chamava à ordem, lembrando a mim mesma como eu tinha sorte por receber aquela oportunidade. Inquietava-me cada vez mais com meu futuro. Nunca se falava disso, mas eu sabia que meu tempo ali era limitado. A D. Sarah tinha insinuado que um dia eu poderia casar-me, porém onde se haveria de encontrar um marido, isto eu não sabia. Tínhamos pouca vida social, já que a Meg se opunha à maioria dos convites recebidos e, à medida que foi amadurecendo, só fez firmar ainda mais sua posição.

Eu não sabia para quem me voltar com minhas preocupações. Já não me comunicava com a Belle com regularidade; de uma forma dolorosa, começava a me dar conta de que não regressaria à fazenda Carvalhos Altos. Pelas visitas esporádicas a D. Martha, vi que seu estado

só parecia agravar-se, e eu duvidava que algum dia ela voltasse para casa.

Ao completar 15 anos, eu tinha começado a alimentar a ideia de localizar meu irmão. Sempre havia sonhado em encontrá-lo. E agora, ao lado do meu anseio de reencontrá-lo como membro da minha família, eu pensava que ele estava numa idade em que talvez tivesse condições de me auxiliar. Dadas a minha grande sorte com os Maddens e a extrema generosidade deles, eu relutava em abordá-los com um pedido de ajuda. Não queria que me tomassem por ingrata ou achassem que eu queria deixar sua casa. Assim, calei-me no que concernia ao Cardigan, até que surgiu uma oportunidade inesperada.

As manhãs de domingo eram sempre tomadas pelos ofícios religiosos, seguidos por confraternizações em que se faziam ou aceitavam convites para o almoço. O Sr. Madden preferia a companhia de amigos constantes, por isso, nos últimos tempos, tornara-se rotina a presença do Sr. Boran e sua filha pequena à mesa do almoço de domingo. O Sr. B., como Meg o chamava, era sócio do escritório de advocacia do pai dela. No ano anterior, o pobre homem havia perdido a mulher — mãe da menina de 6 anos — por complicações decorrentes do parto de um filho natimorto. Nos últimos meses, a D. Sarah tomara a si a tarefa de encontrar uma segunda esposa para o Sr. B. Não fora bem-sucedida até essa ocasião, havendo percorrido rapidamente toda a sua lista de possíveis candidatas. Para mim, a razão disso era muito clara.

Para começar, o Sr. B. era mal-apeçoado, apesar de sua insólita semelhança física com o Sr. Madden. De idade similar, possivelmente cerca de 45 anos, o Sr. B. também era baixo e gorducho, meio calvo e de óculos. Mas aí terminava a semelhança. O Sr. Madden vestia-se bem, tinha a aparência impecavelmente bem-cuidada e era um perfeito par social de sua esposa. Em qualquer situação, conhecia a etiqueta exigida e, embora fosse um homem reservado, que preferia interesses solitários, sabia, quando a obrigação o exigia, colocar-se magnificamente à altura da ocasião.

O Sr. B., por outro lado, era desleixado e malvestido. Seu verdadeiro defeito era uma timidez que o afetava a ponto de deixá-lo

incapaz de conversar sem gaguejos e tropeços em busca das palavras. Observá-lo tentando manter uma conversa era penoso e, muitas vezes, eu me pegava apressando-me em socorrê-lo. Ao que parece, ele se sentia grato por minha ajuda e, depois do terceiro ou quarto almoço de domingo, procurou-me para expressar sua gratidão.

Devo mencionar o quanto eu me afeiçoara à encantadora filha do Sr. B., Molly. A menina tinha mais ou menos a mesma idade que eu quando fiquei órfã, por isso sentia afinidade com ela. Molly era bem-educada e curiosa por natureza, e, depois das refeições de domingo, eu costumava passar algum tempo com ela no canapé. Ali brincávamos de diferentes jogos, enquanto ela me fazia perguntas sobre a minha infância.

Nevava lá fora na tarde de inverno em que o Sr. B. aproximou-se de mim. Molly e eu estávamos jogando dominó e, enquanto aguardava a jogada seguinte dela, levantei os olhos. Nesse dia em particular, havia um clima de intimidade na sala, auxiliado pelo crepitar do fogo. Tão claro era o seu constrangimento que, no mesmo instante, convidei-o a se sentar. Era sua falta de desenvoltura que me dava coragem, pois ele era um cavalheiro de uma idade que, não fosse isso, me intimidaria. A D. Sarah, sempre observando meus modos, fez um aceno de aprovação com a cabeça, mas, quando o homem se sentou, captei a expressão de censura da Meg. Dei-lhe um rápido sorriso antes de voltar minha atenção para o Sr. Boran. Ele se acomodou e, em seguida, enquanto Molly e eu conversávamos, entrou aos poucos na conversa. Pareceu tão ansioso quanto a filha por se inteirar mais do meu passado. Molly já lhe dissera que eu era órfã, informou-me. Eu não tinha outros familiares? Apenas um irmão perdido, respondi. Como assim?, perguntaram pai e filha.

Ao olhar em volta e ver os Maddens conversando e a Meg distraída com um livro, resolvi contar minha história. Depois que terminei e após um breve silêncio, o Sr. B. me deixou perplexa ao sugerir que talvez pudesse ajudar a localizar meu irmão. Hesitei apenas por um breve instante, mas ele adivinhou a razão e me assegurou que primeiro buscaria a aprovação dos Maddens. Infinitamente grata, não me

demorei a lhe expressar esse sentimento. O homem corou, enquanto Molly segurou minha mão e encostou a cabeça no meu ombro.

Depois do jantar, os Maddens me pediram que ficasse em sua companhia, quando a Meg se recolheu cedo a seu quarto. Informaram-me que o Sr. B. tinha lhes pedido permissão para procurar meu irmão e se manifestaram desapontados. Por que eu não havia falado com eles? Se houvesse simplesmente pedido, eles mesmos teriam feito essa busca.

Após minhas explicações, eles me ofereceram todo o seu apoio, mas se apressaram em me avisar que a procura poderia levar muitos meses. Acrescentaram que, não raro, essas buscas não davam em nada e que eu deveria ter em mente que talvez meu irmão nunca fosse encontrado. O interesse deles, aliado à minha empolgação, por um pouco não me levou às lágrimas, porém, como a D. Sarah sempre passava sermões na Meg por explosões emocionais, eu me contive.

A D. Sarah concluiu dizendo que o Sr. Boran era um bom homem e que ela ficava muito satisfeita com minha maneira de deixar o pobre sujeito à vontade. Saí da sala quase explodindo de felicidade, mas esperei chegar à escada para dar vazão ao meu entusiasmo. Subi saltando os degraus de dois em dois e dei um guincho ao irromper pelo quarto da Meg.

Ela não compartilhou da minha felicidade. Ao contrário, mostrou-se cheia de advertências:

— Ele está usando isso como uma oportunidade.

Afundei numa poltrona.

— Oportunidade para quê?

— Você sabe que o Sr. Borrão está procurando uma esposa, não é?

— perguntou, sentando-se de frente para mim na beirada da cama.

— É Sr. Boran, Meg.

— É Sr. Borrão! — retrucou ela, atirando-se de costas na cama, com um grande suspiro, e cobrindo os olhos com um braço.

Eu ri.

— Não é engraçado, Vinny — disse ela, espiando por baixo do cotovelo. — Da próxima vez, ele vai pedi-la em casamento.

— Por favor, Meg! — objetei, perplexa por ela poder sequer pensar uma coisa dessas. — Só tenho 15 anos. Ele é da idade do seu pai!

— Isso não o deteria, nem deteria a mamãe, se ela achasse que seria uma boa oportunidade para você.

Quando me preparava para dormir nessa noite, pensei nas palavras da Meg, mas logo descartei sua apreensão. Certa de que reencontraria meu irmão, não me dispunha a deixar que nada toldasse a minha felicidade. Nessa mesma noite, sentei à escrivaninha e, pela primeira vez em muito tempo, escrevi uma carta para a Belle. Contei-lhe sobre a busca do Cardigan e disse que sabia que nele estava a resposta para o meu futuro. Em seguida, contei-lhe o meu plano. Uma vez que estivesse instalada com ele, eu mandaria buscá-la, com o Jamie.

Sempre ansiei pela chegada dos sábados, quando o Marshall vinha nos dar aula e ficava para passar o dia. À medida que amadurecemos, nossa amizade cresceu e, em certos momentos, adquiriu um toque de flerte. Eu o achava cada vez mais atraente e não raro o via me observando. Vez por outra, ele me provocava, e eu ficava muito contente comigo mesma ao vê-lo rir alto das tiradas com que eu respondia. Periodicamente, quando Marshall entrava num de seus “ humores soturnos”, como Meg os chamava, lisonjeava-me perceber que era eu a pessoa mais apta a arrancá-lo desse estado.

Aconteceu então algo de natureza mais grave, que deveria ter feito com que eu pensasse, mas não fez. Durante uma aula, Marshall e eu começamos a caçoar um do outro, e a Meg, na tentativa de acabar com nossa farra, ficou olhando em silêncio para nós por cima dos óculos. Seu ar sério apenas nos estimulou e, juntos, nós a provocamos a participar da diversão. Brincando, Marshall roubou os óculos dela e os colocou na ponta do nariz. Quando não conseguiu recuperá-los, Meg saiu da sala, ofendida. Eu a vi retornar, mas Marshall, de costas para ela, não a viu. Fiquei calada quando ela se aproximou por trás dele na ponta dos pés, segurou seus braços e me chamou para tirar os óculos dele. Meg era pequena, mas era forte e decidida. Teve a vantagem da

surpresa e, por um breve instante, Marshall deve ter se sentido dominado. Seu rosto empalideceu, enquanto ele lutava para se soltar. O banco em que estivera sentado voou longe e, quando ele girou o corpo de frente para a Meg, por um momento terrível, tive medo de que batesse nela. Marshall postou-se diante dela, aos gritos:

— Não faça isso! Nunca mais faça isso!

Calou-se, recolheu suas coisas e saiu da sala. Não ficou para o almoço.

Essa explosão nunca voltou a ser mencionada. E houve uma segunda.

Era um almoço tardio de sábado e comemorávamos o aniversário do Marshall, que estava fazendo 19 anos. Por termos convidados, o Sr. Madden deixara disponível uma quantidade de vinho maior que a habitual. Nesse dia, Marshall serviu-se à vontade e, quando sua fala começou a engrolar, vi os Maddens se entreolharem. Imediatamente, a D. Sarah declarou encerrado o almoço e nos conduziu depressa à sala de visitas da frente, enquanto o Sr. Madden se retirava para seu estúdio.

Nossos convidados, um jovem casal muito conhecido dos Maddens, acompanharam-nos. A moça, Srta. Carrie Crater, e seu irmão gêmeo, o Sr.

Henry Crater, tinham se juntado a nós para esse almoço comemorativo. Depois dele, deveríamos ter uma aula de dança, a ser dada pelo Sr. Degat e acompanhada pela D. Sarah. A Srta. Crater, de 17 anos, claramente achara o Marshall atraente. Durante o almoço, como forma de chamar atenção, tinha-se admirado em voz alta da minha sorte por estar àquela mesa. Esse comentário parecerá irritar o Marshall. Ágil na compreensão, a Srta. Crater tinha notado como sua afirmação o afetara e, quando estávamos prontos para dançar, já havia mudado habilmente de atitude.

O Sr. Crater — Henry, como insistia em ser chamado — era um tipo descontraído e simpático. O Sr. Degat, que nos daria a aula nesse dia, também deveria ser meu par na dança. Na última hora, não pudera comparecer, mas lá estava o Sr. Alessi, pronto para tocar o violino. Sem

par, animei os outros a ocuparem o salão. Henry — na ânsia de impressionar a D. Sarah, tenho certeza — insistiu em que eu fosse sua parceira, enquanto sua irmã esperava. A Srta. Crater, na tentativa de cair nas graças do Marshall, concordou prontamente com esse plano. Objetei, mas o Henry não quis saber de recusa. Aproximou-se para me convencer, pegando minha mão e a beijando, à guisa de brincadeira, e implorando dramaticamente a minha participação. Apesar de saber que ele estava brincando, fiquei constrangida e meu rosto enrubesceu.

Para grande surpresa de todos, o Marshall pulou em cima do Henry, segurou-o pelo colarinho e o jogou contra a parede com tanta força que o pobre rapaz ficou sem ar. E o pior foi que o Marshall não parou por aí. Inclinou-se para o Henry, já esparramado no chão, e gritou:

— Deixe-a em paz! Está me ouvindo? Não toque nela!

Quando a D. Sarah chegou ao Henry, o Marshall já havia saído da sala. O Sr. Alessi, veterano da arte dramática, pôs-se a tocar seu violino, enquanto o Henry, elevando a voz acima da música, tentou manifestar bom humor: — Sra. Madden — pediu, ainda arriado no chão — , quer ter a bondade de me orientar sobre o protocolo correto?

Fugindo à rotina, ao que parece, a D. Sarah não teve uma resposta pronta. Embora se recuperasse depressa e tentasse fazer pouco da situação, percebi, por trás do seu tênue disfarce, o quanto ela ficara abalada com a explosão do sobrinho.

Não consegui entender aquele evento, mas, se em algum momento ele foi discutido, não participei dessa conversa. Acontece que minha vida sofreu uma guinada repentina e esse incidente foi rapidamente esquecido.

Numa noite de terça-feira da primavera de 1800, duas semanas antes do meu décimo sexto aniversário, o Sr. B. veio jantar. Perguntei-me se seria possível que estivesse trazendo notícias do Cardigan. Era incomum recebermos convidados durante a semana, muito menos para a refeição noturna, e o fato de a pequena Molly não estar acompanhando o pai foi mais uma sugestão de algo peculiar. Os Maddens ficaram estranhamente calados durante o jantar, e eu,

apreensiva, também me calei. O comportamento do Sr. B. era impossível de avaliar, já que, na melhor das hipóteses, ele falava pouco.

Restava a Meg, mas como, nesse dia, ela havia enfim recebido um livro longamente esperado, seu objetivo era concluir a refeição de pernil frio com bolachas o mais depressa possível, a fim de poder correr para o quarto. Durante a refeição, meu estômago foi ficando embrulhado e, quando todos haviam terminado, tive medo de vomitar. Já ia pedir licença quando a D. Sarah sugeriu que eu acompanhasse o Sr. B. à sala de visitas. Ela mandaria café, disse. Forcei-me a conter a náusea, enquanto ia abrindo caminho. Ao chegar à sala, sentei-me no canapé verde e o homem nervoso escolheu a bergère em frente a mim. Remexeu nas abas da casaca até eu não suportar mais:

— Por favor... — comecei, mas ele me interrompeu.

— Eu o encontrei — disse — , mas ele não está vivo.

Se me houvessem cravado uma espada, eu não teria sentido tanta dor. Não posso descrever a contundência dessas palavras nem quão fundo elas me feriram. Fechei os olhos e me obriguei a respirar, enquanto os pormenores me eram relatados. Cardigan tinha sido contratado como aprendiz de um ferreiro, a menos de oito quilômetros de Williamsburg. Após três anos de serviço, quando ferrava um cavalo, tinha sofrido uma pancada na cabeça e morrera pouco depois.

Meu corpo ficou úmido com o esforço de reter o jantar no estômago. Todo o meu futuro se apoiava em nosso reencontro. Cardigan tinha sido o último membro da minha família de verdade, minha única esperança.

Agora, eu estava completamente sozinha. Com o transcorrer do meu período em Williamsburg, a maturidade me havia mostrado a impossibilidade de regressar à fazenda Carvalhos Altos. Eu fui obrigada a aceitar que não me reuniria à minha família adotiva. Agora, também meu profundo desejo de um reencontro com meu irmão havia acabado.

Como foi que o Sr. B. veio a me abraçar, eu não saberia dizer, mas me descobri em seus braços, ao me entregar ao desespero. Quando

minhas lágrimas diminuíram, inclinei a cabeça para trás e o homem, num gesto gentil, afastou meu cabelo úmido do rosto.

— O que vou fazer? — murmurei.

O Sr. B. pôs-se de joelhos, antes que eu pudesse compreender para que finalidade.

— Case-se comigo — implorou.

CAPÍTULO 32

Belle

NO INVERNO, RECEBI UMA carta da Lavinia dizendo que ela estava tentando achar o irmão, Cardigan. Disse que eles vão se encontrar e aí ela vai mandar me buscar com o Jamie. Peguei a carta e corri à procura do Ben lá no estábulo, onde ele limpava as baias dos cavalos.

— Oi, meu bem — disse ele ao me ver.

Olhou em volta, mas sabia que estávamos sozinhos, porque o Papa George estava trabalhando na casa-grande com o tio Jacob. Ele baixou o ancinho, veio andando bem devagar, me olhou de cima a baixo, segurou meu braço e me puxou. Continua a me desejar como na primeira vez e sabe que eu sinto a mesma coisa.

Dessa vez, eu falei:

— Não, Ben, espera. — Agitei a carta diante dele. — A Lavinia disse que tem um irmão, e eles vão mandar me buscar.

Benny parou de sorrir e se sentou. Vi que isso era difícil pra ele.

— Mas eu vou escrever pra ela e dizer que você tem que ir comigo.

Ben não disse nada.

— Benny, tá me ouvindo? Vou dizer à Lavinia que você vai comigo.

Ele desviou o rosto.

— Ben?

— Belle, como é que você vai fazer isso acontecer? Ela vai me comprá? E a

Lucy e os menino?

— Você tá querendo ficar aqui? Tá escolhendo a Lucy em vez de mim?

— Meu bem, nós sabia que esse dia ia chegar. Nós sabe que você tem que ir embora antes que o Marshall vorta.

Nem acreditei que ele estava dizendo isso. Comecei a chorar e não conseguia me conter.

— Meu bem... — disse ele, chegando perto de mim.

Então danei a gritar:

— Não me chama de meu bem! Você vai ficar aqui? Vai escolher a Lucy em vez de mim? Ora bolas! Acho que deve estar contente por eu finalmente ir embora! Agora vejo que esse tempo todo você estava esperando eu partir!

Seus olhos grandes e cansados marejaram e as lágrimas começaram a escorrer, até parecer que havia um balde d' água descendo pelo seu rosto. Não me incomodei. Voltei correndo para a casa da cozinha. Quando ele chegou, não o deixei entrar. Disse pra ele ir embora, pra ficar longe de mim. Aí a Mama chegou.

— Ocê sabe que tem que ir, Belle — ela disse. Comecei a lhe dar uma resposta torta, mas ela me deteve. — Belle, ocê tá com medo, eu sei disso, mas não fica com raiva de mim. Ocê sabe que tem que sair daqui. Ir com a Lavinia é bom pra ocê e pro Jamie.

— Mas eu quero o Ben comigo! — insisti.

— Eu sei, Belle. Mas o Ben tem que ficar. Ele não tem escolha. Onde vai arranjar os papel da alforria? Já vai ser muito difícil pra Lavinia comprá ocê e o Jamie. E quanto à Lucy e os menino?

Depois que a Mama foi embora, apenas fiquei sentada, chorando. Sabia que tinha que dar um jeito de sair daqui com o Jamie. Era uma bênção a Lavinia me querer, eu sabia disso, e assim, acabei escrevendo pra dizer a ela que eu e o Jamie queremos ir. Mas ainda não mandei a carta. Guardei-a na minha caixa de escrever, embaixo da minha cama. Ainda há tempo.

Antes da ceia, o Will Stephens veio conversar. Parou do lado de fora da porta. Como sempre, quando estou sozinha, ele não entra na casa.

— Tá precisando de quê, Will? — perguntei.

Ele me pediu para sentar no banco fora da cozinha, e assim fiz. Por fim, ele falou:

— Ouvi dizer que você recebeu uma oferta da Lavinia, não é?

Confirmei com a cabeça, porque, se falasse, tinha medo de começar a chorar.

— Você quer ir?

Eu sabia que ele estava vendo meus olhos todos inchados e vermelhos. Fiz que não com a cabeça.

— Bem, faz algum tempo que ando pensando nisso — disse ele. — Talvez eu tenha outra oferta para você.

Olhei pra ele, sem saber do que estava falando.

Ele me disse que, quando chegar a primavera, tem que ir a Williamsburg fazer umas perguntas ao Sr. Madden e ao Marshall, e pegar umas assinaturas em alguns documentos. O que ele disse em seguida quase me fez cair do banco. Queria saber se eu concordava que ele me levasse para sua fazenda. Ele tem um contrato que diz que ele pode tirar umas pessoas daqui. Gosta do meu jeito de viver sempre trabalhando e quer que eu vá trabalhar pra ele.

— É claro que isso significa que também quero o Jamie — completou.

O Will sabe que não há lugar pra mim se o Jamie não estiver junto. A Mama sempre diz que eu mantenho o Jamie muito grudado em mim, que isso não é bom pra ele. Mas ele é um menino engraçado. Prefere ficar comigo a ir brincar. É um garoto bonito, mas tem um olho enevoado e não enxerga nada com ele. A Mama diz que pode ser que melhore quando ele ficar mais velho, só que parece estar piorando, ficando mais branco. Mas ele enxerga direito do outro olho.

Olhei para o Will Stephens e não consegui encontrar palavras.

— Também tenho planos de negociar o Ben, a Lucy e os dois meninos — disse.

Não me olhou ao dizer isso, porque, a esta altura, já sabe do Ben comigo. Com certeza, todo mundo sabe. Ninguém mais se incomoda

com isso. Até a Lucy e eu já não brigamos.

— Quando vai acontecer isso tudo? — foi só o que perguntei ao Will Stephens.

— Não tenho certeza, mas o Marshall fará 22 anos no ano que vem. E então terá o controle disto aqui. Não sei se pretende voltar. Se vier, desconfio que vai querer mudanças, e, embora eu esteja certo de que amadureceu, gostaria de aprontar os documentos antes que isso acontecesse. Calculo que seja mais fácil negociar com o Sr. Madden.

O meu coração batia forte e eu não sabia o que dizer, por isso me conformei com um “ Obrigada, Sr. Stephens” .

Ele riu.

— Desde quando você me chama de Sr. Stephens?

Baixei os olhos, por não conseguir tirar o sorriso do rosto.

— Eu a conheço como Belle e você me conhece como Will. Isso não tem que mudar... a não ser que você queira que eu a chame de Srta. Pyke.

Era a primeira vez na vida que alguém me chamava assim. Empertiguei-me no banco, orgulhosa.

— Não, senhor. Belle está muito bom pra mim.

— Bem, nesse caso, fica sendo Belle e Will — disse ele, e ambos rimos. — Mas tenho mais uma pergunta.

— Qual é?

Ele tirou o chapéu, alisou o cabelo para trás e foi recolocando o chapéu. Sei que está havendo alguma coisa quando ele gasta esse tempo todo mexendo no chapéu.

— Bem, andei pensando na Lavinia... Você acha que ela cresceu?

— Ela já era crescida quando pequena — respondi, rindo ao me lembrar. Ele deu um sorriso.

— Isso ela era. Agora está com uns 16 anos, não é?

— Neste mês de maio.

— Então, você acha que ela já teria idade suficiente para ser cortejada?

— Ora, Sr. Will Stephens! — exclamei, mas procurei não rir. O rosto dele parecia estar pegando fogo, por isso acrescentei: — Não há uma vez que ela não escreva falando em voltar pra cá.

— Sim, você me disse — ele retrucou.

Depois que ele foi embora, a primeira coisa que fiz foi rasgar a carta anterior para a Lavinia e escrever outra. Escrevi que eu e o Jamie vamos ficar aqui e que o Will Stephens tem uma boa notícia. Vou dar essa carta ao Will quando ele for viajar. Pode ser que, ao lê-la, ela já esteja dizendo sim para voltar pra cá com ele.

O Ben vai ter que arranjar uma conversa muito boa pra tornar a entrar pela minha porta. O problema é que nós dois sabemos que é só uma questão de tempo.

CAPÍTULO 33

Lavinia

MEU NOIVADO COM O Sr. Boran foi anunciado no meu aniversário de 16 anos. Estarrecida com a proposta repentina, não pude responder naquela noite e o informei disso. “ Posso esperar” , foi a resposta dele, que me ofereceu tempo para refletir. Eu não pensava em me casar com ele, mas, quando fui pedir orientação a D. Sarah, seu evidente alívio me fez reconsiderar.

— Ah! — exclamou ela, cruzando as mãos no peito. — Eu estava torcendo por isso. — Conteve-se quando meu rosto deixou transparecer meus sentimentos. — É claro que só você pode tomar essa decisão, querida — acrescentou.

— Eu não havia realmente pensado nisso — comentei e aguardei a reação dela. — Quero dizer... ele é muito velho. Digo... para mim...

— Sim, suponho que você possa ver as coisas dessa maneira, mas há também o fato de que, por causa da idade, ele está bem estabelecido. E você se dá muito bem com a Molly. E pense, meu bem: duvido que lhe faltasse alguma coisa. Ele era conhecido por ser extremamente generoso com a pobre Sra. Boran. E pense nas mudanças que você poderia lhe proporcionar. A roupa dele, seu... mal posso imaginar as melhoras. E há também a vantagem de que você permaneceria aqui em Williamsburg. Não teria que se despedir da Meg nem de nós. Pense nisso! Sua própria casa, um lugar nesta sociedade... você seria prontamente aceita. Acho que é tudo muito empolgante, muito afortunado. Mas a decisão deve ser sua.

Quando falei da proposta dele com a Meg, ela ficou escandalizada.

— Como você pode considerar uma coisa dessas? Ele é um velho maçante!

— Não sei, Meg. Talvez esta seja minha única chance.

— O que você pode querer dizer com isso?

— O que mais eu vou fazer?

— Pelo amor de Deus, Vinny! Você é capaz de enxergar além disso, com certeza!

Minha resposta raivosa foi inspirada pelo medo:

— Para você é fácil, Meg. Você tem esta casa, tem família. Todos os dias você faz escolhas que lhe servem. Eu não posso me dar a esse luxo!

Meg entendeu mal a minha raiva.

— Você está dizendo que os meus pais não lhe ofereceram todas as oportunidades?

— Estou dizendo que estou considerando o casamento com o Sr. Boran, e tinha esperança de contar com o seu apoio!

— Isso você jamais terá!

Virei-lhe as costas, saí do seu quarto e corri para o meu. Lá chegando, fechei a porta e, zangada demais para chorar, decidi escrever uma carta para a Belle. Sentei-me diante da escrivaninha e a imaginei ali comigo. Eu lhe falaria do meu dilema, da morte do Cardigan e da proposta de casamento do Sr. Boran.

Então, pensei na Mama Mae e no que ela diria. Pensei no Papa George e nas gêmeas, e em quanto ansiava por vê-los. Antes que eu pudesse impedi-la, minha lembrança mais aflitiva voltou: a Sukey e a sua corrida para seguir minha carruagem. Perdê-la continuava tão doloroso que raras vezes eu me permitia pensar nisso. E nessa hora, ciente de tê-los perdido para sempre, não consegui escrever uma só palavra. Debrucei-me sobre o papel, apoiei a cabeça nas mãos e me entreguei ao pranto.

No dia seguinte, tornei a procurar a D. Sarah e lhe disse que havia decidido aceitar a proposta do Sr. Boran. Encantada, ela sugeriu que anunciássemos o noivado no meu 16^o aniversário. Ao ser informado dessa novidade, apesar de menos entusiasmado que sua mulher, o Sr. Madden concordou com o matrimônio, desde que eu não me casasse antes de completar 17 anos. Fiquei aliviada ao ouvir essa determinação.

No mês seguinte, na manhã de 5 de junho, fui chamada à sala de visitas. Fiquei curiosa, pois essa não era uma ocorrência comum. Como já havia concluído meus preparativos matinais, eu não teria tido o

trabalho de parar para verificar minha aparência no espelho de corpo inteiro, mas desconfiei que a D. Sarah talvez estivesse recebendo a visita de uma pessoa amiga, e preferiria ver-me apresentável. Meu vestido de musselina fina era bastante simples, e de um verde pálido que a Meg dizia ressaltar meus olhos. Tinha um caimento reto e suave, cuja linha era quebrada por uma larga faixa verde-escura, destinada a enfatizar o elegante corte estilo império. Virei-me de lado e sorri, contente por ver que minha figura esguia se arredondara em formas femininas adultas. Inclinei-me para o espelho, a fim de examinar mais de perto, e mais uma vez me perguntei se aqueles meus olhos de um estranho tom de âmbar tinham sido herdados de minha mãe ou de meu pai.

Eu não tinha queixas sobre o formato oval do meu rosto nem sobre minhas maçãs altas, e franzi o nariz para mim mesma, feliz por ele ter deixado de ser grande demais para a minha idade. As sardas continuavam a me aborrecer e eu achava meus lábios muito grossos, mas agradava-me que meus dentes fossem brancos e regulares. Meu cabelo estava solto, à moda das colegiais, e eu o sacudi, notando com certo orgulho o vermelho acastanhado que captou os raios do sol. A moda do momento era prender o cabelo num nó, deixando umas mechas soltas para atenuar a severidade, mas Meg e eu preferíamos soltar o nosso, usando apenas travessas ao puxá-lo para trás. D. Sarah concordava com isso, desde que prometêssemos que, quando a convenção o exigisse, faríamos um penteado.

Pronta para ir, olhei para a porta da Meg e fiquei surpresa ao vê-la ainda fechada. Sem querer deixar D. Sarah esperando, fui adiante sem ela.

Reconheci a voz antes de chegar à sala, e meu coração disparou. Quando vi Will Stephens, quando meus olhos encontraram os seus, todo o meu treinamento nas boas maneiras foi esquecido.

— Will! — exclamei, correndo para ele. — Will!

Contive-me no último instante, ao ver o cenho franzido da D. Sarah. Então me lembrei de ficar parada e aguardar que Will se aproximasse. Quando ele chegou até mim, ofereci-lhe minha mão.

— E quem é essa? — perguntou ele, mas vi que estava brincando.

— Will! — repeti. Era tudo que conseguia dizer. — Will!

— Lavinia — lembrou-me a D. Sarah — , por que você não convida o nosso visitante a sentar-se?

— Ah, sente-se, por favor — ofereci.

Will abriu um largo sorriso e eu o conduzi ao canapé. Depois de nos sentarmos, a D. Sarah pediu licença, dizendo que a Nancy precisava de sua ajuda.

— Will! Por que você está aqui? Quando chegou? Como vão todos? Quanto tempo vai ficar? Veio mais alguém com você?

Uma centena de perguntas veio à tona e saiu aos trambolhões.

Will deu uma risada e meu coração se perdeu. Minha paixonite juvenil voltou correndo e meus anos adicionais lhe deram um peso maior. Como ele era lindo: o sorriso, o rosto bronzeado de sol, os olhos negros e alegres. Contemplei-o enquanto ele falava, saboreando cada palavra sua.

Estava tudo bem. Ele viera a trabalho, informou, para renegociar seu contrato de administrador da fazenda. Tinha algumas mudanças para fazer e queria a aprovação do Sr. Madden e do Marshall antes de implementá-las. Orgulhava-se de dizer que a plantação ia bem e, ao me falar de todos, lembrou-se de uma encomenda da Belle. Segurei a carta sem abri-la, continuando a lhe fazer perguntas sobre as pessoas de casa.

Ben e Lucy tinham tido outro neném. Tio Jacob, a Mama Mae e o Papa George mantinham tudo pronto para o retorno de D. Martha e do Marshall. Olhei diretamente para o Will:

— Como vai a Belle?

— Trabalhadora como sempre — disse ele. — Ainda sente falta de você. — E o Jamie? — prossegui, sempre olhando fixamente.

Will notou que eu o estudava, mas seus olhos não revelaram qualquer embaraço e ele não titubeou ao responder:

— Ele vai bem. Com quantos anos estava quando você partiu?

— Nove meses. Agora está com pelo menos 3 anos.

— Ah, sim, agora você veria que ele é um rapazinho sóbrio, exatamente como você era uma mocinha sóbria.

Enrubesci com essa terna intimidade.

— E as gêmeas, como vão? — indaguei.

Ele riu. Disse que a Fanny vinha se revelando uma figurinha difícil. A Mama a mantinha sob rédea curta, desde que ela e o Eddy, filho da Ida, tinham desenvolvido um interesse recíproco. A Fanny sozinha já era um prato cheio, disse ele, mas Fanny apaixonada era uma força que não se podia desprezar. Quanto à Beattie, Will me assegurou, ela continuava a mesma menina meiga de sempre, e passara a se encarregar de cuidar da Sukey.

— E a Sukey...

Minha pergunta foi interrompida pela súbita chegada do Sr. Madden. Ele se aproximou para cumprimentar o Will e me informou que a Meg e a preceptora estavam à minha espera.

— O Sr. Stephens vai passar dois dias aqui — disse, bondosamente, ao perceber minha relutância em sair. — Você terá tempo para outras visitas, querida.

Vi que convinha pedir licença, pois o Sr. Madden aguardava para se acomodar numa poltrona.

Era quinta-feira, por isso me surpreendi quando o Marshall chegou para almoçar conosco. A reação dele ao anúncio do meu noivado não tinha sido melhor que a da Meg, embora ela conseguisse superar sua irritação, desde que eu não falasse do Sr. Boran. Eu estivera a caminho do quarto dela na noite em que tinha entreouvido uma briga terrível entre o Marshall e o Sr. Madden. Suas vozes no estúdio eram tão altas que eu as ouvira perfeitamente do alto da escada:

— Eu já disse que me recuso a liberá-la! O senhor sabe que ainda tenho direitos sobre ela.

— É verdade, Marshall. Mas o contrato dela não foi bem definido e você certamente percebe por que ela merece essa oportunidade.

— Oportunidade!? Ele pouco tem a oferecer! Não passa de um velho lascivo!

— Cuidado, Marshall. Esse homem é colega meu.

— Tio! O senhor não pode presumir que ela será feliz!

— Sua tia parece ser de outra opinião. Ela crê que será uma boa situação para a Lavinia. E a Lavinia não se opõe.

— A Lavinia? Opor-se? Eu a conheço a minha vida inteira. Ela é a criatura mais gentil que já vi. Quando foi que ela se opôs a alguma coisa?

— Sinto muito, Marshall, mas esse casamento é um desejo da Sra. Madden. Receio ter que passar por cima da sua pretensão neste assunto. — Eu me recuso a concordar com isso! O senhor não pode...

— Você sabe que posso, Marshall, e vou fazê-lo!

A porta do estúdio havia batido e, depois de me esgueirar de volta para o quarto, eu ficara sentada diante da escrivaninha, abatida demais para atravessar o corredor e visitar a Meg. Eu não queria levar adiante o casamento, mas não via saída. Que alternativa havia? Além disso, eu tinha assumido o compromisso.

Pouca coisa se modificara depois do anúncio do nosso noivado. Os almoços de domingo tinham continuado como antes, embora a Meg se recusasse a participar da reunião social que sempre se seguia, na qual a Molly ficava grudada ao meu lado e os olhos do Sr. Boran nunca me deixavam. Ele e eu só nos havíamos nos encontrado em particular uma vez, na noite do anúncio formal, quando ele me dera de presente um broche de esmeraldas. Entregara o presente em meio ao comentário gaguejante de que as esmeraldas não poderiam aumentar minha beleza, mas, como eram as melhores, talvez pudessem equiparar-se ao meu encanto. Eu havia agradecido, prendido o broche no vestido e me descobri completamente sem assunto para conversar. Antes que pudesse detê-lo, ele se pusera de joelhos, pegara minha mão sem luva e começara a cobri-la de beijos tão ardentes e úmidos que só me restara observar com alarme a sua crescente paixão.

Ao imaginar a Meg assistindo àquela conduta do Sr. Borrão, como o chamava, eu tivera um impulso fugaz de rir, mas, quando os lábios dele se deslocaram para o meu pulso, eu havia retirado a mão, levantado depressa e sugerido que nos juntássemos aos outros. Os olhos do Sr. Boran estavam vidrados de desejo, e eu tivera vontade de esbofeteá-lo ao vê-lo levantar-se de um salto à minha ordem. No entanto, enquanto limpava da mão os remanescentes de seus beijos de amor, eu havia sentido pela primeira vez na vida o poder exuberante da minha feminilidade. Numa horrenda premonição, tinha visto no futuro a probabilidade de que aquele homem viesse a ser vítima da minha infelicidade. Horrorizada com essa ideia, tinha sido mais gentil do que nunca com o enamorado Sr. B. durante o resto da noite, enquanto D. Sarah tecia grandes elogios a minha nova joia.

Marshall se afastara de mim depois da discussão com o Sr. Madden. Nas nossas aulas de sábado, era comum eu surpreendê-lo me observando e, quando nossos olhos se encontravam, ele virava a cabeça, como se estivesse zangado. Nas semanas seguintes, sem qualquer desculpa, tinha sido frequente ele encerrar nossa aula antes da hora e pedir à Meg que dissesse a D. Sarah que não poderia ficar para o almoço.

Nesse dia, com o Will como convidado do almoço, Marshall foi bastante amável no começo da refeição, se bem que, a cada taça de vinho, desafiasse o Will com insinuações cada vez mais frias.

Eu mal podia conter meu entusiasmo com a presença do Will. Observei com orgulho sua elegância e suas boas maneiras, embora fosse verdade que, se eu não houvesse atraído sua atenção, ele talvez tivesse usado a colher de sobremesa na sopa. Mas ele viu meu sinal e me deu uma piscadela de agradecimento, e então seguiu meu exemplo.

A D. Sarah manteve a conversa fluindo. A Meg incentivou o Will a falar da fazenda e dos meus primeiros anos lá. Ele contou umas histórias da minha infância que afirmou exibirem a minha precocidade. Após uma dessas histórias, enquanto todos riam, acabou falando do quanto eu fazia falta em Carvalhos Altos. Não pude deixar de abrir um largo sorriso quando seus olhos pousaram em mim.

Todos nos assustamos quando o Marshall se levantou para erguer sua taça de vinho. Com o rosto vermelho, falou mais alto do que seria necessário:

— Façamos um brinde à Lavinia. Tenho grande esperança de que ela logo regresse comigo aos Carvalhos Altos. Desta vez, porém, será em melhores circunstâncias.

Fez-se silêncio. A Meg me chutou por baixo da mesa. A Will engasgou-se e começou a tossir. Por fim, o Sr. Madden reagiu:

— Sim... bem... nunca se sabe, Marshall, humm... o que o futuro pode reservar. Mas talvez seja mais apropriado brindarmos ao futuro casamento da Lavinia com o Sr. Boran.

Embora estivesse de cabeça baixa, pude sentir os olhos perplexos do Will fixados em mim. Dei graças quando terminou o brinde e a D. Sarah tocou a sineta para pedir a sobremesa.

Nessa primeira noite da visita do Will, depois de uma ceia leve, ele pediu permissão para dar um passeio comigo. A D. Sarah concordou, mas sugeriu que a Meg nos acompanhasse. Após uma pequena distância, a Meg começou propositalmente a se deixar ficar para trás. Caminhando adiante comigo, Will rompeu o silêncio:

— A Belle tinha razão, você sabe.

— Sobre o quê?

— Anos atrás, num trajeto de carroça para a igreja, você me contou que a

Belle tinha dito que você seria uma beldade quando crescesse.

Enrubesci ao recordar aquilo.

— Obrigada, Will.

— É verdade, Lavinia? Você vai se casar?

— Foi uma coisa repentina...

— É o que você quer?

— Eu não...

Ele tornou a interromper:

— E o que o Marshall quis dizer, à mesa, quando falou sobre você voltar com ele?

— Não sei — respondi.

Comecei a andar depressa; sem razão, as lágrimas ameaçavam rolar.

Will segurou meu braço e me fez parar. Virou-me de frente para ele:

— Lavinia, talvez seja tolice minha dizer isto, mas sempre pensei em você como minha namorada.

Meu peito doeu. As palavras dele soavam sinceras, mas, antes que eu pudesse responder, antes que pudesse falar da Belle e questionar o seu relacionamento com ela, a Meg nos alcançou.

— A mamãe disse que eu tenho de ficar com vocês — declarou, revirando os olhos.

Will ofereceu-lhe graciosamente o outro braço. Ao fazê-lo, inclinou-se e falou ao meu ouvido, numa proximidade que me afetou de tal maneira que cheguei a me sentir fraca. O que disse foi “ Depois conversaremos” , mas, para minha frustração e pesar, não voltamos a ter a oportunidade de um encontro particular nessa noite.

Antes de dormir, li a carta da Belle. Suas frases eram curtas e me intrigaram:

Para Lavinia.

Todos aqui vão bem. Não estou escrevendo para dizer que vou ficar com você e o Sr. Cardigan porque as coisas mudaram por aqui. O Will vai lhe falar disto. Não digo mais nada. Espero que você lembre que o Will Stephens é um bom homem. É só o que tenho a dizer. Todos aqui pensam em você todo dia.

Belle Pyke

Ao pé da carta estava o primeiro bilhete que recebi da Sukey, agora uma mocinha de 7 anos. Dizia: “ Binny. Eu lembro de você. Você lembra

de mim? Sukey.”

Fiquei intrigada com a carta da Belle, mas me dei conta de que ela nada sabia sobre a morte do Cardigan nem sobre o meu noivado. Pensei na carta que deveria ter lhe escrito. Eu havia hesitado, sem querer pôr no papel a perda do meu irmão nem dizer que isso significava que eu teria de retirar minha oferta de mandar buscá-la. Além disso, também o meu noivado com o Sr. Boran não era um fato que eu ansiasse por compartilhar. A carta da Sukey me emocionou profundamente e eu poderia ter sofrido com ela, não fosse por saber que o Will Stephens estava dormindo na casa e eu tornaria a vê-lo no dia seguinte.

Marshall voltou de manhã. Os três homens fizeram uma refeição juntos na biblioteca e, apesar da minha crescente impaciência, sua reunião prosseguiu pelo dia afora. No fim da tarde, preendi o cabelo e pus meu melhor vestido, o de musselina amarelo-claro. Peguei um livro e fui sentar-me do lado de fora, no jardim dos fundos, sob um caramanchão que as videiras cobriam de sombra.

O jardim era demarcado por uma cerca de estacas, com lindos arbustos de tomilho no contorno, e perfumado por rosas cor-de-rosa. Torci para que o Will fosse encontrar-me ali quando terminasse a reunião. Em vez disso, foi o Marshall quem apareceu. Abriu num arranco a porta dos fundos, bateu-a com força e começou a andar de um lado para outro no passeio de tijolos. Chamei-o e, quando ele não me ouviu, tornei a chamar. Ele veio andando.

— O que é? — perguntou, os olhos escurecidos de raiva.

Quando intuí que poderia me tornar vítima de sua ira, fiquei sem saber o que responder.

— O que é? — repetiu ele.

— Marshall — respondi, mantendo a voz calma e baixa. — Venha sentar-se comigo. Qual é o problema?

— Aquele canalha! — disse, sentando-se e olhando para a casa.

Toquei sua mão de leve.

— Marshall, por favor. Conte-me. Qual foi o problema?

Ele se levantou.

— Acabamos de desperdiçar a maior parte do dia, tudo por causa daquela vagabunda!

Ao ver que eu me encolhia diante dessa palavra, tornou a se sentar.

— Desculpe, Lavinia, mas você perguntou — disse. Inclinou-se e esfregou os olhos com força. — É aquela mulher, a Belle! Não tem sido nada além de problemas, a minha vida inteira.

Obriguei-me a ficar calada.

— Ela foi a vagabunda do meu pai desde que me entendo por gente.

Minha mãe passou a vida inteira tentando se livrar dela, mas meu pai não queria nem discutir o assunto. Meu Deus! Será que isso nunca vai acabar?

Não pude mais me conter:

— Mas ela não é...

— Não quero ouvir uma palavra em defesa dela! — Marshall gritou, furioso. — Foi ela que levou minha mãe à loucura! E agora! Agora é a vagabunda do Stephens. Ele quer ficar com ela. Seu único objetivo nesta visita foi comprá-la, para poder montar casa com ela. A única maneira de ele continuar na fazenda, na minha ausência, será se eu concordar em vendê-la a ele, junto com aquele filho bastardo, quando eu voltar.

Com o choque, eu mal conseguia respirar.

— E você vai concordar?

— Não tenho alternativa. É a única maneira de ele continuar lá e, além disso, o meu tio pode concordar sem a minha aprovação, o que me disse que vai fazer.

— E é só isso que ele está pedindo? — indaguei.

— Nem de longe — disse Marshall, com um sorriso desdenhoso. — Ele também quer o Ben e a mulher dele e os dois moleques.

— Mas vai levá-los para onde?

— O meu pai lhe deu umas terras que fazem limite com as minhas. Ele vai montar sua fazenda lá.

Eu sabia que ia vomitar e não pude aguentar mais. Sem qualquer desculpa, fugi abruptamente para o meu quarto, deixando o Marshall sozinho no banco do jardim.

Nessa noite, quando aleguei uma dor de cabeça, a Meg levou-me o jantar no quarto. Não fez nenhuma pergunta. Na manhã seguinte, D. Sarah veio dizer para eu me apressar, porque o Will estava esperando para me ver antes de ir embora. Eu me recusei. Sempre havia desconfiado do relacionamento dele com a Belle, mas ouvi-lo confirmado era quase mais do que eu podia suportar. Não verti uma lágrima quando a D. Sarah fechou a porta e desceu para dizer a ele que a minha dor de cabeça persistia, mas que eu lhe desejava boa sorte na viagem para casa.

Foi depois da visita do Will que a melancolia entranhou-se em mim, afetando-me tão profundamente que a D. Sarah me procurou para expressar sua inquietação.

Não lhe falei do redespertar do meu amor pelo Will, nem da minha tristeza ao saber da intenção dele de levar a Belle para sua própria casa. Não me atrevi a dizer a D. Sarah o quanto a simples ideia do casamento com o Sr. Boran me enojava, nem que eu não via saída. Em vez disso, justifiquei minha tristeza dizendo apenas parte da minha verdade, da minha enorme saudade de Carvalhos Altos e das pessoas de lá. A D. Sarah perguntou se eu gostaria de acompanhá-la ao hospital para visitar a D. Martha. Ela recebera a notícia, fazia pouco tempo, de que o estado de sua irmã havia melhorado um pouco.

— Acha que ajudaria a vencer esses sentimentos abatidos se você revisse D. Martha? — perguntou-me.

— Sim, ajudaria, sim — respondi.

— Agora você está mais velha — disse ela, racionalizando sua decisão. — Ora, no próximo ano, será uma mulher casada!

Minhas idas ao hospital haviam acabado na primavera. Agora, ansiosa por rever a D. Martha, perguntei se poderíamos visitá-la no dia

seguinte. A

D. Sarah concordou, mas só depois de me arrancar a promessa de que eu voltaria ao meu bom humor usual.

Fomos ao hospital no fim da tarde. Estávamos ambas tensas ao sermos admitidas pela porta da frente. Ecos de clangores e gritos receberam-nos no interior, e foi um alívio não termos de esperar, sendo imediatamente levadas à cela da D. Martha. Ela estava deitada, dormindo, em meio à barulheira. O dourado sol da tarde entrava pela janela alta, mas as barras de ferro lançavam sombras cinzentas nas paredes de alvenaria caiadas e na D. Martha, encolhida em sua enxerga de palha.

O atendente nos informou que ela acabara de receber uma dose grande de láudano e que, provavelmente, dormiria durante toda a nossa visita. Ao sair, ele trancou a porta. D. Sarah, com o rosto branco como as paredes, agachou-se num canto, numa banquetta baixa acorrentada ao piso.

Fui diretamente até a D. Martha, enroscada de lado, e chamei seu nome em voz baixa. Ela acordou como fazem as crianças, esfregando os olhos e murmurando consigo mesma.

— Sou eu, D. Martha — cochichei. — É a Isabelle.

Atrás de mim, a D. Sarah arquejou de susto:

— Isabelle?

A D. Martha afastou as mãos do rosto e me espiou, por baixo das pálpebras pesadas.

— Neném? — perguntou.

— Sukey? A senhora quer a Sukey?

Ela fez que sim.

— Quem é Sukey? — perguntou a D. Sarah, mas não respondi.

A D. Martha havia pegado minha mão e começou a recitar um verso do livro de histórias da Sukey:

— Dê a ela, de presente, um belo relógio de ouro. Dê a ela, de presente, um belo relógio de ouro.

— Sim, sim — acalmei-a, e passei a recitar o verso com ela, vez após outra, até seus olhos pesados, sob o efeito do remédio, tornarem a se fechar. Quando me virei para a D. Sarah, seus olhos estavam úmidos.

— Eu não fazia ideia... se ao menos tivesse sabido do consolo que você lhe dá — disse ela.

Depois de nos instalarmos em nossa carruagem, falei a D. Sarah do carinho que sentia por sua irmã e expliquei sobre a Sukey, o livro dela e o papel que os dois desempenhavam no processo de confortar a D. Martha. — Ah, se eu soubesse, se ao menos eu soubesse — repetiu D. Sarah.

Por fim, no esforço de acalmá-la, confessei minhas visitas anteriores. Havia esperado deparar com sua ira, mas, em vez disso, ela me abençoou por meus atos.

Pedi permissão para fazer visitas regulares e, a partir desse dia, uma carruagem foi prontamente fornecida para meu uso. A D. Martha quase sempre me reconhecia, e os atendentes logo ficaram sabendo que minhas visitas eram um consolo para sua paciente. O primeiro utensílio que me deixaram usar foi a escova de cabelo da Belle, que usei como a Mama me ensinara. Enquanto eu escovava delicadamente sua cabeça dolorida, a D. Martha relaxava sob o meu toque familiar. Nas semanas seguintes, a supervisora, agradecida, deu-me permissão para levar livros e ler para a D. Martha. Embora todos me elogiassem pelo consolo que eu levava, ninguém sabia que, nessas visitas, eu recebia tanto quanto ela.

CAPÍTULO 34

Belle

A MAMA ESTAVA TRABALHANDO aqui comigo, preparando conservas de feijão, quando o Will Stephens voltou de Williamsburg. Percebi que havia alguma coisa errada ao vê-lo subindo para a casa da cozinha com os ombros arriados.

— Entra, Will, senta aqui — falei, e a Mama perguntou se ele queria beber alguma coisa.

— Seria bom, Mama. Eu gostaria de um pouco d' água.

— Como foi? — perguntei, assim que ele bebeu a água.

A Mama me deu uma olhada pra eu parar de apressá-lo, mas eu não aguentava mais.

O Will sorriu para ela, devolveu o copo e disse:

— Obrigado, Mama. — Respirou fundo e começou a falar: — Está tudo em ordem, Belle. Você, o Jamie, o Ben, a Lucy e os meninos deles virão comigo, quando terminar meu contrato aqui.

Sentei e a Mama se sentou. Como ninguém falou nada, eu perguntei: — Como vai a Lavinia?

Will olhou para os pés.

— Ela já estava noiva, vai se casar.

— O quê? — exclamei.

— Vai casar com quem? — perguntou a Mama.

Will brincou com o chapéu, tentando dar a impressão de que não se importava.

— Pelo que entendi, é um colega do Sr. Madden. Não o conheci.

— O que aconteceu com o irmão dela? — a Mama quis saber.

— Morreu há alguns anos.

— Ela mandou uma carta pra nós? — perguntei.

— Não — respondeu ele, e vi que havia uma porção de coisas que não estava dizendo.

— Como vai a nossa menina? Tá toda crescida? — indagou a Mama.

— Está, sim — respondeu Will Stephens, sem conseguir esconder o sorriso. — Está muito bonita. O cabelo ficou mais escuro, não tão vermelho, mas os olhos... bem, ela olha direto para a gente, como fazia antes.

— Está mais parecida com a Beattie, ou é alta como a Fanny? — perguntei.

— Ela é alta como a Fanny, mas não é magrela.

Will ficou vermelho ao dizer isso.

— Ela tá feliz por se casar com esse homem? — perguntou a Mama.

Ele encolheu os ombros e negou com a cabeça.

— Ah, Mama, não sei muita coisa sobre as mulheres.

A Mama nos fez dar risada:

— Will Stephens, ocês home é tudo igual. O bando todo não sabe muita coisa sobre as muié.

Will parecia estar se preparando para ir embora, quando a Mama perguntou:

— Ocê viu o Marshall?

— Vi. Também está muito crescido.

Nós o olhamos e ele viu que queríamos saber mais, e aí, disse:

— Receio não ter nada de bom para dizer sobre ele.

Pelo jeito como o Will falou, fiquei toda gelada.

— E a D. Martha? — perguntou a Mama.

— Ainda está no hospital. O Sr. Madden duvida que ela volte para casa algum dia.

Depois que o Will se foi, a Mama e eu conversamos. Sabemos que tem alguma coisa errada. Ficamos pensando na Lavinia, em por que não recebemos nenhuma carta. Por que ela não escreveu sobre o homem com quem vai casar?

A Mama está preocupada. O que vai acontecer quando o Marshall voltar pra dirigir esta fazenda? Ela gostaria de tirar suas meninas daqui, mas o Will Stephens já disse que não tem dinheiro pra isso. E eu sei o que mais preocupa a Mama. Será que vai acontecer com elas o mesmo que aconteceu comigo?

Ela disse que é bom o Ben e eu irmos pra fazenda do Will. Tem medo que o Benny seja morto, se um dia o Marshall vier de novo atrás de mim.

Mas acho que, se um dia o Marshall tornar a vir pra cima de mim, não vou precisar do Benny pra acabar com ele.

CAPÍTULO 35

Lavinia

EMBORA O SR. BORAN quisesse se casar imediatamente, o Sr. Madden fincou pé quanto à data, marcada para junho, um mês depois do meu aniversário de 17 anos. Com o passar do tempo, tive uma preocupação crescente com o Sr. Boran. Com os outros, ele continuou a ser o indivíduo manso e de modos afáveis de antes, mas, longe dos olhos deles, revelou-se outro homem. Quando ficávamos isolados, logo se enchia de amores e exibia o que era, para mim, uma conduta assustadora. Seus atos deixaram de ser os beijos inocentes, embora apaixonados, em minhas mãos; ele começou a me tocar de maneiras impróprias, de um jeito que eu diria destinar-se a marido e mulher. Mas eu me perguntava se, como sua futura mulher, eu deveria tolerar isso.

Não sabia a quem recorrer em busca de ajuda. A Meg era tão inexperiente quanto eu, porém, o que era mais importante, tinha deixado claro desde o começo que não queria discutir coisa alguma sobre o meu relacionamento com o Sr. Boran. Tentei conversar com a D. Sarah, mas creio que ela achou que eu estava em busca de informações sobre a noite de núpcias e, constrangida, cortou o assunto. No dia seguinte, foi ao meu quarto e me deu um pequeno panfleto para ler. As informações que ele trazia deixaram implícito que a união entre os casais ligados pelo matrimônio, praticada pelos homens, tinha que ser suportada pelas mulheres.

Entrementes, o Sr. Boran foi ficando cada vez mais hábil em descobrir maneiras de me pegar sozinha. Seus pretextos eram variados: uma carta que ele queria ler para mim em particular, um presentinho que desejava me entregar. Os Maddens sempre concordavam com seus pedidos e, muitas vezes, à noite, recolham-se cedo para nos dar liberdade. Eu desestimulava as investidas do Sr. Boran da melhor forma que podia, e tentava redirecionar sua atenção por meio da conversa, mas ele vinha se tornando mais atrevido e mais exigente. Nessas suas investidas obscenas, eu lutava para controlar minha franca

repugnância, e depois, sozinha no quarto, prometia a mim mesma encontrar um modo de romper esse acordo. Uma noite, num momento de inspiração, pensei na nossa preceptora, a Sra. Ames. Eu pediria a orientação dela. Será que eu poderia trabalhar como governanta? Tinha instrução suficiente para lecionar?

A resposta dela foi imediata:

— Minha querida! Por que você quereria fazer uma coisa dessas?

Na conversa unilateral que se seguiu, ela explicou que lecionar só era um destino aceitável quando não havia alternativa. Fez o rol de suas razões. Primeiro, havia a questão de encontrar uma posição conveniente. Depois, havia sempre o temor de perder o emprego.

— Isso está sempre acontecendo. E o que acontece com uma moça jovem? É atirada na rua? Não, não, não! Uma jovem como você precisa de um casamento.

Muito desanimada, concluí que essa porta se fechara.

Veio então o convite para um baile noturno na Taverna Raleigh. Feito pelo Sr. Boran, ele incluiu a Meg. Àquela altura, meu noivo havia intuído a oposição da Meg ao nosso noivado e creio que esse convite foi um esforço para conquistar a boa vontade dela. No começo, não entendi por que ela havia concordado tão prontamente, já que era seu costume rejeitar esses eventos sociais. Meg surpreendeu-me ainda mais ao pedir à mãe que desse a cada uma de nós um vestido novo para a ocasião. Encantada com a perspectiva de ver a filha interessar-se por uma programação social, a D. Sarah mandou chamar a costureira logo no dia seguinte.

Meg havia crescido no ano anterior, embora, aos 15 anos, continuasse baixa e franzina. Desenvolvera poucas curvas femininas, mas era realmente bem bonita quando tirava os óculos, acentuando o nariz arrebitado e os grandes olhos castanhos. O cabelo ainda era difícil de controlar, porque mais tendia a formar cachinhos do que ondas, e apenas tranças ou travessas apertadas conseguiam mantê-lo no lugar. Os grampos lhe davam dor de cabeça, por isso não raro que o cabelo fizesse o que bem entendesse.

Meg continuava dedicada como sempre ao estudo da biologia, mas, nos últimos tempos, parecia vir se interessando por um rapaz. Era Henry

Crater, o gêmeo que o Marshall havia esmurrado alguns anos antes. Meg dizia que seu interesse pelo Henry relacionava-se estritamente com o estudo da natureza, pois o rapaz, agora na universidade, também estudava botânica. Mas, nos últimos tempos, quando ele passava pela casa para trocar livros sobre o assunto, eu notava o cabelo da Meg preso com pentes.

Na noite do baile, antes de nos vestirmos, prendi o cabelo para cima, num coque alto, e o enfeitei lindamente com uma fita branca. Ao ver o penteado pronto, Meg me entregou uma fita amarela e pediu que eu fizesse o mesmo com seu cabelo. Foi conversando enquanto eu a penteava, e achei graça quando deixou escapar que tinha esperança de ver o Henry no evento.

Depois de vestidas, Meg e eu fizemos um exame recíproco. Ambas havíamos escolhido um modelo elegante de cambraia de linho branca, com a cintura alta, decote quadrado e manguinhas bufantes. Como debrum, eu havia escolhido fitas azuis, enquanto a Meg optara por um bordado amarelo. Sob as saias, usávamos pantalonas cor da pele, com acabamento que combinava com nossos vestidos. Tecemos grandes elogios à aparência uma da outra e, quando vi a Meg sorrir para si mesma no espelho, desconfiei que, pela primeira vez, ela soube o que era sentir-se bonita.

Era minha primeira saída formal com o Sr. Boran e devo admitir que, apesar de empolgada com a nova experiência, desejei estar no lugar da Meg. Desde o momento em que o Sr. Boran chegou com sua carruagem, eu soube que a noite seria um desafio. No trajeto para a festa, ele não tirou os olhos de mim e, para meu embaraço, não parou de olhar para o decote baixo do meu vestido. Teceu reiterados comentários sobre a minha beleza, até a Meg lhe pedir que fizesse a gentileza de encontrar outro assunto. Ele se calou e senti alívio ao chegarmos a nosso destino. Os Maddens já estavam lá e vieram nos receber.

Sem esperar, o Sr. Boran me levou prontamente para a pista de dança. Movia-se com destreza, mas não fiquei à vontade ao ver que, a cada passo, seus olhos me cobiçavam de tal modo que temi o modo como terminaria aquela noite. Era patente que ele me considerava uma presa sua e, como essa era nossa primeira aparição em público, não tive dúvida de que haveria mexericos circulando pelo salão. Ele não queria deixar a pista de dança, até que avistei a Meg, meio afastada, conversando com o Henry.

Insisti em que precisava de um descanso, mas, mesmo assim, para minha frustração, o Sr. Boran continuou a agir como minha sombra. Eu queria falar em particular com a Meg, para ter certeza de que ela voltaria para casa conosco, mas só quando tive a inspiração de pedir alguma coisa para beber foi que, com relutância, o Sr. Boran saiu do meu lado. Foi esse, é claro, o momento em que a Meg aceitou dançar com o Henry, e eu, sabendo que isso era uma vitória para ele, não os preendi.

Da pista de dança, a D. Sarah deu um largo sorriso de aprovação, primeiro para Meg, depois para mim. Para meu alívio, vi o Marshall caminhando na minha direção. A primeira ideia que me ocorreu foi a segurança, e observei sua aproximação com grande interesse. Marshall estava lindo, de casaca de veludo verde-escuro, colete para combinar e echarpe de musselina branca. Deu-me apenas uma olhadela, fez uma medida polida e se postou ao meu lado, olhando para a pista de dança.

— Você nunca esteve mais linda — comentou.

— Marshall... — comecei, mas não soube como prosseguir.

— O que foi, Lavinia? — perguntou, inclinando-se para ouvir melhor.

— Estou com medo.

— Medo? De quê? — Olhou diretamente para mim e, no mesmo instante, vi sua apreensão.

— Marshall! Que bom vê-lo cuidando da Lavinia — disse o Sr. Boran, aproximando-se com renovada confiança. — Agora eu tomo conta dela — acrescentou, oferecendo-me a bebida.

Marshall não disse palavra, e meu coração veio à boca quando ele fez uma mesura abrupta e se afastou.

— Minha querida, tenho que lhe pedir um favor — disse o Sr. Boran.

— Pois não?

— Prometi à Molly que hoje a levaria lá em casa, para ela ver como você está linda.

— Mas, e a...

— Já falei com os Maddens. Disse-lhes que voltaríamos assim que fizéssemos a vontade da Molly.

Olhei para a pista de dança e vi os Maddens rindo com outro casal, enquanto a Meg dançava com o Henry.

— Deixe que eu me despeça.

— Não — objetou ele, segurando meu cotovelo. — Nós voltaremos. Agora, venha, a carruagem está pronta.

— Mas eu não quero ir.

— Quer decepcionar a Molly?

Hesitei e olhei em volta, tentando pensar numa saída.

— Bem, eu me recuso a desapontá-la — disse ele, e, apertando meu braço, conduziu-me pelo salão repleto e porta afora.

Mantive silêncio no trajeto para sua casa e senti certo alívio quando o Sr. Boran mandou a carruagem esperar na porta. Ele me conduziu a uma sala, mas, como eu temia, a Molly não estava em casa. Quando percebi que a empregada também havia saído, fiquei realmente apavorada.

— Sr. Boran...

Ele não esperou.

— Você será minha mulher dentro de poucos meses — disse, como se oferecesse uma desculpa para o ataque que iniciou.

Lutei como se minha vida dependesse da minha virtude e poderia ter perdido, se ele não houvesse tropeçado nos calções quando fugi. Saí correndo da casa, largando meu abrigo por lá e nem me importando com o fato de estar parcialmente despida. Quando cheguei à carruagem, agarrei a maçaneta da porta e dei instruções ao cocheiro entre soluços. Soltei um grito ao sentir um par de mãos me agarrando por trás. Os cavalos arrancaram, mas me recusei a soltar a porta da carruagem e fui arrastada, até não mais poder me segurar.

— Lavinia! Sou eu! Sou eu!

Só ao cair da carruagem foi que me dei conta de que o homem que me segurava era o Marshall.

Ele me cobriu com sua jaqueta e me levou para casa. Lá chegando, tencionava deixar-me para ir buscar os Maddens, mas, certa de que o Sr. Boran reapareceria, pedi-lhe que ficasse. Para meu alívio, Marshall esperou que eu subisse para trocar de roupa e prometeu aguardar o regresso dos tios. Quando voltei, não conseguia parar de tremer, até ele servir uma dose grande de conhaque e me fazer tomá-la. O líquido me queimou a garganta, mas ajudou a me acalmar e, passado um breve espaço de tempo, como eu não estivesse habituada a bebidas alcoólicas, soltou a minha língua. Contei ao Marshall as liberdades que o Sr. Boran havia tomado e falei abertamente do meu asco ante a ideia de me casar com ele. De repente, veio-me um pensamento terrível:

— Ainda terei que manter o noivado?

— Não, Lavinia. Seu compromisso com ele está inteiramente encerrado — Marshall me garantiu.

— Mas eu havia concordado.

— E nunca entendi por quê — retrucou ele.

— Achei que era a única solução. Os Maddens têm sido muito bons para mim. Não posso esperar que me sustentem por muito mais tempo.

— Vinny! Vinny! — A Meg entrou voando, com os Maddens logo atrás. Correu para o meu lado, parou e deu um passo atrás para me olhar. — Você andou bebendo! — exclamou. — Está cheirando a bebida.

— Dei-lhe um pouco de conhaque — explicou Marshall.

— Marshall! — repreendeu-o a D. Sarah.

— Ela estava precisando — disse ele.

A Meg iniciou as perguntas:

— O que aconteceu, Vinny? O Sr. Boran foi procurar o papai. Estava com o rosto lívido. Disse coisas terríveis sobre você.

Virei-me para o Marshall em busca de ajuda, mas ele já estava conduzindo o Sr. Madden para fora da sala. A D. Sarah sentou-se numa poltrona em frente a mim e exigiu que eu lhe contasse tudo. Quando terminei, a Meg pôs os braços em volta dos meus ombros. Então comecei a chorar.

O noivado acabou, mas detestei ter humilhado os Maddens com meu fracasso. Senti-me especialmente mal por saber que o Sr. Madden tinha sido amigo do Sr. Boran; sabia como era estreita a relação de trabalho dos dois. Só me restava imaginar as perguntas e os mexericos a que D. Sarah ficaria sujeita, e eu não conseguia pensar numa só palavra para lhe dizer, à guisa de desculpas. Ninguém me contou a história que aquele patife fez circular, mas o pouco que ouvi era ruim o bastante para que metade da cidade questionasse a integridade do meu caráter. Como me arrependi de ter posto essa família em tal situação! Mais do que nunca, reconheci que deveria seguir o meu caminho sem demora.

Resolvi esperar meu aniversário de 17 anos para recorrer novamente à Sra. Ames. Tinha esperança de que ela visse minha necessidade com mais clareza e se dispusesse a tomar algumas providências para me ajudar a obter um emprego de governanta. Com isso em mente, concentrei-me mais do que nunca nos estudos. Marshall jamais fez referência àquela noite, mas, constrangida ao pensar no que ele teria testemunhado pelo meu estado de quase nudez, tornei-me mais reservada com ele. Marshall continuou a nos dar aulas aos sábados e, mais uma vez, passou a acompanhar a família no almoço.

A Meg ficou do meu lado, como sempre. Num dia não muito posterior ao baile, o Sr. Degat, num tom entre o sarcástico e o desrespeitoso, questionou qual teria sido a minha participação no

fracasso do noivado. Meg o interrompeu, fazendo-lhe perguntas sobre um boato particularmente obscuro que o ligava ao Sr. Alessi.

Durante aquele outono e inverno, foi um prazer fazer minhas visitas a D. Martha, duas vezes por semana. Tamanhas eram as suas necessidades que, por comparação, as minhas se apagavam, e toda vez que eu via seus olhos se iluminarem quando eu chegava, aquilo me dizia que eu tinha algo a oferecer.

A D. Martha vinha finalmente respondendo ao tratamento. Os médicos haviam descoberto que, quando o láudano era ministrado quatro vezes por dia, e não apenas na hora de dormir, os acessos dela praticamente desapareciam. Com essa melhora, todos os demais tratamentos foram suspensos e, aos poucos, o comportamento dela se estabilizou. Havia ocasiões em que eu lhe falava dos meus assuntos cotidianos e ela demonstrava interesse, parecendo compreender minhas palavras. Eu não incluía minhas inquietações, apenas contava histórias despreocupadas, com base nos mexericos da cidade. Ela escutava atentamente e, durante o relato, muitas vezes segurava minha mão e a afagava, com o que eu tomava por afeição.

Um dia, quando ela pegou minha mão, experimentei um sentimento tão caloroso por aquela mulher que me perguntei se seria parecido com o que eu sentiria por uma mãe. A D. Martha notou meu estado de espírito e, quando fiquei com os olhos marejados, levou minha mão ao seu rosto, pela primeira vez na vida. Depois disso, minha afeição por ela se aprofundou e resolvi continuar a vê-la, não importava aonde o futuro me levasse.

O mês de maio chegou e, com seu doce verdejar, tentei convencer-me de que meu futuro não era tão sinistro quanto eu o havia imaginado. Eu ainda não tinha escrito para a Belle, pois guardava profunda mágoa por ela não ter julgado por bem me contar a razão da visita do Will — o objetivo de garanti-la para si. Na verdade, porém, não fora essa a única razão de eu não escrever. Eu sabia que não havia possibilidade de retornar à família que eu amava, e a ideia de prolongar o contato tornara-se por demais lancinante.

Resolvi encontrar-me com a Sra. Ames no dia seguinte a meu décimo sétimo aniversário. Decidi que, se ela não pudesse me ajudar, eu recorrería aos Maddens pela última vez, para que me auxiliassem a encontrar uma família que precisasse de uma governanta.

Meg tinha 16 anos, idade em que se considerava completa a escolarização das meninas. Esperava-se que as jovens dessa idade preenchessem seu tempo com compromissos sociais, mas, em se tratando da Meg, ninguém a questionou quando ela anunciou que continuaria a estudar como antes. Apesar de não falarmos do assunto, presumiu que eu continuaria com ela, mas eu já havia recebido um ano de prorrogação dos favores. Estava na hora de arranjar um emprego.

Cerca de uma semana antes do meu aniversário, o clima da família mudou. Sem qualquer razão que eu pudesse compreender, os Maddens tornaram-se mais descontraídos no contato comigo, e até a Meg, de hábito desatenta aos pais, notou a diferença. Calculei que aquilo tivesse a ver com sua gratidão por minhas visitas a D. Martha. Com efeito, era comum a D. Sarah comentar como sua irmã estava passando bem e dizer que tinha certeza de que era eu quem vinha fazendo toda a diferença.

Durante o inverno, o Marshall havia começado a visitar a casa nas noites de quarta-feira, para jogar cartas com a Meg e comigo. Eu continuava extremamente grata por ele ter me salvado e, em função disso, apanhava-me em constantes devaneios românticos que o incluíam. Essas fantasias me embaraçavam e, temendo deixá-las transparecer, era comum eu ser mais reservada com ele do que pretendia.

Quando o Henry pediu para ser incluído nos nossos jogos de baralho das quartas-feiras, tornei-me mais parecida com a pessoa que fora antes. O Henry deu início a um flerte cauteloso com a Meg e eu comecei a ter conversas descontraídas com o Marshall.

Senti-me melancólica ao voltar do hospital na tarde do meu aniversário. Na véspera, a D. Sarah me perguntara se havia alguma coisa especial de que eu pudesse gostar para marcar a comemoração. Com saudade da época em que as gêmeas e eu compartilhávamos uma

refeição ao ar livre, perguntei se poderia levar um almoço simples para partilhar com a D. Martha. A D. Sarah pareceu satisfeita com o meu pedido e, depois de obter permissão do hospital, mandou a Bess preparar uma cesta.

Quando cheguei, o pessoal do hospital havia montado uma mesinha à sombra, junto a um banco do pátio dos loucos, e me informou que a D. Martha e eu teríamos o uso exclusivo do pátio por uma hora. Ela estava mais alerta que nunca e observou com atenção enquanto eu cobria a mesa com uma toalha de algodão branco e arrumava pratos de porcelana azul e branca e talheres de prata. Sentei-a ao meu lado no banco e cobri nossos colos com grandes guardanapos de linho, antes de iniciarmos o nosso pequeno banquete de aspargos em conserva, presunto assado e tortinhas de maçã, com uma cobertura espessa de creme de leite batido. Ela esperou que eu começasse a comer e, delicadamente, pegou seus talheres e se pôs a provar os alimentos.

Enquanto comíamos, falei das refeições que havíamos desfrutado ao ar livre na fazenda Carvalhos Altos. Vi pelo canto do olho que ela estava escutando e, por isso, deixei-me levar e falei como se ela compreendesse tudo. Mergulhei nas lembranças e revivi a alegria de quando as gêmeas e eu, saciadas depois de um banquete carregado numa cesta como aquela, deitávamos de costas sobre as agulhas de pinheiro. Quando voltei ao presente, informei à minha silenciosa conviva que era dia do meu aniversário. Eu tinha 17 anos, era uma mulher adulta. A D. Martha me olhou, limpou a boca no guardanapo e, pela primeira vez desde sua hospitalização, disse uma frase inteira:

— Quando o capitão chegar, Isabelle, partiremos para casa.

Olhei-a. Esperei algo mais, porém foi como se o esforço de formular aquela ideia a houvesse exaurido. Ela correu os olhos em volta, como se estivesse perdida. O guardanapo caiu no chão quando se levantou da mesa, e ela não o apanhou antes de sair andando. Mais tarde, quando me despedi, continuou distante.

Eu pretendia ir direto para o quarto e terminar algo em que vinha trabalhando. Estava preparando uma lista das minhas qualificações

para o futuro empregador que esperava que a Sra. Ames me ajudasse a encontrar. Quando desembarquei da carruagem, surpreendi-me ao encontrar Marshall esperando para me receber. Ele pegou a cesta do meu braço e a depôs no chão.

— Vamos dar uma volta? — perguntou.

— A Meg vem? — retruquei, procurando por ela.

— Não, hoje não.

— Mas a D. Sarah...

— Tenho a permissão dela.

Talvez eu ficasse apreensiva se a expressão dele não fosse tão agradável. O Marshall pegou minha mão, colocou-a em seu braço e, com ar confiante, conduziu nossos passos pela tarde dourada. Caminhamos em silêncio até o parque, onde ele me fez sentar num banco sob um corniso em flor. Olhei-o de relance, insegura.

— Lavinia — disse ele, de frente para mim — , mais uma vez, pelo que vejo, você demonstrou sua bondade.

Não entendi o que ele queria dizer e informei-lhe disto.

— Só recentemente tomei conhecimento das suas visitas ao hospital.

— Ah.

— Quanta bondade, Lavinia. Como é extraordinária a sua lealdade.

— Não é realmente tão extraordinária, Marshall. A D. Martha me consola.

Ela me faz lembrar de casa... digo, da fazenda Carvalhos Altos.

— E você considera Carvalhos Altos a sua casa?

— É o único lar de que tenho lembrança.

— E hoje é seu aniversário?

Ri, pensando em aonde essa conversa nos levaria.

— Sim, estou fazendo 17 anos — admiti.

— Então, você está ciente de que, a partir de hoje, é uma mulher livre?

Olhei-o, surpresa. Embora me soubesse presa a um contrato, eu já não me considerava em servidão.

— Mandarei redigir os documentos, se você quiser.

— Eles serão necessários?

— Não — disse ele, e sorriu. — Não, se você concordar com o meu plano.

Questionei-o com o olhar.

Marshall respirou fundo:

— Lavinia, tenho uma proposta a lhe fazer.

No mesmo instante, enchi-me de entusiasmo, percebendo o que ele estava prestes a sugerir. Queria que eu fosse acompanhante da sua mãe!

Iria nos levar de volta com ele! Fiz força para controlar minha crescente empolgação.

— Neste outono, herdarei a propriedade do meu pai. Já então terei concluído meus estudos, mas não pretendo ficar aqui para exercer o direito. Planejo voltar para Carvalhos Altos e administrar pessoalmente a fazenda. — Sentou-se a meu lado. — Você deve saber que é importante para mim. Quero que vá comigo, Lavinia. Quero me casar com você.

Fiquei muda de espanto.

Marshall segurou minha mão:

— Já discuti o assunto com o tio e a tia, e os dois acham que é uma bela união.

Continuei incapaz de falar.

— Lavinia, você deve saber como é preciosa para mim — disse. Tomando meu silêncio perplexo por uma negativa, prosseguiu: — Por favor, considere a minha proposta.

— Bem... sim. Seria uma honra — consegui dizer.

Como resposta, ele beijou minha mão enluvada e me deu um sorriso.

Estendi a mão para soltar ternamente um dos seus cachos louro-escuros, preso sob o colarinho branco e engomado.

— Seremos felizes — disse ele, e me estreitou num abraço caloroso.

Busquei imediatamente a orientação da D. Sarah. O que ela achava de eu me casar com o Marshall?

— Vocês dois são jovens — disse ela — , mas percebo que você o influencia. Ele fica feliz quando está a seu lado, Lavinia. Acredito muito que você traz à tona o que ele tem de melhor.

Fiquei lisonjeada ao ouvir isso.

— Sei quanto você deseja voltar para Carvalhos Altos — ela prosseguiu — e tenho certeza de que está ciente dos benefícios sociais que esse casamento lhe trará. — Parou, examinou as mãos e tornou a olhar para mim: — Você gosta do Marshall?

— Sim — respondi com franqueza — , gosto.

— Nesse caso, o Sr. Madden e eu teremos prazer em dar a nossa bênção.

Na mesma noite, rompi o silêncio e escrevi para relatar à Belle a minha sorte. Sentia-me radiante! Eu iria para casa! Escrevi contando como estava feliz e como me sentia grata ao Marshall por ele ter me salvado de um futuro incerto.

Como imaginei a minha volta para casa! Casada com o Marshall, eu estaria em condições de proporcionar benefícios à família que me aguardava e passei muitas horas devaneando sobre como faríamos melhorias em suas moradias e encontraríamos maneiras de reduzir sua carga de trabalho. Levei tão longe a fantasia que cheguei a acreditar que seria possível que um dia o Marshall lhes concedesse a liberdade, tal como eu havia recebido a minha.

É verdade que eu tinha algumas apreensões a respeito dele, mas guardei-as para mim. Era evidente que ele confiava mais em mim do

que em qualquer outra pessoa, e por isso eu enxergava sua vulnerabilidade — algo que ele escondia bem de terceiros. Marshall me tratava com consideração, mas, quando eu me opunha a alguma coisa, emitindo uma opinião diferente da sua, ele a tomava por um insulto pessoal e se isolava, mal-humorado. Por conseguinte, logo aprendi a apoiá-lo em qualquer assunto. Por sorte, mostrar-me submissa não me era estranho, pois eu tinha vivido dessa maneira durante grande parte da minha vida.

Uma preocupação menor, mas que eu havia notado, era a falta de afeição física que ele demonstrava. Nossas saídas sociais eram poucas, embora ele me houvesse acompanhado duas vezes a eventos teatrais. Nessas ocasiões, ficou claro que se orgulhava de me conduzir pelo braço, mas depois não permanecemos por lá para interagir socialmente com as outras pessoas. Na verdade, tão logo me depositou em segurança, ele pediu licença para se retirar. Como seu período letivo na universidade estava chegando ao fim, sua necessidade de dedicar o tempo aos estudos havia aumentado, e por isso nossas aulas de sábado foram suspensas. Marshall comparecia aos nossos jogos de cartas noturnos, nos quais Henry e Meg estavam sempre à disposição, porém nunca ficava até tarde nem pedia para me ver a sós. A bem da verdade, depois da cena do Sr. Boran, eu me sentia aliviada, mas me perguntava por que o Marshall não tentava ao menos me dar um beijo. Sob muitos aspectos, o seu modo de me tratar me lembrava o comportamento que eu tinha na infância com a boneca que a Mama Mae me dera. Eu a protegia tanto que recusava a mim mesma a alegria de brincar com ela, só me atrevendo a amá-la com os olhos. Agindo assim, no entanto, eu me negava o próprio objetivo da boneca.

Embora a Meg e eu continuássemos a ser companheiras constantes, ela adotou um silêncio curioso a respeito da minha relação com o Marshall. Intuindo sua relutância em discutir o assunto, não mencionei nenhuma das minhas preocupações.

Na última semana de agosto, quando eu estava provando três vestidos novos — presente para o meu casamento próximo, com os cumprimentos dos Maddens — , a costureira transmitiu a estranha notícia de que o Sr. Boran havia morrido. A cidade fervilhava de

mexericos. O pobre homem tinha sido encontrado na floresta, perto de uma taberna de beira de estrada, a alguns quilômetros de distância da cidade. Essa taberna, diziam os rumores, abrigava mulheres que, nas palavras da D. Sarah, “atendiam às necessidades de certo tipo de homem”. O que tornava a coisa curiosa era o fato de ser bem sabido que o Sr. Boran não bebia. Ao que parecia, no entanto, ele se embriagara a tal ponto, na noite de seu falecimento, que tinha caído do cavalo e batido fatalmente com a cabeça numa pedra.

Minha primeira preocupação foi com sua filha, Molly, até me lembrar que a menina tinha uma tia que a amava muito. Eu não poderia dizer que lamentei saber da notícia, pois ainda sentia medo dele. Apesar de não ter dito isso aos Maddens, eu havia confidenciado ao Marshall que, em mais de uma ocasião, tinha certeza de ter visto o Sr. Boran na rua, à noite, em frente à minha janela.

A D. Sarah, a Meg e eu mexericamos loucamente sobre o assunto, mas fomos discretas no jantar desse dia. O Sr. Madden, como não havíamos esquecido, tinha sido amigo do Sr. Boran. Eu lhe dei meus pêsames, mas, apesar de me agradecer, ele exibiu uma expressão inquieta.

Eu estava com enorme vontade de discutir a notícia com o Marshall, por isso fiquei desapontada quando ele enviou uma mensagem, lamentando não poder aceitar nossos convites, e não nos visitou durante essa semana. Quando o vi na ocasião seguinte e trouxe à baila a questão do Sr. Boran, ele teceu um comentário displicente. Estava farto de falar da morte daquele desgraçado, disse, e percebi por seu comportamento que convinha deixar o assunto de lado.

Ao longo do verão, continuei a visitar a D. Martha. Nossas conversas não eram o que os outros conheciam por esse nome, mas ela sempre parecia se interessar pelo que eu tinha a dizer. Quando sentia uma atração especial por um assunto, era-lhe comum repetir uma ou duas das minhas palavras. Então eu sabia como embelezá-lo, fornecer maiores detalhes.

Não tinha falado com ela sobre o Marshall nem sobre nosso relacionamento, mas, à medida que se aproximou a data das núpcias,

compreendi que era chegada a hora. No dia que escolhi para lhe falar disto, sentamo-nos do lado de fora, à sombra, no pátio dos loucos. Era fim de tarde e o sol quente de agosto ardia, inclemente, sobre os que se achavam ali, mas era essa área externa que nos proporcionava maior intimidade.

— Vou me casar com o Marshall — informei, sem rodeios.

Ela não reagiu.

— D. Martha — insisti, com vontade de chorar, por alguma razão — , a senhora entendeu? Vou me casar com o Marshall, seu filho.

Ela começou a beliscar a manga do meu vestido.

— Casar com o Marshall — disse, cantarolando — , casar com o Marshall. Interrompi-a, como havia aprendido a fazer:

— Sim. Vamos nos casar em setembro, e voltaremos para a fazenda Carvalhos Altos.

— Carvalhos Altos — ela murmurou. — Carvalhos Altos — repetiu, levantando a cabeça e fixando os olhos na distância, como se enxergasse além do muro.

— O que a senhora acha? — perguntei.

Ela se virou para mim e sorriu, coisa que eu nunca a vira fazer nos últimos cinco anos. Aquilo me comoveu tanto que desatei a chorar.

Foi o sorriso da D. Martha que me deu coragem para defendê-la junto ao Marshall. Ao que eu soubesse, ele não a via desde aquela infausta visita com a D. Sarah, anos antes. Não lhe contei que tinha conhecimento daquela ocasião, mas perguntei se ele se disporia a me acompanhar na minha visita seguinte à sua mãe.

— Não posso!

Ouvi a dor em sua declaração e não o pressionei mais. Ainda assim, perguntei-lhe se não seria possível que a levássemos para casa conosco. Prometi me responsabilizar pelos cuidados com ela.

Sua resposta inicial foi não, mas notei uma pequena relutância e, na primeira oportunidade em que senti que o clima era apropriado, comentei os benefícios que a D. Martha teria em sua própria casa: a

Mama Mae e as gêmeas poderiam cuidar dela, e a boa alimentação estimularia seu apetite. Mostrei-me otimista e disse achar possível que ela se recuperasse por completo. Usei a meu favor a ânsia do Marshall de me agradar e, poucas semanas antes de nos casarmos, venci sua resistência.

Nossa cerimônia de casamento ocorreu no final da tarde de 6 de outubro de 1801. Havíamos pretendido realizá-la na sala de estar, mas fazia um dia tão lindo, o jardim continuava tão bonito e o nosso grupo era tão pequeno que, no último minuto, resolvemos mudar os planos. Meg e Henry ficaram ao nosso lado ao proferirmos nossos votos matrimoniais, em meio ao canto dos pássaros e ao perfume de madressilvas em floração tardia. Usei um vestido de cetim cor de marfim, de cintura muito alta e mangas descendo à altura dos cotovelos, e calcei as mais lindas sapatilhas de ponta fina que já se vira. A Meg fez meu penteado e nele aninhou prendedores com pérolas e pequenas rosetas de fita de cetim, também em tom marfim.

Cerca de um mês antes do casamento, num raro momento de intimidade, Marshall tinha me informado que havia aberto uma conta no meu nome. O Sr. Madden se encarregava dela, mas eu deveria usá-la unicamente para atender a minhas necessidades. Ao ser informada da soma, eu havia ficado pasma e dito que não precisava daquele valor. Ele rira.

— Você vai precisar de tudo isso e mais ainda! Quero que tenha um guarda-roupa novo.

— Mas eu não preciso...

— Não é questão de precisar, Lavinia. Você vai ser minha mulher e quero vê-la bem-vestida. Lembre-se, se a quantia não for suficiente, você só tem que pedir.

— Posso usar parte dela em presentes?

Marshall tornara a rir.

— Pode usá-la no que quiser, mas prometa-me que verei um novo guarda-roupa. E não se esqueça do vestido de noiva.

No dia de nossas núpcias, quando o Sr. Madden me conduziu pelo passeio de tijolos em direção a meu noivo, levantei os olhos, vi o sorriso aprovador do Marshall e me senti inundar de gratidão. Por causa dele, meu futuro estava garantido e eu iria para casa. Depois da breve cerimônia, ofereceram-se bebidas e os nossos convidados — entre eles o Sr. Degat, o Sr. Alessi e a Sra. Ames — uniram-se para nos fazer um brinde, desejando-nos um casamento longo e feliz. Seguiu-se uma rodada de brindes individuais, que terminou com todos realmente muito alegres. Passado o pôr do sol, fomos para a sala de visitas, cujos móveis tinham sido retirados. O Sr. Alessi, com um grupo de músicos, tocou melodias irresistíveis e, em pouco tempo, todos dançávamos, animados. Alegrou-me ver que o Marshall lidou tão bem com a bebida quanto qualquer um de nós. Na verdade, ela o relaxou, assim como a mim, e ambos rimos e provocamos um ao outro como se fôssemos crianças.

Mais tarde, a D. Sarah convocou todos à sala de jantar, onde saboreamos o banquete que a Nancy e a Bess haviam preparado nos dias anteriores. O Marshall e eu ficamos hospedados com os Maddens nessa noite e, pouco depois, todos nos recolhemos, cada qual ao seu quarto. Eu e meu marido dormimos separados, pois ele havia sugerido que tivéssemos um bom descanso, antes de iniciarmos nossa viagem na manhã seguinte.

Nessa noite, na cama, repensando nas alegrias do dia, não consegui dormir. Somou-se a isso a emoção da ida para casa.

Partimos cedo na manhã seguinte, com a carruagem abarrotada. A Meg e eu nos agarramos uma à outra até o Marshall fazer troça, dizendo que iria embora sem mim. Meg correu para dentro de casa quando entrei na carruagem, e não virei para trás para acenar um adeus aos Maddens, por medo de minhas próprias lágrimas. Quando chegamos ao hospital público, outra carruagem nos esperava, com a D. Martha já instalada. Com ela estavam as duas atendedoras do hospital que a acompanhariam na viagem; depois de chegarmos a Carvalhos Altos e de sua paciente ter sido acomodada, elas regressariam a Williamsburg.

As palavras não conseguiriam expressar o que senti naquela manhã. A outra carruagem ia à frente e, quando partiu, nossos cavalos dispararam. Distraída, fui arrancada do banco. O abraço rápido do Marshall segurou-me, caso contrário, eu teria sido arremessada no chão. Girei nos braços dele, encontrei seus olhos e nos surpreendi a ambos, ao beijá-lo na boca. Recostei-me no assento e enrubesci, enquanto ele dava um risinho baixo. Estávamos a caminho! Estávamos indo para casa! Uma profunda alegria me invadiu. Lágrimas de contentamento encheram-me os olhos e, pela janela, vi prismas coloridos, enquanto Williamsburg sumia à distância.

CAPÍTULO 36

Belle

PASSAMOS MUITO TEMPO SEM notícias da Lavinia, até ela escrever que agora vai se casar com o Marshall. Não respondi. O que eu ia dizer? O que aconteceu com o outro homem? Como você foi ficar com o Marshall? Onde está com a cabeça, pra se casar com ele?

Eu disse à Mama que pode ser que isso dê certo, mas ela não gostou:

— Daí num sai nada de bom. Aquele menino vai se meter em encrenca, e num gosto de pensar que a Lavinia vai fazer parte disso.

Comecei a ficar com medo de o Marshall vir pra cima de mim de novo, mas o Will Stephens disse que agora eu pertença a ele e o Marshall não tem poder sobre mim. O Will diz que tem que administrar isto aqui por mais um ano, depois iremos pra fazenda dele, a um quilômetro e meio do alojamento, do outro lado do rio. Sei que a fazenda dele vai dar certo, porque, desde que o Will chegou, o Ben e o Papa George dizem que isto aqui está dando o melhor resultado que já teve.

Um dia depois de recebermos a carta da Lavinia, os Maddens mandaram de Williamsburg uma carroça abarrotada de caixotes. O Will Stephens os levou pra casa-grande e estávamos todos lá quando os abriu. Recuamos, sem ninguém dizer nada, quando ele tirou o papel vermelho e branco pra colar nas paredes. O Papa o ajudou a desembrulhar duas poltronas vermelhas novas e rolos de tecido de uma cor parecida com creme, macio que nem a minha pele. Quando terminaram, o Will leu pra nós a carta da Sra. Madden, mandando a gente pôr isso tudo num quarto para a Lavinia.

A Fanny perguntou se era por isso que a Lavinia ia casar com o Marshall, por querer todas essas coisas bonitas.

— Se é por isso que vai casar com ele, então ela mudou muito — respondi. — A única vez que vi a Lavinia querer uma coisa pra ela foi

quando pegou a bonequinha da Beattie. E, na época, ela só estava procurando uma coisa pra amar.

O Will disse que recebeu ordens pra transferir o quarto do Marshall para a boa sala de estar do térreo. A gente não faz perguntas, só trabalha muito para aprontar tudo como manda a carta. A casa-grande está com o aspecto tão bom quanto no dia em que a D. Martha foi embora, e todos nos perguntamos se ela vai voltar. O quarto dela está pronto, se ela vier.

Todo mundo sabe que vem uma grande mudança por aí. A Fanny, a Beattie, a Sukey, todas ficam vigiando pra ver a carruagem chegar, todo dia. Eu também. Mas o Ben falou que, se o Marshall tornar a me tocar, é um homem morto.

Nunca na vida vi a Mama Mae tão calada.

CAPÍTULO 37

Lavinia

FOI UMA VIAGEM CANSATIVA para casa. Apesar da tarimba dos atendentes, fui solicitada a viajar na carruagem da D. Martha por longos períodos. Não tardei a descobrir que o Marshall tinha pouca paciência com a mãe, apesar de notar que ele fez planos com antecedência para atender às necessidades dela. A cada parada nas hospedarias pelo caminho, a paciente era imediatamente levada para o seu quarto, onde as atendentes cuidavam dela até a manhã seguinte. A um custo altíssimo, eu recebia meu próprio quarto. Perguntei-me por que o Marshall não ficava comigo e soube que era comum ele passar as noites num cômodo comunitário com outros viajantes.

Cada dia da viagem foi se tornando mais penoso para a D. Martha. No último, compreendi que seria mais fácil para ela se eu passasse o tempo todo em sua carruagem, por isso, de manhã, insisti em que o Marshall selasse seu cavalo e partisse na frente. Percebi seu alívio à minha sugestão, e ele se apressou em fazer isso.

No fim da tarde, com a D. Martha finalmente dormindo, subimos a alameda comprida que levava à fazenda Carvalhos Altos. Os buxeiros que ladeavam a via sinuosa haviam crescido muito e, quando a casa-grande apareceu no horizonte, reluzia com uma camada recente de cal. Ao pararmos, vi fumaça subindo da casa da cozinha e mal pude me conter para não sair correndo de um salto. Eu tinha certeza de que todos estariam na casa-grande, esperando para me receber, e fiquei desapontada ao ver apenas o Papa George na entrada. Quando ele abriu a porta da carruagem e me ajudou a descer, estendi as mãos para abraçá-lo, mas ele deu um ágil passo atrás. Deve ter reconhecido a minha mágoa, porque apertou com força minha mão enluvada e me fez uma pequena mesura formal. Fingiu olhar para dentro da carruagem e perguntou:

— Inhora viu D. Abinia? Diz que ela tá vindo pra casa.

— Ah, Papa — ri. — O senhor sabe que sou eu.

— Ora, ora! — Ele me olhou e meneou a cabeça. — A D. Abinia vortô pra nós e agora é uma dama.

— Sou a mesma de sempre, Papa. Onde estão todos? — perguntei, olhando ao redor.

Antes que ele pudesse responder, a Mama Mae saiu pela porta da frente. Esqueci todo o decoro apropriado da D. Sarah e gritei o nome dela, correndo escada acima para cumprimentá-la. Atirei os braços em volta dela, que, apesar de não desestimular meu abraço, não o prolongou. Eu teria ficado preocupada com isso, se não tivesse visto outro par de olhos cintilantes acima dos ombros da Mama Mae.

Duvido que eu tivesse reconhecido a Fanny, não fosse por seus olhos tão familiares. Aos 17 anos, com a testa larga e dentuça, ela continuava feia como sempre.

Ficara alta e muito magra, porém o que tanto modificava sua aparência era o lenço que ela usava na cabeça. Eu estava acostumada a ver seu cabelo preto, em geral em tranças, emoldurando seu rosto. A faixa de pano azul-marinho não favorecia em nada sua tez castanho-escura.

— Fanny! — chamei, atravessando a soleira e caminhando na direção dela.

Pelo canto do olho, vi a Mama lhe fazer um aceno com a cabeça.

Fanny deu um passo atrás, para executar uma curiosa tentativa de reverência:

— D. Abinia, é muito bom ter a sinhá de novo em casa com nós.

Achei que sua formalidade era uma piada e teria rido, se, nesse momento, as atendentes exaustas não houvessem aparecido com a D. Martha. Sua paciente estava confusa e aborrecida e, para minha decepção, não reconheceu a casa. A Mama Mae, a Fanny e eu levamos a D. Martha para o seu quarto. Ministrei sua dose de láudano e, à medida que o remédio foi fazendo efeito, a Mama e a Fanny a prepararam para se deitar. Enquanto ela se acomodava, corri os olhos pelo cômodo e vi como tudo brilhava. Elogiei a Mama e a Fanny por terem cuidado tão bem da casa.

A Mama sorriu e disse:

— Ocê vai ser a linda patroinha.

— Ah, Mama, não me chame assim!

— É o que ocê é agora. Quando chegou hoje de manhã, o sinhozinho Marshall deixou claro que nós tem que chamar ocê de sinhá.

Constrangida, eu não soube o que responder. Meu rosto pegava fogo.

— Abinia — disse a Mama, baixinho — , esse nome não quer dizer nada.

Aqui todo mundo sabe o que ocê é pra eles, num se preocupa com isso. A Fanny meneou a cabeça, concordando.

Quando a D. Martha dormiu, a Mama me disse para descer, pois o Marshall me esperava na sala de jantar. Eu estava meio sem fome, embora já fosse hora da ceia. Quando entrei na sala de jantar, o Marshall já havia se sentado. Vi o tio Jacob servindo a mesa.

— Tio! — exclamei, entrando alegre, correndo, até captar o olhar do meu marido.

Sua expressão me enregelou e afrouxei o passo. Uma vez sentada, virei-me para o tio.

— Como vai, tio Jacob?

— Tô muito bem, D. Abinia — disse ele.

Seus olhos não encontraram os meus, e eu me lembrei da frieza das criadas da casa da D. Sarah. Antes que eu pudesse tentar estender a conversa, o Marshall pôs-se a falar da fazenda e de suas ideias para o futuro. Ao fim da refeição, a Beattie veio tirar a mesa. Embora também usasse um lenço na cabeça, o seu era de um bonito amarelo e eu a teria reconhecido em qualquer lugar. Era mais baixa do que a Fanny e tinha o corpo mais curvilíneo. Seus meigos olhos castanhos brilhavam e, quando sorria, ela era tão bonita quanto eu lembrava. Levantei-me para ir até ela, mas o Marshall pegou minha mão e franziu o cenho. Relutante, tornei a me sentar.

— Beattie! Como vai você?

— Eu vou bem, Abinia. — Olhou de relance para o Marshall e se corrigiu: — D. Abinia.

Marshall pediu mais vinho ao tio Jacob e a Beattie aproveitou esse momento de distração para me dar outro sorriso. Meus olhos a seguiram quando ela deixou a sala de jantar e, ao abrir-se a porta de vaivém, vislumbrei outra menina espiando para dentro. Dessa vez, não consegui me conter. Empurrei a cadeira para trás, corri até a porta e a escancarei. O cabelo da menina estava trançado e ela não usava lenço na cabeça. Tinha os lábios cheios e rosados, rosto redondo e olhos grandes e sérios. Brincava com o bordado cor-de-rosa que debruava a gola do camisão marrom feito em casa, sem dúvida um trabalho artesanal da Beattie. Cruzei a porta e deixei que ela se fechasse às minhas costas.

— Sukey? — perguntei, sem me importar por estar ajoelhando com o meu melhor vestido de viagem. — Você é a Sukey?

Ela assentiu timidamente.

— Não se lembra de mim?

— Ocê é a minha Binny — falou, e o mundo parou de rodar quando ela veio para os meus braços.

Marshall escancarou a porta com tanta força que, assustadas, nós nos separamos. Lançou-me um olhar estranho, depois fez sinal com a cabeça para a Sukey.

— Quem é essa? — perguntou.

— É a Sukey. — Levantei-me e passei o braço em volta dos ombros dela. — Eu a conheço desde que era bebê.

— Lavinia, para mim já chega. Foi uma longa viagem. Podemos terminar nossa refeição sem mais melodramas?

Soltei a Sukey, obedientemente, mas cochichei no seu ouvido “Vejo você depois”, e voltei atrás do Marshall para a sala de jantar. Ali, meu marido e eu terminamos nossa primeira refeição em casa num silêncio constrangedor.

Não precisei do incentivo do Marshall para me recolher cedo. Disseram-me que eu ficaria com o quarto em frente ao das crianças, o que tinha sido do preceptor. Eu o recordava como escuro e temível, mas, apesar de perceber minha apreensão, a Mama me conduziu até lá. Quando abriu a porta, soltei uma exclamação de assombro ante a mudança à minha frente.

Um tecido vermelho e marfim revestia as paredes, enquanto as duas janelas altas e a cama de baldaquino tinham cortinas adamascadas em tom marfim. Duas pequenas bergéres tinham sido estofadas em seda vermelha e se dispunham, convidativas, diante da lareira. Ardia um fogo pequeno e, do outro lado do quarto, numa escrivaninha, bruxuleava um lampião a óleo, iluminando duas gravuras de botânica feitas pela Meg.

A Mama lançou-me um olhar esperançoso.

— Está lindo, Mama — comentei, decidida a demonstrar minha apreciação.

Mas tudo parecia errado. Desde a chegada, eu sentia um mal-estar se apossando de mim e, por algum motivo, esse quarto resumia minha inquietação. Essa não parecia a minha casa. Era encantadora, é verdade, mas não dava a sensação do lar que eu trazia na memória, do lar que eu havia imaginado. Minha volta para casa não estava sendo nada do que eu tinha esperado.

A Mama sorriu para mim, como que para abrandar suas palavras seguintes:

— Ocê num me chama mais de Mama. É melhor me chamar de Mae. O sinhozinho Marshall disse que é isso que ele quer.

Franzi o cenho e ela falou, baixinho:

— A gente vai precisar se acostumar um pouco, mas ocê sabe que nós tá tudo do seu lado.

A Fanny chegou à porta para pedir a ajuda da Mama com a D. Martha. Eu quis ir também, mas ela me disse não.

— Hoje nós cuidamo dela. Ocê fica aqui.

Fanny deu uma espiada antes de se afastar.

— E então, Abinia, gostou do seu quarto? Nós tudo trabaiô pra deixar ele direito pr' ocê.

— Ah, está lindo, Fanny — respondi, com toda a sinceridade possível.

Depois que ela fechou a porta, perambulei pelo quarto e sentei na beirada da cama. Passei um longo tempo ali, até que, acabrunhada pela solidão, aproximei-me da janela. Meu quarto era contíguo aos aposentos da D. Martha e, quando olhei para o familiar quintal, havia luar suficiente para eu ver a casa da cozinha e a trilha que levava à cabana da Mama e do Papa. Discerni o estábulo e os celeiros e, quando pensei ver fumaça subindo de uma chaminé do alojamento, respirei fundo.

— Estou em casa — murmurei, abraçando meu tronco. — Estou em casa.

Mais tarde nesta noite, quando eu já estava deitada, o Marshall entrou no meu quarto. Estivera bebendo desde o jantar e era fácil perceber que tinha exagerado. Entrou segurando uma taça de conhaque pela metade e, ao caminhar para mim, tropeçou e derramou boa parte dela numa das poltronas de seda vermelha. Eu teria corrido para limpá-la, mas algo me disse que era melhor deixar isso para lá.

Senti-me tensa, pois ainda não tivéramos nenhuma intimidade. Perguntei-me se ele seria tão virginal quanto eu, porém, quando tirou a roupa e me puxou para si, não perguntei mais nada. O ato foi rápido e bruto e o Marshall não demonstrou a menor ternura, mas depois, quando baixei a camisola, ele deitou a cabeça na minha barriga e, embriagado, pediu-me perdão. Corri os dedos por seus cachos e lhe afaguei a cabeça, acalmando-o até ele dormir. Queria desesperadamente escapular, correr à casa da cozinha para ver a Belle, mas não o fiz. É verdade que tive medo de acordar meu marido, mas houve outra razão, uma razão que me havia perseguido durante todo o ano anterior. Eu não suportaria ver o Will Stephens dividindo a casa da Belle.

Fiquei sentada, acordada, vendo a luz da lareira se apagar. Tragada pela escuridão, admiti para mim mesma que, ao pensar que este casamento me devolveria a minha família, talvez eu houvesse cometido um erro terrível.

Quando acordei na manhã seguinte, já tarde, vi que o Marshall havia deixado um bilhete, dizendo que ele e o Will Stephens tinham ido inspecionar a fazenda. Voltaria para almoçar comigo às duas horas.

Vesti-me depressa e fui direto ao quarto da D. Martha. A Mama Mae encontrou-me na sala azul e se pôs a me paparicar, me mandando descer para comer, ou será que eu queria uma bandeja ali em cima?

— Pare, Mama, por favor. Não se incomode comigo. A senhora sabe que posso cuidar de mim.

— Oê me chama de Mae — disse ela, com firmeza.

Não respondi.

— Como está a D. Martha? — perguntei.

— Vem ver oê mesma.

A D. Martha já estava sentada numa poltrona, com a Sukey penteando seu cabelo. Havia uma bandeja afastada de lado e, a julgar pelas aparências, a paciente já comera um bom desjejum.

— Isabelle — disse, ao me ver, e fiquei encantada ao notar como parecia alerta e feliz.

Fui até lá e lhe dei um abraço. Depois, passei o braço em volta dos ombros da Sukey:

— Olá, neném — falei, e ambas rimos e nos abraçamos. — Mama — perguntei — , a senhora se importa de nos liberar por algum tempo, para irmos à casa da cozinha?

A Mama não respondeu.

— Mama? — repeti.

— D. Abinia, a senhora me chama de Mae.

Fiquei firme.

— Não, Mama, não vou fazer isso.

Eu nunca a havia desafiado, e nós duas nos olhamos, surpresas.

Ela deu meia-volta e foi para a sala azul; eu a segui, deixando a Sukey e a D. Martha no quarto.

— Ocê me chama de Mae — disse ela.

— Não.

— Criança, eu criei ocê, e tô dizendo que ocê vai me chamar de Mae!

— Não, Mama — pedi.

Ela se sentou numa cadeira e esperou um pouco antes de levantar os olhos para mim.

— Por que ocê tá fazendo isso comigo, criança?

— Porque a senhora é a Mama.

Desatei a chorar, com as lágrimas alimentadas pela tensão do dia e da noite anteriores. Ela se levantou e me acolheu em seus braços abertos.

— Nada é igual ao que era, Mama! — exclamei. — Nada é igual ao que era!

Ela tirou do bolso um lenço áspero e enxugou meu rosto, dizendo:

— Tudo vai dá jeito. Percisa de tempo, só isso. Agora, vai. Leva a Sukey até a cozinha, que eu fico aqui. Tem alguém lá esperando ocê.

Saindo do pomar, Belle vinha equilibrando um grande cesto de maçãs no ombro. Um garotinho de 4 ou 5 anos corria em volta dela, jogando uma maçã para cima. Hesitei, depois apertei o passo. Quanto me avistou, ela pôs a cesta no chão, chamou meu nome e correu para me receber. Ficamos abraçadas até ela me afastar, para ver quanto eu havia crescido. A Sukey trouxe o menininho para mim.

— Ocê conhece o Jamie? — perguntou, puxando-o para a frente.

— Ora, conheço, sim, com certeza — respondi.

Eu o conhecera quando bebê, mas, ao me agachar, mal pude acreditar no que vi. Seu cabelo louro-escuro tinha um ondulado suave, e os olhos azuis me fitavam num rosto que poderia ter sido o do

Campbell. No entanto, notei de imediato que o olho esquerdo era enevoado e, por seu jeito de inclinar a cabeça para me olhar, ficou claro que ele tinha uma deficiência da visão.

— Olá, Jamie — falei, segurando-lhe a mão. — Da última vez que o vi, você era só um tiquinho de gente.

Ele se afastou de mim e correu para a Belle, que lhe afagou a cabeça. — Ele nunca viu uma dama — explicou.

Mandou-o na frente com a Sukey, passou o braço pelo meu e seguimos juntas para a casa da cozinha. A Beattie estava preparando o jantar. Continuou seu trabalho ao entrarmos, mas, quando me ofereci para ajudar, convidou-me a sentar. Logo depois, a Fanny chegou da casa-grande, onde a Mama Mae a havia liberado dos seus afazeres para que ela pudesse participar do nosso reencontro. Sukey sentou-se ao meu lado e pus o braço nos seus ombros, enquanto ela me enlaçava a cintura. Senti por ela a ternura que sentiria por uma filha minha.

Não demorou para começarmos todas a falar ao mesmo tempo, e a cozinha logo sacudiu com as nossas risadas. E assim, ali, na casa da cozinha, finalmente senti um pouco daquilo por que havia ansiado. Mas não durou.

A Mama estava sem fôlego quando apareceu à porta:

— Venham — disse, fazendo-nos um aceno e olhando para trás, na direção dos celeiros. — Eles vortô e o sinhozinho Marshall vai chegar logo.

Foi impossível não perceber o nervosismo na voz dela, e todas reagimos prontamente. A Beattie e a Belle voltaram para seu trabalho na cozinha, enquanto a Fanny, a Sukey e eu fomos depressa atrás da Mama Mae, de volta à casa-grande.

CAPÍTULO 38

Belle

QUANDO A LAVINIA ERA pequena, toda vez que a gente se virava, lá estava ela vomitando. Era só alguém lhe dar uma olhadela esquisita pra comida voltar. Na maior parte do tempo, a Mama e eu achávamos que ela não ia viver até a idade adulta. Como foi que essa garota voltou, bonita do jeito que está, não sei. Agora, é mais alta do que eu. Tem um porte ereto e, quando anda, é quase como se deslizesse com os pés acima do chão. Os ossos ainda dão a impressão de que podem facilmente quebrar, mas ela encorpou o bastante pra parecer uma mulher. O cabelo escureceu, mas ainda é ruivo, quanto a isso não há dúvida. Ela fala como antes, baixo e com um jeito manso, mas agora tem um modo de dizer as coisas que faz a gente saber que está diante de uma dama. A Mama disse que é difícil acreditar, mas que, se a gente a vê ao lado da D. Martha, a não ser pelos olhos, a Lavinia é igualzinha a ela.

Na primeira vez que vi o Marshall, ele estava indo para os celeiros, e dei um pulo pra trás pra ele não me ver. A Sukey e o Jamie estavam brincando lá fora, e o Marshall foi direto na direção deles. Não disse nada, ficou só olhando pro Jamie, como se não acreditasse no que via. Sei que é como se estivesse olhando para ele mesmo. Saí e chamei o Jamie pra ele entrar na casa da cozinha. O Marshall levantou a cabeça e viu o menino correr pra mim. Minhas mãos tremiam tanto que mal conseguiram fechar a porta. Aí, tive que me sentar. É assim que esse homem me apavora.

Sei que vou para a fazenda do Will, mas, enquanto não chego lá, durmo com um olho aberto e a faca de cozinha embaixo da cama. Sei que a Mama e o Papa querem que eu e o Ben saíamos daqui antes que aconteça alguma coisa. O Ben não pensa como o Papa. O Papa diz que ele tem que saber o lugar dele, mas o Ben diz que sabe muito bem qual é o lugar dele, e não é embaixo de nenhum branco que não aja direito.

Faz só uns dias que o Marshall está em casa, mas já deixou todo mundo no desassossego. Como quando a gente sabe que vem uma

tempestade e vai cair um raio.

CAPÍTULO 39

Lavinia

NO ALMOÇO DO NOSSO segundo dia, fiquei alarmada com o mau humor do meu marido. Enquanto o tio Jacob servia em silêncio a comida deliciosa que a Belle e a Beattie haviam preparado, tentei comer. Por fim, com o estômago embrulhado, baixei os talheres e comecei a alisar nervosamente o pesado guardanapo de linho que me cobria o colo, ouvindo com crescente apreensão os resmungos do meu jovem marido. O Will Stephens, no dizer dele, fizera um estrago na fazenda. Ah, o Stephens era muito bom em matéria de lábia, e tinha enganado o tio Madden em Williamsburg, mas bastava examinar em pessoa para ver como o lugar tinha sido mal administrado. Marshall só se interrompeu uma vez:

— Jacob — instruiu — , traga-nos outra garrafa de vinho.

Vi uma expressão momentânea de surpresa no rosto do tio Jacob. Peguei a mão do Marshall.

— Será que isso não pode esperar até o jantar, logo mais? — perguntei, mas, quando ele retirou a mão às pressas, percebi meu erro.

Quando o tio Jacob se retirou para ir à adega, Marshall virou-se para mim, com o rosto tenso.

— Nunca mais me contradiga, Lavinia.

— Marshall, não tive a intenção...

— Não me interessa qual foi sua intenção — ele me interrompeu. — Você é minha mulher. Você não me questiona!

Examinei seu rosto enfurecido e não vi margem alguma para a ponderação. Quando o tio Jacob voltou com o vinho e começou a servi-lo, o Marshall insistiu em que ele também enchesse minha taça. Bebeu duas em rápida sequência, recostou-se e ficou a me observar, depois de mandar o tio Jacob encher sua taça pela terceira vez. Nervosa demais para introduzir outro assunto, fiz um esforço para voltar a comer. Quando um de meus talheres arranhou acidentalmente a porcelana, dei

uma olhadela para pedir desculpas e me surpreendi ao ver que o humor do meu marido havia mudado. Ele me deu um sorriso amável, ergueu a taça e fez sinal para que eu o acompanhasse.

— Vamos fazer um brinde, Lavinia.

Forcei-me a sorrir, erguendo minha taça junto à dele.

— A nós, Lavinia. Que sempre sejamos felizes assim.

Marshall não foi ao meu quarto nessa noite, mas o fez na seguinte e, mais uma vez, estava embriagado. Não foi gentil e o ato não foi prazeroso para mim. No entanto, eu conhecia minha responsabilidade e não me passou pela cabeça rejeitá-lo.

Na verdade, eu tivera a esperança de que nossa união sexual pudesse ser um modo de estabelecer um laço mais estreito. No entanto, logo percebi que, para o Marshall, aquele não era um ato de intimidade. Era, antes, uma função a ser exercida quando ele estava ébrio. Nas semanas seguintes, quando me procurava, ele não ficava para passar a noite, mas saía logo depois de terminar. E então, sozinha, eu permanecia acordada, pensando no que teria acontecido com o Marshall que eu conhecera em Williamsburg.

As manhãs eram seu melhor momento. Marshall se levantava cedo, ansioso por começar o dia e cheio de ambição, mas começava a beber na hora do almoço e, em geral, seu humor azedava. Sua frustração raramente dizia respeito a mim, porque eu adivinhava suas necessidades e sempre assentia, quando necessário. Com o passar dos dias, entretanto, sua raiva do Will Stephens sofreu uma escalada.

Passei a temer nossos almoços diários, quando começavam as chuvas de impropérios contra o Will. Eu me consolava com a segurança da presença constante do tio Jacob na sala de jantar, e também com a da Beattie, que entrava para servir a comida. Muitas vezes, ao retirar ou colocar um prato, ela roçava minha mão ou atraía o meu olhar, e eu me lembrava de que não estava só.

Semanas depois do nosso regresso, a Beattie usou o medalhão de ouro que eu lhe trouxera de presente de Williamsburg. Marshall o

notou e, depois de algumas taças de vinho, perguntou em tom amistoso quem o dera a ela.

— D. Lavinia — disse a Beattie, orgulhosa.

— D. Lavinia? — repetiu ele, virando-se para mim. — E de onde a sua patroa tirou dinheiro para um presente tão fino?

— De você, Marshall — respondi, sorrindo. — Do dinheiro que você me deu em Williamsburg. Você disse que eu podia comprar os presentes que quisesse.

A expressão dele tornou-se dura.

— Naturalmente, presumi que você estivesse fazendo referência a meus tios ou à Meg.

— Mas você disse...

— E quem mais nesta casa se beneficiou da minha generosidade?

— Marshall, por favor, você está me constrangendo.

— Quem mais? — gritou ele.

Balancei a cabeça, recusando-me a responder.

— Dê-me isso — ele ordenou à Beattie, que tirou o presente com dedos trêmulos. Marshall o enfiou no bolso do colete e se levantou para me dar uma última ordem: — Você jamais comprará presentes para os criados sem a minha aprovação. Eles são seus criados! Pelo amor de Deus, Lavinia! Tente pôr-se à altura da sua nova posição!

Depois que ele saiu da sala, Beattie e eu nos olhamos, ambas abaladas. — Sinto muito — falei.

— Tá tudo bem, D. Abinia — disse ela, tirando a mesa, e se retirou da sala.

Sentada ali, sozinha, lembrei-me do dia em que a D. Martha tocara cravo para mim pela primeira vez. Ela havia falado da solidão e, nesse dia, compreendi sua situação como nunca a compreendera antes. Diante dessa lembrança, porém, tomei a decisão de estabelecer um relacionamento melhor com meu marido e de resgatar a amizade que

tivéramos em Williamsburg. E então apelaria para ele, em prol das necessidades da minha família.

A Mama Mae procurou me orientar no meu papel de senhora da casa. Sua ideia foi reservarmos um tempo para fazer um inventário, passar por cada um dos cômodos e esvaziar guarda-roupas e cômodas, gavetas e armários de roupa de cama e mesa, e fazer um rol completo dos pertences da residência. Ela sugeriu que eu falasse com o Marshall sobre essa tarefa, para ele saber como eu gastava meu tempo. Assim fiz e, ao ver a aprovação dele, percebi que a Mama compreendia o meu papel, e talvez o meu marido, melhor do que eu. Em pouco tempo, boa parte do meu dia passou a ser tomada pelo esquadrinhamento da casa.

Eu ajudava a cuidar da D. Martha e, na parte da tarde, comprazia-me em ler para ela. Em certas manhãs, depois de ter certeza de que o Marshall havia saído do terreiro, corria a fazer uma visita rápida à casa da cozinha. Sabia que essas ocasiões deixavam a Mama inquieta, mas eu ia, assim mesmo, sempre na esperança de encontrar a Belle sozinha. Era ela que eu achava que poderia responder às perguntas íntimas que eu tinha sobre o meu casamento; no entanto, nas poucas vezes que a vi, sempre havia outras pessoas conosco, cobrindo-me de perguntas sobre minha vida em Williamsburg.

Mal fazia um mês que voltáramos para casa e já se estabelecera uma rotina de bebedeiras no almoço. Sem o meu conhecimento, Marshall devia ter me observado numa visita matinal à casa da cozinha. No almoço desse dia, ele fez sinal para que o tio Jacob tornasse a encher seu copo e segurou minha mão.

— E então, Lavinia — perguntou, não sem amabilidade — , o que você fez hoje?

— A Mama e eu estamos fazendo um inventário do quarto de crianças — apressei-me a responder.

Marshall apertou minha mão e, tarde demais, percebi a armadilha.

— Mas você esteve na casa da cozinha. Não a quero por lá. Está entendendo?

Tentei puxar a mão, mas ele continuou a apertá-la com força. Seus olhos brilhavam com meu incômodo.

— Mas a Mama e eu... — murmurei, com uma olhadela para o tio Jacob.

— Mama — Marshall cuspiu a palavra. — Você é minha mulher. Para você, ela é a Mae!

— Marshall! Você está me machucando...

Ele continuou a apertar e arquejei de dor, tentando soltar a mão.

— Eu disse para você chamá-la de Mae! Está me ouvindo?

— Sim — gemi.

Quando o tio Jacob se retirou da sala, tive vontade de gritar que não saísse, mas não me atrevi. Por sorte, o Marshall tinha me soltado quando ele voltou. Fiquei lá, aturdida, com a mão latejando, enquanto meu marido voltava a comer.

De repente, a Mama irrompeu sala adentro:

— Licença, sinhô Marshall! D. Abinia, perciso da sinhá pra ajudar com a D. Martha!

Quando ela disparou da sala, levantei-me, alarmada.

— Tenho que ir — disse, e a segui depressa.

Subi a escada correndo atrás dela e, ao chegarmos à sala azul, ela se apressou em fechar a porta e me mandou entrar no quarto, ficando para trás. A D. Martha, sentada em sua poltrona, deu-me um sorriso contente. A Fanny estava junto dela, mas me examinava com expressão angustiada.

Nós três tivemos um sobressalto ao ouvir batidas altas que vinham da sala azul. A Fanny e eu corremos até lá, onde encontramos a Mama dando com uma cadeira no chão.

— Mama! — exclamei, sem conseguir imaginar o que ela estava fazendo.

Ela levou o dedo aos lábios, depois sussurrou para a Fanny e eu voltarmos depressa para o quarto.

— Assim — disse, batendo com os dois pés. — Vão, vão — ordenou, com um aceno.

A Fanny correu, pisando duro, e eu me perguntei se as duas tinham enlouquecido. O tio Jacob bateu à porta:

— Nhô Marshall quer saber se tem que chamar o dotô.

— Não — retrucou a Mama. — Diz a ele que a gente só precisa de um tempinho, só isso.

Quando ela se aproximou de mim, levantou meu braço para examinar minha mão inchada, e finalmente compreendi.

— Vamos ter que botar isso na água — falou.

— Como a senhora soube? — murmurei.

— Ele toca aquilo — respondeu ela.

Apontou para a tapeçaria e a campainha penduradas ao lado da cama da D. Martha. Eu sabia que havia um sistema de comunicação em toda a casa, mas, na minha experiência, ele nunca fora usado.

— Quando isso toca mais de uma vez, a gente sabe que o tio Jacob tá chamando. Nós tá sempre aqui pra ajudar. — A expressão firme da Mama reteve o meu olhar. — Tá entendendo? — perguntou.

Fiz que sim.

Ela alisou minha mão:

— Por que ele fez isso?

— Não devo ir à casa da cozinha — respondi, prendendo o choro. — E tenho que chamar a senhora de Mae.

A Mama me olhou longamente, e as lágrimas não derramadas me arderam na garganta.

— É só um nome — disse ela — , mas, quando ocê me chama de Mama, isso diz muita coisa. Ocê me chama de Mae, que eu venho tão depressa como se me chamar de Mama. Com o Papa é a mesma coisa, ocê chama ele de George. Pra ocê ele é o Papa, nós sabe disso, mas num é assim que nhô Marshall vê as coisa.

Quando consegui falar, dei à Mama minha palavra de que faria o que ela estava pedindo.

A vida tornou-se cada vez mais inquietante com a aproximação do inverno. Marshall continuou a beber demais no almoço, e eu já não me atrevia a ir à casa da cozinha para ver a Belle.

Quase sempre, depois de embriagado, o foco do Marshall voltava-se para o Will Stephens. O desentendimento final entre os dois ocorreu num dia de abate de porcos, no início de dezembro. O Will parecia haver prometido a todos um banquete de carne de porco fresca e um gole de conhaque, quando eles terminassem. Marshall fez objeções vigorosas, vendo naquilo uma extravagância, apesar de o Will dizer que era algo que os trabalhadores não apenas esperavam, como também mereciam. O Marshall citou isso como exemplo dos excessos do Will e de sua má administração da fazenda. Quando chegou para o almoço nesse dia, bebeu muito e comeu pouco. Tentei acalmá-lo, mas meus comentários só pareceram alimentar sua agitação. Por que eu estava defendendo o Will

Stephens e indo contra meu próprio marido? Será que era com o Will Stephens que eu me preocupava mais?

Meu rosto enrubesceu ante essa sugestão e, com isso, dei mais combustível ao Marshall.

— Pois então! Quer dizer que você está interessada no Will Stephens, é isso?! — gritou.

Continuei calada, mas não tinha como controlar o rubor do rosto. Só tinha visto o Will Stephens duas vezes desde a minha chegada, ambas quando ele ainda era empregado do Marshall. A primeira vez fora cedo, numa manhã, quando mal fazia uma semana da minha volta. Eu estava escovando o cabelo da D. Martha enquanto a Fanny trocava a roupa de cama. Tinha me virado para abrir as venezianas e deixar entrar toda a luz do sol, quando avistei o Will saindo do estábulo. Estava com o Ben e os dois riam. Uma fúria que eu raras vezes havia sentido tinha me inundado e, ao voltar para a D. Martha, eu mal conseguira controlar minha raiva. Como é que ele ousava estar tão feliz? Fanny percebeu e foi até a janela, para dar uma olhadela lá fora.

— É o Will Stephens andando com o Ben — disse, sem rodeios, como que intrigada com o que me afetara tanto.

— Pelo amor de Deus, Fanny! Qualquer um enxerga isso.

— Você lembra do que dizia quando era pequena?

Calei-me, pois lembrava muito bem.

— Você sempre dizia que ia casar com aquele homem. — Fanny riu.

— Eu era uma menina idiota!

A Fanny parou de rir.

— Nem tão idiota, talvez. O Will Stephens é um bom homem.

— Ah, tenha santa paciência! Será que temos de falar dele o dia inteiro? Fanny, que não era dada a conter suas palavras, olhou bem para mim, porém não disse mais nada.

A segunda ocasião em que eu vi o Will Stephens tinha sido algumas semanas depois. Escurecia. Eu estava de novo na janela, dessa vez estudando o lilás, rosa e azul do céu, quando o Will entrou no meu campo de visão. Senti-me enfraquecer à visão dele. De ombros fortes e costas eretas, ele caminhava com o andar de um homem seguro de si. Dirigia-se à casa da cozinha, onde calculei que a Belle e o filho dele o esperassem. Passei a noite a odiá-lo, mas me consolei depois de me decidir por um plano de vingança. Jurei que, quando enfim ficasse frente a frente com o Will Stephens, eu ergueria a cabeça e olharia através dele, como se ele não existisse.

Mas não tive essa oportunidade, porque, no dia desse almoço, ele e o Marshall tiveram uma altercação que terminou com a partida do Will para sua fazenda.

À mesa, percebi que haveria encrenca quando o Marshall saiu para descontar sua raiva no Will, que estava trabalhando no terreiro da cozinha com o pessoal do alojamento. Quando a discussão entrou numa escalada e chegou ao clímax, o Marshall esmurrou o Will e o derrubou no chão.

Foi o Papa George quem interveio e, de algum modo, convenceu o Marshall de que o trabalho do dia poderia terminar sem ele. E foi o

Papa quem o levou de volta para casa e o instalou junto à lareira, no estúdio, na companhia de uma garrafa de conhaque.

Logo cedo, na manhã seguinte, o Papa George chegou à casa-grande com uma notícia espantosa. Durante a noite, o Will Stephens tinha feito as malas e partido para sua fazenda, levando consigo a Belle e o Jamie, assim como o Ben, a Lucy e seus dois filhos.

Fumegando de ódio, o Marshall partiu para a cidade. A Mama e eu estávamos na janela do quarto quando ele voltou, mais tarde. O xerife o acompanhava, mas o que me assustou foi ver outro cavaleiro ao lado do meu marido. Era ninguém menos que o seu velho amigo Rankin. Eu já ia saindo da janela quando a Mama deixou escapar um arquejo. Tornei a olhar e, dessa vez, vi um garotinho sentado num cavalo na frente do xerife. Era Jamie, o filho da Belle. Segui o conselho da Mama e fiquei com a D. Martha, enquanto ela saía correndo de casa para tirar do cavaleiro o menino em prantos.

Fui solicitada a partilhar o almoço com esses homens. Enquanto a Beattie e o tio Jacob nos serviam, nós três os ouvimos contar como haviam tirado o menino da mãe desesperada. Marshall alegou que o Will havia rompido seu contrato e que, além disso, o Jamie, pelo menos, era sua propriedade. Ao ver o prazer do meu marido, perguntei a mim mesma se teria sido isso que ele havia planejado desde sempre.

Quando não suportei mais, declarei que estava com dor de cabeça e pedi licença para me retirar. Já fora da sala de jantar, escapuli pela porta dos fundos e corri à casa da cozinha. A Mama franziu a testa quando apareci. A Sukey estava sentada num banco, segurando o Jamie no colo. O garotinho dormia com o dedo na boca, tão esgotado por sua provação que não se perturbava com seus próprios soluços altos.

— O que posso fazer? — perguntei à Mama.

— É melhor ocê voltar — respondeu ela.

— Deve haver algo que eu possa fazer, com certeza.

A Mama não teve resposta, mas, para meu alívio, disse ter mandado avisar à Belle que o Jamie estava em segurança. Contei-lhe a

minha suspeita de que tudo isso tinha sido manobra do Marshall, porque ele conhecia a lei.

— O Will sem dúvida vai fazer alguma coisa logo — afirmei, para tranquilizar a nós duas. — Com certeza, não vai deixar o Marshall ficar com o filho dele.

A Mama lançou-me um olhar severo.

— Que foi que ocê disse?

— O Will Stephens. Se bem o conheço, ele vai lutar pelo filho.

Os olhos da Mama se estreitaram.

— O que ocê quer dizer? — indagou, franzindo o cenho e me fitando com ar incrédulo. — Quer dizer que ocê tá pensando...

Interrompeu-se de estalo quando o Marshall apareceu à porta. Ele não perdeu tempo, vindo direto para mim e me agarrando pelo braço:

— Bem, vejo que você se recuperou — disse. Olhou para a Sukey e para o

Jamie, ainda adormecido, depois fuzilou a Mama com o olhar. — Que bobagens eram essas que você estava dizendo à minha mulher?

Ela baixou a cabeça, mas não antes que eu visse seu medo.

— Nhô Marshall, num sei de falar bobagem nenhuma, não sinhô.

O Marshall torceu dolorosamente o meu braço ao me arrastar da cozinha. Tornou a se virar para a Mama:

— Eu vendo qualquer um que levar esse tipo de conversa à casa-grande. Meu braço queimava.

— Marshall, você está me machucando — falei, tentando me soltar.

Olhei para a Mama em busca de ajuda, mas ela estava de cabeça baixa, e pela primeira vez vi a verdadeira extensão do seu desamparo.

Tínhamos poucos meses de casados e eu já sabia como era conturbada essa união. Na aflição de consertar as coisas, redobrei os esforços para conquistar a boa vontade do meu marido. Quando estava com o Marshall, eu procurava dar a impressão de não atentar para ninguém senão ele. Já não conversava abertamente com ninguém,

esperando por momentos roubados para me inteirar das últimas notícias ou saber de alguma pequena necessidade que eu pudesse satisfazer. Era da Beattie que eu me sentia mais próxima; era ela quem melhor compreendia o meu dilema, pois o testemunhava diariamente na sala de jantar. A Fanny cuidava principalmente da D. Martha e, embora eu soubesse que ela se importava, mantinha-se distante de mim.

O Jamie permaneceu na casa da cozinha, e muitas vezes houve necessidade de que a minha amada Sukey ficasse lá para cuidar dele. Não me atrevi a ir lá ver pessoalmente, mas logo tomei conhecimento da preocupação de todos. A Beattie me confidenciou que o Jamie sempre tivera um apego incomum à Belle. Agora, sem ela, contou-me, o menino estava ficando cada vez mais retraído.

Fingi desinteresse ao saber por meu marido que o Will Stephens dera entrada num processo no tribunal, na tentativa de retomar o menino. Por dentro, temi que o conhecimento das leis que o Marshall possuía lhe permitisse vencer a batalha. Eu só podia imaginar o desespero da Belle. Ansiava por minimizá-lo, por lhe mandar palavras de alívio, mas sabia como a situação era delicada e, com certeza, sabia não estar em condições de pleitear que o filho dela fosse libertado.

Não fiquei surpresa quando o Rankin foi trazido de volta como capataz. Sua atitude para comigo, na presença do Marshall, era quase obsequiosa. Longe do meu marido, porém, ele deixava claro que me considerava de pouca importância.

Incentivei o Marshall a conversar comigo sobre a fazenda, a me contar seus planos para o futuro. Um dia, ele me informou que havia decidido, junto com o Rankin, abandonar a diversificação da lavoura, método que o Will Stephens havia incorporado, e voltar a cultivar apenas tabaco. Na ânsia de demonstrar interesse, cometi um erro e lhe perguntei se não o preocupava que o cultivo contínuo do mesmo produto viesse a esgotar o solo. No mesmo instante, Marshall ficou indignado e me acusou de defender o Will Stephens e a sua maneira de fazer as coisas. Não foi a primeira vez que o vi enciumado, e comecei a me perguntar se, lá em Williamsburg, ele teria adivinhado meus

sentimentos pelo Will. Asseverei-lhe a minha lealdade, mas ele encerrou a conversa, dizendo-me para cuidar da casa e deixar os negócios por sua conta. Ciente de haver chegado a um impasse, concordei. Depois disso, mantive leves e superficiais as minhas conversas com o Marshall.

Com suas doses programadas de láudano, os dias da D. Martha tinham se transformado numa rotina. O que era entediante para mim lhe proporcionava estrutura e equilíbrio. A Mama Mae a incentivava a caminhar e, embora ela se cansasse com facilidade, com o tempo, foi ganhando mais firmeza nos pés.

A Mama, a Fanny e a Sukey dividiam os cuidados com ela, e adquiri o hábito diário de ir vê-la logo de manhã e no fim da tarde. Continuei a ler para ela e, em outros momentos, sentava-me à sua cabeceira para fazer minhas costuras. Agora a D. Martha falava, às vezes até usando frases inteiras, embora sua mente apenas pairasse sobre a realidade. Para ela, continuei a ser Isabelle, e era quem a acalmava com mais facilidade quando ela se agitava.

Fazia alguns meses que estávamos em casa quando o médico chegou para uma visita de rotina a D. Martha. Eu me lembrava bem do Dr. Mense, dos meus tempos de menina; era o mesmo médico que havia cuidado do capitão, durante sua doença, e da D. Martha, antes de ela partir para Williamsburg. Desde a última vez que eu o vira, seu cabelo havia ficado branco como a neve. Se ele se lembrou de mim ou fez alguma reserva à minha nova posição, não o demonstrou. Após seu exame, instruiu-me: “ Continue a fazer o que está fazendo” , embora a Mama Mae e a Fanny estivessem presentes.

Como o almoço já ia ser servido, convidei o Dr. Mense a compartilhá-lo conosco, o que ele aceitou prontamente. Quando o Marshall juntou-se a nós, apesar de surpreso ao ver nosso convidado, não pareceu insatisfeito. Enquanto almoçávamos, o Dr. Mense lhe comunicou suas constatações. Apesar de não ter feito uma só visita à mãe desde a nossa chegada, Marshall deu a impressão de estar envolvido e a par da doença da D. Martha. Agradeceu ao médico e deixou claro que atribuía a mim todos os méritos pela melhora de sua

mãe. Quando expressou sua apreciação, seus olhos pousaram em mim, mas eu já não tinha certeza de sua sinceridade.

CAPÍTULO 40

Belle

O MARSHALL SABIA O que estava fazendo quando levou meu menino. Se um sujeito tira o filho de uma mãe, não há mais nada que possa fazer a ela.

O Will Stephens disse que fará tudo que puder pra trazer o Jamie de volta. Ele disse:

— Faça o que fizer, Belle, não volte lá. Ele está à sua espera. Se você estiver na propriedade do Marshall, não poderei protegê-la como quando você está aqui.

Minha cabeça não se mexe. Fica parada lá. Só consigo ver o meu Jamie gritando. Faz dois dias e duas noites que não choro, não falo.

Quando o Ben veio, ele disse:

— Não se amofina, Belle. Ocê sabe que a Mama tá cuidando bem do Jamie.

Só fiz olhar pra ele. Não disse nada, porque, se dissesse, ia ser: “ O que é que você entende disso? Você continua com os seus dois meninos! Quem sabe você dá um dos seus filhos pro Marshall, que é pra eu pegar o meu Jamie de volta?” Mas não falei nada. Só disse pra ele ir embora.

Aí veio a Lucy. Foi a primeira vez que veio à minha casa da cozinha.

— Belle — disse ela— , eu sei que ocê e eu, cada uma tem um lado do Ben, puxando pra lá e pra cá. Mas aqui, na casa do Will Stephens, nós duas tem que fazer força pra se entender. Sei o que o Jamie é pr’ ocê. Se tirarem meus menino, é que nem tirar minha vida. Eu tô aqui pra ocê saber que agora eu tô do teu lado.

A Lucy é gorducha que nem a Mama e, quando passou os braços em volta de mim, comecei a chorar. Chorei pelo Jamie. Depois, também chorei pela Mama e pelo Papa. Chorei pela minha casa da cozinha, chorei até pelo capitão.

— Foi tudo embora — falei. — Foi tudo embora.

— Não — disse a Lucy. — O Jamie inda tá aqui. A Mama e o Papa também.

Eles só tá morando do outro lado das árvore. Ocê tem que levantar a cabeça, Belle. Porque o seu menino vai vortá, com certeza, e quando vortá, vai percisar de ocê forte.

Quando escureceu, o Ben veio de novo me procurar. Disse que a Lucy o mandou pra mim. Que disse que eu precisava dele. Talvez eu tenha entendido mal a Lucy esse tempo todo.

Na mesma noite, o Papa George veio aqui, margeando o riacho. Veio depressa, bufando e tendo que se sentar pra poder falar.

O Ben disse:

— Papai, da próxima vez que tiver novidade, talvez ocê deva mandar o filho da Ida, o Eddy. Ele conhece o caminho e, se for apanhado, sabe calar a boca.

O Papa respondeu:

— Fio, ocê tá dizendo que eu tô ficando muito velho pra vim aqui?

O Ben disse:

— Papai, eu tô dizendo... bom, é, acho que tô dizendo que ocê tá ficando velho.

Os dois riram como velhos amigos. O Papa falou:

— Belle, o Jamie tá muito bem. Todo mundo tá cuidando dele. O Marshall não tem nada a ver com ele. Agora a Beattie tá morando na casa da cozinha e fica com a Sukey e o Jamie. Tá todo mundo vigiando o Jamie.

Depois, ele baixou os olhos, remexeu as mãos e disse:

— Mas o Rankin vortô. Lá no alojamento, eles tá tudo percurando ficar um passo à frente daquele diabo. E a Abinia tem os pobrema dela na casa-grande. O Marshall tá bebendo pra danar.

Depois que o Papa me disse que o Jamie estava bem, eu me acalmei um pouco. Vou esperar pra ver como ficam as coisas. Mas é claro que, se o Jamie não voltar, eu mesma vou lá buscá-lo, e aí pego ele e fujo.

No dia seguinte, voltei ao trabalho e montei esta casa da cozinha. O Ben e a Lucy têm a cabana deles, e os dois vão trabalhar no campo. Will Stephens está construindo a casa-grande. Quando ele terminar, talvez eu pergunte se a Lucy pode trabalhar na casa-grande comigo.

Trabalhei duro e aí, depois de uma semana, não aguentei mais e fui ver o meu menino. Segui a água do rio, passei pelo alojamento e fiquei agachada entre as árvores. E lá estava o meu menino de 4 anos, sentado junto da casa da cozinha, olhando em volta, como se quisesse a sua mãe. Mordi a mão pra não chamar “ Jamie, Jamie, estou aqui” , mas, justo nessa hora, a Sukey saiu pra lhe dar uma coisa pra beber. Ela estava brincando com ele quando vi o Marshall, lá para os lados do estábulo. A Sukey também o viu e levou o Jamie bem depressa pra dentro da casa da cozinha, e fechou a porta.

Na volta, quase não consegui andar, de tanto que chorava. Mas então me lembrei de uma coisa. Sei onde o Papa George guarda a espingarda, lá no celeiro, e sei onde ele guarda a chave. Isso me acalmou. Se o Marshall fizer alguma coisa com o meu menino, pode escrever que ele está morto.

CAPÍTULO 41

Lavinia

ASSUMO PLENA RESPONSABILIDADE PELA relação que se desenvolveu entre a D. Martha e o filho da Belle, o Jamie. Dei minha permissão no dia em que a Sukey perguntou se poderia trazê-lo com ela para a casa-grande. Ela sugeriu que o menino brincasse na sala azul enquanto me ajudava a cuidar da patroa.

Era agosto de 1802. Eu ainda não tinha um ano de casada, mas a Mama e eu desconfiamos que eu já estava esperando um filho. Enquanto os outros faziam a colheita da horta nesse outono, permaneci na casa-grande e assumi uma responsabilidade maior por cuidar da D. Martha. Pedi que a Sukey ficasse lá para me ajudar. Desde a minha chegada, era com ela que eu contava. Era ela que me amava como antes. Por mais que tentasse, eu não conseguia resgatar a amizade que um dia tivera com a Fanny ou a Beattie. Continuei a fazer investidas amistosas, mas as gêmeas permaneciam distantes. De inúmeras maneiras, procurei mostrar-lhes que eu não havia mudado, que as considerava minhas iguais, mas era evidente, desde o meu retorno, que elas me viam por um prisma diferente. Eu sentia uma solidão terrível e ficava tão grata pela amizade da Sukey que fazia tudo o que podia para atendê-la. Ela me recompensava com uma lealdade inabalável.

— D. Abinia, ele tá muito triste — disse, referindo-se ao Jamie. Seus grandes olhos negros mostravam-se tristonhos. — Quando eu tô aqui, ele só fica sentado lá.

— Pois então, traga-o com você — falei. — Vamos tirar uns brinquedos do berçário para mantê-lo ocupado na sala azul.

Fazia quase nove meses desde a captura do menino, e tanto a Beattie quanto a Mama haviam expressado preocupação com o retraimento dele, cada vez mais profundo. Jamie falava pouco, e o que mais as afligia era que rejeitava qualquer consolo da família.

— Ele culpa nós, acha que nós é que tamo deixando ele longe da mãe — disse a Beattie.

O Will Stephens não teve êxito em sua disputa jurídica para reunir a Belle com o filho, e o Marshall rejubilou-se no dia em que obteve a posse do garoto. Fiz uma tentativa de discutir com ele a libertação do Jamie. A raiva veemente que ele manifestou em relação ao meu pedido deixou claro que qualquer intercessão minha seria não apenas inútil, como também, se persistisse, poderia chamar atenção para o menino, que, de modo geral, o Marshall ignorava.

Já então eu compreendia plenamente a minha posição como esposa do Marshall. Tinha descoberto o que minha família sempre soubera: fingir ignorância poderia ser útil para mim. Aprendi a não reagir, a não externar minhas opiniões, e sim, com um sorriso ou um aceno de cabeça, a sugerir concordância com todos os planos do meu marido. Tornei-me reservada e não falei mais dos meus verdadeiros sentimentos.

Quando permiti a entrada do Jamie na casa-grande, pouco pensei no Marshall. Ele nunca visitava a mãe, e as únicas vezes em que se aventurava a subir eram as noites cada vez menos frequentes em que ia ao meu quarto.

Logo no primeiro dia, a D. Martha intuiu a presença de Jamie na sua antecâmara. Nas semanas anteriores, a Mama e eu tínhamos decidido reduzir a dose de láudano. Como resultado, embora houvesse uma lucidez emergente na nossa paciente, que se tornara fisicamente mais forte, ela também se mostrava mais inquieta e se agitava com mais facilidade. Nessa manhã, antes que a Sukey ou eu pudéssemos prever seu gesto, a D. Martha levantou-se da poltrona e foi até a sala azul. Parou ao ver o Jamie, depois se aproximou dele devagar. Ficou encarando o menino, que parecia poder ser um de seus próprios filhos, e depois se curvou até a altura dele.

— Quero a mamãe — pediu Jamie.

— Sim — disse ela, e o menino aninhou-se em seus braços abertos.

Nos dias posteriores, enquanto a D. Martha passava horas distraído o menino, sua agitação se reduziu notoriamente. Descemos do sótão muitos dos antigos brinquedos do quarto das crianças e, quando minha sogra se deitava para descansar, incentivava o Jamie a

levar os soldadinhos para brincar com ela. Tal como fizera com a Sukey, lia para o garoto, que não se aborrecia por ela repetir várias vezes as mesmas linhas. Era claro que se sentia seguro com ela e, em função da carência recíproca, os dois se tornaram apegados. No fim do outono, estavam tão íntimos que a D. Martha mandou trazer uma caminha do antigo berçário e o Jamie começou a passar as noites na sala azul.

A Mama não ficou à vontade com essa relação, mas sentiu alívio ao ver o Jamie recomeçar a comer e a dormir. Ele já não vivia implorando pela mãe e pareceu aceitar a D. Martha como substituta; talvez ela aplacasse a angústia do que ele vivenciava como o abandono da Belle. A D. Martha também se mostrou mais coerente e alegre do que nunca.

A Sukey e eu compreendemos o apego dos dois com mais facilidade que os demais. Eu tinha por ela uma afeição tão profunda quanto a que teria por uma filha, e sabia que ela retribuía meus sentimentos.

Eu estava descansando em minha cama no dia em que o Marshall fez uma visita inesperada ao quarto da mãe. Até hoje não sei por que foi até lá.

Talvez estivesse me procurando e tenha visto algo que o atraiu para o quarto da D. Martha. Ouvi sua voz e me apressei em ir para lá. Encontrei a

Sukey na sala azul, assustada, e a mandei buscar a Mama na casa da cozinha.

— O que vem a ser essa nova loucura? — perguntou o Marshall, vendo o

Jamie dormir na cama ao lado de sua mãe.

— Psssiu — fez a D. Martha.

Marshall deu um passo à frente, como se fosse tirar-lhe a criança. Jamie acordou e se agarrou a D. Martha.

— Meu senhor! Deixe-nos! — exclamou ela.

— Mamãe — gritou Marshall —, esse é o filho de uma negra!

— Ele é meu! — retrucou ela.

Corri para o lado do Marshall e toquei em seu braço:

— Deixe-a sossegada, Marshall, não a perturbe, por favor!

Ele girou na minha direção, com a mão levantada, e recuei de medo.

— Marshall! — gritei.

Ele parou e olhou ao redor, como se não acreditasse naquela cena. Segui-o quando saiu às pressas do quarto, mas ele se recusou a responder ao meu chamado. Nessa noite, não voltou para jantar em casa.

Já fazia alguns meses, e agora eu tinha certeza de que ia ter um filho. Marshall continuava irritado no almoço do dia seguinte, mas, antes que pudesse começar a esbravejar, informei-lhe da minha gravidez. Sua reação foi imediata. No mesmo instante, tornou-se terno comigo. Havia algo de que eu precisasse? Ele poderia mandar buscar alguma coisa em Williamsburg? Eu não tinha previsto essa reação e, para meu grande alívio, terminamos a refeição em paz, fazendo planos para nosso filho. Dei muitas graças pelo fato de, com a notícia da minha gravidez, o Marshall parecer ter se esquecido do Jamie e da D. Martha.

Depois desse anúncio — e, devo admitir, sem nenhum pesar da minha parte — , o Marshall não voltou mais ao meu quarto para qualquer intimidade conjugal.

Houve então uma mudança dentro de casa. Até o ar ficou carregado. Alguma coisa que não entendi aconteceu. Toda a minha família tornou-se mais reservada, mais retraída. A Mama Mae era a mais mudada. Andava desatenta e se irritava com facilidade. Já não dizia o que pensava com a mesma franqueza de antes, embora declarasse achar que o Jamie devia ser imediatamente retirado da D. Martha. Tola, não lhe dei ouvidos e insisti em que deixássemos os dois desfrutarem do consolo que encontravam um no outro. A Mama cedeu e procurei agradá-la de outras maneiras.

Beattie parou de vir da cozinha para a casa-grande. Quando eu perguntava por ela, a Mama Mae repetia a desculpa de que ela andava muito ocupada. Somente a Sukey não se alterou, e me agarrei a ela. Usei

minha gravidez como pretexto para tê-la comigo, e logo mandei trazer para um canto do meu quarto a outra cama do antigo quarto das crianças, para que ela a usasse. A Fanny ficou mais distante que nunca e, por isso, quando eu soube que queria permissão para pular a vassoura com o Eddy, o filho da Ida, lá do alojamento, fiquei ansiosa por ajudar. Para me agradar, o Marshall concordou com o casamento dela e com uma comemoração. A cerimônia foi marcada para o dia de Natal e tive muito prazer em organizar o evento.

Na verdade, à medida que minha barriga crescia, aumentava também a ternura do Marshall. Para meu alívio, ele não tornou a mencionar o Jamie nem fez outra visita à mãe. Embora continuasse a beber muito, seu mau comportamento perto de mim diminuiu, e nossos almoços transcorriam num clima mais sereno. Passei a ter esperança de que talvez nem tudo estivesse perdido, e comecei a me perguntar se nosso bebê seria um bálsamo para nosso casamento abalado.

Mas era engano meu. Isolada como estava, eu tinha sido poupada de saber daquilo que teria sido impotente para impedir.

Como eu disse, o ar crepitava com isso, mas eu não compreendia.

Na véspera do Natal, solitária e querendo ver a Beattie, decidi que poderia justificar uma visita à cozinha. Se questionada, eu diria a verdade ao Marshall: precisava saber se a Beattie necessitava de mais ajuda na preparação da comida para o banquete de casamento da Fanny.

O Papa George estava nos fundos da casa da cozinha, cortando lenha, e fiquei tão feliz ao vê-lo que me atrevi a parar por um instante para mexer com ele. Era uma pilha de lenha tão alta que lhe perguntei o que planejava fazer com todo aquele combustível. Ele arriou o machado e estilhaçou a tora, depois passou as costas das mãos nos olhos, antes de me fitar. Não pude deixar de perceber que estivera chorando.

— Papa, o que foi?

— Nada, criança. — Ajeitou outra tora. — Tô trabiando muito e dá água nos meus oio.

Sem saber o que dizer, estendi a mão para tocar em seu braço.

— Papa?

— Abinia — disse ele, olhando em volta — , é mió ocê vortá pra casa-grande.

Magoada, mas decidida a fazer o que queria, segui em frente para a porta da casa da cozinha. O aroma agradável de tortas e temperos desmentia o clima pesado daquele cômodo quente. Entrei e ouvi a Beattie conversando com a Mama Mae.

— Não chora, mamãe — dizia, com o braço nos ombros da mãe. — Agora eu não luto mais e ele parou de me bater. Não é muito ruim. Anda, mãe, para com esse choro.

— Quem está batendo em você? — perguntei, falando mais alto do que pretendia e assustando as duas.

A Mama enxugou os olhos e a Beattie virou-se para a lareira.

— Ninguém — respondeu Beattie, de costas para mim. — Num tem ninguém me batendo.

— Mas ouvi você dizer...

A Mama me interrompeu.

— D. Abinia, como a Beattie disse, tá tudo bem. E depois, sinhá tá fazendo o que aqui?

— Vim oferecer minha ajuda — respondi, em tom defensivo.

— Ocê sabe que nhô Marshall não quer ocê nesta casa — disse-me. — Agora, é mió voltar pra lá.

Suas palavras me feriram tanto que parti para a casa-grande, passando pelo Papa George, que continuava a golpear a lenha com seu machado.

Fui direto ao quarto da D. Martha, onde o tio Jacob havia acendido o fogo na lareira e onde a Sukey e o Jamie me chamaram para jogar cartas com eles. Agradei, declinei do convite e me recostei para observá-los. Mas meu pensamento não estava ali. Seria possível que o Rankin andasse ferindo a Beattie? E, se estivesse, o que eu poderia fazer? Pensei em apelar para o Marshall, mas alguma coisa me avisou para não tomar esse caminho.

O casamento da Fanny foi um grande acontecimento. No começo da noite, acendeu-se uma fogueira no terreiro e um banquete foi arrumado em longas mesas de madeira. Como eu estava no último mês de gestação, não se considerava de bom-tom que eu fosse vista, e por isso não estive presente quando o Marshall realizou a breve cerimônia. Mas resolvi que já tivera reclusão suficiente nos últimos tempos e cismeiquei que ia descer para assistir aos festejos de um local protegido entre as árvores.

Eu não havia esperado ver o Ben e a Lucy vindo da fazenda do Will para essa noite. Ao me avistarem, eles se aproximaram:

— Quando vai chegar esse bebê? — perguntou a Lucy, tímida.

— Dentro de mais um mês — respondi.

— O passarinho pequenininho tendo um bebê — comentou Ben, balançando a cabeça como se não acreditasse.

Senti-me aquecer por dentro quando ele usou meu apelido.

— Nem tão pequenininho — retruquei, dando um tapinha na barriga, e

Ben pareceu ficar sem jeito. — Como vai a Belle? — perguntei, para reduzir seu desconforto.

— Tá com saudade do fio, e sei que ela sente falta da família, mas nhô Will é bom pra ela.

— A Belle tem uma bonita casa só pra ela, igualzinha a essa — disse Lucy, apontando.

Quando todos olhamos para a casa da cozinha, vimos a Beattie na correria e a Lucy resolveu ir oferecer-lhe ajuda. Ben continuou do meu lado.

— A casa-grande do Will ainda não ficou pronta? — indaguei.

— Tá pronta o bastante pra ele morar nela — disse Ben.

Não pude evitar que minha voz se tornasse fria:

— A Belle ainda não está lá morando com ele?

Ben arregalou os olhos.

— Abinia, do que ocê tá falando?

Minha cabeça ficou zonza de raiva.

— Ora, eles bem que poderiam morar na mesma casa. Todo mundo sabe que têm um filho...

Ben olhou em volta, inquieto.

— O Will Stephens num é o pai daquele minino, Abinia — disse em voz baixa. — Ocê sabe disso, com certeza.

Devo ter balançado, porque o Ben me fez sentar numa pedra grande e disse:

— Vou chamar a Mama pr' ocê.

— Não, Ben, não vá — protestei, mas ele saiu correndo.

A Mama veio depressa, falando:

— Vamos, criança, é melhor ocê ir pra casa-grande comigo. Nhô Marshall pensa que ocê tá lá.

Mas eu teimei.

— Não há como alguém me ver — disse, e garanti a Mama Mae que logo voltaria para descansar. Mas primeiro queria ver umas danças; precisava me divertir um pouco.

— Nhô Marshall num vai gostar disso.

— Ele não precisa saber.

A Mama lançou um olhar inseguro para a casa da cozinha.

— Vou ajudar a Beattie com a comida, mas vorto pra buscar ocê — disse, e se afastou às pressas.

Enquanto a música tocava e eu via todos dançarem, minha cabeça ficou voltando às palavras do Ben. Nada fazia sentido. Seria possível que o Will não fosse o pai do Jamie? Então, quem seria?

Ida entrou nas sombras em que eu estava sentada e percebi que a Mama a mandara.

— Ida! — exclamei, feliz com a surpresa. Não a via desde que eu fora para Williamsburg.

Ela me deu um sorriso caloroso.

— Tão dizendo que foi ocê que arranjà essa festa de casamento pra Fanny e pro meu fio Eddy.

Abri espaço para ela se sentar ao meu lado na pedra grande e plana.

Foi um choque notar quanto ela envelhecera desde a última vez que eu a tinha visto. Agora o cabelo estava branco e os ombros, caídos. Quando ela estendeu a mão para afagar meu ventre, segurei na minha aquela mão escura e retorcida.

— Ida — murmurei — , você precisa me dizer uma coisa.

Ela me olhou com apreensão.

— Ida, quem é o pai do filho da Belle? Quem é o pai do Jamie?

Quando ela desviou os olhos, vi que estava verificando a proximidade dos outros e soube que me contaria a verdade. Ela falou baixo, junto do meu ouvido:

— É nhô Marshall. Sei disso porque, naquela época, o Rankin inda tava me usando pra fazer fio, e ele me contou. Mas ocê num diga nada. Eles me mata se descobrir que eu falei alguma coisa.

Ida não disse mais nada. Ficamos sentadas, sem palavras, enquanto eu tentava absorver essa notícia repulsiva. Marshall e Belle? Como era possível? Eu havia pensado que ele odiava a Belle. Depois me ocorreu o quanto o Jamie era fisicamente parecido com ele. Como era possível eu ter deixado escapar uma coisa tão óbvia?

Nossa atenção voltou a ser atraída para a fogueira por gritos altos e palmas, quando a Mama Mae e o Papa George foram escolhidos para uma dança. Mais para um lado, o Rankin estava arriado contra o tronco de uma árvore, segurando uma garrafa de conhaque. Meus olhos percorreram a cena e, ao baterem na casa da cozinha, vi a Beattie emergir e enxugar a testa com o avental. Ao vê-la, lembrei-me da nossa amizade e da confiança que tinha nela. Eu precisava conversar com alguém sobre essa notícia amarga e sabia que poderia confiar na Beattie. Já ia virar outra vez para a Ida e pedir que ela fosse buscá-la, quando vi o Marshall surgir das sombras da casa da cozinha.

Aproximou-se da porta e, incrédula, eu o vi cumprimentar a Beattie, que abriu um sorriso hesitante, mas logo lhe deu a mão, e os dois entraram juntos na cozinha. O Marshall fechou a porta em seguida. O significado daquilo não tinha como me escapar.

A Ida viu o que eu vira, mas não trocamos uma única palavra. Quando lutei para me pôr de pé, ela também se levantou. Caminhou a meu lado quando galguei a encosta até a casa-grande; subiu a escada comigo, ajudou-me a vestir a camisola e me auxiliou a me deitar. Dei graças por ela saber, tendo vivido suas próprias tragédias indizíveis, que as palavras eram desnecessárias.

CAPÍTULO 42

Belle

QUANDO O PAPA VEIO me dizer que o Jamie tem ficado com a D. Martha na casa-grande, danei a fazer tamanho furdução que o Ben foi buscar a Lucy.

Todo dia eu vivia pensando que ia trazer meu menino de volta. E nessa hora, simplesmente soube que nunca mais ia vê-lo.

O Papa disse:

— Belle, Belle, o Jamie tá muito bem lá, de verdade. Tá comendo de novo e tem aqueles brinquedo bonito todo pra brincar. A D. Martha trata ele muito bem.

— Não! Não! — gritei, e comecei a arfar, e aí fiquei sem ar.

Só conseguia pensar no Jamie na casa-grande e no Marshall maltratando ele.

Ao chegar, a Lucy me levou para o lado de fora, pra longe do Papa.

— Vem — disse, me fazendo andar. — Ocê percisa pegar um ar.

— Não! Não! Não quero o Jamie na casa-grande! A D. Martha é maluca e vai deixar o meu filho maluco!

— Ocê percisa respirar — disse a Lucy. — Para de falar e respira um pouco.

— Lucy! Eles estão com ele lá na casa-grande!

— Continua a andar — disse ela.

— Vou pegar a espingarda. Vou buscar meu filho.

Tentei me afastar, mas a Lucy não me soltou.

— Belle, ocê tem que se acarmá! O Papa tá lá esperando. Ele tem que vortá. Ocê sabe que, se o Rankin achar ele, o Papa tá numa encrenca danada.

— Mas eles estão com o Jamie na casa-grande!

— Belle, ficar desse jeito num vai adiantá! O Papa só vai embora na hora que subir que ocê tá bem. Ocê tem que pensar no Papa... no risco que ele tá correndo pra vim aqui pra dizer como o teu fio tá passando.

Eu sabia que a Lucy estava certa e procurei ir mais devagar. Olhei pra lua lá em cima. Inspirei o ar e tornei a botar pra fora. Fiz isso até me acalmar um pouco.

— Agora ocê tá bem? — perguntou ela.

Fiz que sim. Quando tornamos a entrar, o Papa estava lá sentado, sem me olhar no rosto.

— Agora eu estou boa, Papa. Fiquei muito assustada por causa do meu menino.

— O seu Jamie tá bom, Belle.

— Não quero que ele fique na casa-grande, Papa. E se a D. Martha nunca mais quiser largar dele? E se o Marshall... — vi o rosto do Papa ficar tenso. — O que foi, Papa? O que mais ocê veio dizer?

— É a Beattie — disse ele.

— O que é que tem?

— O Marshall tá usando a Beattie — ele respondeu.

E assim, de repente, baixou a cabeça e começou a chorar. Eu nunca, nunca tinha visto o Papa chorar. O Ben, eu, a Lucy, todos nos entreolhamos, esperando que alguém dissesse alguma coisa. O Ben se levantou e começou a andar de um lado pra outro. Fui até o Papa e passei o braço em volta dele. Ele pegou o trapo que a Mama o faz carregar e assoou o nariz.

— Num tem nada que eu possa fazer pela minha própria filha — falou.

— É claro que não, Papa — disse eu.

— Quando foi que isso começou a acontecer? — perguntou o Ben. Nem parecia ele falando.

— Já faz um tempo. Foi mais ou meno quando a Abinia disse a ele que ia ter neném. Primeiro foi muito duro pra Beattie, mas ela diz que

as coisa se acarmô. Ocê conhece aquela menina, ela num reclama de nada. Tava inté dizendo pra Mama e pra mim que vai fazer isso servir pra todo mundo. O Marshall procura ela quase toda noite e conversa com ela. A Beattie diz que, pelo menos, desse jeito ela descobre o que tá acontecendo na fazenda.

— Quem sabe se ele a deixa em paz quando a Lavinia tiver o bebê, não é? — comentei.

Ninguém respondeu.

No dia seguinte, conversei com o Will Stephens e contei que o Jamie está na casa-grande. O Will disse que vai voltar ao tribunal e tentar outra vez trazer o Jamie de volta pra mim.

— É só você aguentar um pouco, Belle.

— Will.

— Sim?

— Tem mais uma coisa pra você saber.

— O quê?

— O Ben conversou com a Lavinia no casamento da Fanny. Ele acha que ela está pensando, esse tempo todo, que você é o pai do Jamie.

— Como?!?

— O tempo todo, a Lavinia nunca soube que tinha sido o Marshall. Nunca falei com ela daquela noite em que ele me pegou. Quando ela estava morando em Williamsburg, o Marshall disse a ela que o pai era você.

— Santo Deus!

— A Mama diz que, em certas coisas, a Lavinia pensa feito criança. Nem sempre percebe o que está acontecendo. Voltou para cá querendo que fosse tudo como antes. Como se não soubesse que, casando com o Marshall, ia ter que aceitar o mundo dele. A Mama tem tentado ajudá-la a enxergar as coisas direito, mas, como diz, às vezes a pessoa tem que viver pra aprender.

Fui falando, mas, quando olhei para o Will Stephens, ele parecia não estar escutando uma palavra que eu dizia. Quando foi embora, fiquei parada na porta. Eu o vi voltar bem devagar pra sua casa nova, e fiquei pensando em como ela parece grande, pra um homem morar lá completamente sozinho.

CAPÍTULO 43

Lavinia

PASSEI DOIS DIAS NA minha cama, febril e sem apetite. O Marshall veio com perguntas apreensivas e, quando tentou segurar minha mão, eu a puxei, enojada. A Mama cuidou de mim em silêncio, mas, na terceira manhã, depois que recusei mais um desjejum, trancou a porta do meu quarto e puxou uma cadeira para junto da minha cabeceira.

— A Ida me falou que ocê tá sabendo de umas coisa — disse, posicionando-se de frente para mim.

Virei a cabeça para o outro lado.

— A Ida contou... — disse em voz baixa. — A Ida contou que ocê viu o

Marshall procurar a Beattie.

Ouvi o conflito na voz dela e continuei virada para a parede.

— A Ida disse que ocê tá sabendo do Jamie? — murmurou.

Virei a cabeça para olhá-la.

— A Ida andou dizendo muitas coisas — rebati, brusca.

A Mama baixou a cabeça.

— Desculpe, Mama.

— Às vez essa vida num é fácil, Abinia.

— Mas como... Quando foi que ele... com a Belle?

Ela me silenciou e olhou para a porta.

— A gente num fala mais disso. Aconteceu, e agora ocê tem de esquecer.

Se ele descobre que ocê tá sabendo, num vai sossegar inté descobrir quem contou, e aí ninguém sabe o que é capaz de fazer.

— Mas a Beattie, Mama! Como é que a Beattie pôde deitar com...

— Ocê acha que é isso que a Beattie quer? — ela cochichou. — Acha que ela quer se deitar com ele?

— Eu os vi na casa da cozinha! Ela nem sequer tentou rejeitá-lo!

— Abinia! Ocê enxerga pelos seus oio, num tá nem tentando enxergar pelos da Beattie. Ocê sabe que ela num tem direito de dizer não! Quando nhô Marshall sair, eu trago ela aqui, pra ocê ver por si o que acontece quando aquela menina diz não.

O queixo da Mama tremia e ela estava lutando contra as lágrimas. Levantou-se e foi olhar pela janela alta.

Passei algum tempo calada, antes de me atrever a falar.

— Sinto muito, Mama. Não precisa trazê-la. Eu sei que a senhora tem razão.

— Isso é muito duro — disse ela, enxugando as lágrimas do rosto. — É muito duro.

Olhei pela janela, para além da Mama Mae, e vi que tinha começado a nevar. Olhei para a chama que ardia na lareira e pensei no Papa George cortando lenha atrás da casa da cozinha. Nessa hora entendi o que o havia impulsionado naquele dia.

— Mama — cochichei — , há alguma coisa que eu possa fazer?

Ela tornou a se sentar na cadeira a meu lado. Assoou o nariz antes de segurar minha mão.

— Tem hora que tudo que a gente pode fazer é rezar pro Senhô. A gente diz: “ Senhô, sei não, mas a gente tá muito percisada de ajuda.” — Apoiou a mão na minha barriga enorme. — “ E a gente num se esquece de agradecer as bênção, Senhô.” — Voltou a falar comigo com ternura: — Vamo, criança, tá na hora de ocê comer, depois se levantar e andar. Essa confusão toda num é boa pro bebê.

Um mês depois, no fim de janeiro, a Mama estava lá com a Fanny para fazer o parto da minha filha, Eleanor.

Nós a chamamos de Elly desde o começo, e todos a adoraram. O Marshall expressou grande alegria por ser pai da nossa filhinha e, na

estonteante felicidade da maternidade, tentei desesperadamente deixar de lado as minhas queixas dele.

A Sukey não saía do lado da Elly; durante a noite, mantinha o berço ao lado de sua cama. Quando eu amamentava minha filha, a Sukey sentava-se ao meu lado, para ter certeza de que eu posicionava corretamente a cabeça da neném. A Mama vinha pegar a Elly no colo com frequência e cantar até fazê-la adormecer. E também havia a Fanny! Era como se a Elly fosse sua própria filha. A cada momento de folga ela vinha dar uma espiada, pedindo para segurar a menina. O tio Jacob também rondava por perto com frequência, a pretexto de cuidar do fogo. Até o Papa George veio ver a neném, num fim de tarde, depois de o Marshall sair da fazenda. Segurou-a no colo e o meu coração foi às nuvens quando ele disse:

— Ela é igualzinha à nossa Abinia quando pequena.

Por fim, como a Beattie ainda não havia aparecido, pedi para vê-la. Estava amamentando a neném quando a Mama a trouxe.

— Entre, Bea — disse, ao vê-la hesitar na porta. — Venha vê-la.

A Beattie recusou-se a me olhar nos olhos quando ofereci minha filha para que a examinasse.

— Não é perfeita? — perguntei, orgulhosa.

— É igualzinha a você — disse Beattie, com um sorriso tímido.

Tinha razão. Minha filha tinha as mesmas orelhas delicadas, o mesmo rosto oval e a mesma cor vibrante no cabelo. Todos notaram a semelhança. E, ao que parece, todos a consideraram uma vitória.

No início do outono do primeiro ano de vida da Elly, passamos algum tempo à sombra do grande carvalho. Era um cenário idílico. Muitas vezes, no fim da tarde, o tio Jacob montava a nossa armação da colcha de retalhos e levávamos as cadeiras para o lado de fora. A Fanny e eu costurávamos, enquanto a Sukey sentava-se num cobertor com a Elly. Quando a Mama tinha tempo, juntava-se a nós, mas a Beattie sempre dava uma desculpa, dizendo ter trabalho para fazer na cozinha.

A D. Martha contentava-se em permanecer no seu quarto, com o Jamie brincando em silêncio a seu lado. As doses de láudano tinham

sido reduzidas ao mínimo e o estado dela havia sofrido uma mudança drástica. Apesar de algumas limitações, era comum ela parecer bastante lúcida, e nós aceitávamos quando se referia ao Jamie como “ meu filho” . Jamie nunca mencionava a Belle, e era tão intenso o seu apego a D. Martha, que eu ficava pensando se ele se lembrava de sua vida de antes. Isso me deixava contente, mas não à Mama Mae. Ela não falava de sua desaprovação com franqueza, mas muitas vezes eu a via observar a interação dos dois, e sua expressão carrancuda me dizia mais do que diriam as palavras.

A reação da D. Martha a minha filha foi curiosa. Dias depois do parto, levei a Elly para visitar a avó. Pela primeira vez, vi minha sogra aceitar uma criança nos braços e depois soltá-la, ciente de que não era sua. Quando eu lhe disse o nome da neném, ela o repetiu algumas vezes e não o esqueceu, embora continuasse a se referir a mim como Isabelle.

De modo geral, meu tempo era consumido pelos cuidados com a recém-nascida, mas, quando eu via o Marshall, ele estava bebendo menos e parecia mais satisfeito do que estivera desde a nossa chegada. Continuou solícito comigo e perguntava continuamente se havia alguma coisa que eu quisesse ou de que precisasse. Supus que fosse o nascimento da Elly que lhe houvesse trazido alguma paz e, pelo bem da nossa filha, tentei pôr de lado a terrível verdade que agora conhecia. Mas meu sucesso durou pouco.

Nos meses posteriores ao nascimento da Elly, embora Marshall não me procurasse à noite, eu tivera esperança de que o seu relacionamento com a Beattie acabasse. No fim do outono, entretanto, horrorizei-me quando ficou claro que a Beattie estava grávida. Ela continuou a servir nossas refeições na sala de jantar, com a ajuda do tio Jacob; dia após dia, a situação tornava-se mais constrangedora. Marshall não sabia que eu estava ciente da relação entre os dois, nem sabia que eu o observava enquanto seus olhos a seguiam.

Fui ficando mais ressentida a cada dia que passava. Não desejava que meu marido retomasse os seus direitos conjugais, mas me horrorizava pensar que a relação dele com a Beattie continuava. Na sala de jantar, houve momentos de extrema tensão, momentos em que eu

captava um olhar de aprovação ou um sorriso dirigidos à Beattie, que eram um insulto para mim. Eu me sentia incapaz de voltar minha raiva contra o Marshall e, no esforço de me livrar dela, virava-a, em vez disso, contra a Beattie, que era um alvo mais seguro.

Não falei disso com ninguém e minha infelicidade me envenenou o espírito. Meu raciocínio adoeceu e, com o crescimento da minha raiva, também meus ressentimentos aumentaram. Comecei a me perguntar por que o Marshall havia optado por ficar com a Beattie. Eu não o queria perto de mim. Na verdade, a ideia da nossa intimidade me repugnava, mas por que ele havia de preferi-la a mim? O que me faltava como mulher? Onde eu havia falhado? Apesar de saber como havia surgido a relação entre eles, comecei a culpar a Beattie. Não conseguia livrar-me da convicção de que ela havia incentivado o Marshall no erro.

Eu não me atrevia a confrontar meu marido, e por isso atacava a Beattie. Muitas vezes, dirigia-me a ela com rispidez e não buscava para ela os privilégios que procurava conceder às outras pessoas da família. Tecia comentários indelicados sobre a sua aparência, ao ver o Marshall tentar mostrar desinteresse. Mas era a sua impossibilidade de fazê-lo que me fez questionar uma possibilidade mais profunda: será que ele gostava dela? Será que a amava?

Por fim, não suportei mais e fui procurar a Mama. Usei o volume crescente da Beattie e seus esforços desajeitados como pretexto para reclamar. Para meu grande alívio, a Mama concordou e mandou a Fanny substituir a Beattie na sala de jantar. Mas isso teve suas próprias repercussões.

Enquanto nos servia, é claro, a Fanny entreouvia a conversa às refeições. Dada a sua natureza, era-lhe impossível manter uma postura desinteressada e, quando ouvia alguma coisa que não lhe soava bem, num instante ela fazia um muxoxo ou revirava os olhos. Marshall a interpelava com frequência por isso.

— Você tem alguma coisa a dizer? — perguntava, e sempre me surpreendia ver como eram francos os comentários da Fanny.

Havia momentos em que as opiniões dela irritavam meu marido, que a tocava para fora da sala, porém o mais frequente era ele dar boas

risadas. Eu acolhia essas ocasiões com uma mescla de alívio e inveja. Por que, perguntava a mim mesma, eu não podia ser mais parecida com a Fanny, mais destemida?

Durante esse período, iniciei uma correspondência com a Meg em Williamsburg. Procurei renovar meu interesse pela botânica e escrevi sobre ele à Meg, pedindo desculpas pela falta de comunicações anteriores. Ela não me censurou e disse saber como eu devia estar atarefada, cuidando da minha filha. Meg ainda não se casara, e suas cartas logo assinalaram que não tinha grande pressa de fazê-lo. Junto com a correspondência, ela me mandava livros, e eu, em troca, presenteava-a com aqueles de que achava que ela poderia gostar. Agarrei-me a minha ligação com a Meg, embora não lhe dissesse nada sobre os problemas do meu casamento.

Cerca de um mês depois de a Fanny começar a nos servir na sala de jantar, Marshall e eu recebemos uma carta do Will Stephens, na qual ele ofereceu uma grande soma em dinheiro pelo Jamie. Disse que a Belle, na tristeza pela perda do filho, havia adoecido. O Will temia pela vida dela e pediu que o Marshall usasse de compaixão nesse assunto.

— Compaixão por uma vagabunda!

Marshall rasgou a carta.

Ainda muito amedrontada para defender a Belle, mas me sentindo culpada por meu fracasso, resolvi agir de outra maneira. Nessa noite, escrevi para ela. Na tentativa de lhe dar alívio, falei que eu cuidava do Jamie como se ele fosse meu filho, e disse que ele estava seguro sob a minha tutela. Também lhe falei da minha preocupação com ela e com sua saúde. Pedi-lhe que tivesse paciência e concluí dizendo que, um dia desses, logo, logo, ela se reuniria ao filho.

Não sei como o Rankin obteve a carta. Eu a entregara à Fanny, que a dera a seu marido, Eddy. O Marshall ficou furioso quando o Rankin levou-lhe a carta e, no almoço do dia seguinte, informou-me que o Eddy seria castigado pela minha tolice. A Fanny ficou junto ao aparador, muda de susto.

— Não, Marshall, por favor. Eu fui a única responsável.

— Você trabalha contra mim, você me ataca, alguém deve ser responsabilizado pela sua desobediência — disse ele.

— Zangue-se comigo, Marshall. Não tive intenção de prejudicá-lo.

— Você se corresponde com uma vagabunda? Escreveu dizendo que é como se o filho dela fosse seu. Você parece tão louca quanto a minha mãe!

Munida do conhecimento da paternidade do Jamie, minha raiva aumentou.

— Eu estive no nascimento dele, é claro que me importo com ele. A Belle foi como uma mãe para mim.

— Belle! — exclamou, esmurrando a mesa. — A vagabunda do meu pai! Levantei depressa, sem dar tempo ao tio Jacob para ajudar com a cadeira. Apoiei as mãos na mesa para me firmar.

— Assim como a Beattie é a sua vagabunda? — perguntei, com a voz lenta e deliberada, e vi no rosto dele o choque por eu ter conhecimento dessa união espúria.

Atrás de mim, a Fanny soltou um arquejo. Quando o Marshall pegou a taça de vinho, notei um tremor na sua mão e, ao ver sua fraqueza momentânea, ataquei:

— Confio em poder contar com a sua concordância em não castigar o Eddy por minha indiscrição.

Quando saí, o Marshall me chamou, mas não olhei para trás.

Em meados de janeiro, a Beattie perdeu o filho. Não estive presente, mas a Fanny me contou das dificuldades do trabalho de parto. Disse-me que a Ida e a Mama haviam temido pela vida da Beattie. Internamente, fiquei aliviada por essa criança ter morrido.

Uma semana depois, comemoramos o primeiro aniversário da minha querida Elly. Nesse dia, quando estirei junto ao peito a minha filha preciosa, senti uma onda de compaixão pela Beattie, além de me sentir culpada por não lhe ter dito nada sobre a sua perda. Resolvi ir à casa da cozinha pedir desculpas e ver se ela precisava de alguma coisa.

Era final de tarde quando escapuli pela porta dos fundos. A Fanny estava ocupada, cuidando da D. Martha, e a Mama fazia a limpeza da biblioteca, de forma que deixei a Elly aos cuidados da Sukey. Sabia que a Beattie devia estar iniciando a preparação do jantar e, por isso, planejava apenas uma visita curta. No caminho para a casa da cozinha, pensei na Bea de forma calorosa e tive certeza de que ela e eu poderíamos voltar a ser amigas. O Marshall devia ter rompido com ela, certamente. Eu teria entrado direto pela porta aberta da cozinha, não fosse por ter ouvido a Beattie dizer a alguém:

— É muito bonito. Nunca tive uma coisa assim.

Fiquei paralisada ao ouvir a voz do Marshall:

— Achei mesmo que você fosse gostar.

Obriguei-me a recuar, em silêncio. Ao me virar, vi o Papa contornando o galinheiro. Ele me cumprimentou com um adeusinho. Meu intenso desejo de correr para ele em busca de consolo foi suplantado por meus sentimentos de choque e vergonha. Será que ele sabia que meu marido estava de novo na casa da cozinha com a Beattie? Será que eles me culpavam por não manter meu marido longe dela, a meu lado? Virei as costas ao Papa e subi para a casa-grande.

Fico pensando nos abismos de desespero em que eu teria caído se a carta da Meg não estivesse à minha espera.

CAPÍTULO 44

Belle

O WILL STEPHENS COMPROU mais dois homens e tirou a Lucy do campo. Trabalhamos bem juntas, limpando a casa-grande e conservando os alimentos, mas a Lucy está ficando pesada, com mais uma gravidez, e vê-la desse jeito me faz pensar no meu menino. O Will Stephens fez tudo o que podia pra trazer o meu Jamie de volta, mas nada funcionou. Quando chegou o inverno e eu ainda não tinha meu filho, a vida simplesmente me deixou. Sem o meu Jamie, não me importo com mais nada.

Uma noite, quando me abraçava, o Ben disse:

— Ocê tá quieta mesmo, e tá ficando magrinha.

Eu não disse nada, porque não tinha nada pra dizer.

— Belle, tem alguma coisa errada?

— Não.

No dia seguinte, a Lucy disse:

— Belle, ocê sabe que tá agindo diferente. Tem alguma coisa errada?

Teve mais alguma notícia do Jamie?

— Não, não tive notícia nenhuma.

Ela olhou bem pra mim, mas ficou calada.

Passaram-se umas semanas e eu continuei trabalhando, mas fiquei muito cansada. Só queria dormir. O Papa veio trazer a notícia de que a neném da Lavinia vai bem e tem o cabelo que nem fogo, igualzinho ao da mãe. Ele me disse que o Jamie vai muito bem, mas o Marshall continua sem querer libertá-lo.

Nessa noite, toda a vontade de lutar que eu ainda tinha foi-se embora. O Ben e a Lucy disseram pro Will Stephens que eu parei de comer, e aí ele veio me perguntar se eu estava doente.

— Estou boa, só estou cansada, só isso — respondi. Ele queria chamar o médico, mas eu falei: — Obrigada. Vou melhorar logo.

Numa noite fria, a Lucy começou a ter o bebê. O Ben veio correndo me chamar, socando a porta:

— A Lucy quer você! A Lucy quer você!

Gritava tanto que vi que ele estava com medo. A Lucy estava mesmo com problemas. O Ben pegou um salvo-conduto e foi buscar o médico, me deixando sozinha com ela.

Tentei me lembrar do que a Mama me dizia:

— Lucy, isso vai doer — falei.

E tratei de trabalhar. A cabeça daquele neném precisava de ajuda pra sair, e então a Lucy empurrava e eu puxava, e no fim, quando conseguimos fazê-lo sair, não sei quem estava mais cansada, se ela ou eu. Mas, quando vimos o bebê, começamos a rir. O menino era a cara do Ben. Como é que um bebezinho gorducho pode ser igual a um velho grandão, a gente não sabe, mas ele era.

— Ocê fez ele sair, agora ocê cuida dele — a Lucy disse. — Que nome vai dar a ele?

— Que tal George? Como o Papa.

— George? — repetiu ela. — Isso é nome de home criado.

— Bem, olha pra esse menino. Ele é quase do tamanho do Papa. Começamos a rir de novo, até que as últimas dores tiraram o restante das forças dela.

Quando o Ben chegou com o médico, Lucy estava dormindo e eu, sentada junto ao fogo, segurando o George. Não sei como foi isso, mas de algum modo, parecia que aquele menino era meu.

A comida está com uma cara boa e estou voltando a comer. Acho que vou ficar por aqui, pra ter certeza de que alguém cuida dessa doçura de menino.

CAPÍTULO 45

Lavinia

— VEM ABRIR! VEM ABRIR!

A Sukey veio me encontrar na porta e me puxou para dentro, dançando de empolgação. Enquanto eu estivera na casa da cozinha, entreouvindo a conversa do Marshall com a Beattie, haviam chegado uns embrulhos e uma carta da Meg.

Sukey me conduziu ao meu quarto, fez-me sentar numa poltrona e pôs os embrulhos no meu colo. Implorou que eu os abrisse antes de ler a carta. Para satisfazê-la, desembulhei o primeiro. Era um grande livro ilustrado sobre árvores.

— O que ele diz? — perguntou Sukey. Passou os dedos de leve sobre a gravura a talho-doce e repetiu comigo, na sua ânsia de aprender: — Quercus, Quercus.

Em seguida, abriu o pacote maior e, em meio a exclamações alvoroçadas, dele tirou um vásculo. Era uma caixa de metal pintada de verde e adornada com minhas iniciais, folheadas a ouro. Lembrei-me de quando a Meg me mostrara o dela, cheia de orgulho.

Os presentes dela eram sempre generosos, mas sua carta desse dia foi a minha salvação. Ela começou fazendo referência a minhas cartas do outono anterior, quando eu tinha descrito os grupos de costura reunidos sob o nosso carvalho. Escreveu que essa imagem doméstica dera muito o que falar a ela e sua mãe, durante a temporada de inverno. Agora, elas queriam saber se poderiam visitar-nos no outono, para fazer parte daquela mesma cena, e meu coração deu saltos diante desse pedido. A Meg continuava mais comprometida que nunca com os seus estudos e havia adquirido um interesse especial pelos carvalhos. Será que havia uma variedade na nossa região?, queria saber. Será que eu me disporia a colher umas folhas e pedaços de casca, catalogar minhas descobertas e guardá-las para sua visita? Depois disso, encerrou a carta com mais uma pergunta: eu era tão feliz quanto ela imaginava?

Pus de lado a carta. Olhei para a Sukey, que estudava o livro, e para a Elly, dormindo em seu berço. Mas meu pensamento não se deteve nelas. Eu não conseguia afastar a imagem do Marshall olhando para a Beattie, enquanto ela abria seu presente, e ficava ouvindo repetidas vezes as suas palavras de prazer. Ansiava por falar com alguém sobre a minha indignação, minha tristeza e minha perplexidade. Será que me atreveria a escrever para a Meg? Poderia confiar nela? Mas, no momento mesmo em que me fazia estas perguntas, eu soube que não escreveria. Como poderia falar-lhe dessa guinada terrível no meu casamento?

Quando o Jamie chegou à porta, a Sukey levantou os olhos, levou o indicador à boca e apontou para a Elly, que dormia a sono solto. O Jamie mostrou que havia entendido, meneando a cabeça, e se aproximou da Sukey pé ante pé, para ver o livro que ela estava segurando. Ele crescera pouco no ano anterior e era pequeno para um menino de 7 anos. A D. Martha havia insistido em que deixássemos seus cachos louro-escuros crescerem até a altura dos ombros e, não fosse pelo olho doente, ele seria um belo menino. Era excepcionalmente precoce e, talvez por isso, havia nele algo de desconcertante. Jamie tinha aprendido a tirar proveito de sua deficiência. Quando estava particularmente decidido, cravava os olhos no interlocutor. Era impossível ignorar o olho branco e cego, enquanto a intensidade do azul do outro olho penetrava na pessoa até a alma.

Nesse dia, ele me olhou por cima da cabeça da Sukey e veio pôr sua mão na minha:

— Está triste, D. Abby? — perguntou, usando o nome que as crianças tinham me dado.

Envovi seu rostinho sério entre as mãos e o beijei duas vezes. Sua presença tornou a me lembrar a Belle e, nesse instante, decidi para onde me voltar. Por que não tinha pensado nisso antes?

Com plena consciência de que o Marshall nunca me daria permissão para me encontrar com ela, comecei a arquitetar minha visita.

— Quero aprender a montar — disse ao Marshall no dia seguinte, no almoço. — E ficaria muito contente se a Sukey pudesse ser minha companheira.

Não dei qualquer indicação da minha infelicidade; usei um tom leve e alegre. Falei-lhe da carta da Meg e, exibindo seus últimos presentes, informei-o do pedido dela de que eu colhesse certas espécies de plantas. Eu precisava de um cavalo, expliquei, para poder circular um pouco. Não lhe parecia que esse seria um bom passatempo para mim?

Sim, concordou Marshall, seria uma excelente diversão — desde que eu usasse de cautela, é claro. O George, disse ele, havia ensinado a D. Martha a montar, e ele mandaria que me ensinasse também. Havia no estábulo uma bela sela lateral que seu pai havia providenciado para sua mãe; será que me serviria? Ele escolheria o cavalo, um animal mais velho e tranquilo, que não fugisse ao meu controle. Felizmente, também concordou em que a Sukey fosse minha ajudante.

Agradei sua generosidade e li em voz alta a carta da Meg. Embora Marshall não externasse nenhuma opinião, notei que não ficou inteiramente satisfeito quando li sobre a visita vindoura da Meg e de seus pais.

A Sukey não precisou de aulas de montaria. Aproximou-se confiante do seu pônei, segurou as rédeas, afagou o focinho dele e o conduziu à pedra de montar, de onde passou facilmente para o dorso do animal. Estalou a língua e fez o cavalinho andar em volta de mim, enquanto ela e Papa George riam da minha surpresa. A Sukey explicou que o Papa lhe ensinara a cavalgar quando ela era “ só uma criancinha” .

— Ah — falei, com uma piscadela para o Papa — , e suponho que agora, aos 11 anos, você se considere uma adulta, não é?

— Bem — disse ela, com ar sóbrio — , não sou tão velha quanto você! Diante disso, o Papa riu, e cutuquei delicadamente o seu braço, a título de reprimenda.

— D. Abby, quantos anos você tem? — perguntou a Sukey.

O Papa George apontou para os morros ao longe:

— Ocê tá vendo aqueles morro, menina Sukey?

— Sim, Papa.

— Ora, a nossa D. Abinia é veia como aqueles morro — riu-se.

Fiz-lhe uma careta.

— Vou fazer 20 anos em maio — informei à Sukey.

— Ohhh! — impressionou-se ela, e Papa George e eu rimos da sua reação.

— Fico pensando se a D. Abinia tá veia demais pra aprender a montar — provocou o Papa, trazendo do estábulo um cavalo pequeno. — Este é o Barney — disse-me.

Barney era um pequeno capão baio, do tamanho certo para mim. Recuei quando ele me cutucou com o focinho macio, mas relaxei quando o Papa George explicou que o cavalo só estava querendo um agrado. Hesitante, afaguei-lhe a cabeça e comentei sobre a listra branca que ficava quase coberta pelo topete comprido e escuro. Quando o cavalo bateu com o casco e sacudiu a longa crina, o Papa me explicou que ele estava ansioso para começarmos a lição. Depois que o fizemos, Barney revelou-se um cavalo paciente e, antes de concluída a minha primeira aula, apaixonei-me por ele.

Marshall ficou contente com meu entusiasmo pela equitação. Insistiu em que eu mandasse encomendar as roupas de montaria mais modernas, e concordei, pedindo que a Sukey também fosse equipada. Para minha surpresa, ele não objetou.

As medidas para nossos trajes de montaria foram enviadas e, quando os pacotes chegaram de Williamsburg, a Sukey quase explodiu de animação. Ela havia escolhido uma bonita saia azul e uma jaqueta para combinar, com gola de veludo preta. A jaqueta tinha duas fileiras de botões dourados, que a Mama Mae, a Fanny e eu vimos reluzir quando a Sukey rodopiou. Ela pôs o chapéu preto com uma corrente dourada em volta da aba, encimado por uma pluma alta azul na parte da frente. Seu traje de montaria completou-se quando ela calçou as botas de cano baixo, de couro preto, e as luvas também de couro.

Meu novo traje era de corte muito parecido, porém verde. Eu mandara acrescentar uma segunda pluma ao meu chapéu e amarrei no pescoço uma echarpe de seda branca. Devo dizer que as duas estávamos bonitas na primeira manhã, em meados de maio, em que o Papa nos deu permissão para cavalgarmos sozinhas.

Desse dia em diante, com a Elly aos cuidados da Fanny, saímos quase todos os dias. Cada uma levava um vâsculo — eu havia encomendado um para a Sukey, justificando-o como um equipamento necessário a nossas excursões botânicas. No dela, a Sukey guardou orgulhosamente um caderno de desenho com encadernação de couro. Vinha se tornando uma ótima desenhista, capaz de traçar imagens fiéis das pessoas, e era minha esperança que tivesse o mesmo sucesso desenhando árvores e captando seus traços específicos para uso da Meg. Ao voltarmos de nossas excursões, levávamos o material recolhido para a biblioteca, pesquisávamos e catalogávamos os espécimens e os acrescentávamos a nossa coleção crescente.

Ao desdobrar-se a primavera, comecei a sentir um interesse renovado pela vida. Não havia nada de que gostasse mais que de cavalgar, porém nunca perdi de vista o meu verdadeiro objetivo. Esperei pacientemente a oportunidade certa para poder visitar a Belle em segurança. Por fim, na última semana de maio, o Marshall ausentou-se da fazenda por um dia. Foi a uma cidade a umas duas horas de distância e, quando eu soube que planejava levar a carroça, vi que não regressaria antes do anoitecer.

Somente o Papa sabia do meu plano. A Sukey estava resfriada e usei isso como desculpa para que não cavalgasse comigo nesse dia. A Mama foi ao meu encontro na sala azul. Era cedo, antes do desjejum, e o Jamie ainda dormia. Não acordou quando cortei uma mecha do seu cabelo. No corredor, a Mama me viu enrolá-lo dentro de um medalhão que guardei no bolso da jaqueta. Ficou olhando para mim.

— Ocê tá indo aonde, criança?

Eu não mentiria para ela, mas não queria envolvê-la. Dei-lhe um abraço: — Vou cavalgar, Mama.

— Nhô Marshall disse que é pr' ocê num sair sozinha naquele cavalo — ela me repreendeu.

— Mama, eu vou.

— Ocê toma cuidado, criança — cochichou ela. — Fica no meio das árvore. O Papa estava à minha espera. Fiquei frustrada ao ver que tinha selado o Barney.

— Ah, Papa, preciso de um cavalo mais veloz.

— Esse cavalo conhece ocê. Leva ocê lá e depois traz de vorta, e ocê continua inteira — disse ele, e vi que não adiantava discutir. — Segue o rio, que nem eu falei. Fica no meio das árvore e vai devagar. O Ben tá vigiando ocê. — Entregou-me um chicote e acrescentou: — Usa isso, se percisar, e vá com Deus no seu cavalo.

Parti a trote, inebriada com minha liberdade. Meu cavalinho andava ligeiro e seu passo firme permitia que eu fosse olhando em volta enquanto cavalgava. A natureza estava no auge da exuberância e, pela primeira vez em muito tempo, senti-me tomada de esperança.

Eu havia cavalgado pelo que me parecia pouco tempo quando, mais adiante, ouvi o som de um cavalo e um cavaleiro. Meu coração disparou, até que escutei uma voz dizer:

— Sou só eu, Abinia. — E reconheci a voz do Ben.

— Ben! — exclamei, e rimos alto ao cavalgarmos um para o outro.

Nossos cavalos dançaram ao nos cumprimentarmos e logo chegamos pelo arvoredo a uma grande clareira. Adiante dela, mal notei a casa ampla, ainda em construção. Também não dei atenção ao grande celeiro já concluído, um pouco à frente na clareira. O que reteve o meu interesse foi a pequena casa da cozinha, revestida de ripas de madeira, e a figura conhecida que se postara a seu lado.

Com Ben abrindo caminho, a Belle correu para nós. Nosso reencontro misturou alegria e tristeza, pois eu não estava levando o filho dela. Em vez disso, presenteei-a com um desenho, um retrato bem parecido com o

Jamie, feito recentemente pela Sukey. Em seguida, dei-lhe meu medalhão de ouro com a mecha de cabelo do filho dela, e contei que o havia cortado fazia apenas uma hora. Abracei-a enquanto ela afagava seu tesouro e, quando ela chorou, senti seu sofrimento. Só mais tarde, ao conversarmos, depois de não deixar escapar nenhum detalhe sobre o Jamie, foi que perguntei como estava ela.

Belle sentia muita saudade de todos nós, disse.

— A Lucy, mulher do Ben, não era uma companhia agradável? — indaguei.

Belle disse que sim, mas, apesar de elas serem unidas, a Lucy não era a Mama.

— E o Ben? — perguntei. — Você o tem visto muito?

Curiosamente, ela se esquivou da resposta.

— O Will Stephens tem outros criados, além do Ben? — perguntei, tentando lembrar se tinha visto um alojamento.

— Sim, ele tem quatro novos lavradores. Quer ter uma fazenda grande e, do jeito que trabalha, vai conseguir.

— Ele é bom para você?

— É um bom homem, mas eu sou propriedade dele.

Eu não soube o que responder, tendo aguda consciência de que, através do meu marido, eu também era dona de pessoas.

— O Will me trouxe pra cá — continuou Belle — , mas não sou uma mulher livre.

Respirei fundo.

— Belle, eu achava que você amava o Will. Eu... eu achava que ele era o pai do Jamie.

— O Ben me disse o que você tava pensando.

Fiquei constrangida e olhei para o chão.

— O Will sempre me ajudou, Lavinia, mais nada. Nunca se aproximou de mim desse jeito.

Pedi-lhe então que dissesse a verdade sobre o Jamie. Belle hesitou:

— O Marshall é pai dele. É só o que vou dizer. Agora você tá casada com ele e tem que deixar isso pra lá.

— Mas agora ele está atrás da Beattie!

Pronto! Estava dito. Era o que eu fora ali para confidenciar. Desatei em pranto. Belle me deu a mão e me deixou chorar, mas, uma vez liberadas, minhas lágrimas não queriam parar. Quando consegui falar, contei-lhe da desgraça do meu casamento, das bebedeiras do Marshall e da sua traição, e falei do meu ressentimento em relação à Beattie. Quando Belle a defendeu, deixou-me com raiva.

— Então você acha que ela não o incentiva, que não gosta dos presentes dele? — perguntei.

A Belle foi firme comigo. Acaso eu me esquecia de que a Beattie não tinha escolha? O Marshall era dono dela.

— Mas ele também é meu dono! — retruquei.

— Sim, mas você escolheu isso. A Beattie não teve escolha, a não ser pra descobrir a melhor maneira de lidar com isso.

Fiquei olhando para a frente, sem fitá-la nos olhos, lutando com a verdade. Belle falou em voz baixa:

— Sabe o que eu acho, Lavinia? Acho que você tá com raiva da Beattie porque não pode ficar com raiva do Marshall — disse. Fez uma pausa e respirou fundo. — Sei disso porque eu tenho uma coisa aqui que é quase igual.

Olhei para ela.

— Quando você tava em Williamsburg, o Ben e eu ficamos juntos. Não digo que seja certo nem errado, foi só o que aconteceu. Durante muito tempo, não gostei da Lucy. Ela é isso, ela é aquilo, e eu dizia isso tudo pra mim pra não ter que ver que ela também estava sofrendo. Acabou que ela é uma mulher melhor do que eu. Botou as mágoas de lado quando levaram o meu Jamie.

Fiquei chocada. Eu sempre havia adivinhado que o Ben e a Belle se gostavam, mas daí a porem isso em prática...

— Vocês ainda...? — parei, atônita por fazer uma pergunta tão pessoal.

— Sim — respondeu Belle com franqueza. — A Lucy e eu, a gente resolve. Ela ama o Ben tanto quanto eu. Deu três meninos a ele. E são todos bons meninos.

— Mas, e... — tornei a hesitar e, mais uma vez, a Belle adivinhou a que eu me referia.

— Primeiro a Ida me deu uma coisa pra eu não pegar barriga. Depois, quando levaram o Jamie e eu queria um filho do Ben, não aconteceu nada. Agora, o nenenzinho da Lucy, o George, é como se fosse meu. Dorme aqui quase toda noite — apontou com a cabeça para um berço de madeira num canto, onde estava dobrada sobre a lateral uma colchinha de retalhos feita de quadrados vermelhos e azuis. — Vem, menina, vem comer alguma coisa.

Fiquei admirada com meu enorme apetite, até me dar conta da sensação de ter sido aliviada de um fardo: de algum modo, a situação estranha da Belle fez com que eu me sentisse menos sozinha na minha. Estávamos acabando quando o Ben veio à porta me lembrar que logo seria hora de partir. Os cavalos estavam prontos e ele faria comigo parte do caminho da volta. Saiu para nos dar alguns minutos a sós e, pouco depois, houve outra batida leve na porta. Achando que era o Ben, a Belle lhe disse para entrar. Quando a porta se abriu, o Will Stephens surgiu emoldurado pela luz do sol. Eu não falava com ele desde sua visita a Williamsburg, e as batidas aceleradas do meu coração me disseram que o que eu sentia por ele só fizera aumentar. Belle convidou-o a entrar e ele tirou o chapéu ao se aproximar de mim. Alvorçada com seu sorriso, obriguei-me a fitá-lo nos olhos.

— D. Lavinia — disse ele, curvando a cabeça para mim — , tornamos a nos encontrar.

— Sr. Stephens — respondi, retribuindo o cumprimento.

— Você vai bem? — perguntou ele.

Peguei a mão da Belle.

— Sim, vou.

— Eu soube que está de saída. Precisa ir tão depressa?

Para meu embaraço, desatei a chorar e desviei rapidamente o rosto.

— Eu a levo lá fora assim que ela estiver pronta — disse a Belle ao Will.

Depois que ele saiu, usou um lenço para enxugar meus olhos.

— Não posso voltar! — exclamei, agarrando-me a ela. — Não suporto voltar para ele.

— Você sabe que tem de ir. A Elly precisa de você. E você tem que cuidar do Jamie.

A realidade me devolveu o juízo e eu me recompus. Do lado de fora, surpreendi-me ao ver Will Stephens montado no cavalo do Ben.

— Pensei em cavalgar com você — disse ele.

Dei um abraço de despedida na Belle. O Ben sorriu ao me ajudar a montar no Barney:

— Você monta bem mesmo — comentou. — O Papa disse que você é carinhosa com o cavalo.

— Adoro cavalgar — respondi, com um tapinha no pescoço do Barney, virando-o na direção de casa.

Acenei um último adeus, mas, ao partirmos, para meu grande espanto, recomecei a chorar. Era como se uma parede houvesse ruído; exposta e vulnerável, eu não queria sair daquele lugar seguro. Will tirou de mim as rédeas do cavalo e nos levou adiante.

— Desculpe, mas não consigo parar de chorar — declarei, quando consegui recuperar a fala.

— Pois então, chore.

Isso pôs fim ao meu pranto. Se ele tivesse pedido para eu não chorar, eu não conseguiria parar, mas, de algum modo, sua permissão fez cessarem minhas lágrimas. Em pouco tempo, pedi as rédeas de volta.

Will foi o primeiro a falar:

— Quer dizer que você não é feliz?

Balancei a cabeça.

Ele se postou diante de mim e freou seu cavalo.

— Lavinia... — começou, mas se deteve.

Impossibilitada de falar, assimilei cada traço de suas feições.

— A Belle me disse que você achava que ela e eu... que o Jamie...

— É, eu acreditei nisso, sim.

— Lavinia, como é que você pôde pensar uma coisa dessas?

— Eu era jovem — respondi.

Will me surpreendeu com uma sonora gargalhada.

— E agora, aos 19 anos, você se considera velha?

— Já tenho 20 — informei-o.

— Bem — ele soltou outra risada — , isso certamente faz toda a diferença.

— Will Stephens! Você está sugerindo que ainda me vê como uma criança?

Ele me desarmou com suas palavras gentis:

— Eu a vejo como uma linda jovem que tem um coração de criança.

Ora, essa! Como é que se responde a isso? Não falei nada, mas, com a ternura dele, minhas lágrimas recomeçaram. Will apeou e me estendeu as mãos.

— Lavinia — disse, com os braços me convidando a descer.

Deslizei para o seu abraço, ele me beijou e retribuí o beijo. Assim continuamos até eu despertar para um tipo de paixão que nunca havia experimentado. Só queria continuar, entregar-me, e assim, quando ele parou, pedi mais. Porém ele me afastou.

— Não, Lavinia — disse, e deu um passo atrás. — É muito perigoso e não pode levar a nada.

Comecei a soluçar e ele me olhou, desamparado.

— Você é casada, Lavinia!

Virei-lhe as costas. Ele era um covarde! Se me amasse, ele se declararia e daria uma solução à loucura do meu casamento. Em meio à fúria e ao desespero, consegui montar no cavalo e, antes que o Will pudesse objetar, bati no flanco do Barney com o chicote até ele partir num salto.

O Will não foi atrás de mim.

CAPÍTULO 46

Belle

AQUELE GAROTINHO, O GEORGE, é a luz da minha vida. Tem o rosto do Benny e as covinhas da Beattie. Nem eu nem a Lucy nunca o ouvimos chorar. Ah, tem hora que ele cria caso pra comer, mas não se incomoda com quem o pega no colo, a Lucy ou eu. Procura por mim do mesmo jeito que procura por ela. A Lucy não se incomoda, fica toda contente em entregá-lo. Em certos sentidos, tenho que dizer, amo tanto essa criança quanto o meu menino Jamie. Não sei como aconteceu, mas, justo na hora que eu estava precisando de alguma coisa, apareceu esse bebezinho gorducho. Não me canso de ficar com ele no colo e lhe dar beijos. A Lucy e o Ben riem e dizem: “ O que deu em ocê? Num liga mais pros outros minino?” Têm razão. Eu me apaixonei por este, e acabou-se a história.

Depois que a Lavinia veio aqui, trazendo um retrato do Jamie e um medalhão com um cacho do cabelo dele, eu o pendurei no pescoço e não o tirei mais, nem de noite, quando vou dormir. A Lavinia disse que o Jamie está indo muito bem, está aprendendo a ler e escrever. O melhor é que o Marshall nunca vê o menino. A Lavinia disse que ele não fica muito na casa-grande, só entra pra comer, às vezes. De noite ela não sabe aonde ele vai, mas sabe com certeza que ele nunca sobe.

Disse ela que está cuidando do Jamie, mas não sei. A Lavinia não me pareceu muito bem. Está muito agitada... chorando à toa.

Também notei que ela gosta do Will Stephens. No dia que veio aqui, quando vi os dois juntos, na mesma hora eu soube que eles são como o Ben e eu — têm o mesmo fogo. Quando o Will Stephens montou no cavalo para levá-la em casa, eu pensei: Ai, meu Deus! Depois que eles se foram, o Ben, a Lucy, eu, todos ficamos olhando. O Ben disse:

— O Will Stephens é um home que frequenta a igreja, num vai fazer nada com uma muié casada.

A Lucy respondeu:

— Ora, Ben, ocê é um homem que vai à igreja. O que aconteceu com ocê?

Pela primeira vez na vida, vi o Ben sem nada pra dizer à Lucy. Seu jeito de olhar pra ela a fez rir, e aí eu ri também. Ben deu o fora daqui rapidinho. Só que, primeiro, virou pra trás e viu a Lucy e eu rindo. Aí balançou a cabeça, mas nós duas sabemos que gostou de ver que a Lucy e eu somos amigas.

O Ben acha que não aconteceu nada na floresta entre o Will e a Lavinia, mas a Lucy e eu, a gente não tem tanta certeza.

CAPÍTULO 47

Lavinia

À NOITE, EU NÃO CONSEGUIA impedir que minha cabeça disparasse. Não me importava que meus pensamentos fossem irracionais; eu precisava rever o Will. Não fosse a Sukey, eu estaria perdida. Como dividia o meu quarto, ela acordou muitas vezes com o meu sono inquieto. Depois, veio deitar-se comigo e, com ela aninhada ali perto, encontrei algum consolo.

Durante o dia, ficamos atarefadas com os preparativos para a visita da Meg, mas enfrentamos um problema crescente com a D. Martha. Embora parecesse lúcida na maioria das questões, sua preocupação com o Jamie tinha se tornado tão obsessiva que ela não admitia perdê-lo de vista. A Fanny nos lembrou que tinha sido esse o seu comportamento com a Sally, até que ela havia enfim afrouxado o controle, e então vira a filha morrer.

Não havia dúvida de que a D. Martha considerava o Jamie um filho seu. Mandou descerem roupas de criança do sótão e vestiu o Jamie com uma seleção delas. Os dois faziam as refeições juntos na sala azul, onde a D. Martha o punha sentado à mesa com ela e a Fanny os servia. Até eu comecei a me preocupar com essa afeição profunda e, finalmente, concordei com a Mama Mae em que era hora de afastarmos os dois.

O problema com que deparamos foi que não podíamos voltar com ele para a casa da cozinha, já que, aparentemente, o Marshall passava algum tempo lá. A Mama disse que o tio Jacob estava disposto a acolher o Jamie na sua pequena cabana. Ela sugeriu ainda que, uma vez feita a transição, o Papa poderia começar a ensinar ao Jamie o trabalho exigido no celeiro. Era um bom plano, mas sabíamos o tumulto que essa mudança criaria, e por isso decidimos esperar para iniciar a separação depois da visita dos Maddens.

Desde a confirmação da paternidade do Jamie pela Belle, eu mal conseguia manter a civilidade com meu marido. Mas sabia que não podia mencionar esse fato, pois nem me atrevia a pensar nas

repercussões. Ao se aproximar a visita dos Maddens, o Marshall começou a beber mais.

Numa manhã do início de setembro, semanas antes da data prevista para a chegada dos parentes, tomei às pressas a decisão de visitar a fazenda do Will mais uma vez. Minha desculpa era querer que a Belle soubesse da futura mudança do Jamie para a cabana do tio Jacob, mas a verdade era que, no fundo do meu jovem e tolo coração, eu acreditava que o Will Stephens detinha a solução para minha felicidade. Eu havia esperado demais por um contato dele, uma palavra para dizer que ele pensava em mim. Mas ela não viera. Eu não podia mais esperar.

Na manhã em que fui lá, o Marshall já estava no campo com o Rankin. Eu sabia que disporia de pelo menos quatro horas antes do almoço, quando era esperada por meu marido. Não contei meus planos a ninguém. Nos celeiros e no estábulo, não se via o Papa em parte alguma, e eu mesma selei rapidamente o Barney. Montei e me afastei, mais depressa do que havia julgado possível, e, enquanto cavalgava pelo arvoredado, a exultação foi crescendo dentro de mim e comecei a cantar.

Estava quase na clareira quando escutei um grito vindo de trás. A voz do Rankin era inconfundível. Percebi que ele devia ter me seguido. Apavorada, mas furiosa, afrouxei o passo do Barney, mesmo continuando a andar. Não demorou muito para que o Rankin me alcançasse.

— Sra. Pyke! — exclamou, como se ficasse surpreso ao me ver. — Não sei, não, mas acho que seu marido vai querer tomar conhecimento disto.

— Disto o quê? — interpelei-o.

— Ora, de que a senhora está aqui cavalgando sozinha, a caminho da fazenda do Will Stephens.

Meu rosto ardia de fúria. Apanhada, não me importei com o que ia dizer:

— Seu sujeito desgraçado! — gritei, e virei meu cavalo na direção de casa. O Rankin deu uma risada, fazendo a volta e posicionando seu cavalo atrás do meu:

— É claro que uma coisinha ferosa como você pode ter um jeito de me convencer a não contar.

Com isso, estalei o chicote no Barney. Mordi a língua para conter o choro e, quando cheguei em casa, estava engolindo sangue. O Papa George estava no celeiro e, depois de desmontar, entreguei-lhe as rédeas. Ambos tínhamos plena consciência do Rankin, sentado no seu cavalo, perscrutando cada gesto nosso. Mantive a voz tão firme quanto me foi possível:

— Bom dia, George. Eu não quis incomodá-lo mais cedo e por isso, como pode ver, selei meu próprio cavalo.

O Papa assentiu com a cabeça.

— Tô vendo, D. Abinia, mas, da próxima vez, nhora me diz quando vai cavalgar, que é pra eu selar ele pra senhora.

— Obrigada, George — respondi e, sem perda de tempo, dirigi-me para casa.

Sabia que o Marshall logo tomaria conhecimento daquilo e tinha pouco tempo para preparar minha defesa.

Na hora do almoço, atrasei-me o máximo que me atrevi. Quis a sorte que a Fanny estivesse doente nesse dia, e foi a Beattie quem serviu a refeição. Quando entrei na sala de jantar, o Marshall já estava sentado. Raras vezes eu o vira com ar tão sombrio. Compreendi que o Rankin havia falado com ele. Meu marido não se levantou quando o tio Jacob puxou a cadeira para eu me sentar. Quando meu olhar cruzou com o do tio, vi nele sua profunda preocupação e fiquei gelada de medo. Obriguei-me a levantar a colher e comecei a tomar a sopa. Comi em silêncio, enquanto o Marshall bebia vinho. Meu estômago revirou-se, mas continuei a forçar o líquido quente para baixo, enquanto me preparava para a descompostura. Quando a Beattie saiu da sala, levei um susto ao notar que ela estava grávida outra vez. Sem aviso prévio, todo o meu medo transformou-se em ódio. A insanidade daquilo tudo! Como é que ele se atrevia?! Quem era esse homem, para controlar a minha vida dessa maneira? Todos os dias eu era obrigada a suportar a conduta intolerável do meu marido, e mais uma vez, com a Beattie, era

forçada a ver os resultados dessa conduta. Eu era tão escravizada quanto todos os outros. Não consegui reprimir a raiva que percorreu minhas veias.

— Isto tem que acabar! — gritei, batendo com os dois punhos na mesa. — O quê? — perguntou Marshall, pego desprevenido.

— Isto! Isto! Com a Beattie!

O rosto do Marshall avermelhou-se e ele deu um risinho cínico, bêbado. Vi o tio Jacob virar-se para a porta. Eu não queria que ele fosse buscar ajuda. Ia acabar com aquilo sozinha.

— Não saia, tio! — gritei. — O senhor sabe o que está acontecendo. Todo mundo sabe!

Afastei a cadeira da mesa, levantei e me virei para o tio Jacob. Não sei por que me dirigia a ele; acho que não tinha coragem de confrontar o Marshall. O tio não falou, mas me lançou um olhar de advertência a que não dei atenção.

— O senhor sabe o que ele faz com a Beattie, como a toma à força! E agora — cuspi — , ela vai ter outro filho!

Ouvi Marshall levantar-se e vir na minha direção, mas eu havia passado do ponto em que me importava.

— Ele a usa, tio! — gritei. — Já imaginou? Ele a monta feito um animal!

Parei quando senti a mão do Marshall agarrando meu cabelo. Seus dedos o torceram, quando ele me puxou para fora da sala. Gritei de dor e o tio Jacob tentou ajudar. O Marshall, enfurecido, jogou-o contra o aparador; a força fez uma travessa de carne estatelar-se no chão. Aos empurrões, passei pela Beattie, que vinha entrando pela porta. Ela meio que tentou me segurar, deixando cair as xícaras de porcelana que carregava, mas o Marshall me empurrou adiante. Os olhos da Beattie se arregalaram de pavor ao vê-lo me puxar e me jogar dentro do seu quarto. De medo, não consegui me mexer quando ele bateu a porta depois de entrarmos.

Ele não gritou, mas começou a me bater. Seu rosto tingira-se de um vermelho-escuro e eu já não o reconhecia. Marshall tinha bebido muito,

mas não culparei o vinho. Tampouco atribuirei a responsabilidade a minhas palavras. O ato de violência que se seguiu foi tão abominável que não falarei dele.

Quando terminou, depois que o Marshall correu do quarto, fui até sua bacia e me lavei, sem me importar por deixar sangue em suas toalhas. Depois, comecei a vomitar e não consegui parar. Exausta, encostei-me na beirada da cama, até decidir que eu devia ter tido um pesadelo.

Quando a Mama foi me buscar, sorri.

— Mama, a Beattie vai ter neném.

Ela assentiu com a cabeça.

— Vamos, criança, ocê vem com a Mama.

Fui com ela para o meu quarto, onde ela me deitou e passou muito tempo afagando minha cabeça. Olhou muitas vezes pela janela. Nenhuma de nós, ao que parece, tinha palavras adequadas a essa ocasião.

Três semanas depois, na primeira semana de outubro de 1804, em meio ao esplendor das folhas de outono, a Meg e seus pais chegaram, carregados de presentes para a Elly. Nos primeiros dias, eu estava tão decidida a fazê-los desfrutarem de sua estada que cheguei a me sentir mal. Meu marido bebeu muito e, para surpresa deles, pediu licença para se ausentar durante a maior parte dos horários diurnos. Na noite do quarto dia, a Meg veio ao meu quarto e perguntou se poderia falar comigo em particular.

Fechou a porta e eu lhe ofereci uma das poltronas vermelhas diante da lareira. A Meg estava com 19 anos e, embora houvesse amadurecido nos dois anos anteriores, continuava muito semelhante ao que eu lembrava. O estudo da botânica ainda era sua grande paixão, e ela me confidenciou que o relacionamento com o Henry prosseguia, porém num ritmo lento, o que convinha aos dois.

Reacomodou-se na poltrona e, embora não se queixasse, percebi que a articulação afetada do quadril lhe estava causando desconforto. Desde épocas passadas eu sabia que ela não gostaria que eu fizesse

referência a isso, de modo que escolhi outro assunto. O que ela achava da coleção de folhas que a Sukey e eu lhe havíamos preparado?, comecei.

Era maravilhosa, disse Meg, mas não fora essa a razão desta visita noturna.

— Lavinia — ela perguntou — , você não está bem de saúde?

— Estou ótima — tranquilizei-a.

— Tem tido dificuldade para dormir?

— Não, Meg. Por que a pergunta?

— Você não tem sido a mesma, e anda muito... muito cheia de nervosismos. E a mamãe e eu achamos que está muito magra. Magra demais.

— Ah. Bem, sim. É a empolgação. Você não sabe quanto ansiei pela sua visita.

— Lavinia, qual é o problema do Marshall? Mal o reconhecemos. Chega a ser difícil acreditar em como ele tem evitado meus pais.

— Ah, Meg, tenho certeza de que o Marshall quer a aprovação deles e teme não ficar à altura.

— E você tem certeza de que está bem? — ela tornou a perguntar.

— Estou ótima — menti.

O que poderia dizer? Tinha medo de falar do que quer que fosse. Medo de que, se começasse, fosse contar tudo. E isso eu não podia fazer. Como poderia dizer-lhe o que sentia pelo Will? Como poderia falar com a Meg sobre a gravidez da Beattie, o relacionamento do meu marido com ela? E, quanto ao evento terrível que envolvera o Marshall, muito recentemente, eu mal conseguia admiti-lo para mim mesma, muito menos contá-lo a minha amiga.

Sensível ao meu mal-estar, Meg correu os olhos pelo quarto e mudou propositalmente de assunto:

— Como é acolhedor este quarto, como é bonito!

— Ah, sim — respondi, aliviada por ela ter abandonado a ideia de desvendar meus problemas. — Nunca saberei como agradecer a você e a sua mãe por terem feito isto para mim.

Conversamos sobre meu quarto e sobre a casa e seus muitos tesouros. Depois que a Meg saiu, nessa noite, caí na cama, pensando em como conseguiria levar a estada deles até o fim. Poucas semanas antes, eu havia ansiado pela chegada de nossos hóspedes. Agora, com medo de que descobrissem nossos segredos vergonhosos, não via a hora de eles partirem.

A D. Sarah ficou contente com a recuperação da irmã, porém seriamente preocupada com o apego da D. Martha ao Jamie. Quando ficamos a sós, ela me interrogou. Quem era ele? O que eu sabia sobre a origem daquela criança?

— Sei que ele veio do alojamento, mas, com as cores que tem, isso seria questionável — disse-me.

— Ele é filho da Belle — falei.

— Filho da Belle! Ela não era...? — a D. Sarah interrompeu-se, mas não antes que eu ouvisse a repugnância em sua voz.

Nesse momento, compreendi que também ela fora mal informada sobre o relacionamento da Belle com o capitão, mas eu não sabia nem por onde começar a contar a verdade e, por isso, não disse nada.

Após nossa conversa, ela deflagrou uma campanha para que o Jamie fosse retirado da D. Martha e, nesse processo, por pouco não destruiu o lento progresso que sua irmã tinha feito. Depois que a D. Sarah insistiu em que o Jamie fosse retirado da casa-grande, a D. Martha ficou tão agitada que nem grandes doses de láudano conseguiram acalmá-la. Passados dois dias e havendo testemunhado a extrema aflição da irmã, a D. Sarah cedeu e mandou trazer o Jamie de volta. Já então, porém, minha sogra voltara às doses maciças de láudano, e a dependência que o Jamie tinha dela era tão acentuada quanto a dela em relação ao menino.

A visita dos Maddens transcorreu mais devagar do que eu imaginaria possível. Embora eu tenha passado muito tempo com a D.

Sarah e a Meg, não me lembro de nenhuma conversa de grande merecimento. Eu simplesmente não sabia o que fazer ou dizer para explicar a nossa situação deplorável. Lutava todas as noites para dormir, mas o sono me escapava, em minha preocupação com os dias vindouros. Eu comia pouco e era anfitriã de refeições constrangedoras, com o Marshall ausente ou bebendo em demasia. Era quase doloroso demais para suportar.

Na véspera do dia em que nossos hóspedes deveriam partir, assustei-me ao ouvir gritos altos, que vinham da biblioteca. Desci a escada correndo, mas a Mama me impediu de entrar no cômodo, dizendo:

— É o Sr. Madden, ele tá falando com nhô Marshall. É melhor ocê ficar aqui fora.

Ela permaneceu a meu lado, escutando pela porta.

— Mas você deveria saber! Sabia como o tabaco era desgastante para o solo! — disse o Sr. Madden.

— O Rankin disse que... — começou Marshall.

— O Rankin não passa de um bêbado! O que ele entende de diversificação?

Fez-se silêncio, até o Sr. Madden continuar:

— Marshall. Os seus trabalhadores parecem semimortos de fome. Como espera que eles trabalhem, se estão famintos e doentes?

Houve um novo silêncio. Então o Sr. Madden disse, em voz mais baixa:

— O que aconteceu aqui, meu filho? Você deve saber que vai perder este lugar, se continuar assim.

Marshall explodiu:

— Este lugar já não é da sua conta! Deixe-me em paz!

A Mama e eu demos um pulo para trás quando o Marshall escancarou a porta, mas creio que ele não nos viu, ao passar em disparada e sair de casa. O Sr. Madden me viu e fez sinal para eu entrar, barrando a Mama ao fechar a porta atrás de nós.

— Posso lhe falar com franqueza, minha querida?

Assenti com um aceno da cabeça, paralisada.

— Lamento dizer que a D. Sarah e eu estamos profundamente apreensivos — começou. Como eu não reagisse, prosseguiu: — Desde a nossa chegada, temos observado o estado lamentável desta casa.

Arriei no canapé.

— Isto não é uma crítica a você, Lavinia — disse ele, adivinhando meus pensamentos. — Não, receio que a responsabilidade caiba ao seu marido.

Ao ouvir a bondade dele, tive uma ideia súbita e esperançosa.

— Sr. Madden...

— Chame-me de tio, por favor — interrompeu ele.

— Sim. Sim. Tio. Obrigada. Posso lhe perguntar uma coisa?

— Qualquer coisa, meu bem.

— Seria... Seria possível a Elly e eu voltarmos com vocês para Williamsburg?

Prendi a respiração, aguardando a resposta.

— Em que situação você tinha a esperança de voltar conosco? Para uma visita, talvez?

— Não. — Minha voz soou débil até para mim. — Pensei que poderíamos morar...

O Sr. Madden sentou-se a meu lado e falou em voz baixa:

— Creio que o Marshall não permitiria que você se ausentasse por um período indefinido. E, se viesse a liberá-la, tenho certeza de que não permitiria que a filha viajasse com você. Tem alguma dúvida de que estou fazendo a suposição correta?

— Não. Não. É claro que o senhor está certo.

— Você viria conosco sem a sua filha?

Deixar a Elly estava fora de cogitação, e foi o que lhe disse. Ele compreendia minha situação, afirmou, e fez questão de me deixar

convencida de que, se algum dia eu necessitasse de sua assistência, bastaria escrever-lhe. Ele faria todo o possível para ajudar. Agradei-lhe a generosidade, tomando o cuidado de evitar o desespero no tom da minha voz.

Só depois que a carruagem deles se afastou e me vi sozinha, acenando, na manhã seguinte, foi que me permiti sentir a profunda desolação de ficar para trás. Muito depois de eles partirem, quando eu já não conseguia ver a poeira das rodas da carruagem, o tio Jacob aproximou-se, trazendo um xale. Colocou-o nos meus ombros e insistiu para que eu entrasse. Vasculhei seu velho rosto bondoso, em busca de uma resposta.

— Tio?

— Vamos, criança — disse ele, e me ofereceu o braço para eu subir a escada.

Passei a maior parte desse dia sentada, imóvel. Perdera toda a esperança. Quando a Sukey veio me procurar, mandei-a embora. Quando a escuridão se aproximou e comecei a rever a futilidade do meu dilema, senti-me angustiada, certa de não suportar a tortura das minhas reflexões por mais uma noite. Estava andando de um lado para outro quando me ocorreu a ideia.

Fui ao quarto da D. Martha, onde a Mama a estava acomodando para dormir. Dirigi-me diretamente ao vidro de láudano e acrescentei uma dose a um copo d' água. A Mama observou enquanto eu mexia a mistura e, antes que ela pudesse protestar, eu a bebi. Minutos depois, quando o efeito estonteante da droga me transportou, eu soube que havia finalmente encontrado uma fuga.

CAPÍTULO 48

Belle

A LAVINIA TENTOU VIR aqui mais uma vez, mas o Rankin a pegou no flagra. Depois disso, o Papa passou duas semanas sem vir. O Ben foi até lá descobrir o que estava acontecendo, mas o Papa o mandou de volta, dizendo pra ele ficar longe, porque o Rankin tá vigiando todo mundo muito de perto.

A Fanny e o Eddy apareceram aqui no meio da noite, pra contar ao Ben, à Lucy e a mim tudo que vem acontecendo.

A Fanny e o Eddy são engraçados, andando juntos. Ele é muito baixo, e a Fanny é alta que só ela, mas magra que nem o marido.

O Eddy é filho da Ida e é um bom homem, apesar de ser filho do Rankin. A Ida não pode fazer nada sobre o Rankin ter enchido ela de filhos, um atrás do outro. De todos os filhos dela, só um não foi do Rankin. Era o marido da Dory, o Jimmy, mas o Rankin acabou com ele, deu nele até matar. O Eddy era só um menino, mas viu quando o Jimmy morreu. Não é segredo no alojamento que o Eddy, pequeno do jeito que é, quer matar o próprio pai.

O Eddy é muito calado e a Fanny é que fala o tempo todo, mas, depois que ela diz alguma coisa, ele comenta: “ É isso mesmo. A Fanny tá certa. É, ela tá certa.” Como se tivesse que abençoar tudo que a mulher diz.

Fanny nos contou o que o Marshall fez com a Lavinia quando o Rankin a apanhou vindo pra cá.

— Ela inda não voltou ao normal — disse.

— É — disse o Eddy.

— Alguém tem que fazer aquele home sofrer! — exclamou Ben.

— Não diz besteira! — retrucou a Fanny. — Tu só vai é dar um jeito de ser morto.

— Ela tá certa — disse o Eddy.

O Ben não falou nada. A Fanny percebeu que o havia magoado:

— Ben, lembra que ocê sempre chamou a Abinia de passarinho? Pois é o que ela tá parecendo. Um passarim assustado, parado no chão. Vai precisar de mais que vento pra ela voar de novo. É claro, ela tá agindo igualzinho às branca, só faz desistir, sentada no quarto. A Beattie teve o mesmo pobrema, mas deu um jeito de fazer funcionar pra ela. Não sei por que a Abinia num faz a mesma coisa. Isso me dá é raiva!

— É. Com certeza ela dá...

— Espera aí, Fanny! — falei, interrompendo o Eddy. — Pra mim tá parecendo que ela tenta revidar, mas o Marshall é demais pra ela. Não se esqueça, Fanny, de que eu sei como é o Marshall. Não fico falando nisso porque você era muito pequena na época, mas, quando ele fica violento, não tem como revidar.

— Num tô querendo falar nada contra você, Belle... — começou a Fanny. — Só lembre que a Lavinia é como uma filha pra mim, Fanny.

— Belle, ocê sabe que às vez eu falo demais. Agora, lá em casa, tá todo mundo nervoso. A Mama e o Papa num sabe o que fazer. E agora, a mamãe disse que a Abinia tá começando a tomar as gota, que nem a D. Martha.

Eddy não falou nada, mas era visível que não gostava quando as palavras voavam entre a Fanny e eu.

— Não tem como evitar o fato de ela ser branca, Fanny, mas, no meu modo de ver, ela faz parte desta família. E não tem saída, igualzinha a nós — declarei.

— Mas por que ela não vai embora? — perguntou a Lucy. — Ela é livre, não é que nem nós.

— A mamãe falou que a Abinia conversou com o seu Madden sobre vortá pra Williamsburg — contou Fanny — , mas ele disse que ela tem que deixar a Elly com o Marshall. A gente sabe que ela nunca vai fazer isso.

Ficamos todos calados, pensando no assunto.

— Como vai o meu Jamie? — perguntei, mesmo com medo de saber.

A Fanny desviou o rosto e disse:

— Ele vai muito bem, mas a gente vai tirar ele da casa-grande assim que puder.

— Por quê?

— O tio Jacob quer ele em casa, e o Papa diz que ele precisa aprender a trabaiaá nos celeiro.

Dava pra ver que a Fanny estava escondendo alguma coisa.

Antes que eu tivesse chance de fazer mais perguntas, eles se levantaram, dizendo que tinham de ir. Tem horas que eu fico doente de preocupação com o Jamie, pensando em como fazê-lo voltar a ficar comigo. Se eu não tivesse o meu neném George aqui, não sei o que faria.

Nos últimos tempos, a Lucy e eu nos entendemos que é uma beleza, mas, quando vi que ela estava pegando barriga outra vez, fiquei com raiva do Ben.

— Quando é que você faz tudo isso com a Lucy? — perguntei.

— O que ocê quer dizer?

— Tá pensando que meus olhos não veem?

Nessa noite, quando ele veio bater na minha porta, eu disse que não, mandei ele procurar a Lucy. Mas, depois de algum tempo, comecei a pensar que, se ele não andasse com a Lucy, eu não teria o meu George. Tenho que dizer que ela conta comigo pra cuidar desse bebê. A única coisa que ela faz é dar de mamar, e depois o entrega pra mim e diz:

— Vai pra sua mãe Belle.

Essas palavras são doces como mel pra mim.

Não demora muito, o Ben está comigo de novo.

CAPÍTULO 49

Lavinia

DESCOBRI OS SEIS VIDROS de láudano no mesmo dia em que encontrei os documentos perdidos da Belle. Depois da visita da Meg, eu não conseguia achar nenhum senso de objetivo, e muitas vezes me apanhava perambulando pela casa. O inverno se aproximava, mas não era essa a razão de eu não querer mais andar a cavalo. Com muito medo das consequências, não me atrevia a visitar a Belle e, sem isso, não tinha destino. De uma forma irracional, não conseguia compreender que o Will não tentasse me ver. A leitura havia perdido os atrativos e, no esforço de aquietar os nervos, busquei outras maneiras de me manter ocupada. A Mama e eu tínhamos feito um inventário da casa no ano anterior, mas por várias razões, na época, havíamos parado antes de entrar nos aposentos da D. Martha.

Depois da visita da D. Sarah, ela voltou a requerer vigilância constante. Nós nos alternávamos em turnos, a Mama, a Fanny e eu, e foi durante o meu horário, enquanto as crianças e a D. Martha dormiam, que reparei no armário alto de roupa de cama e mesa na sala azul. Lembrei-me que não tínhamos inventariado seu conteúdo. Era uma tarefa que não me agradava, mas eu não aguentava mais ficar ociosa por horas intermináveis e vazias, e resolvi executá-la.

Usei uma cadeira para chegar às prateleiras superiores. Retirar delas as pilhas de roupa de cama e as caixas de chapéu era cansativo, de modo que foi um alívio quando descii a última caixa restante. Curiosa, por ter ouvido um som de vidro tilintando, abri-a e encontrei seis frascos cheios de láudano. Será que a D. Martha os havia escondido, anos antes? Devia ser isso; não havia outra explicação. Então, seria esse um esconderijo dela? Que outros segredos estariam ocultos ali? Trepada na cadeira, eu não conseguia enxergar o fundo da prateleira, mas espichei a mão o máximo que pude. Meus dedos quase deixaram escapar o pacote, mas, depois de tateá-lo, dei um jeito de movê-lo e colocá-lo ao meu alcance. Era um envelope endereçado à Belle.

Reconheci-o no mesmo instante como o pacote que a D. Martha havia interceptado naquele Natal, tantos anos antes. Eu sabia que continha os documentos da libertação da Belle. O envelope me assustou. O que significariam esses papéis para ela, agora? O Marshall poderia usá-los contra ela, de alguma forma?

Antes que a Fanny viesse me substituir, levei o envelope lacrado e os vidros de láudano para o meu quarto. Não falei com ninguém sobre minhas descobertas, pois tinha toda a intenção de fazer os papéis chegarem furtivamente às mãos da Belle, na primeira oportunidade viável.

Nessa noite, usei o láudano para me acalmar antes de dormir. Funcionou tão bem que, no dia seguinte, decidi misturar umas gotas no xerez, meia hora antes do almoço. Foi uma combinação mágica. Tranquilizou-me na presença do Marshall e reduziu minha ansiedade, de modo que pude comer sem me sentir nauseada. No curso dessa refeição, notei com grande alívio que nem mesmo a Beattie e sua gravidez me perturbaram como antes. Marshall pareceu gostar da minha nova atitude serena e, atribuindo-a ao vinho do almoço, incentivou-me a beber mais na refeição. Não discuti.

Continuei a usar o remédio e, quando os resultados se mostraram consistentes nas semanas seguintes, não demorei a passar a depender dele diariamente para levantar o ânimo.

Escrevi à Meg para lhe contar sobre a ajuda que havia descoberto para mim, mas, quando ela respondeu me alertando para os perigos do ópio, fiquei tão zangada por ela querer privar-me desse pequeno consolo que suspendi a nossa correspondência.

Na noite de Natal desse ano, a Fanny me acordou de um sono profundo.

— A Mama tá percisando de ocê — disse. — A Beattie tá tendo neném.

— Onde está a Ida? — perguntei, tentando me acordar.

— Tá doente — respondeu Fanny.

— Vá você. Eu fico com a D. Martha.

— A Mama disse que quer ocê — retrucou Fanny. — Diz que o bebê tá difícil de sair.

Vesti-me com relutância. O Papa George me encontrou na porta dos fundos e me deu o braço, iluminando nosso caminho com um lampião. Da casa da cozinha veio um grito da Beattie. Ainda presa ao meu ressentimento e com raiva de ter sido a mim que coubera essa tarefa, eu teria andado ainda mais devagar se o Papa não me puxasse.

Minha atitude de frieza não durou muito. A Mama tinha levantado a Beattie e a pusera para andar e, ao ver a aflição dela, joguei longe o meu xale e fui lhe oferecer minha ajuda.

— Segura ela em pé e ajuda ela a andar — disse a Mama.

— Encoste em mim, Bea — falei.

Segurei-lhe o braço com firmeza e, com o rosto contorcido de dor, ela me fitou.

— Sinto muito por isso, D. Abinia.

— Fique quieta, Bea — respondi, mas outra contração tornou a atirá-la numa dor tamanha que não tive certeza de que me houvesse escutado.

De manhãzinha, quando o neném nasceu, todas as três estávamos exaustas, mas radiantes com nosso sucesso. Não senti nada além de um profundo alívio quando a Mama entregou o garotinho escuro à Beattie.

A nova mamãe dormiu enquanto a Mama Mae e eu preparávamos um desjejum. Quando ela foi levá-lo à casa-grande, fiquei segurando o bebê, afagando seu rosto macio, até a Beattie acordar. Pus o neném em seus braços estendidos e rimos quando ele franziu a carinha. Ela falou, enquanto contemplava o filho:

— Desculpa eu dar todo esse trabaio a ocê.

Eu a fiz calar-se. Ela pegou minha mão e a beijou. Em troca, beijei a sua. Não contei a essa minha amiga de infância que, enquanto ela dava à luz, eu tinha visto por mim mesma as marcas no seu corpo. Não precisei de mais nada para me convencer de que ela era a vítima desventurada

do meu marido, e senti uma profunda tristeza por haver agravado os seus problemas.

Continuei lá enquanto ela amamentava o bebê, depois permaneci com os dois enquanto dormiam. Sentada ali, no calor da casa da minha infância, tomei a firme decisão de consertar as coisas.

Meu coração estava acelerado, mas minha voz estava calma quando falei com o Marshall, no almoço daquele começo de tarde:

— A Beattie teve um parto muito difícil.

Ele enrubesceu, mas não me olhou.

— Ela precisa de tempo para se recuperar.

O Marshall levantou-se e eu enrijei, inteiramente preparada para uma explosão, mas ele saiu da sala sem tecer comentários.

Quando o tempo esquentou um pouco, em meados de janeiro, o Marshall saiu inesperadamente, para passar um dia a trabalho fora de casa. Com a coragem derivada do ópio e movida pelo desejo de ver o Will, resolvi aproveitar essa oportunidade para entregar à Belle os documentos da alforria. Confidenciei à Sukey o que ia fazer, por saber que ela não me deixaria sair sem uma explicação:

— Preciso que você fique aqui, mas tenho de ir me encontrar com a Belle.

— Por quê? Por que você precisa se encontrar com a Belle?

— Encontrei uns papéis — cochichei.

— Que tipo de papéis? — ela cochichou de volta.

— Na volta eu lhe conto, mas você tem de prometer que vai guardar segredo.

— Prometo — disse ela, com um aceno da cabeça. Eu confiava na Sukey como em mais ninguém.

O Papa e eu discutimos quando insisti em que ele selasse o Barney. Ele adivinhou de imediato aonde eu iria. O tempo não estava firme, disse, e não fazíamos ideia de quando o Marshall ia voltar. Além disso, falou, o Rankin tendia mais a aparecer no celeiro durante o inverno.

Não me atrevi a falar com ele sobre os documentos da Belle nem sobre minha necessidade de ver o Will. Sustentei teimosamente a minha posição. Apesar da expressão severa no rosto dele, insisti em que fizesse o que eu pedia e parti a galope. Não virei para trás para acenar; em vez disso, minha mão apalpou o envelope que a Sukey e eu havíamos atado ao meu peito.

Eu estava quase na metade do caminho quando me atrevi a reduzir a velocidade do cavalo para a marcha. Foi então que ouvi às minhas costas o relincho de outro cavalo. Puxei as rédeas do Barney e girei para confrontar o cavaleiro que se aproximava. É claro que era o Rankin.

— Ora, Sra. Pyke — disse ele — , eu tinha esperança de poder alcançá-la. Estava intrigado para saber aonde a senhora ia com tamanha velocidade, mas, agora que estamos perto da casa dele, isso não me intriga mais — sorriu. — O Will Stephens é muito amigo seu, não é?

Quando não respondi, ele pegou as rédeas do meu cavalo e nos virou na direção de casa.

— A senhora sabe que o seu marido não quer que venha aqui.

Dei-lhe uma forte chicotada no pulso. Reagindo ao estalo do chicote, Barney disparou adiante, e eu lhe dei rédea solta quando ele rumou para casa.

Eu estava preparada para meu marido quando ele entrou no meu quarto nessa noite. A meu pedido, a Fanny levava a Elly para dormir no berçário. A Sukey se recusara a sair de perto de mim, e por isso nós duas estávamos sentadas jogando cartas. Quando ouvi os passos do Marshall na escada, minhas mãos começaram a tremer. A Sukey murmurou:

— Não se preocupe, D. Abby, vou ficar aqui com ocê.

— Por favor, vá ficar com a Mama — cochichei, mas ela balançou a cabeça.

Quando o Marshall entrou, a Sukey levantou-se, como mandava a ordem. Marshall se aproximou de mim e me deu uma bofetada no rosto. A Sukey soltou uma exclamação abafada.

— Aonde você estava indo? — perguntou ele.

Mantive os olhos baixos.

— Saí para dar uma volta.

Dessa vez, a força da bofetada me derrubou da cadeira. Ele veio de novo para cima de mim e, antes que eu pudesse impedir, a Sukey o atacou. Deu-lhe uma mordida funda no braço e o Marshall soltou um palavrão, atirando-a longe. Para minha grande surpresa e alívio, saiu abruptamente do quarto. A Sukey e eu consolávamos uma à outra quando ele voltou com o Papa George.

— Leve-a — ordenou, apontando para a Sukey. — Livre-se dela!

— Não — pedi, estreitando a menina junto ao peito. — Por favor, Marshall, ela não fez nada de errado.

— Você deixa a sua negra me morder e diz que ela não fez nada de errado?! — gritou.

— Ela só estava tentando detê-lo.

— Deter-me? Deter-me?! — virou-se para o Papa, que estava recuado junto à porta. — George, eu o mandei entrar aqui e levá-la embora!

Os braços da Sukey me enlaçavam, mas o Marshall a arrancou de mim e a jogou para o Papa George.

— Tire-a daqui!

Os olhos do Papa se inflamaram e seu corpo tremeu e, por um instante terrível, pensei que ele fosse recusar a ordem do Marshall. Mas ele se conteve e, com uma gentileza incomum, convenceu a Sukey a acompanhá-lo.

Caí de joelhos depois que eles saíram.

— Marshall! Por favor! Por favor! Não faça mal a ela. Para onde você vai mandá-la?

— Ela vai para o alojamento, que é o lugar dela.

— Mas, e a Elly? — argumentei, tentando outra abordagem. — Ela é muito apegada à Sukey.

— Há outras pessoas para cuidar da Elly.

— Mas a Sukey nunca morou lá, será duro demais para ela!

— Tudo isto é culpa sua, Lavinia. Você se atreve a me envergonhar! Vai se encontrar com outro homem!

Ainda de joelhos, eu lhe implorei:

— Por favor, Marshall, castigue a mim, não a Sukey. Não a tire de mim.

Ela é como minha própria filha.

Ele me deu um chute:

— Levante-se! Você me dá nojo! Os títulos que dá a esses negros! Diz que ela é como uma filha. Chama-os de pai e mãe, como se fossem seus parentes! Mais uma dessas e eu livro você de todos eles.

Depois que ele saiu do quarto, corri para a janela. A escuridão se agigantava e me impedia de enxergar. A casa estava em silêncio; ninguém se atrevia a se mexer. Tranquei a porta antes de ir ao meu armário alto da roupa de cama. Trêmula, tirei do corpete os documentos da Belle. Depois de escondê-los na prateleira mais alta, coloquei-os atrás da caixa de chapéu que continha os vidros de láudano. Após uma pequena deliberação, verti uma quantidade generosa do líquido preto no meu copo de xerez, bebi-o e esperei que ele me acalmasse.

De manhã, a Mama me contou que a Sukey tinha sido levada para a cabana da Ida e proibida de carregar qualquer pertence seu. Todos foram avisados de que, se me ajudassem a entrar em contato com ela, seriam imediatamente vendidos. Eu me lembrava bem da advertência do Marshall. Se ele era capaz de tirar a Sukey de mim, eu não tinha dúvida de que tiraria qualquer um dos outros. Depois disso, não me atrevi a perguntar por ela a ninguém.

Em desespero, escrevi ao Sr. Madden, mas então me lembrei de que o Marshall com certeza interceptaria toda a minha correspondência, e por isso, à noite, queimei a carta.

Nas semanas seguintes, procurei meu marido em duas ocasiões distintas para lhe fazer apelos. Na minha primeira abordagem, ele me avisou que era melhor eu esquecer o assunto. Na segunda, tornei a lhe implorar que mudasse de ideia. Ele deu risadas cáusticas do meu apego à

Sukey, chamando-a de minha filha perdida. Quem era o pai?, perguntou.

Desesperada, dei-lhe uma bofetada. Exigi que me deixasse vê-la. Marshall me encarou com um olhar que não reconheci. Na tarde seguinte, mandou a Mama me dizer que a Sukey tinha sido vendida. Os olhos da Mama estavam inchados e seu rosto, contorcido, ao me dar a notícia.

— É pra eu lhe dizer que a Sukey foi embora.

— Embora para onde? — perguntei, num grito de dor.

— Ela foi vendida.

— Não, Mama! Não! A Sukey não, Mama! A Sukey não! — gritei.

Mas a Mama estava tão arrasada quanto eu e me olhou com ar de desamparo, as lágrimas rolando pelo rosto. Corri para a janela. Ainda havia tempo, com certeza.

— Levaram ela de madrugada. Ela foi embora — disse a Mama.

Encarei-a, sem querer acreditar.

Ela chegou perto e cochichou no meu ouvido:

— D. Abinia, tenho que descer. Nhô Marshall tá me esperando.

— Para quê, Mama?

— Diz que num me quer mais paparicando ocê. Diz que, se eu fizer isso, sou a próxima que ele vai vender.

Seu rosto assustado me disse que ela não via esse aviso como uma ameaça vã. Fiquei olhando fixamente enquanto ela saía do quarto. Uma cadeira encostada na parede pareceu não ter peso algum quando a levantei. Dei com ela na cama com tanta força que a coluna da cama e a cadeira se espatifaram. Mesmo assim, continuei a bater. Quando não

sobrou nada em minhas mãos, arriei no chão e me entreguei a minha tristeza.

Depois da venda da Sukey, eu me recusei a fazer as refeições na sala de jantar e o Marshall não mandou me chamar. Não nos víamos, porque eu ficava no andar de cima quando sabia que ele estava em casa.

Marshall se fizera entender com clareza. Todos estavam com medo. Depois da venda da Sukey, ninguém se sentia seguro. Tive a impressão de que minha família inteira me culpava pela partida dela, e por que não culparia? Fora eu a responsável. Além disso, eu tinha pavor de que meu marido interpretasse mal qualquer conversa que eu mantivesse com eles, e por isso só mantinha diálogos breves. Chorei pela Sukey como não havia chorado por mais ninguém e, envergonhada do meu papel nesse episódio, fechei-me a qualquer consolo que meus familiares me pudessem oferecer.

Em completo desespero, apoiei-me maciçamente no láudano, e não tardei a depender dele para funcionar. Já havia descoberto que o remédio não era difícil de obter; era simples encomendá-lo pelo correio. Todas as manhas, dissolvidas num copo d' água, algumas gotas embotavam minha realidade. Horas depois, quando o esgotamento me dominava, outra dose, ingerida com vinho, dava-me um empurrão para levar o dia até o fim. À noite, sozinha em meu quarto, eu fazia planos. Eu iria embora, encontraria a Sukey e a ajudaria a fugir. Alta madrugada, desenhava de memória mapas da floresta e planejava nossa rota, depois queimava tudo, por medo de que o Marshall descobrisse. Quando o sono me escapava, uma dose maior de ópio me ajudava a dormir. E assim continuei, tomando o opiáceo por amigo, enquanto era envolvida em seu abraço cada vez mais apertado.

Durante esse período, o Marshall continuou com a Beattie, embora também encontrasse outras diversões: começou a apostar em cavalos e desenvolveu uma paixão por jogos de cartas.

A Fanny me informou de que ele vendeu pessoas do alojamento para pagar dívidas. A Meg escreveu, mas ignorei seus pedidos de comunicação. À medida que a necessidade do láudano foi me dominando, senti-me mais desamparada que nunca e, ano após ano,

afundei mais na apatia. Mal cheguei a chorar quando a Mama me contou que o Will Stephens tinha se casado.

CAPÍTULO 50

1810

Belle

FAZ CINCO ANOS QUE a Sukey foi embora.

Nesse intervalo, a Beattie teve mais dois meninos do Marshall. Ela descobriu como ele funciona, e agora o homem passa mais tempo na casa da cozinha que na casa-grande. A Mama diz que, se existe alguém com quem o Marshall se importa, é a Beattie. A Beattie diz que ele já quase nem deita com ela. Só vai lá pra dormir. Às vezes, ela contou, até brinca com os meninos. Mas, na maior parte do tempo, aparece bêbado demais pra saber onde está.

O Will Stephens nos disse que o Marshall tá perdendo a fazenda toda, por causa do carteado e dos cavalos. Está perdendo cada vez mais terra e até vendendo gente do alojamento. Tenho medo que ele venda o meu Jamie, mas o Will Stephens diz que isso nunca vai acontecer. O Marshall sabe que o Will está de olho pra comprar o Jamie, se esse dia chegar.

Andaram me contando que o meu Jamie é esperto como o quê. Vive lendo. A Mama diz que ele fala muito bonito e parece até que veio da casa-grande. Dizem que não tem a menor dificuldade pra passar por branco. Quando sinto saudade, digo a mim mesma que talvez seja desse jeito que ele vai ser livre. Um dia, talvez ele vá embora e viva como branco.

Dizem que a Lavinia usa as gotas que nem a D. Martha. Ela ainda fica de pé e se movimenta, mas a Mama disse que dos olhos dela não sai mais nada. A única coisa com que ela ainda se importa é a sua Elly.

Essa menininha Elly, pelo que a Mama diz, é incrível mesmo. É parecida com a Lavinia, mas tem mais atrevimento e vivacidade do que a mãe nunca teve. Passa a maior parte do tempo correndo e brincando com o Moses, o filho mais velho da Beattie, mas também se dá bem com o meu Jamie.

Numas duas ocasiões, eu me escondi no arvoredor, pensando em ver o Jamie quando ele vai aos celeiros, mas, nesta última vez, o Papa disse:

— Num vem mais aqui. O Rankin tem faro pra arranjá encrenca.

O Ben disse que, depois que mandaram a Sukey embora, o Papa tem medo de tudo. E, em especial, não gosta quando fica sabendo que o Ben anda ajudando gente a fugir. O Ben arranjou um lugar pra esconder esse pessoal na casa dele, mas não falamos disso com ninguém. A gente acha que talvez o Will Stephens saiba, mas ele não fala nada. A Lucy não gosta nem um pouquinho dessa história. Tem medo, por causa dos pequeninhos.

Isto aqui está crescendo. O Will Stephens finalmente se casou. Todos sabemos que estava esperando para ver o que acontecia com a Lavinia. Uma vez, o Will foi até lá, pra ver como estava ela. Dirigiu-se à porta da frente, como um cavalheiro, e pediu para falar com a Lavinia. O Marshall apareceu na porta, apontou uma arma para ele e disse que atira no Will da próxima vez que o vir.

Depois que viu com os próprios olhos que não podia fazer nada, o Will não voltou mais lá. No ano passado, casou com uma moça da igreja, e todos gostamos bastante dela. Com certeza não é nenhuma boniteza de se ver. É branca que só ela, de cabelo amarelo, e parece que não tem cílios. Não ri muito, e fala no bom Deus mais até do que a Mama Mae, sem dúvida alguma. Imagina só, o nome dela é Martha, e assim, lá vou eu chamando outra mulher de D. Martha.

A Lucy trabalha na casa-grande. Fico aqui cozinhando e cuidando dos bebês. Ela está feliz. Diz que nunca na vida pensou que um dia ia trabalhar numa casa-grande. Eu digo que nunca pensei que ia ficar trabalhando numa cozinha e cuidando de meninos que outra mulher teve com o meu homem. E a gente ri, porque esta é a triste verdade.

O Ben significa tudo para a Lucy e para mim, mas tem dia que a Lucy vem me dizer: “ Belle, ocê fica com esse homem, não quero nunca mais olhá pra cara dele!” Noutros dias, eu falo: “ Lucy, ele é todo seu! Faz ele ficar longe de mim.” E é assim que funciona pra nós, as duas com o mesmo homem. É claro que tem hora que eu acho que o Ben gostaria

de ter um lugar para si, para escapar de duas mulheres que têm cada uma o seu jeito de ser.

O meu George vai fazer 6 anos neste Natal. Já sabe escrever seu nome, e o meu também. Ele me chama de Mama Belles e, do jeito que fala, nunca me canso de ouvir essas duas palavras. Ele mora comigo desde antes de aprender a andar, e a Lucy nunca diz que não quer que eu me apodere desse menino.

O Ben perguntou:

— O que ocê vai fazer quando chegar a hora de ele trabaiá no campo?

E eu respondi:

— Tô preparando o George para a casa-grande. Ele não vai lá pro campo.

O Ben e a Lucy acham que o George tomou o lugar do meu Jamie, mas é que não enxergam direito. Cada menino tem metade do meu coração.

CAPÍTULO 51

1810

Lavinia

GRANDE PARTE DAS TERRAS tinha sido vendida na primavera de 1810. Continuei a usar as doses de láudano enquanto tudo desmoronava. O Marshall raras vezes se fazia presente na fazenda e, nas poucas ocasiões em que eu o via, nossos encontros eram frios e curtos. Eu me certificava de que a Elly fosse levada ao pai, quando ele pedia para vê-la, mas essas ocasiões eram raras. A Fanny, que acompanhava minha menina nessas visitas, dizia-me que o Marshall parecia sem jeito com a filha.

— Ele num sabe o que dizer, porque, quanto maior fica aquela garotinha, mais ela parece com ocê — explicou a Fanny.

Minha filha era a luz do seu mundo. Para tristeza da Fanny, ela e o Eddy não tinham filhos, e por isso ela tratava a Elly como se fosse sua. Todas as manhãs, depois que a alimentava e a vestia, as duas tinham o seu pequeno ritual. “ E quem é a Fanny para a sua queridinha?” , perguntava Fanny. Os braços da Elly envolviam-lhe o pescoço para o abraço matinal, e as palavras da menina sempre a faziam dar altas gargalhadas. Elly arrastava as palavras e a imitava com perfeição: “ Fanny, ocê sabe que ocê é mesmo a minha grande bença!”

Fanny também era a enfermeira da D. Martha. De modo geral, a saúde mental da minha sogra tinha se estabilizado. Mas havia dias em que o grito agudo de algum animal, vindo lá de fora, podia deixá-la extremamente alarmada. Nessas horas, ela me chamava — “ Isabelle! Isabelle!” — e, quando eu não ia correndo, a única outra pessoa capaz de acalmá-la era o Jamie. Ela continuava obcecada como sempre pelo menino e, embora eu reconhecesse a excentricidade dessa obsessão, tratava-se de algo que já não parecia tão peculiar naquela família estranha.

O Jamie fez 13 anos nesse verão. Na primavera anterior, tornara-se muito alto; era esguio de corpo e, com a ressalva do olho, possuía um belo rosto, de traços finamente entalhados. Fanny foi quem deu a melhor descrição dele à Mama:

— Ele é bonito demais prum menino.

Jamie era de uma meticulosidade incomum. Insistia no caimento perfeito de suas roupas e sempre mantinha o cabelo, com suas ondas suaves, cuidadosamente amarrado nas costas, com uma fita de cetim preto. Eu tentava amá-lo como à Elly, mas havia algo nele que não permitia que eu me aproximasse. O menino nunca era indelicado com a D. Martha nem comigo, mas, se alguma outra pessoa o irritava, assumia um ar de superioridade que, em mais de uma ocasião, fez a Mama comentar que ele estava “ se achando importante demais” .

Ao longo dos anos, o Papa George tentou fazer com que ele se interessasse por atividades ao ar livre. Ensinou-o a cavalgar e, quando o Marshall não estava, ensinou-o até a caçar com a espingarda que ficava trancada no celeiro. Mas o tempo do Jamie com o Papa era limitado, e o menino permanecia quase sempre fechado em casa. Sua paixão eram os livros, e ele passava horas à escrivaninha da sala azul, onde lia, escrevia e estudava poesia. Sua outra fascinação eram as aves, e, nisso, era frequente ele me lembrar a Meg. Seu bem mais precioso era um livro sobre pássaros norte-americanos que eu lhe dera. Após dias esmiuçando o livro, Jamie anunciou que um dia iria à Filadélfia conhecer o ornitologista que o havia publicado. Sua determinação não deixou dúvida de que ele faria isso acontecer.

A sala azul tinha pilhas de outros livros e, à noite, tornou-se rotina nos reunirmos no quarto da D. Martha e ouvirmos o Jamie ler em voz alta. A D. Martha o havia treinado e ele tinha a dicção esplêndida. De muitas maneiras, essas noites foram a minha salvação. O tio Jacob sempre ia ao meu quarto me buscar. Quando eu pretextava letargia, quando lhe dizia que não estava passando bem, um olhar dos seus velhos olhos castanhos era o bastante para me lembrar de meus deveres para com a família. Não era raro eu me encontrar num estupor quando segurava seu braço e ele me conduzia aos aposentos da D.

Martha. Depois de me fazer sentar, ele puxava uma cadeira da sala azul e se sentava em silêncio atrás de mim. A noite terminava quase sempre com a Elly cochilando no colo do tio Jacob.

Moses, o filho mais velho da Beattie com o Marshall, completou 6 anos nesse verão, um a menos que a Elly. Eram companheiros constantes de brincadeiras.

Nos primeiros anos, a Beattie procurara manter o Moses longe da casa-grande, mas, passado algum tempo, a Mama Mae deve ter lhe dito que eu não me importaria se ele fosse brincar com a Elly. Na verdade, com seu jeito descontraído e o rosto de covinhas fundas, o Moses me lembrava tanto da Beattie quando pequena que acolhi de bom grado a sua presença alegre.

Eu já não me preocupava com o bem-estar da Beattie. Tinha consciência de que ela havia encontrado sua própria maneira de lidar com a situação. Fiquei contente ao saber que convidava a Elly a entrar na casa da cozinha e ali a tratava com gentileza. A Beattie e eu pouco nos víamos, já que eu não ia mais à casa da cozinha; nunca sabia quando o Marshall estaria por lá.

Nos últimos meses do verão de 1810, era raro meu marido estar em casa. As bebedeiras e o jogo haviam piorado, e só me restava imaginar quão perto estaríamos do desastre completo. Nesse verão, muitos de nossos trabalhadores já tinham sido vendidos, e as poucas pessoas que restavam no alojamento estavam tão exaustas que não sei como sobreviviam.

Eu não via saída. Atormentada por minha incapacidade de agir, passava as noites andando pelo quarto numa bruma de ópio, enquanto todos dormiam. Onde estava a solução? O Marshall tinha conhecimento de todos os meus gastos, portanto, como é que eu poderia financiar uma fuga? E, superada essa questão, quem eu levaria comigo?

Havia a Elly e, é claro, a sua adorada Fanny. Mas, e a D. Martha? Eu tinha sentimentos extremamente protetores em relação a ela. E a Mama Mae! Como é que eu poderia deixá-la? Ela era meu alicerce, e a vida sem ela era inimaginável. Nesses últimos anos, eu só tivera duas desavenças

com a Mama. Uma fora por causa do Jamie. A outra tivera a ver com meu uso do láudano.

Eu sempre soubera da objeção da Mama à presença do Jamie dentro de casa e à conseqüente dependência entre ele e a D. Martha. Toda vez que a Mama sugeria que os separássemos, eu pedia mais tempo. Não conseguia esquecer a visita da D. Sarah e os resultados desastrosos do afastamento do Jamie por aqueles poucos dias. E depois, o menino era tão apegado a D. Martha quanto ela a ele. Os dois passavam longas horas na companhia um do outro, embora fosse comum a D. Martha dormir enquanto o Jamie escrevia ou estudava. Ele era sempre respeitoso comigo, mas havia momentos — em particular depois do seu aniversário de 13 anos — em que se mostrava particularmente insolente com a Fanny. Repreendi-o por isso, mas ele continuou, até que a Fanny acabou se queixando com a Mama Mae.

Nas primeiras horas de uma manhã daquele mês de maio, a pedido da Mama, desci para ajudá-la a abrir a casa e deixar entrar o ar da primavera. Escancaramos as janelas da sala de jantar; nos últimos tempos, esse cômodo raramente era usado e, ao examiná-lo, notei que sua imponência começava a declinar. A Mama se manteve em silêncio enquanto eu corria os olhos pela sala; quando fiz menção de sair, perguntou-me se podíamos conversar. Puxei uma cadeira para ela e me sentei.

— O que é, Mama?

— Nós tem que tirar o Jamie desta casa — respondeu ela, em tom urgente.

Remexi-me na cadeira, incomodada. Conseguira esquivar-me muitas vezes dessa discussão, mas, ao ouvir o tom da Mama, duvidei que pudesse fazê-lo nesse momento. Corri o dedo de um lado para outro pela borda da mesa polida, até que a Mama me interrompeu:

— D. Abinia?

— Mas por que agora? — perguntei, ouvindo o gemido em minha voz. — Porque os pobrema tá só esperando pra acontecer. Eu sinto.

— Bem, o que podemos fazer? Para onde ele iria? Não podemos mandá-lo de volta à casa da cozinha. O Marshall vive indo lá.

— O Jacob disse que leva ele pra casa dele, e o George diz que leva ele pra trabalhar no celeiro. Diz que o Jamie é bom com os cavalos.

— Mas a senhora sabe que o Jamie não vai querer trabalhar nos celeiros. — É por isso que ele precisa ir. Tá crescendo depressa. Precisa saber qual é o lugar dele.

— Mas qual é o lugar dele? O menino nem se lembra da Belle.

— Da última vez que o Jamie foi lá nos celeiro, o Papa falou com ele, disse que a Belle é a mãe dele de verdade. O Jamie ficou com raiva, disse que o Papa num sabia o que tava falando. O Jamie disse que era branco. O pai falou: “ Não, ocê é preto que nem eu.” O Jamie saiu correndo, e agora num vai mais nos celeiro. Tá ficando muito grande pra isso, Abinia. E ficando com a boca muito marcriada. Tá na hora de ele saber que é preto, e ele tem que aprender a trabaiá como um preto.

— Sei que a senhora tem razão, Mama. Eu o ouvi falando com a Fanny. Mas a senhora sabe que a D. Martha pensa nele como seu filho. Não admira que ele tenha a impressão de que seu lugar seja aqui, na casa-grande.

— Isso tem que acabá. Agora ele tá se achando muito importante. Vai vim por aí um tombo danado pra esse menino — disse a Mama.

— Talvez possamos mandá-lo para fora. Ele parece branco. Ninguém imaginaria...

— A mãe dele é a Belle. Isso faz ele ser preto! E depois, ele num tem documento de alforria.

— A senhora acha que ele sabe quem é seu pai?

— Aquele menino só tem que olhar pra própria cara. Se ele não é a cara do nhô Marshall, então num sei quem é. O tempo todo, é por isso que a D. Martha acha que ele é um dos dela.

— Sei que temos de fazer isso, mas tenho muito medo de como a D. Martha...

— O Jamie vai continuá a visitar ela — a Mama me assegurou.

— Podemos esperar umas semanas? O verão chega daqui a um mês e, no calor, ela dorme quase o dia inteiro. Talvez não sinta tanta falta dele.

A Mama Mae calou-se.

— Prometo que, se a senhora concordar em esperar até junho, eu converso com o Jamie.

— Tô contando com ocê pra fazê isso — disse ela.

Dei-lhe minha palavra.

Não sabíamos que o Jamie, que estava saindo de casa, tinha escutado nossa conversa.

Depois dessa manhã, o Jamie ficou temperamental e taciturno. Muitas vezes, saía de casa bem cedo e passava o dia inteiro fora. Na volta, recusava-se obstinadamente a dizer a qualquer pessoa onde estivera. Eu me perguntava se de algum modo ele teria tomado conhecimento do perigo iminente, e também me perguntava o que saberia, exatamente, a respeito de sua origem.

No dia 1º de junho, compreendi que tinha de cumprir a promessa que fizera à Mama. De manhã, o Jamie estava sozinho com a D. Martha. Ciente de que os outros estariam na casa da cozinha, reforcei minha coragem com uma dose de láudano e entrei para falar com ele. A D. Martha tinha se aborrecido com a ausência do menino nas semanas anteriores e, nessa manhã, era evidente a sua alegria por tê-lo a seu lado. Quando perguntei ao Jamie se poderia dar uma palavrinha com ele, quando a Fanny voltasse, seu rosto empalideceu e senti minha determinação fraquejar.

Voltei ao meu quarto para aguardar a volta da Fanny e decidi dar a mim mesma um pouco mais de coragem. Descobri que o vidrinho marrom junto à minha cabeceira estava vazio. Mais que depressa, puxei uma cadeira para pegar outro no fundo do armário de roupa de cama, onde guardava uma reserva. Eu já estava meio mal equilibrada e a cadeira balançou sob o meu peso, quando estiquei a mão para pegar um vidro. Meus dedos apalparam o envelope que continha os documentos da Belle. Com uma súbita inspiração, puxei-o, pensando que talvez os

papéis pudessem ajudar o Jamie a compreender, de algum modo, algo sobre sua verdadeira mãe.

O Jamie me assustou, ao abrir inesperadamente a porta. Girei o corpo e me agarrei no ar quando a cadeira balançou, e desabei. Antes que eu me estatelasse, o envelope da Belle voou das minhas mãos. Quando minha cabeça bateu nas tábuas do assoalho, perdi a consciência.

Como o Marshall não estava em casa, a Mama Mae se encarregou de mandar buscar o médico. Depois do exame, ela recebeu instruções de me observar de perto e não me dar láudano, sob nenhuma hipótese.

No dia seguinte, acordei com uma dor de cabeça terrível. Meu corpo tremia ao menor ruído e todos os meus ossos doíam. Implorei à Mama que me desse láudano, mas ela foi firme em sua recusa e, durante toda a semana seguinte, estive fraca demais para argumentar.

Quando o Marshall veio para casa, no fim da semana, foi informado do meu acidente, mas não sentiu necessidade de me ver. Nessa ocasião, porém, comecei a insistir seriamente com a Mama para que ela me desse láudano. Cansada das minhas súplicas, ela se postou à minha cabeceira e disse:

— Ocê num recebe mais as gota de mim, e acabou-se a história.

Não tive alternativa senão aceitar e, a cada dia, comecei a me sentir um pouco melhor. Um dia, recebi uma visita da Fanny e, depois de uma de suas observações francas, dei uma risada alta. Depois que ela saiu, ouvi-a dizer à Mama:

— Vai ver que aquela pancada na cabeça fez bem. Ela tá falando de novo como a menina que cresceu comigo.

— Tem razão — concordou a Mama. — Só não gosto é de pensar em quando aquele médico vai vim dizer que ela pode tomar as gota de novo.

Foram semanas até a tonteira dissipar-se o bastante para eu poder me sentar numa poltrona. Nos primeiros minutos, o quarto rodopiou, mas acabou se estabilizando. Nesse dia, por insistência da Elly, a Mama

a trouxe para me ver. Ouvi-a instruir minha filha, antes que ela entrasse no quarto:

— Oia aqui, ocê num vai fazê ela se aborrecer, senão ela vai querer as gota de novo.

As palavras me atingiram como uma pancada. Eu não fazia ideia de que a Elly soubesse que eu usava láudano. Quando minha filha se aproximou de mim, toda cautelosa, senti dor no coração ao vê-la temer por mim, e sorri para tranquilizá-la.

— A senhora parou de ficar doente? — perguntou ela.

— Estou quase boa, meu amor — respondi, pegando sua mãozinha. — A Mama disse que amanhã eu vou sair para dar uma volta.

— E aí a senhora vai ficar toda melhor?

— Creio que vou — acalmei-a.

— Vai tomar as gotas de novo? — indagou, com a voz trêmula.

— As gotas? Por que você quer saber, querida?

— Não gosto quando a senhora toma as gotas.

Forcei-me a fazer a pergunta:

— Não gosta por quê, Elly?

Vi que ela precisou de toda a sua coragem para me responder:

— Aí a senhora dorme o dia inteiro, ou então fica chorando e me diz pra ir embora.

Seus olhos encheram-se de lágrimas e seu queixo estremeceu.

— Venha cá — chamei-a, abrindo-lhe os braços.

Enquanto eu a abraçava, ela soluçou sem o menor controle. Suas lágrimas descortinaram-me uma dolorosa verdade. Em minha fuga egoísta, eu havia abandonado minha própria filha.

— Sabe, querida, agorinha mesmo, a Mama e eu estávamos conversando sobre essas gotas. Acredito que eu não venha a tomar mais nenhuma. Na verdade, estou me sentindo muito melhor —

completei. Tomei seu rostinho entre as mãos e sorri. — Já imaginou? A sua mãe precisou de um bom galo na cabeça para se sentir melhor.

Garanti a minha filha que ela não precisava se preocupar, que a Mama Mae estava cuidando esplendidamente de mim e que eu logo voltaria a ficar de pé.

Senti-me esgotada depois que a Elly se foi, mas, quando a Mama me ajudou a me deitar novamente, eu a fiz prometer que manteria as gotas longe de mim. Ela não pareceu convencida. Pedi-lhe que trouxesse a Fanny ao meu quarto e, quando ela assim fez, pedi que ambas me dessem sua palavra de que, se eu viesse a pedir o remédio, elas se recusariam a me dá-lo. As duas se entreolharam com ar cético, mas prometeram. Num gesto de boa-fé, contei à Fanny onde guardava os vidros extras e pedi que ela os recolhesse. Quando ela estava trepada na cadeira, pondo a mão no fundo da prateleira, tive uma lembrança momentânea dos papéis da Belle. Resolvi no mesmo instante que, se a Fanny os pegasse, eu os mostraria à Mama; havia esquecido de que, na queda, eles tinham voado da minha mão, e não sabia que já estavam em poder do Jamie. A Fanny apanhou apenas o láudano, e fiquei tão absorta em me livrar do remédio que decidi falar mais tarde com a Mama sobre os documentos da Belle.

E eu o teria feito se a retirada da droga tivesse sido menos difícil. Mesmo estando determinada a cumprir minha promessa à Elly, eu não tinha como saber que, com o retorno da força física, voltaria também a minha obsessão de tomar aquele remédio. Nas semanas seguintes, em minhas horas mais sofridas, implorei para ser liberada da minha promessa. Mas a Mama se recusou. À noite, ela dormia na caminha da Sukey, e de dia não me deixava sozinha. Após algum tempo, começou a insistir em que eu andasse com ela lá fora. Relutei, com medo de encontrar o Marshall, mas ela me garantiu que meu marido raramente ficava em casa.

Quando cedi e me arrisquei a sair para o sol, percebi quão reclusa eu tinha me tornado. Veio então o dia em que caminhamos até o celeiro para ver o Papa George. Ele me cumprimentou de forma tão calorosa

que me perguntei por que não fora visitá-lo antes. Fiquei surpresa com os fios grisalhos em seu cabelo e lhe disse isso.

— É — concordou ele, sorrindo e passando a mão calejada no alto da cabeça — , o tempo passa. — Olhou-me nos olhos e meneou a cabeça em sinal de aprovação. — É muito bom ver a nossa Abinia outra vez — disse, e compreendi que o uso do meu nome de criança tinha sido proposital.

Tive vontade de abraçá-lo, mas sabia que esse gesto poderia deixar nós dois em perigo. Assim, falei do calor e de como a grama queimada estava tão necessitada de chuva, que chegava a estalar sob os pés. Comentei que o som me lembrava o de pisar em folhas secas. A Mama e o Papa concordaram, e eu me recordei do primeiro baile a que fora com eles lá no alojamento. Tinha uma lembrança carinhosa de ver os dois dançando juntos. Isso nos levou a lembrar outros bons momentos e, nesse processo, eu me lembrei dos muitos anos em que eles haviam cuidado de mim.

— Mama, Papa — falei num rompante — , eu sinto muito pela Sukey.

Eles se entreolharam e o Papa falou:

— Todos nós sente muito pela Sukey, mas nós sabe que ocê num queria fazer mal a ela. Nós sabe que ocê fez tudo que podia pela Sukey. Agora, nós tá pedindo a Deus pra deixá ocê forte de novo. Todo mundo aqui tá percisando disso.

— Obrigada, Papa — respondi. Nesse dia, com as palavras de perdão que ele me disse, minha obsessão em relação ao medicamento começou a diminuir.

CAPÍTULO 52

Belle

ERA DE MANHÃ CEDO, no começo de agosto, eu tava trabalhando na horta. Tava tão quente e seco nesse ano que tudo que eu parecia fazer era carregar água. Olhei pro lado e tive de sorrir ao ver o George fazendo palhaçada com os bebês, espirrando água neles, deixando eles felizes. Mas o tempo todo tive a sensação de que havia alguém espiando. Parei, olhei em volta. Nada, mas minha sensação era forte.

Na hora do almoço, peguei a comida e todos sentamos do lado de fora, junto da casa da cozinha. Nesse dia eu não precisava cozinhar para a casa-grande, era só mandar um pouco da sopa da véspera e uns biscoitos feitos de manhã. A Lucy veio da casa-grande almoçar conosco e amamentar seu último bebê. Pus manteiga e presunto numa fatia grossa de pão e a dei para ela comer enquanto amamentava. Sabia que ela estava com fome, porque ninguém gosta mais de comida que a Lucy.

— Hoje num vai ter aqueles pepino em conserva? — perguntou ela.

— É claro, vou buscar — respondi.

Entrei, peguei um pote, cortei uns pepinos e os levei lá para fora. Dessa vez, tive certeza de que havia alguém espiando. Tornei a olhar em volta, mas só vi a Lucy de olho nos pickles. Aí, comecei a rir.

— Ah, não! — exclamei, olhando bem pra ela. — Você tá de barriga de novo, Lucy? Da última vez, você queria esses pickles de manhã à noite!

Ela revirou os olhos e respondeu:

— Lá na casa-grande, a D. Martha diz que é uma bença. Eu digo que é mais trabaio.

Tornei a rir, mas a verdade é que fiquei com pena dela. Seu último bebê ainda estava mamando.

— Você sabe que conta comigo pra ajudar — falei.

— Se ocê num tava aqui, Belle, num sei o que eu fazia. Ocê é que nem uma irmã pra mim.

Os olhos da Lucy se encheram de lágrimas, o que acontece com muita facilidade quando ela fica grávida. A língua também fica mais afiada. Há dias em que o Ben vem falar comigo e diz que não sabe o que está acontecendo com ela. Eu respondo: “ Experimenta andar por aí do tamanho de uma casinha, embaixo do sol da Virgínia, e vamos ver quanto ocê consegue cantar.”

— Como vai a Martha do Will? — perguntei à Lucy.

— Tá mió, mas, quanto mais a barriga cresce, mais as perna incha. A cabeça também dói. Aquele troço que o doutor dá pra ela num adianta nada. Vai vê que inté piora.

— Da próxima vez que a Fanny vier aqui, vou perguntar se a Ida tem alguma coisa pra isso. Quem sabe ela tenta?

— Pode ser. Eu sei que ela tá com medo. A mãe dela morreu ansim, quando teve o último fio — disse a Lucy.

— Eu torço mesmo pra esse bebê sair fácil — falei. — Você sabe que vai caber a nós ajudá-la.

— Quem sabe a gente traz a Mama Mae?

Balançei a cabeça.

— Pra ela é muito difícil vir aqui. Da última vez que o Eddy veio, ele disse que lá tá havendo tantos problemas que todo mundo tem medo de sair. O Marshall já vendeu quase todo mundo do campo.

Bem baixinho, a Lucy perguntou:

— Ocê tá preocupada com o seu Jamie?

Meneei a cabeça, porque, às vezes, até dizer o nome dele dói demais.

— Há noites em que eu não consigo dormir, pensando nele. Mas o Will Stephens me prometeu que, se um dia o Marshall vender o Jamie, ele o encontra e o traz pra mim.

Lucy me entregou o bebê:

— Tenho que vortá pra lá — disse.

Fui para a casa da cozinha, virei-me pra dizer ao George pra olhar os pequeninhos e, pelo canto do olho, lá entre as árvores, vi um menino. Quer dizer, foi só por um minuto. Ele me viu olhando e sumiu. Tive que me sentar, de tanto que o meu coração batia. Era o meu Jamie! Eu sabia que era o meu Jamie!

Na manhã seguinte, fui até a horta e mandei o George ficar dentro de casa com os menorezinhos. Ele não gostou, mas eu disse:

— Você faz isso, que depois eu faço aqueles bolos de açúcar que você gosta.

Ele continuou não ficando contente, mas era capaz de fazer quase qualquer coisa pelos meus bolos de açúcar. Nisso ele era igualzinho à Lucy.

Peguei minha enxada e, de frente para as árvores, comecei a capinar as ervas daninhas. E dito e feito, lá estava ele. Mantive a cabeça baixa, olhando para o chão, e comecei a falar bem alto:

— Se é o Jamie Pyke que está aí nessas árvores, ele não precisa ter medo. Vou continuar a capinar minha horta, mas queria muito que o Jamie Pyke viesse até aqui e me mostrasse como está, agora que é um menino crescido.

Não levantei os olhos, apenas continuei a usar a enxada, mas o ouvi saindo da floresta e caminhando na minha direção. Eu não sabia por que ele estava com medo de mim, mas, quando foi chegando mais perto, comecei a sentir medo dele. O que ele estava fazendo ali, afinal? O que queria?

— Você é a Belle? — perguntou.

Levantei a cabeça bem devagar, com medo de que ele saísse correndo. Me agarrei firme à minha enxada, com a cabeça rodando e a boca seca. Parado ali, diante de mim, estava um homem branco. O meu Jamie. Aos 13 anos. Nem menino nem homem.

— Sou — respondi.

Ele me estendeu rapidamente uns papéis.

— Então, isto é seu — disse. — Creio que são os documentos da sua libertação.

Levantei-me, só olhando para o rosto do meu menino. Não ouvi o que ele dizia. Tinha que acolhê-lo.

— Tome — disse Jamie — , fique com eles. Você está livre.

Peguei os papéis. Minha mão tremia.

— Jamie?

— Sim?

— Sabe quem eu sou pra você?

— Sim. Você é minha mãe.

Assenti.

— Mas não me lembro de você.

— Tudo bem — retruquei. — Você mal tinha 4 anos quando ele te levou.

— Todos esses anos... o Papa George me contou... eu pensei que fosse filho da D. Martha.

Olhei bem para ele nessa hora. Era branco como o Marshall, mas tinha o mesmo rosto da mãe do capitão. De certo modo, ver seu rosto foi como rever minha avó branca, bem ali. Eu não conseguia parar de olhar, mas sabia que tinha de dizer alguma coisa.

— Ela mesma não sabe, Jamie, mas a D. Martha é sua avó. A Mama Mae diz que ela é muito boa pra você...

— Então, é verdade que o Marshall é meu pai?

— É — confirmei. — Ele me usou.

A Lucy veio dobrando a quina da casa da cozinha, chamando, dizendo que precisava que o George fosse ajudá-la na casa-grande. Jamie não esperou. Virou-se e, antes que eu tivesse a chance de dizer “ Está tudo bem, é só a Lucy” , ele se foi.

Meu corpo todo começou a tremer. A Lucy viu o Jamie sair correndo:

— Quem era? Quem era? — gritou, enquanto vinha bufando.

— Lucy! Fala baixo!

— Quem era? — ela sussurrou bem alto, ao chegar junto de mim.

Entreguei-lhe os papéis. Ela os abriu, olhou bem de perto e os devolveu:

— Você sabe que eu não sei ler. O que é que um homem branco estava fazendo aqui, para que estava falando com você?

— Ele me deu meus papéis da alforria — respondi. Olhei para longe, torcendo para que o Jamie ainda estivesse entre as árvores, mas meu coração me disse que ele se fora. — Aquele era o meu Jamie.

Sentei bem ali no chão e comecei a chorar.

Fui ver o Will Stephens nessa noite. Ele examinou meus documentos e disse:

— Bem, Belle, isto significa que você é uma mulher livre.

— Mas você pagou muito dinheiro por mim — retruquei.

— E valeu cada centavo — disse Will.

— Se eu ficar e trabalhar muito para você, será que você me dá dinheiro para comprar o Jamie?

— Acho que o Marshall não vai vendê-lo, mas, num tribunal de justiça, talvez esses papéis sejam suficientes para libertá-lo.

— Ele preferiria matar o meu menino a lhe dar os papéis. O Marshall está precisando muito de dinheiro, e eu acho que, se eu pagar o suficiente para duas pessoas, ele solta o Jamie.

Will balançou a cabeça:

— Você levaria a vida inteira para quitar uma dívida dessas.

— Não tenho pra onde ir. A questão é que, se você me quiser, estou pedindo pra ficar aqui, de qualquer jeito.

O Will Stephens passou as mãos no cabelo, como fazia quando estava pensando.

— Vamos combinar o seguinte — disse. — A Lucy certamente lhe contou que o médico disse que tenho de levar a Martha para as montanhas, por algumas semanas. Ele acha que o ar mais fresco facilitará as coisas para ela. Vou deixar o Ben encarregado de tudo, e preciso contar com você para lhe dar apoio. Assim que eu voltar, resolveremos isto. Aí, se você preferir não recorrer ao tribunal, eu lhe arranjo o dinheiro. Quando você decidir que medida quer tomar, mandaremos um procurador com a sua proposta.

Não me deixei dizer mais nada. Sabia que o Will Stephens cumpria sua palavra. Se ele dizia que ia me arranjar o dinheiro, era porque ia me arranjar o dinheiro. Mas eu sabia com certeza que esse homem da lei não ia servir para nada. Tínhamos tentado isso uma porção de vezes. Não. Eu sabia que o Marshall tinha que me ver. Tinha que me ver de joelhos.

Na manhã em que o Will e a D. Martha partiram, fazia tanto calor e estava tão seco que as rodas da carroça pareciam andar em cima de torresmo. Todos nós sabíamos que o Will não queria sair daqui, mas ele era o tipo de homem que agia direito com sua mulher.

Passaram-se mais de duas semanas. Eu sabia que o Will Stephens ia voltar a qualquer momento. Eu havia procurado o Jamie todas as manhãs, mas ele não tinha voltado. Depois de ver o meu menino, eu não conseguia pensar em mais nada. Sabia que tinha de ajudá-lo, tirá-lo de lá, afastá-lo do Marshall. Fiquei esperando o Jamie aparecer, para poder lhe falar do dinheiro que o Will ia me dar, para que eu pudesse libertá-lo.

Quando o Jamie não veio, pensei: tenho de ir lá antes que o Will volte.

Encasquetei na cabeça que, talvez, se eu conversasse com o Marshall, ele veria as coisas do meu jeito. Vou mostrar meus papéis ao Marshall, pensei, quem sabe até lhe contar que o capitão era meu pai.

Esperei até a hora do jantar, quando o Ben e a Lucy foram comer, mandei o George ficar com eles e disse que estava com dor de cabeça e ia me deitar um pouco. Depois disso, saí. Andei depressa, sem pensar em nada, pra não ficar com medo demais de prosseguir. Lá chegando,

fui direto para a casa da cozinha. contei os passos, para me impedir de voltar. Um, dois, três. Um, dois, três. Não olhei em volta, só observei meus pés indo para a casa da cozinha. Um, dois, três. Um, dois, três.

E lá estava o Marshall com a Beattie.

Ele não disse nada, só olhou para mim. Apavorada como estava, retribuí o olhar. Fazia uns cinco anos, acho, desde a última vez que eu o vira. Eu sabia que ele não tinha mais de 30 anos, mas parecia tão velho quanto o capitão antes de morrer. Quase todo o cabelo tinha caído do alto da cabeça, e a cor dele estava mais amarela que branca. Vi que ele andara bebendo, porque senti o cheiro que vinha dele. Cheguei perto e abri meus papéis pra ele ver, e disse:

— Sou uma mulher livre, Marshall. O seu pai me deu os papéis da alforria há muito tempo. Agora, quero comprar o meu Jamie de você. Vou lhe dar o dinheiro de dois homens fortes.

Marshall demorou a se levantar, mas, quando conseguiu, o rosto estava todo vermelho.

— Você perdeu o juízo? — disse. — O que ela está fazendo aqui? — perguntou, olhando em volta, como se houvesse alguém pra lhe dar a resposta.

Continuei falando:

— Espero que você concorde se eu mandar o Jamie para a Filadélfia. Ele pode viver lá como branco.

— Viver como... Ele é crioulo, sua idiota! É crioulo!

— Mas é branco como você. Você é o pai dele. Está na hora de responder por isso.

— Saia daqui!

— Marshall, o Jamie é seu filho...

A Beattie estava parada atrás do Marshall, abanando a cabeça para eu parar de falar, mas era tarde. Eu ia dizer o que tinha para dizer.

— Ele é seu filho, Marshall! O que você vai fazer? Será que vai mesmo vendê-lo, como está vendendo todo mundo?

O Marshall se mexeu tão depressa que não vi seu punho chegando.
Bateu com tanta força que tudo rodopiou.

— Onde está minha arma? — começou a berrar.

A Beattie o segurou.

— Corre, Belle, corre — disse ela, mas também estava chorando.

E assim, eu corri.

CAPÍTULO 53

Lavinia

O AR TREMELUZIA POR causa do calor. Numa tarde insuportavelmente quente, quase no fim de agosto, insisti em que a Elly ficasse dentro de casa, longe dos raios intensos do sol. A Fanny sentou-se com ela, as duas vestindo a bonequinha da Elly. A D. Martha estava inquieta e tentei acalmá-la, lendo em voz alta. O Jamie, que saíra de manhã cedo, havia regressado pouco antes. Ficou esparramado numa poltrona, me observando. Sua atitude para com a nova eu, a pessoa sem láudano, era de desconfiança. Por meu turno, eu ficava atenta a ele. Tinha vasculhado o meu quarto, à procura dos documentos da Belle, e descoberto que haviam desaparecido. Por eliminação, eu havia chegado ao palpite de que o Jamie devia estar de posse deles e, embora quisesse interrogá-lo, eu não estava com pressa de confrontar aquele menino taciturno.

A atitude insociável do Jamie intrigou a D. Martha e, embora ele continuasse gentil com ela, não disse uma só palavra amável a nenhuma outra pessoa. Dias antes, eu havia procurado a Mama Mae e levantado o assunto da presença do Jamie na casa. Dissera a ela que até eu percebia que era hora de uma mudança, e que estava pronta para cumprir a promessa que lhe havia feito.

Ainda preocupada em proteger minha recuperação, a Mama sugerira que eu esperasse mais uma semana para conversar com o Jamie. Achou que eu devia ganhar mais forças para lidar não só com a reação dele, mas também com a da D. Martha. Foi um alívio para mim, porque eu tinha pavor do que aconteceria.

Minha sogra estendeu a mão para interromper minha leitura e pediu que a Fanny rearrumasse as persianas da janela, para deixar entrar mais brisa. Ao atender a esse pedido, a Fanny deu uma olhadela pelas ripinhas de madeira. Ante o seu grito súbito, o Jamie deu um pulo e correu para junto dela. Seu arquejo de susto me fez baixar o livro, e também acudi à janela.

O Rankin estava no celeiro grande, ao lado de um estranho de aspecto rude. Um e outro seguravam amarrado o Eddy, marido da Fanny, e, enquanto o estranho o puxava, Rankin ia cutucando o cativo por trás. As persianas estalaram quando a Fanny largou a corda e, num instante, já estava do lado de fora, disparando pelo terreiro em direção ao marido. Atirou-se no meio dos três homens e pôs os braços em volta do Eddy, para segurá-lo. O Rankin arrancou-a do marido e a jogou no chão, e foi puxando o Eddy com o outro homem para o alojamento.

Quando o Marshall saiu do celeiro, carregava um chicote de montaria. A Fanny, que caíra de joelhos, implorou sua ajuda, mas ele a ignorou e continuou descendo o morro, seguindo os homens para o alojamento. Fanny não se levantou, continuando ajoelhada sob o sol quente, com o olhar cravado neles, até a Beattie correr da casa da cozinha para ela. Em poucos minutos, as duas estavam conosco no quarto. A Fanny estava desvairada:

— Vão vender ele — disse, sacudindo o meu braço. — Vão vender o meu Eddy. Por favor, por favor, D. Abinia, num deixa isso acontecer. Ele é um bom home, ocê sabe, por favor, faz alguma coisa, faz alguma coisa, Abinia, por favor.

A voz da D. Martha era aguda e fina, mas ela falou com autoridade: — Chamem o capitão. Tenho certeza de que houve um engano.

— Não! Não! — exclamou a Fanny, correndo para junto dela. — Tão levando ele, num tem engano nenhum, tão levando ele! A Beattie disse que o mercador de escravo tá aqui, vai levar ele embora.

A Mama Mae e o tio Jacob, que estavam fazendo o inventário dos depósitos de mantimentos do porão, ouviram a comoção e se juntaram a nós. A respiração da Mama estava ofegante e ela arriou na poltrona mais próxima. A Fanny correu para ela, enquanto a Elly, assustada com a aflição da babá, foi para o tio Jacob.

— Pegaram o Eddy — soluçou a Fanny — , aquele mercador de negro tá aqui pra pegar o Eddy. Acho que também tão levando outros do alojamento.

A Beattie falou pela primeira vez, aos cochichos:

— Tão levando quase todo mundo do alojamento. Eles tão tudo amarrado. Vão embora amanhã. — Sem conseguir olhar para nós, Beattie cobriu o rosto com as mãos e falou por trás delas: — Escutei a conversa deles. Tavam falando que também vão levar a Mama e o Jamie.

Suas palavras abafadas foram mais do que claras. Virei-me para a Mama e disse:

— Isso é impossível!

A Mama Mae me olhou, mas não respondeu.

— Arguém tem de fazer alguma coisa! Vão levar o meu Eddy! — a Fanny tornou a gritar.

— Pelo amor de Deus! — exclamei, desamparada, e me virei para a Beattie. — Você sabe mais alguma coisa? O que mais, Beattie?

— Só sei que tão aprontando quase todo mundo lá do alojamento pra ir embora de manhã. E falaram que vão vender a Mama e o Jamie.

— Não pode ser! Você está errada! — gritei, e bati com o pé.

A Beattie meneou a cabeça e murmurou:

— Não, Abinia, eu sei isso. Nhô Marshall disse que, se eu falasse da Mama e do Jamie, ele vendia os meus menino.

— E os outros? E o Papa George? O Marshall planeja vendê-lo também? — perguntei.

— Não — disse Beattie —, ele falou que precisa dele.

— Ele não pode fazer isso! — revoltei-me, agarrando o braço dela e fazendo força para não entrar em pânico.

A Beattie falou, apressada:

— Ele diz que tá precisando do dinheiro, que tem que vender. Diz que a

Mama tá ficando veia, mas inda dá um bom preço. A Fanny e o tio aqui cuida da casa. Nhô Marshall falou que vai vender o Jamie, depois que a Belle foi dizer pra ele que tá com os papel dela da alforria e quer comprá o Jamie. Nhô Marshall disse que vai vender o fio dela pra ter certeza que ela num fica com ele.

O rosto de Mama Mae ficara cinzento e ela dava a impressão de estar prestes a cair da cadeira. Corri para o seu lado:

— A senhora está passando bem, Mama? — perguntei.

Quando ela não respondeu, peguei o copo de água da mesa de cabeceira da D. Martha e o dei a ela. Enquanto a Mama o bebia, corri até a janela.

— Beattie, volte para a cozinha — instruí. — Ele não deve ficar sabendo que você veio aqui. Vá agora, enquanto está claro. Depressa! E não diga nada.

— Mas a Mama... — começou Beattie.

A Mama Mae finalmente falou:

— Vai, criança. Vai já, depressa.

Empurrei a Beattie pela porta aberta e fechei-a atrás dela.

— Jamie, você precisa ir ficar com a Belle, hoje à noite — instruí.

A D. Martha sentou-se e baixou as pernas para a lateral da cama.

Estendeu a mão para o Jamie, que foi para o seu lado.

— Vamos escondê-lo até escurecer — falei. — Mama, a senhora tem de ir com ele.

— Isso num vai funcioná — disse a Mama, meneando a cabeça. — Lá é o primeiro lugar que nhô Marshall vai me percurar. Eu fico aqui. O Jamie vai lá pra Belle e eles foge.

— Mama, por favor — argumentei — , a senhora precisa ir com eles.

— Eu fico aqui, Abinia. Vou falá com nhô Marshall. É o mió jeito pra mim.

Num vou deixar o George. Nhô Marshall sabe disso.

— Mama, por favor!

— Não, Abinia, eu fico aqui, e acabou-se a história — afirmou ela, e se recostou pesadamente na cadeira.

Jamie ajoelhou ao lado da D. Martha, mas olhou para mim:

— Devo ir agora?

— Não. Vamos escondê-lo até anoitecer.

Minha cabeça buscava freneticamente um esconderijo: o sótão, o porão, o fumadouro? De repente, ouviram-se vozes altas, passos na escada, e a porta do quarto se escancarou, antes que eu pudesse alcançá-la. O Rankin postou-se ao lado do Marshall, com o sorriso bêbado e zombeteiro voltado para mim.

— Marshall! Por Deus, o que é isso? — perguntei.

— Tire-a daqui — respondeu ele, com um sinal da cabeça para a Elly. O tio

Jacob, que havia pegado a menina no colo, começou a se levantar, mas fiz sinal para que se sentasse outra vez.

— Não, Marshall, eu quero a Elly aqui comigo.

— Muito bem, como quiser — disse ele. — Deixe-a ver a confusão que você criou.

Suas palavras estavam engroladas e, mesmo a distância, ele fedia a álcool. Caminhou até o Jamie e o levantou com um puxão.

— Moleque, você vem conosco.

Jamie estava amedrontado demais para reagir. A D. Martha empertigou-se:

— Meu senhor — disse, num tom portentoso —, mande chamar o capitão. Ele resolverá isto.

— Já chega, mãe! — o Marshall voltou-se contra ela. — Esse moleque é filho de uma preta! Olhe pra ele! É um tição! — berrou, agarrando o pescoço do Jamie e empurrando o rosto dele para a mãe, enquanto o menino gritava de dor.

— Isabelle! — gritou a D. Martha, pedindo para eu intervir.

— Marshall, não faça isso. — Dei um passo à frente e me obriguei a falar com calma. — O Jamie significa tudo para ela.

O Marshall empurrou o menino para o lado e veio na minha direção: — Você? Você criou essa loucura. Mas vai acabar. O garoto foi

vendido. Meu pavor me impeliu a falar:

— Mas, Marshall! Ele é seu! Você quer vender seu próprio filho?

Fez-se um silêncio terrível, antes que eu ouvisse o estalo da bofetada dele no meu rosto. Meus ouvidos zumbiram e levei um momento para me equilibrar. Com toda a fúria dos anos em que me havia contido, revidei. Minha sonora bofetada o surpreendeu, mas a risada bêbada do Rankin o enfureceu ainda mais.

Antes que as mãos dele pudessem alcançar meu pescoço, a Mama Mae colocou-se entre nós dois:

— Nhô Marshall, para com isso — disse.

Ele parou, mas sua voz assumiu um tom mortífero quando ele se dirigiu a mim:

— Você é tão louca quanto a minha mãe. Prepare-se. Você irá embora de manhã. Vocês duas vão para o hospital de Williamsburg. Tomarei providências para que nunca saiam de lá.

— Você não faria isso! — exclamei, sabendo muito bem que ele tinha autoridade para fazê-lo. — E a Elly?

— A Fanny fica — respondeu ele.

Antes que eu pudesse reagir, o Marshall fez sinal para o Rankin se aproximar do Jamie. Quando o capataz puxou o menino do lado da D. Martha, ela começou a dar um grito agudo. O Jamie soltou-se com um arrancão e voltou para ela. Agachou-se e segurou suas mãos. Todos olharam, incapazes de desviar o rosto:

— Psssiu, vovó, vai ficar tudo bem — disse ele. A D. Martha acalmou-se e ele prosseguiu: — Eu vou voltar para você, vovó. Eu vou voltar.

Em seguida, levantou-se por vontade própria e fixou o olho bom no Marshall.

— Tire esse crioulo daqui! — gritou Marshall para o Rankin.

Depois que eles saíram, a Mama Mae foi a primeira a falar:

— Abinia, ocê tem que levar a Elly e procurar o Will Stephens, antes que fica tarde demais.

Os lamentos da D. Martha haviam atingido uma altura conhecida, e eu sabia o que fazer. Misturei uma grande dose de gotas com água. O próprio cheiro oferecia a fuga pela qual eu ansiava, mas, embora minhas mãos tremessem de desejo da droga, dei o remédio à mulher que necessitava dele e não tomei nada.

Estava escuro quando acordei a Elly. Enquanto a vestia, expliquei que ela devia ficar muito quietinha, que não poderia falar.

— Vamos fazer uma aventura — eu lhe disse.

— A Fanny pode ir também? — perguntou ela, quando fechei os botões de seus sapatos.

Levei um dedo aos lábios e assenti com a cabeça. A Mama Mae e a Fanny vieram até a porta. Seu medo era visível.

— Depressa — disse a Mama. — O George falou pra ir logo.

— Tome! — a Fanny jogou um saquinho nas minhas mãos, aflita para se livrar dele.

— Ela estava dormindo bem? — perguntei, mordendo o lábio para não chorar.

A Fanny confirmou com a cabeça.

— Você esvaziou a caixa toda?

Ela tornou a confirmar com a cabeça.

— Você se lembrou das pérolas? — perguntei.

Muda de medo, a Fanny fez sinal de que elas estavam na sacola.

A Mama Mae nos apressou e o Papa George nos esperava lá em baixo. Tinha visto o sinal da casa da cozinha, o que significava que a Beattie fizera o seu trabalho. O tio Jacob estava com o Papa George na porta da frente. — Por favor, tio, não quer reconsiderar? — perguntei.

— Não, eu fico — respondeu o tio Jacob. — Tô muito veio pra correr. Dispois, eu cuido da Beattie e da D. Martha.

O pai repassou nossas instruções de última hora, antes de deixarmos a casa. Ele nos levaria pela floresta até passarmos do cemitério, contornando o alojamento. Se o plano funcionasse, se a Beattie conseguisse chegar ao Jamie e ao Eddy para cortar as cordas, eles ficariam livres para nos encontrar na mata. Mas, avisou o Papa, todas deveríamos seguir sem eles, e nada de faniquito se os dois não estivessem à nossa espera. Olhou para a Fanny ao falar, pois todos sabíamos o que estava na balança para ela. O Eddy era sua vida.

— Agora, vão — disse o tio Jacob, abrindo a porta sem fazer barulho. — Vão com Alá.

Segurei uma das mãos da Elly e a Fanny segurou a outra. Elly foi novamente alertada a não falar e rezei para que pudéssemos contar com seu silêncio.

Quando nossos olhos se adaptaram à escuridão da noite, pudemos seguir o Papa com mais facilidade. Ao ver o Eddy parado entre as árvores, a Fanny abafou um arquejo e soltou a mão da Elly, correndo para o marido. No pasto, ao longe, um dos cavalos relinchou e a Elly, esquecendo sua promessa, perguntou ao Papa qual cavalo tinha chamado. Em unísono, todos os adultos a mandaram calar-se.

O Eddy falou depressa. A Beattie havia chegado até eles depois de aplicar as gotas com sucesso. Garantira ao Eddy que o Marshall estava dormindo na casa da cozinha, drogado, e que o Rankin estava desmaiado no alojamento.

— Onde está o Jamie? — alguém perguntou.

— Foi direto pra Belle — respondeu Eddy. — Falei pra ele esperá, mas aquele garoto num escuta.

Nosso plano era que, ao chegarmos à casa da Belle, a Elly e eu ficaríamos. Eu planejava pedir ao Will Stephens para me abrigar e, em seguida, ajudar-me a viajar para Williamsburg. Tinha esperança, nas circunstâncias vigentes, de que os pais da Meg se dispusessem a nos ajudar, à Elly e a mim. O restante do grupo seguiria a pé, em busca do caminho para o norte. Essa viagem parecia ser sua única esperança.

— Vamo — disse o Papa, fazendo com que nos embrenhássemos mais na floresta. — O Ben diz que bota nós no caminho certo.

Caminhamos depressa e, embora a Elly fizesse o máximo para nos acompanhar, começou a se queixar, à medida que foi ficando cansada. Depois que o Eddy a pegou no colo e a carregou, o ritmo se acelerou tanto que, para mim, logo significou um desafio manter a velocidade. Mais adiante, ouvi a Mama com a respiração arfante. Estávamos quase na clareira quando ela caiu. O Papa a ajudou a se levantar e, com a mulher apoiando-se pesadamente nele, levou-a até um tronco caído para se sentar nele. A Mama estava aborrecida consigo mesma e foi ríspida ao falar com o Papa, quando ele disse que parariamos para um breve descanso. Ele passou o braço em volta dos ombros dela e, contrariando o seu jeito de ser, a Mama desatou a chorar.

— Vai ficar tudo bem, Mazzie — disse o Papa, usando um termo carinhoso que eu nunca tinha ouvido, e a ternura daquilo me deu um nó na garganta. — Mas o que vai acontecê com a Beattie e os menino dela?

— Mae, ocê sabe que só tem esse jeito. Como é que ela vai correr com aqueles pequenim? E ocê sabe que ela não deixa eles pra trás.

— Como é que a gente vai viver? Pra onde a gente vai, George? Nós num tem nada.

As palavras da Mama me fizeram lembrar do saco que a Fanny tinha enchido para mim em casa. Abri o saquinho com todas as joias da minha sogra. As pedras preciosas cintilaram quando tirei um punhado de peças.

— Tire o pano da cabeça, Mama, e ponha isto embaixo — instruí.

A Mama Mae deu uma bufadela e abanou a cabeça:

— Não, isso é pra ocê mais a Elly. Ocês vão percisar.

— Pegue, Mama — insisti, empurrando as joias em suas mãos — , elas são tão suas quanto minhas.

Não esperei outra resposta, mas desatei o conhecido lenço vermelho da Mama, aninhei as joias em seu cabelo grisalho e tornei a amarrar o pano. Quando o Papa anunciou que estava na hora de irmos,

vi a lentidão com que a Mama se levantou e me perguntei se deveria ter dado as joias à

Fanny. Mas não havia tempo.

— Vamo, vamo — disse o Eddy, em tom urgente, e partimos outra vez.

O Ben e a Belle nos esperavam na clareira, na orla das árvores.

— Cadê o Jamie? — perguntou ela, ansiosa.

— Num tá aqui? — retrucou Eddy. — Ele saiu na frente. Disse que vinha pra cá.

— Eddy, ele não veio — respondeu a Belle.

— Ele ficou solto, disso eu sei — afirmou o Eddy. — Logo que aquele mercador de escravo desmaiou, a Beattie cortou a corda.

A voz da Belle tremeu:

— Bem, não há tempo pra esperar — disse ela. — Vocês todos têm que ir.

Ben assentiu:

— Ela tá certa, Papa.

Todos se calaram, inseguros. A Belle os empurrou:

— Vão indo. Quando o Jamie chegar, mando ele atrás de vocês. Vão logo.

A Mama se retardou. Abraçou a Belle, depois me puxou para perto:

— Abinia — sussurrou — , eu continuo sempre a sua mãe.

Dei-lhe um beijo, mas não me atrevi a dizer nenhuma palavra de ternura:

— Mama, não se preocupe com a Beattie e os meninos. Quando eu me instalar, mando buscar todos eles.

O Papa segurou a mão da Mama Mae. O Ben foi indo na frente. A Belle e eu os vimos desaparecer no escuro e, depois de uma última olhadela para a floresta, à procura do Jamie, a Belle fez a Elly e eu entrarmos depressa em sua casa. À porta, hesitei:

— Acho que deveríamos ir diretamente ao Will Stephens.

Belle me puxou para dentro:

— Lavinia, o Will Stephens ainda não voltou. Está lá nas nascentes com a D. Martha.

— Como? O que você quer dizer? Ele não está aqui?

— Eles vão voltar a qualquer momento. A D. Martha vai ter neném. Aqui está quente demais para ela. O Will a levou para a montanha, para Salt Springs.

Fiquei gelada de medo.

— Belle! Eu nunca teria vindo se soubesse disso. Não podemos ficar aqui.

É perigoso demais.

— Vai dar certo, Lavinia. Vocês ficarão escondidas com o Ben e a Lucy.

— Não. Não! Não podemos correr esse risco. Ele mata o Ben, se me encontrar com ele.

— O Ben disse que esconde vocês até o Will Stephens voltar.

— Santo Deus, ele vai nos matar a todos — retruquei. No meu pânico, comecei a andar de um lado para outro. — Tenho que voltar, Belle. Tenho que voltar!

A Belle segurou meu braço e me virou de frente para ela:

— Lavinia. Você vai voltar para quê? Não sobrou nada. O Marshall já não está certo da cabeça. Você sabe disso.

— O que devo fazer? — implorei.

Elly começou a chorar:

— O que foi, mamãe? Cadê a Fanny, mamãe? Eu quero a Fanny.

Forcei-me a me acalmar, para tranquilizar minha filha. Levei-a para um catre num canto e a afaguei até ela adormecer. Depois, andei de um lado para outro, enquanto a Belle e eu esperávamos.

Alta madrugada, quando o Ben voltou, estava molhado de suor.

— Eles avançou um bocado — informou.

Não perdeu tempo. Foi até minha filha adormecida e a levantou no colo.

Tornei a olhar para a linha arroxeadada que ia do seu queixo ao pescoço e ao lugar da orelha decepada. O que lhe dava tanta coragem?

— Ben, você tem certeza disso? — perguntei.

Ele me olhou como quando eu era pequena:

— Vem, Abinia — disse, e saiu na frente.

Nessa noite, dormimos um sono entrecortado, até que o calor do dia, batendo no telhado de ripas de madeira, tornou nosso esconderijo quase insuportável.

Duvido que tivéssemos sobrevivido naquele espaço restrito se a cabana não ficasse à sombra das árvores. Quando o Ben abriu o pequeno alçapão, a Elly e eu pusemos a cabeça para fora, para respirar o santo ar fresco. Lucy, a mulher do Ben, deu-nos água fresca, mas a porta logo voltou a ser fechada. O pequeno espaço em que nos deslocávamos de gatinhas ficava logo abaixo do telhado de uma varandinha de uma água, nos fundos da cabana do Ben e da Lucy. Na chegada, eu havia pensado que fôssemos esconder-nos sob as tábuas do assoalho, no seu depósito subterrâneo de legumes e frutas. Mas o Ben disse que não, que esse era o primeiro lugar que seria verificado.

A cabana do Ben era incomum por ter esse pequeno espaço desconhecido. Eu não sabia a razão da existência dele, mas desconfiei que não éramos as primeiras a ficar escondidas ali.

Expliquei nossa situação à Elly, da melhor maneira que pude. No início, a cooperação dela me surpreendeu, mas não tardei a perceber que fazia muito tempo que minha filha estava ciente da terrível tensão em nossa casa. Sua única preocupação era com a Fanny. Fiz o melhor possível para acalmá-la e procurei matar tempo, cochichando histórias da minha infância, histórias que incluíam a Fanny e a Beattie. Tentei mantê-la refrescada, molhando sua roupa com água; felizmente, em seu esgotamento, ela cochilava com frequência.

Para nosso grande alívio, a Lucy abriu o alçapão no fim da tarde, para nos dar pão de milho com leite. Por seu jeito frio, calculei que ela se ressentia da nossa presença, que lhe causava medo, e não a censurei. Ainda por cima, embora ela fosse uma mulher corpulenta, era fácil perceber que estava esperando um filho. Tentei sussurrar alguma coisa em sinal de agradecimento, mas ela apenas fez que sim com a cabeça.

Havíamos deixado o alçapão entreaberto, para absorver o ar fresco, quando a Lucy, num sibilo, mandou que o fechássemos de novo. Não esperou, encerrando-nos outra vez na escuridão sufocante. Logo depois, ouvimos cavalos e, em seguida, para meu horror, a voz do Marshall. Pus a mão na boca da Elly para lembrar-lhe a sua promessa de não responder, caso o pai a chamasse pelo nome. Mas ele não o fez. Em vez disso, ouvi-o dizer à Lucy que estivera na casa do Will Stephens e que, não o encontrando lá, tinha revistado o local à minha procura. Em seguida, fora à casa da cozinha e, também a encontrando vazia, igualmente a vasculhara. Marshall não apeou do cavalo, mas apenas disse:

— Suponho que você não seria burra a ponto de esconder alguém, não é?

— Ah, não, nhô Marshall, eu sei que num é pra escondê ninguém.

— Onde está o Ben?

— Tá trabaiano com os preto lá no campo.

— E a Belle, onde está ela?

— Eu num vi aquela moça, nhô Marshall — disse a Lucy. — Essa tar de Belle nunca tá aqui pra fazer o trabaio dela! Veve fugindo pra tudo quanto é canto! Aquele sinhô Will, ele nunca tira nenhum trabaio dela. Ela num serve pra n...

O Marshall deu uma risada cáustica:

— Não se preocupe. Eu fico de olho e, se a encontrar, posso lhe garantir que ela não vai dar mais nenhum trabalho a ele — declarou. Começou a se afastar, mas voltou. — Lucy — avisou, como se reconsiderasse — , diga ao Ben que a família inteira dele será enforcada se eu descobrir que ele ajudou algum dos meus fugitivos.

— Não, sinhô, nhô Marshall, o Ben num faz isso nunca.

Durante muito tempo, depois que ele se foi, a Lucy não abriu a porta para nos dar nem um pouco de ar. Esperei até achar que corríamos o risco de morrer sufocadas e bati de leve nas tábuas. Quando ela veio me atender, seu rosto ainda estava tenso de medo.

— Onde está o Ben? — perguntei.

Ela encolheu os ombros.

— E a Belle?

A Lucy balançou a cabeça.

Durante a longa noite seguinte, a Lucy abriu a porta duas vezes. A Elly dormiu um sono inquieto e eu permaneci em claro. Uma após outra, imaginei várias conclusões desse pesadelo. Nenhuma delas tinha um final feliz e, de manhã, convencida de que entregar-me era a única solução, eu estava quase desesperada para agir. Mas sabia que não podia prosseguir sem a orientação do Ben.

A espera pareceu interminável.

CAPÍTULO 54

Belle

DEPOIS QUE O BEN LEVOU a Lavinia e a Elly pra casa dele, passei a noite toda sentada, pro caso de o Jamie aparecer. Pensei na Beattie e no quanto ela devia estar assustada, esperando o dia raiar. Pensei no tio Jacob, deixado na casa-grande com a D. Martha, e em como ele teria de se arranjar sozinho. Pensei em quanto eles teriam andado e em como a Mama estaria aguentando. E onde estava o meu Jamie?

Na manhã do primeiro dia em que a Lavinia ficou escondida embaixo do telhado, o Ben disse que tinha de ir trabalhar no campo. Sabia que era provável o Marshall aparecer por aqui, e disse que tínhamos de fazer esse dia parecer igual a qualquer outro. Mandou a Lucy e eu continuarmos trabalhando e, quando o Marshall aparecesse, dizermos “ Sim, sinhô” . Mais nada, apenas “ Sim, sinhô” .

No fim da tarde, o Marshall veio mesmo. Eu estava levando leite para o depósito da nascente, mas ouvi-o se aproximar e me escondi pra ele não me ver.

Esperei o dia inteiro, mas, depois que tornou a escurecer, eu disse ao Ben que não aguentava mais. Tinha de achar o Jamie. Ele podia estar em algum lugar, precisando da minha ajuda, ou talvez só estivesse escondido na floresta. Pior ainda, podia ser que voltasse para a D. Martha. Eu sabia que o Marshall e o Rankin estavam longe, procurando todo mundo, e tinha certeza de que não voltariam nessa noite.

Primeiro o Ben disse que não, que tínhamos de ficar aqui, tínhamos de esperar o Will Stephens. Falei que eu ia de qualquer jeito. O Ben não queria que eu fosse sozinha, por isso disse que ia comigo.

Havia uma meia lua no céu quando partimos, pegando o caminho por trás, que passa em volta do cemitério, e de lá entrando no porão da casa-grande. A gente foi bem quietinho, como quando eu era pequena e brincava de não fazer barulho. Calcanhar, ponta do pé, calcanhar, ponta do pé. Escutei com atenção antes de abrir a porta, a que levava para o corredor. Estava tudo escuro, ninguém por perto, por isso subimos

depressa e fomos direto para os cômodos da D. Martha, onde eu sabia que o tio Jacob tinha de estar. Havia um lampião aceso e lá estava o tio, sentado junto à cama, perto da D. Martha, que dormia feito um bebê. O Ben ficou parado na porta. Acho que nunca tinha estado no quarto da D. Martha até então.

— Tio! — cochichei, bem baixinho.

Ele não me ouviu, por isso chamei de novo. Dessa vez, ele me olhou, mas continuou sentado lá, e então me aproximei. E parei. Havia alguma coisa errada. Fiquei ali, olhando em volta, até perceber que a D. Martha não parecia bem. Estava muito quieta e, quando cheguei perto, vi seus olhos abertos, a boca aberta, só que ela não respirava mais.

— Ela fez um escândalo danado — disse o tio. — Dei as gota, mas ela continuou a berrá pelo Jamie, e aí eu dei mais. Nunca tinha feito uma dose pra ela, e fui botando as gota na água e dando pra ela beber, até ela sossegar.

— Ela morreu — falei.

O tio Jacob continuou a olhá-la, como se seus olhos fossem fazê-la acordar.

— Tio! — sacudi seu braço. Quando ele me olhou, eu disse: — Vá buscar a Beattie. Diga pra ela vir aqui.

O tio Jacob fez que sim, mas não se mexeu.

— O senhor tem que ir depressa, tio — insisti.

Beijei-o no alto da cabeça branca, puxei-o para que se levantasse e o orientei porta afora. Ele passou pelo Ben como se não o visse, e acrescentei:

— Vá, vá lá embaixo chamar a Beattie. Mande ela pra cá.

Ele não disse nada, mas se encaminhou para a escada. Voltei para verificar a D. Martha.

— Ela tá morta mesmo — confirmei ao Ben. Espiei pela janela e vi que o tio Jacob estava quase na casa da cozinha.

— Anda, Belle! Vamo sair daqui! — disse o Ben.

— Espera — respondi. E não deu outra, lá veio a Beattie, correndo da casa da cozinha em direção à casa-grande. — A Beattie está vindo — informei ao Ben.

Descemos a escada e fomos esperá-la na porta dos fundos. Ela entrou chorando, de tão contente que ficou por nos ver.

— Você viu o Jamie? — perguntei.

Ela fez que sim.

— Acho que vi, uma vez, lá do outro lado do celeiro. Depois que todo mundo foi embora, fui lá procurar, mas não vi ele de novo.

— Se o encontrar, diga pra ele ir falar comigo — pedi.

— Belle! Nós tem de ir! — exclamou Ben.

A Beattie olhou para o alto da escada e disse:

— Vou ver a D. Martha.

— Ela morreu — retruquei.

— Foi o que o tio disse. Tenho que ver por mim mesma — insistiu a Beattie.

Ben e eu saímos por onde tínhamos chegado. Fomos até o cemitério da casa-grande e o contornamos, descemos pelos pomares de maçãs e pêssegos e passamos pelo alojamento. Estava muito escuro, mas nós dois conhecíamos tão bem aquela terra que sabíamos direitinho aonde ir. O Ben foi o primeiro a ouvir os cavalos, depois escutamos a conversa. Agachamo-nos bem.

— Ahhh! — exclamou ele.

— Pssiu! — murmurei, mas me levantei um pouco para ver o que ele tinha visto.

Lá estavam eles, todos amarrados juntos, com o Rankin e dois homens sentados nos cavalos, empurrando todo mundo. Todos. A Mama, o Papa... e então vi o Jamie! Também estava amarrado. Os homens iam levando o grupo inteiro pro alojamento.

— Você viu o Marshall? — perguntei ao Ben.

— Não. Inda deve de tá procurando a Abinia.

— O que vamos fazer?

— Vamo vortá pra casa-grande, buscar a Beattie.

— O que ela vai fazer?

— Não sei, mas a gente tem que pensar em alguma coisa — disse o Ben, e me puxou pelo braço.

Quando entramos na casa, a Beattie vinha descendo a escada, carregando o lampião do quarto da D. Martha. Quase o deixou cair ao nos ver.

— O que ocês tão fazendo, me assustando desse jeito? — perguntou.

— Pssiu — disse o Ben. — Apaga essa luz. O Rankin vortô e eles pegaram todo mundo.

— O Papa, a Mama... — completei.

— Não! — exclamou a Beattie, que se sentou bem ali na escada e danou a chorar. — O Marshall falou que, se pegasse eles, ia vender tudo, até o Papa. — Beattie, não há tempo pra chorar — advertiu o Ben.

— Mas eles todo vai ser vendido! — Beattie chorava convulsivamente. — A Mama, o Papa...

— Para de chorar e apaga essa luz! — disse Ben. — Nós tem que pensá em alguma coisa pra fazer.

A Beattie tentou apagar o lampião, mas tremia tanto que o Ben o tirou dela. Na confusão, deixaram o lampião cair. O fogo pegou no tapete e todos tivemos que pisar nele pra apagá-lo. Aí o Ben teve a ideia.

— Beattie — disse — , daqui a pouco ocê vai começá um incêndio aqui na casa.

Beattie e eu o olhamos como se ele tivesse ficado de miolo mole. Mas o Ben continuou a falar:

— Quando eles todo estiver aqui apagando o fogo, eu corto as corda e solto todo mundo. Dessa vez, eles atravessa o rio lá perto do defumadouro e sobe por lá. É difícil, mas eles vai ter uma chance mió, porque o Papa conhece o caminho.

— E como é que eu vou começar um incêndio? — perguntou a Beattie.

— É fácil de começar — disse o Ben. — A Belle e eu prepara tudo pra ocê. Aí vamo pro outro lado do alojamento e ficamo observando das árvore. Ocê só tem que esperar até eles tudo se acomodar, e aí, se tiver arguém por perto, ocê diz que vai ver a D. Martha, sobe aqui e começa o incêndio. Deixa o fogo pegá bem e sai. Quando eles vê o fogo, o Rankin e os homem sobe aqui pra apagar. Enquanto eles faz isso, nós sorta todo mundo. Ocê pega os seus menino e foge com todo mundo.

— Ah, Ben! Tem certeza disso? — inquietou-se a Beattie.

— O que mais a gente pode fazer? — retrucou Ben.

— Belle? — disse a Beattie.

— A gente tem que fazer alguma coisa — respondi.

O Ben e eu parecemos esperar a noite inteira no arvoredos, observando. Ele começou a ficar com a respiração acelerada quando vimos a casa-grande pegando fogo. A Beattie fez o fogo pegar muito bem, mas o problema foi que o Marshall ainda estava procurando a Lavinia, e o Rankin não viu nada, porque estava longe, se embriagando. O fogo já saía pelas janelas quando o Rankin chegou lá, e ele estava tão bêbado que não raciocinava direito. Primeiro, correu até lá pra ver por si, depois começou a acordar seus homens pra eles carregarem água. O Ben e eu não esperamos mais. Ele foi para o alojamento cortar as cordas e eu fui ajudar a Beattie com os meninos. Mas a Beattie estava parada do lado de fora da porta da cozinha, chorando. Dizia não saber pra onde o tio Jacob tinha ido. O fogo crepitava e assobiava, e eu agarrei a Beattie, mandei-a buscar os meninos e vir embora, não havia tempo, estava todo mundo esperando. Mas ela só continuou a chorar, com medo de que o tio Jacob estivesse na casa-grande. O incêndio deixava tudo claro como o dia, e eu só pensava que tínhamos que sair dali, de forma que dei um tapa na Beattie e a mandei pegar os meninos, já!

Quando chegamos ao alojamento, o Ben tinha soltado todo mundo e eles se preparavam para ir embora, mas a Mama estava fazendo uma cena. Disse que não ia. Disse que todos tinham sido apanhados na

primeira vez porque ela não conseguira correr direito, portanto ia ficar e acabou-se a história. Então o Papa disse que, se a Mama ficasse, ele ficava também, mas a Mama ficou danada e falou que ele tinha que ir.

O Ben interveio:

— Papa, o sinhô tem que levar eles pra longe, mostrar o caminho. Eles precisa do sinhô pra isso.

E assim, o Papa disse que ia colocá-los no caminho, depois voltava pra buscar a Mama.

Ela disse:

— George, ocê vai, fica lá e ajuda a Beattie e os menino. Eu fico bem aqui. Mas todos sabíamos que o Papa ia voltar.

O fogo ardia descontrolado na casa-grande, e o meu Jamie me deu a impressão de estar pensando em ir até lá. Cheguei junto dele depressa: — Jamie, a D. Martha se foi — falei.

— Como assim, ela se foi? Como é que você sabe?

— Eu a vi. Ela está morta. Tomou gotas demais. Morreu antes de começar o incêndio. Ela está morta, Jamie.

— Foi o Marshall que fez isso! Ele a matou! É tudo por causa dele!

— Anda — falei, empurrando-o. — Você vai com os outros. Depois que fugir, escreve pra mim. Eu mando dinheiro e você arranja os papéis da alforria.

— Vamo logo! — disse Ben. — Nós temo de ir!

A Fanny chorava, a Beattie chorava, o Papa chorava.

O Ben disse:

— Ocês aí, cada um! Para de chorar! Pega os pequenim e vamo embora!

A Fanny pegou um dos filhos da Beattie, o Eddy pegou outro. Jamie olhou para mim, como se me perguntasse o que fazer. Estava da minha altura, mas, do jeito que me olhou naquela hora, ainda era o meu nenenzinho.

— Você vai — instruí. — Depressa, junto com os outros. Escreve pra mim, eu lhe mando dinheiro.

— Vamo! — chamou Ben, puxando o Papa. Quando conseguiu fazê-lo andar, todos os outros partiram correndo.

Depois que eles se foram, a Mama apenas ficou sentada. O céu estava vermelho e o rugido que vinha da casa-grande parecia uma tempestade. Eu disse a ela pra voltar comigo para a casa do Will Stephens, mas a Mama respondeu que ia pra sua própria casa, para esperar lá pelo Marshall. Parecia muito mal pra chegar lá sozinha, e por isso eu a levei, mas ela não conseguiu nem mesmo chegar à casa da cozinha sem antes ter de sentar de novo. Disse que sentia um peso no peito, e vi que sua respiração não estava boa. Ela ficou me mandando sair dali, dizendo que ia ficar bem.

— Vamos só sentar um pouco aqui, Mama, aqui na grama, até a senhora se sentir melhor.

Sentamos e ela não falou nada. Envolvi-a nos braços e a estreitei, e ela fechou os olhos. Quando a fiz andar de novo, ela só chegou à casa da cozinha. Àquela altura, o fogo na casa-grande lambia o lugar todo e o telhado estava afundando.

— Acha que o fogo vai chegar aqui, vai queimar esta casa da cozinha? — perguntei à Mama.

— Não, isto aqui foi construído bem longe, que era pro caso de, começando um incêndio aqui, ele não botar fogo na casa-grande.

Fiz a Mama sentar-se e ela tornou a me dizer que eu tinha de ir embora. Eu sabia que ela estava certa. Dei-lhe um abraço e disse para ela aguentar firme, até eu voltar com o Will Stephens para buscá-la. Já ia saindo pela porta quando ela me chamou. Estava tirando o pano da cabeça e puxando pérolas do cabelo. Eu as conhecia da casa-grande. Eram da D. Martha! A Mama as embrulhou bem apertadas no pano da cabeça e enfiou tudo no meu bolso.

— Ocê leva isso pros outro — disse.

Eu tinha que sair, mas ouvi a Mama falando sozinha.

— Minha cabeça tá fria — dizia, apalpando as orelhas e parecendo perdida como uma garotinha.

Tirei meu lenço verde sujo e o amarrei na cabeça dela, dei-lhe um beijo e disse:

— Fique bem aqui, Mama. Eu volto pra buscar a senhora.

Eu sabia que precisava ir. Um arrepio na nuca me dizia que algo ruim ia acontecer. Virei-me para a porta aberta da cozinha e o vi. Tinha o rosto tão preto, por causa do incêndio, que mal reconheci quem era, mas, quando ele disse meu nome, tudo em mim ficou bambo e minha cabeça parou de funcionar. Quando dei por mim, o Rankin estava me puxando para o alto do morro, onde o Marshall esperava com uma corda na mão, dizendo que eu ia ser enforcada por ter incendiado a casa dele.

Já iam amarrar minha mão quando lá veio a Mama, subindo a encosta. Veio gritando para o Marshall que era melhor ele parar, e era melhor parar já! Falou com o Marshall como se ele fosse uma criança, então ele parou e prestou atenção ao que a Mama dizia. Ela ofegava muito ao chegar até nós, mas sabia o que o Marshall tinha em mente e veio direto me puxar para longe dele.

— Marshall! O que ocê pensa que tá fazendo? — ela o interpelou. — Num acha que já fez o bastante?

Marshall foi tentar me agarrar. Pulei para trás da Mama. Ele estava com a corda nas mãos, mas a Mama ficou lá parada, encarando-o.

— Sinhozinho Marshall, ocê vai machucar a mãe que cuidou de ocê quando ocê era pequeno?

O Marshall tornou a tentar me pegar, mas a Mama se meteu no caminho:

— Marshall, para já com isso! O que está fazendo? O demo pegou ocê? Desde que a menina Sally morreu, eu vejo esse seu gênio machucar as pessoa. Você tem de pará! Nesse tempo todo, ocê usa as minhas filha como se elas fosse bicho do celeiro. Faz esses fio todo, é branco, é preto, mas não dá a menor atenção. A sua Elly é irmã do Jamie, do Moses, dos menino da Beattie... são tudo irmão dela! São, sim! Mas foi tudo embora.

Tão todos fugindo de ocê. A Abinia foi embora, a menina Elly foi embora, até a minha Beattie foi embora com os menino, fugindo de ocê! E agora, ocê vai fazer o quê?

Mais uma vez, o Marshall esticou a mão para me pegar e, mais uma vez, a Mama se meteu no meio.

— Marshall! Eu já disse que chega! Agora vai querer matá a Belle? Ela é sua irmã! Deixa ela em paz! Tá na hora de ocê saber que ela é sua irmã. Primeiro ocê faz um filho nela, agora vai matar ela? Ocê é o demo em pessoa, querendo matar sua irmã!

O Marshall ficou completamente imóvel. Olhou-me de um jeito esquisito. Percebi que era a primeira vez que ouvia que eu era sua irmã.

Mas a Mama não parou:

— É isso mesmo, Marshall! A Belle é sua irmã. O seu pai amava essa menina, mas não do jeito que ocê e a D. Martha pensava. Eu tava lá quando ela nasceu, e sei que a Belle é fia do seu pai.

Nessa hora, o Marshall olhava fixamente para a Mama. E ela continuou a falar:

— Isso mesmo, Marshall! Vem pra cima de mim! Fui eu que botei fogo na casa. Eu que escondi a Abinia. Eu que mandei a Beattie ir embora, sei até pra onde eles fugiu, mas não vou lhe dizer nada.

O Marshall estava aos gritos quando agarrou a Mama. Tentei puxá-la, quando ele começou a pôr a corda nela, mas o Rankin me deu um soco pelas costas e eu caí.

CAPÍTULO 55

Lavinia

NA CABANA DA LUCY, não soubemos nada do que aconteceu durante aquela longa noite. Quase ao amanhecer, o Ben chegou correndo. Suas palavras aflitas filtraram-se pelas tábuas do teto. Ele ia atrás do Will Stephens, disse. A Lucy lhe implorou que ficasse, com medo de ele sair da propriedade sem um salvo-conduto. Mas o Ben argumentou que tinha de ir. O Marshall e o Rankin haviam pegado a Belle. Tinham certeza de que ela sabia do meu paradeiro e iam enforcá-la, se ela não dissesse a verdade.

Ao ouvir isso, não pude mais me conter. Sabia que a Belle preferiria morrer a nos pôr a todos em perigo, e sabia que o Marshall não hesitaria em matá-la. Fiquei desvairada e esmurrei o alçapão até o Ben abri-lo. Ele tentou me acalmar, mas já não era possível ponderar comigo.

— Deixe-me descer! — insisti. — Deixe-me descer!

Eu teria pulado no chão, se o Ben não levantasse os braços para me pegar, e, assim que me pus de pé, desatei a correr.

Mas a Elly recusou-se a ficar para trás. Também pulou nos braços do Ben, seguindo o meu exemplo. Gritei para que voltasse, ficasse com o Ben, mas ela se recusou. Eu não conseguia pensar no que fazer e, assim, segurei sua mão e recomecei a correr, mantendo-me na trilha que margeava o rio largo. Pareceu-me ter corrido uma eternidade quando ouvi o relinchar de cavalos mais à frente. Agarrei minha filha e a puxei comigo para as moitas de arbustos, onde lhe fiz sinal para ficar calada. Ouvi a aproximação dos cavalos e, em seguida, uma voz masculina.

— Rankin — murmurei entredentes, e tornei a me esconder com a Elly na vegetação baixa.

Permanecemos agachadas enquanto eles passavam a certa distância, mas perto o bastante para que eu os visse e ficasse sabendo, por sua conversa, que eles estavam novamente à procura de fugitivos.

Onde está o Marshall?, pensei. Onde está a Belle? Levantamos e recomeçamos a correr, assim que isso me pareceu seguro. Fui puxando a Elly, frustrada com o ritmo dela. Por fim, ela não conseguiu mais prosseguir e começou a me opor resistência. Deu um puxão para trás e sua mão escorregou da minha. Eu poderia ter parado para argumentar com ela, mas, conforme nos aproximávamos de casa, um cheiro forte de fumaça havia começado a permear a atmosfera, e eu me senti impulsionada por um novo combustível. Disparei na frente, alheia a minha filha. Minhas pernas pareciam dormentes, desacostumadas àquela velocidade, e meus pulmões ameaçavam recusar-se a cumprir sua função. Proibi-me de pensar que era tarde demais e concentrei todas as minhas forças em me deslocar na direção de casa. E então, cometi um erro de avaliação. Na intenção de pegar um atalho para o rio, saí da trilha e tentei disparar por entre as árvores, onde, para meu horror, vi-me apanhada numa armadilha. Fui rasgando e puxando, para soltar minhas saias compridas dos espinhos das amoreiras que me enredavam. Enquanto eu abria caminho aos arrancos, a Elly tornou a me alcançar. Agarrou-se ao meu braço, soluçando e tentando deter-me. Mas uma menina de 7 anos não se equipara a uma mulher adulta e, no meu desvario, joguei-a no chão. Ela me lançou um olhar incrédulo.

— Fique aqui — implorei.

Virei-me e voltei a disparar trilha abaixo, até chegar ao rio. Pretendia atravessá-lo, pisando nas pedras da parte rasa, mas cometi o erro de não tirar os sapatos. A meio caminho, escorreguei nas pedras e caí, espadanando água. A temperatura fria me assustou e, por um instante, fiquei sentada, aturdida, vendo a água borbulhar, até que ergui os olhos e reconheci nosso depósito da nascente, do outro lado do rio. A construção cinzenta lembrou-me quanto eu estava perto de casa. Levantei-me, com as saias encharcadas e pesadas, e segui trôpega pela água, segurando-me nas pedras que se projetavam.

Na base do nosso morro, dobrei o corpo para respirar, arfante. De algum modo, a Elly me alcançara de novo e, dessa vez, agarrou-se feito um gatinho a minhas saias molhadas. Senti pavor do que ela poderia ver, mas já era tarde demais, de modo que a segurei pela mão e subimos juntas para o alto do morro. Ali, estanquei. Com um gemido, a Elly

soltou minha mão e desabou na terra. Segui adiante devagar, como se caminhasse num sonho.

Nosso enorme e antigo carvalho erguia-se quase no cume do morro, as folhas viçosas da copa fazendo sombra ao galho grosso que arcava com o peso de um corpo pendurado. Recusei-me a levantar os olhos de novo, porém já havia reconhecido os sapatos feitos a mão, apontando para baixo. Meu peito doía. Curvei-me para a frente, salivando, com ânsias de vômito. Tenho de chegar até a casa, pensei, avançando aos tropeços. Vou pegar uma faca, pensei, vou cortar a corda para que ela desça. Ela vai respirar de novo, vai ficar boa.

Mas não havia casa em que entrar. Fitei aquela cena, incrédula. Nossa casa tinha se dissolvido; escombros e fumaça marcavam sua base. Lutei para compreender.

Ouvi um grito. As palavras sibilaram no calor de agosto. Era a voz do Jamie:

— Você a matou! Você a matou!

Atrevi-me a olhar outra vez para a árvore. O Marshall postava-se ao lado dela. Jamie foi andando na direção dele com passadas largas e decididas — um jovem pisando como adulto. Segurava uma espingarda. Havia moscas zumbindo e um cachorro ganiu.

O Marshall olhou na minha direção.

— Lavinia — disse, chamando e acenando como se ficasse feliz por me ver.

O Jamie apontou a espingarda para ele.

— Papa! — gritou, cuspendo a palavra. — Papa!

Marshall virou-se de frente para ele. A arma disparou e o Marshall voou para trás, os seus pedaços se espalhando como sementes de dente-de-leão. Não pude controlar meus gritos, ao me precipitar morro acima. Tirei a espingarda do Jamie:

— Fuja! — gritei. — Fuja!

Esperei e olhei, mas não consegui me aproximar da árvore. Os gemidos de angústia foram o sinal de que outras pessoas vinham

subindo o morro. Virei-me para elas, implorando que alguém buscasse a carroça, que alguém baixasse a Mama. Depois, arriei na grama quente e seca.

A carroça veio chacoalhando pelas pedras. Lodo, o nosso burro, empacou ao sentir o cheiro da morte, mas o estalar agudo do chicote do

Eddy o impeliu para diante. O burro finalmente parou sob a copa do carvalho, trêmulo e com a cabeça reluzindo de suor, com a carroça às suas costas.

— Tomem cuidado — implorei, sem me atrever a observar, mas, antes de ouvir o baque, olhei para cima e vi o verde vivo do lenço de cabeça da Belle cair na carroça.

Quando Lodo iniciou a descida, os gritos angustiados do Papa atravessaram até a alma do nosso morro.

Fui levada para a cadeia, por insistir em que havia atirado no Marshall. No primeiro dia, profundamente angustiada, só consegui andar de um lado para outro. Era impossível tirar da cabeça aquela imagem terrível da Mama. Recusei-me a falar com qualquer pessoa até o segundo dia, quando me disseram que o Will Stephens estava lá para discutir um assunto concernente a minha filha.

Fazia anos desde a última vez que eu o vira. Nesse momento, seus olhos desmentiram seus modos serenos. Ele se sentou à minha frente.

— Achei que você gostaria de saber que a Elly está sendo bem cuidada — informou-me. — Está com a Fanny na casa da Belle. Mandeí levá-la para a minha casa, mas ela fez tamanho estardalhaço que eu a levei de volta para a Belle, achando que isso talvez lhe trouxesse algum consolo. Mas a Belle não anda no seu estado normal, e o Ben sugeriu que chamássemos a Fanny. Isso ajudou. A Elly se acalmou.

Assenti.

— Lavinia — disse Will, em voz baixa — , você precisa se defender. Nós dois sabemos a verdade.

— Foi tudo culpa minha! Foi tudo culpa minha! — declarei.

O Will tentou ponderar comigo, mas comecei a fazer um discurso disparatado. Nem mesmo para mim fazia sentido.

— Mandeí chamar o Sr. Madden — disse ele, antes de se retirar.

O Will voltou com a Belle no dia seguinte e se retirou quando caímos nos braços uma da outra. Em seu terrível desespero, a Belle precisava falar.

Ouvi-a desafogar sua história.

Segurada pelo Rankin, ela fora obrigada a testemunhar o assassinato da Mama Mae. Ao ser solta pelo capataz, descera aos tropeços para a casa da cozinha. Talvez até o Marshall tivesse ficado saciado com o desespero dela, pois não a havia seguido. Ninguém soube dizer por que ele permanecera no alto do morro quando o Rankin saiu para perseguir o Papa George e os outros.

Horas depois da fuga, os fugitivos começaram a ter dúvidas. O Papa não queria prosseguir sem a Mama, e ninguém queria ir adiante sem o Papa. O Jamie foi o primeiro a voltar. Antes disso, naquela semana, sem dizer a ninguém, ele havia retirado uma arma de casa e a escondera sob o defumadouro. Foi buscá-la nessa hora. Os outros quase haviam chegado quando ouviram o disparo da espingarda.

— E o Jamie? Onde ele está agora? — perguntei.

A Belle me garantiu que ele estava a caminho da segurança.

Como tive medo de fazer a pergunta seguinte:

— E a D. Martha? E o tio Jacob?

Foi um alívio saber que a D. Martha havia morrido antes do incêndio. O corpo do tio Jacob não fora encontrado, embora se acreditasse que ele tornara a entrar na casa e ali havia falecido.

— O que aconteceu com o Rankin? — indaguei.

Ninguém sabia, mas o Will tinha armado o Ben e o Papa, que estavam tomando conta do que restara da fazenda Carvalhos Altos.

Quando a Belle terminou, estreitei-a num abraço apertado por muito tempo. Antes de ela sair, pedi-lhe que instrísse todas as pessoas

da minha casa a ficarem longe. Eu tinha medo do que pudessem dizer perto de ouvidos errados.

Levada à barra do tribunal, declarei-me culpada. O parecer da corte foi que eu deveria ir a julgamento, e permaneci na cadeia para aguardá-lo.

Não fiquei triste por me sentar naquela cela pequena, comer as rações mingradas ou dormir num catre, em meio à umidade. Com isso eu me punia não apenas pela morte da Mama, mas também pela perda da D. Martha e do tio Jacob. Eu poderia ter feito alguma coisa, com certeza, para salvar a vida deles. Pouco pensei na morte do Marshall; na verdade, senti-me aliviada por me ver livre dele.

Como o Will tinha previsto, o Sr. Madden veio em meu socorro. Imediatamente, como meu advogado, insistiu em que eu pretextasse inocência. Em conversa sigilosa, assegurou-me saber que eu não havia assassinado o Marshall. Recusei-me a admitir para o Sr. Madden o que tinha acontecido, ciente de que, se o Jamie fosse julgado como negro pelo assassinato de um homem branco, isso significaria morte certa. Assim, aleguei que a culpada era eu e, no esforço de convencê-lo, desabafei a confissão do meu comportamento pretérito, dos anos de autoanulação, de ensimesmamento.

O Sr. Madden fitou-me por cima dos óculos e escutou com atenção. Após um longo silêncio, disse, no seu tom mais gentil:

— Minha querida, é possível eu acreditar que você tenha cometido atos egoístas, pois será que não continua, neste momento, a agir com egoísmo? — O que o senhor quer dizer?

— Você disse que, durante os seus anos de uso do láudano, não foi uma boa mãe, verdade?

— Sim, eu vivia aturdida. Deixei a Elly aos cuidados da Fanny.

— E quer tornar a privar sua filha dos cuidados da mãe?

— Mas ela tem a Fanny.. — comecei, porém me detive, pois compreendi o que ele queria dizer.

O Sr. Madden não precisou de outras palavras para me convencer a lhe permitir que me defendesse da maneira que julgasse mais

adequada.

No primeiro dia do julgamento, o Sr. Madden, assistido por outro advogado, afirmou que eu não havia atirado no Marshall, mas estivera em choque ao confessar o crime. No dia seguinte, eles afirmaram que o tio Jacob não apenas ateara fogo na casa, como ficara esperando a volta do Marshall. Somente ele tinha acesso a uma espingarda, a qual, segundo os advogados, só poderia ter vindo da casa-grande. Eles sugeriram que o tio havia fugido e chegaram a ponto de dizer que ele fora visto seguindo para o norte. Não sei ao certo se o júri ficou inteiramente convencido da argumentação do Sr. Madden, mas desconfio que a reputação do Marshall influenciou sua disposição de me absolver.

Na tarde em que fui libertada, levaram-me de carruagem para a casa do Will. Desci na casa da cozinha da Belle, onde tive um lacrimoso reencontro com ela, a Elly e a Fanny. Não demorou muito para que elas me pusessem numa banheira. Não me acanhei quando as três insistiram em me ajudar a tirar com a bucha a sujeira do mês anterior, e teria ficado imersa na água para sempre, se não fosse esperada para um jantar comemorativo na casa do Will. Quando eu estava na banheira, a Belle lavou meu cabelo e, depois de penteá-lo até secar, prendeu-o num coque no alto da minha cabeça. Vesti uma roupa dela, que me caiu surpreendentemente bem, e beijei todas antes de ir embora.

A casa do Will era grande e, ao entrar, tive uma sensação de familiaridade. Era revestida de ripas de madeira e sua planta não diferia muito do que fora a da casa-grande de Carvalhos Altos. Não era de tamanho tão majestoso e lhe faltavam os móveis finos e os objetos preciosos, mas o trabalho detalhado de marcenaria e as lareiras demonstravam qualidade e habilidade artesanal. As paredes de alvenaria eram pintadas de branco e os assoalhos de pinho brilhavam, embora não contassem com o luxo de tapetes.

A Lucy recebeu-me à porta e eu a abracei:

— Jamais esquecerei a sua bondade — eu lhe disse, e, quando a soltei, ela sorriu.

O Will apareceu à porta da sala de estar.

— Pensei ter ouvido você — falou, e me conduziu ao interior do aposento.

Levou-me a sua mulher, sentada numa poltrona azul e verde junto à lareira. À minha entrada, o Sr. Madden levantou-se da poltrona em frente a ela, mas fiz sinal para que voltasse a se sentar.

A esposa do Will era uma mulher feia, mas intuí de imediato a sua bondade. Eu não sabia o que ela sabia a meu respeito, mas seu cumprimento foi isento de qualquer juízo. Ela estava pálida e em estado avançado de gestação e, por sua expressão cansada, notei que não se sentia bem. Não reparei no seu vestido, porque minha atenção foi atraída pelos enormes chinelos necessários para acomodar seus pés inchados. Logo depois de sermos apresentadas, a Martha me pediu licença para se retirar. Explicou que seu médico lhe havia recomendado passar a maior parte do tempo na cama, até que, em suas palavras, sua “bênção chegasse”. A Lucy ajudou-a a sair da sala, e a silhueta das duas, ao se afastarem, deu-me uma pontada no peito, por me fazer lembrar a D. Martha com a Mama Mae. Fui salva de mim mesma quando o Will sugeriu que fôssemos jantar.

A Lucy voltou para nos servir e, embora eu estivesse com pouco apetite, foi maravilhoso tornar a provar a comida da Belle. Quando o Will me ofereceu um brinde, preferi beber do copo d’ água, e não da taça de vinho tinto. Já não sentia prazer com o líquido que afetara tão negativamente a minha vida.

Depois da sobremesa, a conversa voltou-se para o meu futuro. O Will levantou-se e se ofereceu para me deixar conversando em particular com o Sr. Madden. Pedi-lhe que ficasse, dizendo que acolheria de bom grado as suas ideias. Admiti ter medo de saber o que me reservava o futuro.

O que eu queria fazer?, perguntou-me o Sr. Madden. Consideraria voltar com ele para Williamsburg, levando a Elly comigo, é claro? Assegurou-me que sua família nos receberia de braços abertos. Aliás, disse, com uma risada, a Meg — que ainda continuava solteira — havia-lhe arrancado a promessa de que ele não retornaria sem mim.

Agradei-lhe com toda a sinceridade por tudo o que tinha feito e disse que ele não deveria partir sem uma carta minha. Eu queria expressar minha gratidão à Meg e à tia Sarah pela gentileza da sua oferta.

— Mas quero permanecer aqui — falei. — Farei o que for necessário para que isso aconteça.

O Sr. Madden não se surpreendeu com minha decisão de ficar. Mais cedo, à sua chegada, eu lhe havia pedido que examinasse minha situação e tomasse providências em meu nome. Nesse momento, ele me comunicou os resultados. Conseguira salvar uma centena de acres, inclusive o que restara da casa-grande de Carvalhos Altos e suas construções externas. O Will Stephens havia concordado em comprar os poucos negros remanescentes no alojamento. Como eu tinha solicitado, os documentos de emancipação do Papa, do Eddy, da Fanny e da Beattie com seus três filhos tinham sido redigidos; eu planejava pedir que eles ficassem comigo, em troca da casa e da comida que eu poderia lhes fornecer. Com o tempo, eu lhes pagaria salários. O Sr. Madden sugeriu que, com engenhosidade e trabalho árduos, poderíamos fazer da pequena fazenda um sucesso. Em seguida, fez-me uma oferta que me deixou boquiaberta. Ele me concederia um empréstimo, disse, para financiar uma casa nova. Eu deveria pagar essa soma com o envio de uma carta aos membros da sua família, uma vez por mês, para lhes falar do meu progresso, a fim de que todos pudessem participar das minhas realizações.

O Sr. Madden recebeu com certo embaraço as minhas lágrimas de alívio e gratidão, enquanto o Will pedia licença para ver como estava sua esposa.

Ao voltar, ele me transmitiu o convite da esposa para que eu ocupasse o quarto de hóspedes da casa. Quando agradei a meu anfitrião e disse que ficaria feliz por me recolher à casa da Belle, não precisei dar mais explicações.

Mais tarde, quando o Will me acompanhou de volta à cabana, tamanho era o meu alívio que mal consegui me conter. Estimulada pelo elixir da esperança, respirei fundo o ar fresco da liberdade. A Elly e eu

poderíamos permanecer em Carvalhos Altos com nossa família, e teríamos os recursos para recomeçar.

Era outubro. A lua alaranjada era tão grande que Will e eu comentamos sua beleza. Ao chegarmos à cabana, ele pegou minha mão não enluvada na sua. Fui perpassada por um choque de desejo, o que me fez reconhecer com certeza quanto ainda amava aquele homem. Antes que me atirasse em seus braços, retirei depressa a mão e ofereci minha ajuda a sua esposa, caso ela precisasse. Não ousei me demorar e dei-lhe boa-noite, apressadamente.

Na cabana da Belle, compartilhei minhas novidades e nos alegramos juntas. Depois que a Elly dormiu, perguntei-lhe pelo Jamie. Ele estava a salvo na Filadélfia, disse-me ela. Por lei, eu acreditava ser proprietária do filho primogênito do Marshall e, nesse momento, abordei essa questão. Disse à Belle que mandaria redigir os documentos do menino e os remeteria a ele. A Belle me agradeceu e, em seguida, contou-me sobre o dia em que o Jamie lhe levara seus próprios papéis.

— Você quer ficar com o Jamie na Filadélfia? — perguntei. — Eu poderia providenciar isso.

A Belle declinou. O Will já lhe fizera essa oferta e lhe dera permissão para ir embora quando quisesse, disse-me. Ficou em silêncio, examinando suas mãos. Ao levantar novamente a cabeça, tinha os olhos marejados. Será que podia me pedir mais uma coisa?

— Qualquer coisa — respondi.

Ela poderia voltar comigo para morar na fazenda Carvalhos Altos? Pus-me de joelhos e colhi suas mãos nas minhas:

— É claro que você pode vir para casa.

Logo cedo, na manhã seguinte, o Ben chegou a cavalo, trazendo outro para mim. Eu não o via desde o dia em que fora para a cadeia. Nesse dia, apenas ele e eu partimos para o que havia restado de Carvalhos Altos. Enquanto meu cavalo ia à frente, seguindo a mesma trilha que a Elly e eu havíamos percorrido muito recentemente, procurei encontrar as palavras. Por fim, consegui dizer:

— Como posso lhe agradecer, algum dia, Ben, por ter me ajudado como ajudou?

— Você é da minha família, Abinia — disse ele.

Fiquei com a garganta tão apertada que mal consegui responder.

— E você é da minha — declarei.

O Papa George nos esperava num dos celeiros. Onde antes fora grisalho, agora seu cabelo estava branco. Senti-me hesitante, até vê-lo sorrir. Então, pulei do cavalo e corri, finalmente livre para abraçá-lo, depois de tantos anos.

Quando entreguei ao Papa os seus documentos, ele os pegou e me virou as costas.

— Papa — chamei, tocando-o no ombro. — O senhor é livre para ir embora, porém, mais do que qualquer outra coisa, eu quero que fique. Isto aqui não seria minha casa sem o senhor. Ainda não posso lhe pagar, mas...

— E pra onde eu ia, Abinia? — perguntou ele, já de frente para mim. — Este lugar é minha casa. Num sô de lugar nenhum, a num ser este aqui.

No meu alívio, eu só tinha vontade de chorar, mas já não podia ceder a ela. Em vez disso, comecei a falar do nosso futuro. Contei ao Papa sobre a oferta do Sr. Madden de financiar uma casa nova. Estudamos juntos a propriedade e, quando ele sugeriu que caminhássemos até o local da antiga casa, percebi quanto essa ideia o perturbava.

— Não, Papa. Não vamos construir lá. Aquele morro é sagrado. Temos que encontrar outro lugar.

Ambos contemplamos em silêncio a colina e o carvalho ainda de pé, mas fomos salvos quando Moses, o filho mais velho da Beattie, juntou-se a nós. Logo atrás, a Beattie e seus outros dois filhos correram para me cumprimentar. Nosso abraço foi tão sincero quanto nossa amizade de infância.

Discutimos juntos as possibilidades de uma nova localização para a casa. O Papa nos levou a um ponto do outro lado da casa da cozinha, passando pelo pomar. Todos consideramos ideal a sua escolha. O Sr. Madden e o Will passaram por lá no fim da tarde e deram sua aprovação ao local. Em menos de uma semana, começaram as obras.

Os celeiros encontravam-se em bom estado e, felizmente, ainda restavam alguns bons cavalos. Concordamos em que seria possível começar por eles e, nos anos seguintes, prosperamos, havendo estabelecido nosso nome como fornecedores de equinos de qualidade.

A Belle foi morar na fazenda Carvalhos Altos e juntas enfrentamos nosso futuro. Quando ela morreu, muitos anos depois, foi sepultada no cemitério da casa-grande, ao lado do pai. Sua lápide recebeu a gravação:

BELLE PYKE

FILHA DE JAMES PYKE

NOTA DA AUTORA

ANOS ATRÁS, MEU MARIDO e eu restauramos uma antiga hospedaria de uma fazenda na Virgínia. Ao pesquisar seu passado, encontrei um velho mapa em que havia uma anotação, perto da nossa casa: Morro dos Negros. Sem conseguir determinar a história de sua origem, os historiadores locais sugeriram que, muito provavelmente, ele indicava uma tragédia.

Durante meses aquilo me ficou na cabeça. Todas as manhãs, eu atravessava nossas terras para ir até o rio em que gostava de meditar. Na volta, olhava na direção do Morro dos Negros e me perguntava em voz alta o que teria acontecido ali.

Por fim, ao voltar desse passeio, certa manhã, sentei-me para fazer minhas anotações diárias. O que aconteceu a seguir deixou-me intrigada. Visualizei mentalmente o desenrolar de uma cena, com a nitidez de um filme. Comecei a escrever e as palavras voaram para o papel. Segui os passos de uma menininha branca aterrorizada, que subia o morro correndo, atrás da mãe aflita. Quando elas chegaram ao topo, vi por seus olhos uma mulher negra, pendurada num galho de um carvalho enorme. Baixei a caneta, horrorizada com a trama. Eu tinha escrito o prólogo de *Escravas de coragem*. Apesar de fascinada pela história anterior à Guerra da Secessão, eu execrava a ideia da escravatura e sempre me havia afastado desse assunto. Enfiei depressa o texto na gaveta da escrivaninha, decidida a esquecê-lo.

Semanas depois, numa conversa com meu pai, eu soube que um conhecido dele tinha levantado a origem de seus ancestrais até localizá-la na Irlanda. Mais ou menos na virada do século XVIII para o XIX, os antepassados irlandeses desse homem tinham partido de navio para a América do Norte e, nessa viagem, ambos os pais da família haviam morrido. Dois irmãos tinham sobrevivido, assim como sua irmãzinha caçula. A família conseguira descobrir o que acontecera com os meninos, mas não tinha encontrado nenhum vestígio da menina. Quando meu pai me relatou essa história, senti-me perpassar por um arrepio. No mesmo instante eu soube, no meu âmago, o que havia sucedido com essa criança.

Ela fora levada para a casa da fazenda do capitão, em Southside, na Virgínia, como serva presa a um contrato, e posta para trabalhar na casa da cozinha, ao lado dos escravos da cozinha. Estava à minha espera na gaveta da escrivaninha.

Iniciei as pesquisas. Visitei as muitas fazendas desta área, especialmente Prestwould. Estudei narrativas de escravos daquele período e entrevistei afro-americanos cujos ancestrais tinham sido escravos. Passei horas em bibliotecas locais, no Museu de História dos Negros, na Sociedade Histórica da Virgínia e na Poplar Forest, sede da antiga fazenda de Thomas Jefferson. Visitei inúmeras vezes o centro histórico Colonial Williamsburg. Por fim, comecei a escrever. A cada dia desenrolava-se mais um pedaço da trama e, quando eu terminava, amiúde emocionalmente exausta, perguntava a mim mesma o que me traria o dia seguinte. O único momento em que o trabalho parava era quando os personagens me levavam a um acontecimento ou local sobre os quais eu ainda não tinha feito minhas pesquisas.

Em diversas ocasiões, tentei alterar alguns acontecimentos (os que eu achava profundamente perturbadores), mas a história parava quando eu o fazia, e por isso eu seguia adiante e escrevia o que me fora revelado.

Sou eternamente grata às almas que me ofereceram a dádiva do seu convívio. Resta-me apenas esperar que eu lhes tenha prestado bons serviços.

SOBRE A AUTORA



KATHLEEN GRISSOM nasceu e foi criada em Saskatchewan, no Canadá. Estudou enfermagem e trabalhou no Royal Vic Hospital. Mudou-se para os Estados Unidos, onde mora numa fazenda no sul da Virgínia.

Para mais informações acesse www.kathleengrissom.com

Versão ePub: AZ